

Se me pudesses ver agora

Cecelia Ahern

Da autora do *bestseller* mundial

P.S.- Eu Amo-te



 EDITORIAL PRESENÇA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Se me Pudesses ver Agora

Cecelia Ahern

Sinopse

Na vida da Elizabeth Egan todo tem seu sítio, das taças para café expresso em seu reluzente cozinha até os mostruários e os botes de pintura de seu negócio de desenho de interiores. A ordem e a precisão lhe dão uma sensação de controle sobre sua vida e mantêm o coração da Elizabeth afastado da dor que sofreu no passado. Exercer de mãe de seu sobrinho de seis anos ao tempo que saca adiante sua empresa é um emprego a jornada completa, que deixa pouca margem ao engano e a diversão. Até que um dia alguém muito singular aparece inesperadamente em suas vidas. O misterioso Ivan é despreocupado, espontâneo e amante da aventura, justamente o contrário que Elizabeth. Reconhece a seu verdadeiro amor antes de que lhe veja sequer, e lhe ensina que a vida só merece a pena ser vivida quando nos apresenta com toda sua cor e um pingão de desordem. Mas quem é Ivan em realidade?

Capítulo 1

Fiz-me amigo íntimo do Luke uma sexta-feira pela manhã. Eram as nove e quinze, para ser exatos, e se souber com exatidão que hora era é porque o comprovei em meu relógio de pulso. Ignoro por que o fiz já que não tinha que estar em nenhuma parte para uma hora concreta. Mas acredito que existe um motivo para tudo o que ocorre, assim possivelmente só comprovei que hora era para poder lhes contar minha história como é devido. Os detalhes são importantes nas narrações, não?

Alegrou-me conhecer o Luke essa manhã porque estava um pouco abatido depois de ter tido que me separar de meu antigo melhor amigo, Barry. Já não podia seguir me vendo. Embora em realidade não importa porque agora está mais contente e isso é o que conta, figuro-me. Ter que esquecer a meus amigos íntimos forma parte de meu trabalho. Não se trata da melhor parte, mas sou dos que acreditam que tudo tem um lado positivo, de modo que, tal como o vejo, se não tivesse que abandonar a meus amigos íntimos não poderia fazer novos amigos. E fazer amigos novos é, com muito, minha parte favorita. Certamente por isso me deram este trabalho.

Em seguida falaremos sobre meu trabalho, mas antes eu gostaria de lhes contar como foi a manhã em que conheci meu amigo íntimo Luke.

Fechei a grade do jardim dianteiro do Barry a minhas costas e comecei a caminhar, e sem nenhum motivo concreto tomei a primeira à esquerda, logo à direita, de novo à esquerda, segui reto um momento, voltei a girar à direita e terminei junto a uma urbanização de moradias de aluguel subvencionadas pela prefeitura que se chama Fúcsia Lane. Deveram lhe pôr esse nome pelas fúcsias que crescem em qualquer parte. Crescem silvestres, aqui. Perdão, quando digo «aqui» refiro a uma população que se chama Baile na gCroítthe sita no condado do Kerry. Isso está na Irlanda.

Em um momento dado Baile na gCroítthe passou a conhecer-se em inglês como Hartstown, mas traduzido literalmente do irlandês significa Cidade dos Corações. O qual me soa muito melhor.

Alegrou-me me encontrar de novo no mesmo lugar; fiz uns quantos trabalhos por aqui quando comecei nisto mas não tinha retornado em anos. Meu trabalho me leva por todo o país, às vezes inclusive ao estrangeiro quando meus amigos me levam fora de férias, coisa que demonstra uma vez mais que, esteja onde esteja, a gente sempre precisa ter um amigo íntimo.

A passagem de Fúcsia Lane tinha doze casas, seis a cada lado, e todas eram distintas. Essa cale sem saída era um hervidero de febril atividade. Era sexta-feira pela manhã, lembrança, corria o mês de junho, fazia um sol radiante e todo mundo estava de bom humor. Bom, todo mundo não.

Havia um montão de meninos pela rua, uns indo em bicicleta, outros perseguindo-se, jogando

disco, a rayuela e a muitas outras coisas. ouviam-se seus chiados de alegria e suas risadas. Suponho que além lhes alegrava estar de férias. Mas, por mais que parecessem verdadeiramente simpáticos e tal, não me sentia atraído por eles. O caso é que não posso me fazer amigo de qualquer. Não é isso no que consiste meu trabalho.

Um homem segava a grama em seu jardim dianteiro e uma mulher que levava umas luvas imundas e enormes se ocupava de um canteiro. Havia um delicioso aroma a erva recém atalho e o ruído que fazia a mulher ao cortar com as tesouras, limpando e podando, era como música que flutuasse no ar. No jardim seguinte um homem assobiava uma canção para mim desconhecida enquanto apontava a mangueira do jardim para seu carro e observava como a espuma de sabão se deslizava pelo flanco revelando o novo brilho da carroceria. de vez em quando se dava a volta de repente e lançava o jorro de água por volta de duas meninas vestidas com trajes de banho a raias amarelas e negras. Pareciam dois besouros. eu adorava as ouvir rir tão a gosto.

No jardim seguinte um menino e uma menina jogavam a rayuela. Observei-os um momento, mas nenhum dos dois respondeu a minha amostra de interesse, de modo que segui adiante. Passei frente aos meninos que jogavam nos distintos jardins, mas nenhum deles me viu nem me convidou a jogar.

Junto a mim passavam zumbindo meninos montados em bicicleta e skate, e também cochecitos de controle remoto, todos alheios a minha presença. Estava começando a me perguntar se não teria sido um engano ir a Fúcsia Lane, coisa que resultava bastante desconcertante posto que pelo general me dava muito bem escolher lugares e ali havia um montão de meninos. Sentei-me na perto da última casa e me pus a pensar em que cruzamento podia me haver confundido.

Ao cabo de uns minutos cheguei à conclusão de que apesar de tudo estava na zona indicada.

Estranha vez giro por onde não toca. Dava-me a volta para me pôr de cara à casa que tinha a minhas costas. Não havia atividade naquele jardim, de modo que me acomodei e estudei o edifício. Tinha dois novelo e uma garagem com um carro caro estacionado fora que reluzia ao sol. Uma placa na perto justo debaixo de mim dizia «Casa Fúcsia», e o endoideci tinha uma fúcsia em flor que subia pela parede, aferrava-se aos tijolos pardos de em cima da porta principal e chegava até o muito mesmo telhado. Fazia muito bonito. Partes da casa eram de tijolo pardo e outras tinham sido pintadas de cor mel. Tinha janelas quadradas e também redondas. Certamente, era um edifício fora do comum. A porta principal era de cor fúcsia e tinha dois montantes alargados de vidro esmerilhado na parte superior, uma enorme aldaba de latão e uma rolha na parte baixa; pareciam dois olhos, um nariz e uma boca que me estivessem sorrindo. Saudei com a mão e sorri no caso de. Bom, a gente não pode estar seguro de nada nos tempos atuais.

Enquanto estudava o rosto da porta principal, um menino saiu correndo por ela e a fechou com

uma soberana portada. Levava um grande carro vermelho de bombeiros na mão direita e um carro patrulha na mão esquerda. eu adoro os carros vermelhos de bombeiros; são meus favoritos. O menino saltou o degrau da entrada e correu à grama, onde aterrissou patinando sobre os joelhos. manchou-se de erva as pernas das calças das calças do moletom negro, coisa que me fez rir. As manchas de erva são muito divertidas porque não se vão por mais que se lavem. Meu antigo amigo Barry e eu patinávamos nos prados sempre que tínhamos ocasião. Bom, o menino ficou a fazer bater o carro de bombeiros contra o de polícia emitindo ruídos com a boca. Lhe davam bem os ruídos. Barry e eu também estávamos acostumados a fazer isso. Resulta divertido fingir que faz coisas que normalmente não ocorrem na vida real.

O menino estrelou o carro de bombeiros contra o patrulheiro, e o chefe de bombeiros, que ia enganchado à escada a um lado do caminhão, saiu despedido. Ri a gargalhadas e o menino levantou a vista.

Em realidade me olhou. Justo aos olhos.

—Olá —pinjente e pigarreei nervoso trocando o peso de um pé ao outro. Levava minhas sapatilhas Converse azuis favoritas, que ainda tinham manchas de erva nas ponteiros brancas de borracha de quando Barry e eu fomos patinar. Comecei a esfregar uma ponteira de borracha contra a cerca de tijolos do jardim tratando de limpá-la enquanto pensava o que ia dizer a seguir. Embora fazer amigos é o que mais eu gosto de do mundo, isso não tira que me ponha um pouco nervoso. Sempre cabe a espantosa possibilidade de que não lhe caia bem às pessoas e isso me dá um canguelo que para que. até agora tive sorte, mas seria de parvos supor que sempre vai ser assim.

—Olá —respondeu o menino pondo ao bombeiro de novo na escada.

—Como te chama? —perguntei golpeando com o pé a parede que tinha diante e esfregando a ponteira de borracha. As manchas de erva resistiam a desaparecer.

O menino me estudou um momento, olhou-me de cima abaixo como se tratasse de decidir se era digno de que me dissesse seu nome ou não. Essa é a parte de meu trabalho que mais aborreço. É um mau gole querer te fazer amigo de alguém que não quer ser teu amigo. Às vezes ocorre, embora ao final sempre trocam de parecer porque, saibam ou não, desejam minha companhia.

O menino tinha o cabelo de um loiro quase branco e grandes olhos azuis. Sua cara me soava por havê-la visto em alguma parte, mas não recordava onde.

Por fim falou.

—Meu nome é Luke. E você?

Afundi as mãos nos bolsos e me concentrei em chutar a perto do jardim com o pé direito. Estava conseguindo que umas partes de tijolo se desprendessem e caíssem ao chão. Sem lhe olhar disse: —Ivan.

—Olá, Ivan —sorriu. Faltavam-lhe os dentes de diante.

—Olá, Luke —sorri a minha vez. Eu conservava todos meus dentes. Eu gosto de seu carro de bombeiros. Meu mej... meu antigo melhor amigo Barry tinha um igual a este e jogávamos com ele sem parar. Embora não acredito que os carros de bombeiros sirvam para grande coisa porque este ao passar pelo fogo se derrete —expliquei sem me tirar as mãos dos bolsos, com o qual os ombros me subiram até as orelhas. Assim curvado se amortecia o som, de modo que tirei as mãos dos bolsos para ouvir o que Luke estava dizendo.

Luke se derrubava pela erva, morto de risada.

—Fez que seu carro de bombeiros atravessasse um perigoso fogo?—chiou.

—Bom, os carros de bombeiros estão feitos para o fogo, não? —repus à defensiva.

Luke se tombou de barriga para cima, chutou o ar desternillándose de risada e gritou: —Não, tontina! Os carros de bombeiros servem para apagar o fogo!

Refleti um momento sobre isso.

—Hummm. Olhe, vou dizer te o que apaga os fogos, Luke, expliquei com total naturalidade: a água.

Luke se deu uns golpecitos na têmpora, exclamou «Aí vai!», fez girar os olhos e voltou a desabar-se sobre a erva.

Pus-se a rir. Luke era o mar de divertido.

—Quer jogar comigo? —Luke arqueou as sobrancelhas para sublinhar a pergunta.

Sorri de brinca a orelha.

—Pois claro, Luke. Jogar é o que mais eu gosto! —E saltei a cerca do jardim para me reunir com ele na grama.

—Que idade tem? —Olhou-me com receio. Parece da mesma idade que minha tia —franziu o cenho. E a minha tia não gosta de jogar com o carro de bombeiros.

Encolhi-me de ombros.

—Bom, pois será que sua tia é uma asos velha e aborrecida.

—Uma asos! —chiou Luke com regozijo. O que é uma asos?

—Alguém que é insípida —pinjente enrugando o nariz e dizendo a palavra como se fora uma enfermidade.

Eu gostava de dizer as palavras ao reverso; era como inventar minha própria linguagem.

—Insípida —repetiu Luke comigo e enrugou o nariz—, eeecs.

—Quantos anos tem você? —perguntei ao Luke enquanto estrelava o carro patrulha contra o dos bombeiros. O bombeiro chefe voltou a cair da escada. Você sim que te parece com minha tia —lhe acusei, e Luke se retorceu de risada. Ria muito alto.

—Só tenho seis anos, Ivan! E não sou uma menina!

—Vá. —Em realidade não tenho nenhuma tia, mas me ocorreu dizê-lo para lhe fazer rir. Não vejo que seis anos sejam poucos anos.

Justo quando me dispunha a lhe perguntar quais eram seus desenhos animados favoritos se abriu a porta principal e ouvi um berro. Luke empalideceu e olhei para onde ele olhava.

—Saoirse, me devolva as chaves!! —chiava uma voz se desesperada. Uma mulher confundida, com as bochechas acesas e os olhos exagerados, cuja larga e suja juba ruiva pendurava em mechas ao redor de sua cara, saiu correndo da casa. Outro berro procedente do interior a fez trastabillar sobre seus sapatos de plataforma no degrau do alpendre dianteiro. Soltou um taco e se apoiou na parede exterior para não perder o equilíbrio. Ao levantar a vista olhou para o extremo do jardim onde estávamos sentados Luke e eu. Quando abriu a boca para sorrir mostrou uns dentes torcidos e amarelados. Retrocedi um pouco sem me levantar. Vi que Luke fazia o mesmo. A mulher saudou o Luke elevando o polegar e grasnou:

—Adeus, guri.

Deixou de apoiar-se na parede, cambaleou-se um pouco e se encaminhou com passo decidido ao carro estacionado no caminho de entrada.

—Saoirse!! —A voz da pessoa que seguia dentro da casa voltou a soar. Como põe um só pé nesse carro chamarei à a Garda!!

A ruiva deu um bufo, pulsou um botão do chaveiro do carro e as luzes emitiram um brilho e se ouviu um assobio. Abriu a porta, subiu dando um golpe na cabeça e fechou com uma sonora portada.

Da outra ponta da grama ouvi o clique do seguro das portas. uns quantos meninos deixaram de jogar na rua para contemplar a cena que se desenvolvia diante deles.

Finalmente a proprietária da voz misteriosa saiu correndo ao jardim com um telefone na mão. Era muito distinta da outra senhora. Levava o cabelo recolhido em um coque impecável e um elegante traje alfaiate cinza que não pegava com a voz aguda e destemperada que parecia ter. Também estava congestionada e lhe faltava o fôlego. O peito lhe subia e baixava depressa enquanto corria quanto lhe permitiam os saltos para o carro. ficou a dar saltos ao redor do carro; primeiro provou o ponteiro de relógio da porta e ao encontrá-la fechada ameaçou chamando o 999.

—vou chamar à a Garda, Saoirse —adverteu agitando o telefone para o guichê do condutor.

Saoirse se limitou a lhe sorrir de dentro do carro e pôs o motor em marcha. À senhora que tinha ameaçado telefonando à polícia lhe quebrou a voz enquanto lhe suplicava que descesse do carro.

Saltava sobre um e outro pé dando a impressão de que dentro de seu corpo houvesse alguém que se agitasse tentando sair, como o Incrível Hulk.

Saoirse saiu disparada pela larga rampa pavimentada. A meio caminho diminuiu a marcha. A mulher do telefone baixou os ombros e se mostrou aliviada. Mas, em lugar de deter-se por completo, o carro avançou a passo de tartaruga enquanto o guichê do lado do condutor se baixava e por seu oco apareciam dois dedos levantados em alto com orgulho para que todo mundo o visse.

—Ora, voltará dentro de dois minutos —disse ao Luke, que me olhou de uma maneira estranha.

A mulher do telefone observou aterrada como o carro voltava a acelerar e quase atropelava a um menino ao enfiar o meio-fio. Ante esse espetáculo umas mechas de cabelo lhe soltaram do apertado coque como se queriam dar caça ao carro por sua conta.

Luke baixou a cabeça e pôs ao bombeiro outra vez na escada sem dizer esta boca é minha. A mulher soltou um chiado de exasperação, levantou os braços e girou em redondo. ouviu-se um rangido quando um salto se cravou entre os paralelepípedos da rampa. A mulher agitou a perna como uma louca, cada vez mais frustrada, até que ao final o sapato saiu voando, embora, isso sim, deixando o salto bem fincado na greta.

—Mieeeeeeeeeerda!! —gritou. Mancando com um sapato de salto e o que se converteu em uma sapatilha, empreendeu a volta ao alpendre. A porta fúcsia se fechou de um golpe e ela desapareceu

dentro da casa. Os montantes, o pomo e a rolha voltaram a me sorrir e eu sorri a minha vez.

—A quem está sorrindo? —perguntou Luke torcendo o gesto.

—À porta —respondi considerando-o uma resposta óbvia. ficou me olhando sem deixar de franzir o cenho, com a mente claramente perdida em muito ideia sobre o que acabava de ver e quão estranho era lhe sorrir a uma porta.

Alcançávamos a ver a mulher do telefone através dos cristais da porta principal: caminhava de um lado a outro do vestíbulo.

—Quem é? —perguntei me voltando para o Luke. ficou pasmado.

—Essa é minha tia —disse quase em um sussurro. Vivo com ela.

—OH —disse. Quem era a do carro?

Luke empurrou lentamente o carro de bombeiros entre a erva, esmagando as fibras ao avançar de joelhos.

—Ah, ela. É Saoirse —disse em voz baixa. É minha mamãe.

—OH. —fez-se o silêncio e me dava conta de que estava triste. Saoirse —repeti o nome e eu gostei do que senti ao pronunciá-lo; como uma rajada de vento me saindo da boca, ou como o rumor das árvores quando falam entre si os dias de vento.

—Seeeeer-ssshaaaaa...

De repente Luke me olhou de um modo estranho e me calei. Arranquei um ranúnculo do chão e o sustentei sob o queixo do Luke. Um resplendor amarelo acendeu sua pálida pele.

—É de manteiga —sentenciei. Então Saoirse não é sua noiva?

Ao Luke lhe iluminou o rosto de repente e riu. Embora não tanto como antes.

—Quem é Barry, esse amigo teu que comentava? —perguntou Luke estrelando seu carro contra o meu ainda com muita mais força.

—chama-se Barry McDonald —respondi sorrindo ao recordar quão divertido era jogar com o Barry.

Os olhos do Luke faiscaram.

—Barry McDonald vai a meu curso no colégio!

Então caí na conta.

—Estava convencido de que sua cara me soava de algo, Luke. Via-te diariamente quando ia ao colégio com o Barry.

—Foi ao colégio com o Barry? —perguntou surpreso.

—Sim, o colégio era a exumação com o Barry —sorri.

Luke entrecerró os olhos.

—Pois eu não te vi nunca por ali.

Comecei a rir.

—Homem, pois claro que não me via, cabeça oca —disse como se tal coisa.

Capítulo 2

O coração da Elizabeth pulsava ruidosamente em seu peito enquanto, meio-fio com outro par de sapatos, percorria de ponta a ponta o parquet de arce do alargado vestíbulo de seu lar. Com o telefone bem apertado entre a orelha e o ombro, sua mente era um redemoinho de pensamentos enquanto ouvia o estridente tom de chamada.

Deixou de caminhar o momento suficiente para contemplar seu reflexo no espelho. Seus olhos castanhos se abriram horrorizados. Estranha vez se permitia apresentar um aspecto tão desalinhado.

Tão descontrolado. uns quantos mechas de cabelo cor chocolate se escaparam do apertado coque francês, de tal modo que parecia que tivesse metido os dedos em uma tomada. O rimel se alojou nas rugas de debaixo dos olhos; o pintalábios se desvaneceu deixando só o risco do perfilador cor ameixa a modo de marco, e a base de maquiagem se pegava às partes secas de sua pele olivácea. O que tinha sido de seu impecável aspecto habitual? Isso fez que o coração lhe pulsasse ainda mais depressa e que seu pânico se fizesse maior.

«Respira, Elizabeth, te concentre em respirar», disse-se a si mesmo. aparou-se o cabelo alvoroçado com mão tremente, colocando em seu sítio as mechas rebeldes. limpou-se os restos de rimel com um dedo molhado, apertou os lábios, alisou-se a jaqueta do traje e pigarreou. Só se tratava de uma momentânea perda de concentração por sua parte, isso era tudo. Não voltaria a ocorrer.

passou-se o telefone à orelha esquerda e reparou na marca que o pendente Claddagh lhe tinha deixado no pescoço.

Por fim respondeu alguém e Elizabeth deu as costas ao espelho e se endireitou. Volta ao trabalho.

—Delegacia de polícia da Garda de Baile na gCroíthe, me diga.

Elizabeth fez uma careta ao reconhecer a voz do telefone.

—Olá, Enjoe, sou Elizabeth... outra vez. Saoirse se levou o carro... fez uma pausa— outra vez.

ouviu-se um suspiro amável ao outro lado da linha.

—Quanto faz disso, Elizabeth?

Elizabeth se sentou no primeiro degrau e se dispôs a responder as perguntas de costume. Fechou os olhos só para descansar a vista um momento, mas o alívio de se separar de si todo o resto a incitou a mantê-los fechados.

—Apenas cinco minutos.

—Bem. Disse aonde ia?

—À lua —respondeu Elizabeth com toda naturalidade.

—Como diz? —perguntou Enjoe.

—Ouviste-o bem. Há dito que se ia à lua —adicionou Elizabeth com firmeza. Pelo visto a gente dali a entenderá.

—A lua —repetiu Enjoe.

—Sim —respondeu Elizabeth um tanto irritada. Possivelmente poderiam começar a procurar pela auto-estrada. Figuro-me que se me dirigisse à lua pensaria que é o caminho mais rápido para chegar lá, você não? Embora não estou do todo segura de que saída tomaria. A que fique mais ao norte, digo eu. Talvez se esteja dirigindo para o nordeste, para o Dublin, ou, quem sabe, o mesmo vai caminho do Cork; talvez têm um avião preparado para levar-se a deste planeta. Em qualquer caso, eu avisaria às patrulhas da autop...

—Se acalme, Elizabeth; sabe de sobra que tenho que te fazer estas perguntas.

—É verdade.

Elizabeth procurou voltar a serenar-se. Naquele preciso instante deveria estar na importante reunião que tinha programada; era importante para ela, importante para seu negócio de desenho de interiores. A canguru do Luke cuidava dele em substituição de sua anterior babá, Edith. Esta tinha empreendido poucas semanas atrás a viagem de três meses ao redor do mundo com o que vinha ameaçando a Elizabeth desde fazia seis anos, deixando a jovem e inexperiente canguru exposta à inconstância e as mudanças de humor do Saoirse. Saoirse tinha chamado a sua irmã ao trabalho, presa do pânico... outra vez. E Elizabeth tinha tido que deixar de fazer tudo o que estava fazendo... outra vez. E sair apitando para casa... outra vez. Embora não deveria lhe surpreender que aquilo tivesse ocorrido... outra vez. Não obstante, surpreendia-lhe que Edith, antes de realizar esse viaje a Austrália, tivesse seguido acudindo pontual ao trabalho cada dia. Durante seis anos Edith tinha ajudado a Elizabeth a cuidar do Luke, seis anos de drama, e mesmo assim, depois de tantos anos de lealdade, Elizabeth esperava diariamente uma chamada dela ou uma carta de demissão. Ser a babá do Luke trazia aparelhado um montão de problemas. Embora não muitos mais que o fato de ser sua mãe adotiva.

—Elizabeth, está aí?

—Sim. —Abriu os olhos de repente. estava-se desconcentrando. Perdoa, o que dizia?

—Perguntei-te que carro se levou.

—O mesmo de sempre, Enjoe. O mesmo puñetero carro que a semana passada e que na semana anterior e a anterior a essa —espetou Elizabeth.

Enjoe se manteve firme.

—De que marca...?

—BMW —soltou Elizabeth. O mesmo puñetero BMW 330 Cabriolet negro. Quatro rodas, duas portas, um volante, dois retrovisores, luz Y...

—Não enjoe a perdiz —interrompeu Enjoe. No que estado se encontrava?

—Reluzente. Acabava de lavá-lo —replicou com descaramento Elizabeth.

—Estupendo, e no que estado ia Saoirse?

—No de costume.

—Bêbada.

—Exato.

Elizabeth se levantou e cruzou o vestíbulo para a cozinha, seu refúgio sempre ensolarado. Os saltos ressonavam com força contra o chão de mármore naquela habitação nua de teto alto. Tudo estava em seu sítio. O resplendor do sol através dos cristais do estufa temperava o ambiente.

Elizabeth entreabriu os olhos cansados ante tanto brilho. A cozinha imaculada reluzia, as encimeras de granito negro cintilavam, o conjunto de torneiras e outros acessórios cromados refletiam o dia radiante. Um paraíso de aço inoxidável e nogueira. Foi direta à máquina de café rápido. Sua salvadora. Necessitada de uma injeção de vida em seu corpo esgotado, abriu o aparador da cozinha e tirou uma tacita beis de café. antes de fechar o armário girou um tigela para que a asa ficasse para o lado correto, igual a todas as demais. Abriu a gaveta larga do faqueiro de aço, viu uma faca no compartimento dos garfos, pô-lo em seu sítio, agarrou uma colher e voltou a fechar a gaveta.

Pela extremidade do olho percebeu o pano de cozinha pendurado de qualquer maneira no atirador do forno. Jogou no Office o pano enrugado, tirou um limpo do pulcro montão que guardava no armário, dobrou-o exatamente pela metade e o dispôs com primor no atirador do forno. Cada coisa

tinha seu sítio.

—Bom, não troquei a matrícula durante a última semana, ou seja que sim, sigo tendo o mesmo número —respondeu com aborrecimento a outra das absurdas perguntas de Enjoe. Pôs a taça fumegante de rápido em cima de um posavaso para proteger a mesa de cristal da cozinha. alisou-se as calças, tirou-se um penugem da jaqueta, sentou-se no estufa e contemplou seu jardim comprido e estreito e as ondulantes colinas de mais à frente que se perdiam no infinito. Quarenta tons de verde, dourado e marrom.

Inspirou o rico aroma de seu expresso fumegante e se tranqüilizou imediatamente. Imaginou a sua irmã percorrendo a toda velocidade as colinas com a capota do conversível baixada, os braços em alto, os olhos fechados, a juba chamejante ao vento, acreditando-se livre. Saoirse significava liberdade em irlandês. O nome o tinha eleito sua mãe em um último intento desesperado para que os deveres maternos que tanto aborrecia parecessem menos um castigo. Seu desejo foi que sua segunda filha a liberasse das ataduras do matrimônio, a maternidade, a responsabilidade..., a realidade.

Sua mãe contava só dezesseis anos quando conheceu seu pai. Ela estava de passagem no povo, viajando com um grupo de poetas, músicos e sonhadores, e cercou conversação com o Brendan Egan, um granjeiro, no pub. Este lhe levava doze anos e ficou prendado de sua misteriosa personalidade e seu caráter desenvolvido. Ela se sentiu adulada. De modo que se casaram. Aos dois anos de matrimônio tiveram sua primeira filha, Elizabeth. Mas resultou que sua mãe era indomável e se foi apropriando dela uma crescente frustração por saber-se retida em um povo entorpecido, rodeado dos Montes, que em um principio ela só tinha querido atravessar. Um bebê chorão e as noites em vela a foram alienando de seu entorno. Os sonhos de liberdade pessoal se confundiam com a realidade e começou a ausentar-se durante vários dias seguidos. Saía de exploração para descobrir sítios novos e conhecer outras pessoas.

Aos doze anos de idade Elizabeth cuidava de si mesmo e de seu silencioso e amargurado pai, e não perguntava quando voltaria para casa sua mãe porque no fundo de seu coração sabia que cedo ou tarde retornaria com as bochechas acesas e os olhos brilhantes, falando sem trégua sobre o mundo e tudo o que este tinha que oferecer. Entraria flutuando em suas vidas como uma brisa fresca no verão, trazendo consigo entusiasmo e esperança. Elizabeth se sentaria aos pés da cama de sua mãe para escutar deslumbrada o relato de suas aventuras. Este ambiente só se prolongaria uns poucos dias até que sua mãe de súbito se cansasse de referir histórias em vez das viver.

Freqüentemente trazia lembranças como conchas, pedras, folhas. Elizabeth recordava um vaso de ervas recém cortadas que estava acostumado a ocupar o centro da mesa do comilão como se fossem as novelo mais exóticas de toda a criação. Se perguntava a sua mãe sobre o campo de onde tinham sido arrancadas, sua mãe lhe piscava os olhos o olho e lhe dava um toque na ponta do nariz

prometendo a Elizabeth que algum dia o entenderia. Seu pai guardava silêncio em sua poltrona junto à chaminé, lendo o periódico, mas sem passar nunca a página. Estava tão perdido como sua esposa no mundo das palavras desta.

Quando Elizabeth contava doze anos sua mãe voltou a ficar grávida e, em que pese a lhe pôr o nome do Saoirse a recém-nascida, aquela criatura não lhe brindou a liberdade que ela tanto ansiava.

Por isso empreendeu outra expedição. E não retornou. Seu pai, Brendan, não manifestou o menor interesse pela vida em florações que lhe tinha arrebatado a sua esposa, de modo que aguardou sua mulher em silêncio sentado em sua poltrona junta ao fogo, lendo o periódico sem passar nunca a página. Durante anos. para sempre. O coração da Elizabeth não demorou para cansar-se de esperar a volta de sua mãe e assim foi como Saoirse passou a ser responsabilidade de sua irmã maior.

Saoirse tinha herdado os rasgos celtas de seu pai, cabelo loiro avermelhado e pele clara, enquanto que Elizabeth era o vivo retrato de sua mãe. Pele olivácea, cabelos marrom chocolate, olhos quase negros; rasgos que ambas levavam no sangue da influência espanhola de centenas de anos atrás. Elizabeth cada dia se parecia mais a sua mãe e era consciente do desgosto que isso causava em seu pai. Chegou a odiar-se a si mesmo por isso, e além de esforçar-se por cercar conversação com seu pai, ainda pôs maior afinco em lhe demonstrar a ele e também a si mesmo que não tinha nada que ver com sua mãe: que sabia o que era a lealdade.

Quando Elizabeth terminou a escola aos dezoito anos se enfrentou com o dilema de ficar em casa ou mudar-se ao Cork para ir à universidade, decisão esta que tomou fazendo provisão de toda sua coragem. Seu pai considerou que o escolher essa alternativa equivalia a abandono; também era abandono que ela travasse amizade com quem quer que fosse. Ele tinha ânsias de atenção, sempre exigia ser a única pessoa na vida de suas filhas, como se isso fora a impedir que um bom dia se emancipassem. Bom, faltou pouco para que o conseguisse e certamente era um dos motivos pelos que Elizabeth carecia de vida social e de um círculo de amizades. via-se obrigada a partir assim que começava o intercâmbio de frases corteses, sabedora do preço que lhe tocava pagar pelo tempo desnecessário passado fora da granja, um preço consistente em suportar palavras carregadas de ressentimento e fulminantes olhares desaprobadoras. Em qualquer caso, cuidar do Saoirse e ir ao instituto constituía um trabalho a jornada completa. Brendan a acusava de ser como sua mãe, de pensar que estava por cima dele e que era superior ao comum da gente de Baile na gCroíthe.

Elizabeth encontrava claustrofóbico o povo e tinha a impressão de que aquela casa de campo tão feia estava afundada na escuridão, alheia ao passado do tempo. Era como se o relógio do avô estivesse aguardando a volta de sua mãe na entrada.

—E Luke? Onde está? —perguntou Enjoe por telefone, devolvendo a Elizabeth à presente de

repente.

Elizabeth replicou com amargura:

—De verdade crie que Saoirse o levaria com ela?

Silêncio.

Elizabeth suspirou.

—Está aqui.

O nome do Saoirse havia trazido consigo algo mais que uma maneira de chamar à irmã da Elizabeth. Tinha-lhe outorgado uma identidade, um estilo de vida. Tudo que representava esse nome transmitiu ao sangue. Era fogosa, independente, amalucada e livre. Seguiu o padrão de conduta de uma mãe a quem não recordava, e até tal ponto o fazia que Elizabeth às vezes tinha a impressão de estar vendo sua mãe. Mas a três por quatro se perdia de vista. Saoirse ficou grávida aos dezesseis sem que ninguém soubesse quem era o pai, começando pela própria Saoirse. Uma vez que teve o bebê não lhe preocupou grande coisa lhe pôr nomeie, mas com o tempo começou a chamá-lo Lucky, quer dizer «afortunado». Outro capricho. Assim Elizabeth lhe pôs Luke de nome. E uma vez mais, aos vinte e oito anos de idade, Elizabeth assumiu a responsabilidade de criar a um menino.

Nunca aparecia uma faísca de afeto nos olhos do Saoirse quando olhava ao Luke. A Elizabeth a assombrava que não existisse entre eles nenhum vínculo, nenhuma classe de conexão. Elizabeth não tinha planejado ter filhos; em realidade tinha combinado consigo mesma não os ter jamais. criou-se a si mesmo e tinha criado a sua irmã; não tinha nenhuma vontades de criar a ninguém mais. Por fim chegava a hora de cuidar de si mesmo. Aos vinte e oito anos, depois de ter vivido escravizada pelo colégio e a universidade, tinha aberto com êxito sua própria empresa de desenho de interiores. A circunstância de trabalhar de firme a convertia no único membro da família capaz de proporcionar uma boa vida ao Luke. Tinha alcançado suas metas levando sempre o controle, mantendo a ordem, sem tirar o olho de cima, sendo sempre realista, acreditando em feitos, não em sonhos e, por cima de tudo, aplicando-se e trabalhando duro. Sua mãe e sua irmã lhe tinham ensinado que não chegaria a nenhuma parte perseguindo sonhos nostálgicos e abrigando esperanças pouco realistas.

Por isso agora tinha trinta e quatro anos e vivia sozinha com o Luke em uma casa que adorava.

Uma casa que tinha comprado e ainda pagava ela sóla. Uma casa que tinha convertido em seu céu particular, o lugar ao que retirar-se e sentir-se a salvo. Sozinha, porque o amor figurava na lista de sentimentos que uma nunca controlava. E precisava controlar. Já tinha amado e tinha sido amada,

conhecia o sabor dos sonhos e sabia o que se sentia ao não ter os pés sobre a terra. Também tinha aprendido o que era aterrissar dando um doloroso pancada. Ter que fazer-se carregado do filho de sua irmã tinha afugentado a seu amado e após ninguém o tinha substituído. Elizabeth resolveu não voltar a perder o controle de seus sentimentos nunca mais.

A porta principal deu uma portada e ato seguido ouviu a correria de uns pés pequenos pelo vestíbulo.

—Luke! —chamou Elizabeth tampando o auricular com a mão.

—See? —respondeu Luke inocentemente, olhos azuis e cabelo loiro aparecendo na ombreira da porta.

—diz-se sim, não see —lhe corrigiu Elizabeth com severidade. Sua voz estava carregada de uma autoridade digna da profissional em que se converteu com o passo dos anos.

—Sim —repetiu o menino.

—O que está fazendo?

Luke entrou em vestíbulo e os olhos da Elizabeth baixaram ao ato aos joelhos manchados de erva.

—Eu e Ivan estamos jogando com o ordenador —explicou Luke.

—Ivan e eu —lhe corrigiu Elizabeth, e seguiu escutando a Enjoe ao outro lado do telefone organizando a saída de um carro da Garda.

Luke olhou a sua tia e retornou ao quarto de jogar.

—Espera um momento —gritou Elizabeth ao telefone quando por fim se deu conta do que Luke acabava de lhe dizer. levantou-se de um salto golpeando-se com a pata da mesa e derramando o expresso sobre o cristal. Soltou um taco. As patas de ferro forjado negro da cadeira chiaram contra o mármore. Sustentando o telefone contra o peito, correu pelo vestíbulo até o quarto de jogar. Apareceu a cabeça e viu o Luke sentado no chão com os olhos pegos à tela de televisão. Aquele quarto e seu dormitório eram as únicas habitações da casa onde Elizabeth permitia que tivesse seus brinquedos.

Ocupar-se de um menino não a tinha feito trocar, como muitos tinham pensado; não havia relativizado suas opiniões no mais mínimo. Tinha visitado as casas de vários amigos do Luke ao ir recolhê-lo ou acompanhá-lo, tão cheias de brinquedos por toda parte que faziam tropeçar a qualquer que ousasse cruzar-se em seu caminho. Muito a seu pesar, tinha aceito taças de café oferecidas por suas mães, sentada em cima de peluches, rodeada de mamadeiras, leite em pó e

fraldas. Mas em sua casa nem pensar. Ao Edith tinha explicado as regras ao princípio de sua relação trabalhista e esta as tinha obedecido com convicção. À medida que foi crescendo e compreendendo a sua tia, Luke respeitou obedientemente seus desejos e só jogava na habitação que Elizabeth tinha dedicado às necessidades lúdicas do sobrinho.

—Luke, quem é Ivan? —perguntou Elizabeth varrendo a habitação com a vista. Já sabe que não deve trazer desconhecidos a casa —adicionou preocupada.

—É meu novo amigo —respondeu Luke como um zombi, sem apartar os olhos do lutador forçado que dava uma surra a seu oponente na tela.

—Tenho-te dito que quero conhecer seus amigos antes de que os convide a casa. Onde está? —inquiriu Elizabeth terminando de abrir a porta e penetrando no espaço do Luke. Pediu a Deus que aquele amigo fosse melhor que o último monstro que resolveu pintar na parede com rotuladores mágicos um retrato de sua família feliz ao completo, o qual a obrigou a fazer pintar a habitação de novo.

—Aí —disse Luke assinalando com a cabeça em direção à janela, ainda sem mover os olhos.

Elizabeth andou até a janela e olhou o jardim dianteiro.

Cruzou os braços.

—Está escondido?

Luke pulsou «Pausa» no teclado do ordenador e por fim apartou os olhos dos dois lutadores da tela. A confusão lhe enrugou o rosto.

—Está justo aí! —exclamou assinalando o assento consistente em um enorme e brando saco cheio chamado também «saco de feijões».

Elizabeth abriu os olhos como pratos e olhou fixamente o saco de feijões.

—Onde?

—Justo aí —repetiu Luke.

Elizabeth olhou pestanejando a seu sobrinho. Levantou os braços com gesto de interrogação.

—A seu lado, no saco de feijões —explicou Luke elevando a voz com nervosismo. Olhava fixamente a capa de veludo cotelê amarelo do saco de feijões como se respirasse a seu amigo a aparecer.

Elizabeth seguiu seu olhar.

—Vê-lhe? —Luke deixou cair o mando e ficou de pé de um salto.

Seguiu um tenso silêncio no que Elizabeth percebeu o ódio contra ela que emanava de todos os poros do corpo do Luke. Sabia de sobra o que estava pensando seu sobrinho: por que não lhe via sem mais, por que não lhe seguia o jogo embora só fosse aquela vez, por que era incapaz de fingir?

tragou-se o nó da garganta e jogou uma olhada mais ao quarto se por acaso em efeito lhe tinha passado por cima a presença de seu amigo. Nada.

Ao agachar-se para ficar ao mesmo nível que o menino lhe rangeram os joelhos.

—Nesta habitação só estamos você e eu —lhe sussurrou baixinho. Parecia mais fácil dizê-lo em voz baixa. Agora bem, o que já não sabia era se resultava mais fácil para o Luke ou para ela.

As bochechas do Luke ficaram tintas e sua respiração se fez mais agitada. Estava de pé no meio do quarto, rodeado de cabos de console de computador, com as manitas deixadas cair aos lados e aquele ar de desamparo. Elizabeth tinha palpitações enquanto suplicava para si «por favor, não seja como sua mãe, por favor, não seja como sua mãe, por favor, não seja como sua mãe». Sabia muito bem a capacidade de absorção que tinham os mundos de fantasia.

Finalmente Luke não pôde seguir calado e, olhando para o saco de feijões, ordenou: —Ivan, lhe diga algo!

Reinou o silêncio enquanto Luke aguardava até que soltou uma risita histérica. voltou-se por volta da Elizabeth e seu sorriso se esfumou em seguida ao comprovar que esta não reagia.

—Não lhe vê? —chiou nervosamente. Então, mais zangado, repetiu—: por que não lhe vê?

—Vale, vale! —Elizabeth procurou dominar o pânico. endireitou-se e recuperou sua altura normal.

Nesse nível tinha controle. Não podia ver o tal Ivan e sua consciência se negava a deixá-la fingir.

Vieram-lhe vontades de sair da habitação quanto antes. Levantou a perna para ir passar por cima do saco de feijões, mas se deteve, optando por rodeá-lo. Uma vez na porta jogou uma última olhada se por acaso localizava ao misterioso Ivan. Nem rastro.

Luke se encolheu de ombros, sentou-se e seguiu jogando com o jogo de luta livre.

—vou preparar um pouco de pizza, Luke.

Silêncio. Que mais devia dizer? Em momentos como aquele era quando se dava conta de quão inúteis resultavam todos os manuais do mundo sobre como ser mãe. A boa maternidade te saía do coração, era instintiva, e não por primeira vez lhe preocupou estar defraudando ao Luke.

—Estará lista dentro de vinte minutos —acrescentou com estupidez.

—O que? —Luke pulsou «Pausa» de novo e olhou pela janela.

—Hei dito que estará lista dentro de vein...

—Não é isso —disse Luke mergulhando-se de novo no mundo dos videojuegos. Ivan também tomaria um pouco. Há-me dito que a pizza é seu prato favorito.

—Vá.

Elizabeth tragou saliva com impotência.

—Com azeitonas —prosseguiu Luke.

—Mas, Luke, se você odiar as azeitonas.

—See, mas ao Ivan adora. Voltam-lhe louco.

—Caramba...

—Obrigado —disse Luke a sua tia. Olhou o saco de feijões, fez-lhe um sinal de vitória, sorriu e voltou a apartar a vista.

Elizabeth se bateu em lenta retirada do quarto de jogar. Reparou em que ainda levava o telefone sujeito contra o peito.

—Segue aí, Enjoe?

Mordeu-se uma unha e olhou fixamente a porta fechada do quarto de jogar perguntando-se o que devia fazer.

—Começava a pensar que você também te tinha largado à lua —respondeu Enjoe rendo entre dentes. Mas, tomando por irritação o silêncio da Elizabeth, desculpou-se em seguida. De todos os modos levava razão, Saoirse ia caminho da lua, mas por sorte decidiu deter-se para repor combustível. Embora foi mas bem ela quem repôs. Seu carro foi localizado bloqueando a rua maior com o motor ainda em marcha e a porta do condutor completamente aberta. Tem sorte de que Paddy o tenha encontrado antes de que alguém o levasse.

—A ver se o adivinho. O carro estava diante do pub.

—Correto. —Enjoe fez uma pausa. Quer pôr uma denúncia?

Elizabeth suspirou.

—Não. Obrigado, Enjoe.

—De nada. Faremos que alguém te leve o carro a casa.

—O que acontece Saoirse? —Elizabeth ia de um lado a outro do vestíbulo. Onde está?

—Nos ficaremos aqui um momento, Elizabeth.

—Vou buscá-la —disse Elizabeth em seguida.

—Não —insistiu Enjoe. Te chamarei mais tarde e falaremos disso. É preciso que sua irmã se tranqüilize antes de ir aonde seja.

Elizabeth ouviu o Luke rir e falar em voz alta dentro do quarto de jogar.

—A verdade, Enjoe —adicionou com uma ameaça de sorriso—, antes de pendurar me entravam vontades de te pedir que os que me levem o carro a casa tragam um psiquiatra com eles. Conforme parece com o Luke agora lhe deu pelos amigos imaginários...

Dentro do quarto de jogar Ivan pôs os olhos em branco e rebolou afundando-se ainda mais no saco de feijões. Tinha ouvido as palavras da Elizabeth ao telefone. Desde seus começos naquele trabalho os pais lhe tinham chamado assim e isso estava começando a lhe preocupar. Não havia absolutamente nada imaginário nele.

Capítulo 3

Luke foi muito amável ao me convidar para jantar esse dia. Quando lhe disse que a pizza é meu prato favorito em realidade não tinha intenção de que me convidassem para jantar. Mas como ia dizer que não ao lujazo de comer pizza em sexta-feira? Havia motivo para uma celebração dobro.

Entretanto, devido ao incidente no quarto de jogar me deu a impressão de não lhe haver caído muito bem à tia do Luke, coisa que não me surpreendeu o mais mínimo, já que pelo general está acostumado a ocorrer. Os pais sempre pensam que preparar comida para mim é um desperdício, porque sempre terminam atirando-a. Mas para mim é um assunto difícil. vamos ver, tem que te comer o jantar apertado em um sítio minúsculo que lhe deixam na mesa enquanto outros lhe olham e se perguntam se sua comida vai desaparecer ou não. Ao final me ponho tão paranóico que não posso comer e tenho que deixar a comida no prato.

Não o digo por me queixar, que lhe convidem para jantar está muito bem, mas os adultos nunca põem a mesma quantidade de comida em meu prato que no de outros. No meu nunca chegam a pôr nem sequer a metade da comida que ao resto dos comensais e sempre dizem coisas como «Bom, seguro que Ivan não tem muito apetite hoje.» vamos ver, como sabem? Nunca perguntam. Estou acostumado a estar apertado entre meu amigo íntimo de volta e algum irmão maior pesado que me rouba parte da comida quando ninguém olhe, esquecem-se de me dar coisas como guardanapos, talheres e, por descontado, nunca são generosos com o vinho. Às vezes se contentam me dando um prato vazio e lhe dizer a meu amigo que a gente invisível come comida invisível. vamos ver, por favor, acaso o invisível vento agita árvores invisíveis? Revistam me pôr um copo de água e isso só se o peço educadamente a meus amigos. Os adultos vêem estranho que necessite um copo de água para acompanhar a comida e fazem um montão de dramalhões quando o peço com gelo. E digo eu, havida conta de que o gelo é grátis, a quem não gosta de uma bebida fresca em um dia caloroso?

Pelo general são as mães quem mais conversa comigo. Só que fazem perguntas e não escutam as respostas ou fingem ante todos outros que hei dito outra costure para lhes fazer rir. Inclusive me olham ao peito quando me falam como se esperassem que medisse um metro escasso. E que conste, meço metro oitenta e lhes asseguro que não fazemos isso da idade no sítio de onde procedo; passamos a existir tal como somos e crescemos espiritualmente mais que fisicamente. É nosso cérebro o que cresce. me deixem assinalar que meu cérebro é bastante grande a estas alturas, embora sempre há sítio para que siga crescendo. Dedico a este trabalho a muito tempo tempo e me dá bem. Nunca decepcionei a um amigo.

Os papais sempre dizem coisas entre dentes quando acreditam que não há ninguém escutando.

Por exemplo, Barry e eu fomos ao Waterford durante as férias do verão e estávamos tombados na praia do Brittas Bay e passou uma senhora em biquíni. O pai do Barry disse entre dentes «Essa sim que está boa, Ivan.» As batatas sempre acreditam que estou de acordo com eles. Sempre asseguram a meu melhor amigo que lhes digo coisas como «É bom comer verdura. Ivan me pediu que te diga que te coma todo o brócolis» e outras tolices pelo estilo. Meus amigos íntimos sabem de sobra que nunca diria nada semelhante.

Mas assim é como são os adultos.

Dezenove minutos e trinta e oito segundos mais tarde Elizabeth chamou o Luke para jantar. As tripas me faziam ruído e gostava de um montão a pizza. Segui ao Luke através do comprido vestíbulo até a cozinha aparecendo em cada habitação ao passar. Na casa reinava um silêncio sepulcral e nossos passos ressonavam. Cada habitação era toda branca ou toda bege, tão impecável que começou a me pôr nervoso a idéia de comer pizza, pois não queria fazer um desastre. Até onde cheguei a ver, não só não havia nenhum indício de que vivesse um menino na casa, mas também não havia indícios de que vivesse ninguém. Faltava-lhe o que está acostumado a chamar uma atmosfera caseira. Mesmo assim, a cozinha eu gostei. O sol a tinha esquentado e como estava rodeada de cristal dava a impressão de que estivéssemos sentados no jardim. Como em uma espécie de picnic.

Fixei-me em que a mesa estava posta para duas pessoas, de modo que aguardei a que me dissessem onde devia me sentar. Os pratos eram grandes, negros e reluzentes, o sol que entrava pelos ventanales arrancava brilhos ao faqueiro e as duas taças de cristal refletiam cores de arco íris em cima da mesa. Havia uma saladeira e uma jarra de cristal com água com gelo e limão em meio da mesa. Tudo estava posado sobre individuais de mármore negro. À vista de como refulgia tudo, até sujar o guardanapo dava medo.

As patas da cadeira da Elizabeth chiaram contra os ladrilhos quando se sentou. ficou o guardanapo no regaço. Reparei em que se trocou e levava um moletom marrom escuro que combinava com seu cabelo e lhe realçava a pele. A cadeira do Luke chiou quando se sentou.

Elizabeth agarrou o garfo e a colher gigantes da salada e começou a juntar folhas e tomatitos em seu prato. Luke a olhou e franziu o cenho. Luke tinha uma parte de pizza margarida no prato. Sem azeitonas. Afundei as mãos nos bolsos e comecei a me apoiar em uma e outra perna com nervosismo.

—O que acontece, Luke? —perguntou Elizabeth alinhando sua salada.

—Onde está o sítio do Ivan?

Elizabeth se deteve, fechou com força a tampa da vinagrera e deixou o pote outra vez em meio da

mesa.

—Venha, Luke, basta já de tolices —disse em tom desenvolto e sem lhe olhar. Constava-me que lhe dava medo olhar.

—Não digo nenhuma tolice —replicou Luke franzindo o cenho. Há dito que Ivan podia ficar para jantar.

—Sim, mas onde está Ivan? —perguntou Elizabeth procurando que não lhe crispasse a voz enquanto polvilhava queijo ralado. Dava-me conta de que não queria que aquilo se convertesse em um problema. Separaria-o da mente em seguida e já não se falaria mais de amigos invisíveis.

—Está de pé justo a seu lado.

Elizabeth golpeou a mesa com o garfo e a faca e Luke pegou um bote na cadeira. Sua tia abriu a boca para lhe fazer calar, mas a interrompeu o timbre da porta. Assim que saiu da cozinha, Luke se levantou da cadeira e tirou um prato do aparador. Grande e negro, igual aos outros dois. Serve uma parte de pizza no prato, agarrou talheres e um guardanapo e o pôs tudo em cima de um individual ao lado do dele.

—Este é seu sítio, Ivan —disse alegremente, e lhe fincou o dente a sua pizza. Ficou pendurando do queixo uma parte de queijo fundido. Parecia uma corda amarela.

Para falar a verdade, não me teria sentado à mesa se meu estômago não tivesse estado me gritando que comesse. Constava-me que Elizabeth ficaria fora de si, mas se engolia a comida muito depressa antes de que retornasse à cozinha possivelmente não chegaria a inteirar-se.

—Quer que lhe ponhamos azeitonas? —perguntou Luke limpando o tomate da boca com a manga.

Ri-me e assenti com a cabeça. Se me fazia a boca água.

Elizabeth retornou a toda pressa à cozinha justo quando Luke tratava de alcançar a prateleira onde estavam as azeitonas.

—O que está fazendo? —perguntou rebuscando em uma das gavetas.

—Coxo as azeitonas para o Ivan —explicou Luke. Gosta da pizza com azeitonas, recorda?

Elizabeth olhou para a mesa da cozinha e viu que estava posta para três. esfregou-se os olhos com gesto cansado.

—Ouça, Luke, não te parece que é desperdiçar a comida o de pôr azeitonas na pizza? Você não gosta de nada e vou ter que as atirar.

—Bom, não será nenhum desperdício, já que as comerá Ivan, verdade, Ivan?

—Certamente —disse me lambendo os lábios e me apertando a barriga.

—E bem? —Elizabeth levantou uma sobrancelha. O que há dito?

Luke franziu o cenho.

—Está-me dizendo que tampouco lhe ouve? —Olhou-me e fez girar um dedo junto à têmpora, me dando a entender que sua tia estava louca. Há dito que as comerá todas encantado.

—Que bem educado! —balbuciou Elizabeth sem deixar de rebuscar na gaveta. Mas mais vale que te assegure de que desaparece até o último miolo, porque do contrário será a última vez que Ivan coma conosco.

—Não se preocupe, Elizabeth, me penso esconder isso todo —lhe disse justo antes de provar o primeiro bocado. Não queria nem ouvir falar de não voltar a comer com o Luke e sua tia outra vez.

Elizabeth tinha os olhos tristes, tristes olhos castanhos, e eu estava convencido de que a faria feliz me comendo até o último miolo. Comi depressa.

—Obrigado, Colm —disse Elizabeth cansativamente agarrando as chaves que lhe alcançava o guarda. Deu a volta ao carro lentamente inspecionando a pintura com atenção.

—Não houve danos —disse Colm observando-a.

—Ao menos não no carro —respondeu Elizabeth tentando fazer uma piada e dando uns tapinhas ao capô. Sempre passava vergonha. Como mínimo uma vez por semana ocorria alguma classe de incidente que implicava aos guarda e, embora a polícia sempre se mostrava profissional e educada ante a situação, ela não podia evitar sentir-se envergonhada. Em sua presença se esforçava mais do acostumado para parecer «normal» e assim demonstrar que não era culpa dela e que não toda a família estava assobiada. Limpou as salpicaduras de barro seco com um lenço de papel. Colm lhe sorriu com tristeza.

—Tem terá que prendê-la, Elizabeth.

Elizabeth levantou a cabeça de repente, completamente alerta.

—Colm—disse assombrada. por que?

Era a primeira vez que acontecia. Até então se limitaram a admoestar ao Saoirse e devolvê-la aonde estivesse vivendo naquele momento. Um trato pouco profissional, a Elizabeth constava, mas em um povo tão pequeno, onde todos conheciam todos, nunca tinham ido vigiar ao Saoirse para impedir que fizesse alguma estupidez que conduzisse conseqüências. Agora Elizabeth temia que Saoirse tivesse esgotado sua quota de advertências. Colm brincava com sua boina azul marinho entre as mãos.

—Conduzia bebida, Elizabeth, ia em um carro roubado e nem sequer tem carnê.

Para ouvir essas palavras, Elizabeth se estremeceu. Saoirse era um perigo. por que insistia em proteger a sua irmã? Quando se daria por inteirada finalmente e aceitaria que levavam razão ao dizer que sua irmã alguma vez seria o anjo que ela desejava que fora?

—Mas se o carro não era roubado —gaguejou Elizabeth. Lhe disse que podia...

—Não siga, Elizabeth —interrompeu Colm com firmeza.

Teve que tampá-la boca com a mão para calar-se. Inspirou profundamente e procurou recuperar a calma.

—Tem que ir a julgamento? —perguntou em um sussurro.

Colm baixou a vista ao chão e moveu uma pedra com o pé.

—Sim. Já não é só que possa fazer-se machuco a si mesmo. Constitui um perigo para o próximo.

Elizabeth tragou saliva e assentiu com a cabeça.

—Uma oportunidade mais, Colm—soltou sentindo seu orgulho desintegrar-se. Só peço que lhe dêem uma oportunidade mais... por favor. —Dizer as últimas palavras lhe doeu até fisicamente. Todos os ossos de seu corpo lhe suplicavam ao agente. Elizabeth nunca pedia ajuda. Não lhe tirarei o olho de cima. Prometo que não a perderei de vista nem um instante. Comportará-se melhor, só necessita um pouco de tempo para entender certas coisas.

Elizabeth notava que a voz lhe falhava e os joelhos lhe tremiam enquanto suplicava em nome de sua irmã.

Colm lhe respondeu com voz triste.

—Já procedemos. Agora não podemos nos jogar atrás.

—Que castigo lhe imporão?

sentiu-se enjoada.

—Dependerá do juiz que esteja de guarda. É sua primeira infração; bom, sua primeira infração oficial. Pode que seja benevolente com ela, mas também pode que não. —encolheu-se de ombros e se olhou as mãos. E também depende do que declare o guarda que a prendeu.

—por que?

—Porque se cooperou e não causou problemas possivelmente conte como atenuante, embora também..

—É possível que não —concluiu Elizabeth com preocupação. E bem? Cooperou?

Colm soltou uma breve risada.

—Fizeram falta duas pessoas para sujeitá-la.

—Maldita seja —renegou Elizabeth. Quem a prendeu? —mordeu-se as unhas.

Houve um silêncio antes de que Colm respondesse: —Eu.

Elizabeth ficou boquiaberta. Colm sempre tinha mostrado certa indulgência com o Saoirse. Era o único que sempre ficava de sua parte, por isso o fato de que a tivesse detido ele deixou a Elizabeth sem fala. mordeu-se com nervosismo o interior da boca e o sabor do sangue lhe desceu pela garganta. Não queria que a gente começasse a dar-se por vencida respeito ao Saoirse.

—Farei quanto esteja em minha mão por ela —prosseguiu Colm em voz baixa. Procura que não se meta em problemas até que se celebre a vista dentro de umas semanas.

Elizabeth, depois de dar-se conta de que levava uns segundos sem respirar, soltou o ar.

—Obrigado.

Não cabia dizer nada mais. Embora sentiu um alívio imenso, sabia que não podia cantar vitória.

Ninguém poderia proteger a sua irmã esta vez; teria que enfrentar-se às conseqüências de seus atos.

Mas como se supunha que ia ela a vigiar ao Saoirse quando nem sequer sabia por onde começar a procurá-la? Saoirse não podia viver com ela e Luke —estava muito descontrolada para conviver com ele—, e seu pai fazia muito tempo que lhe havia dito que partisse de casa e não voltasse.

—Bom, deixo-te com o teu, que não é pouco —disse Colm amavelmente. Voltou a ficá-la boina e

se dirigiu para a rua pela entrada para veículos pavimentada.

Elizabeth se sentou no alpendre para descansar os joelhos e olhou seu carro manchado de barro.

por que tinha que manchá-lo todo Saoirse? por que tudo... e todos os que Elizabeth amava fugiam espavoridos de sua irmã pequena? Notou que as nuvens no alto empurravam contra seus ombros tudo o que mediava entre elas e ela mesma, e lhe preocupou pensar o que faria seu pai quando levassem ao Saoirse a sua granja, coisa que indubitavelmente fariam. Seguro que dentro de cinco minutos chamaria a sua filha Elizabeth para queixar-se.

O telefone começou a soar dentro da casa e o coração lhe encolheu ainda mais. levantou-se do alpendre, deu meia volta com lentidão e entrou. Quando alcançou a porta os timbrazos tinham cessado e viu o Luke sentado na escada com o auricular na orelha. apoiou-se contra o marco de madeira da porta com os braços cruzados e lhe observou. Uma ameaça de sorriso suavizou o semblante do menino. Estava crescendo muito depressa e Elizabeth se sentia alheia a esse processo, como se Luke o estivesse fazendo tudo sem sua ajuda, sem o carinho que sabia que devia lhe brindar mas que tanto lhe custava lhe oferecer. Constava-lhe que carecia desse sentimento, às vezes carecia de sentimentos e ponto, e cada dia desejava que o instinto maternal a tivesse invadido ao assinar toda a papelada. Se Luke caía e se fazia um corte no joelho, sua reação imediata era lhe lavar a ferida e lhe pôr uma tirit. Para ela com isso bastava, não via a necessidade de ficar a dançar com ele pela habitação para que deixasse de chorar e lhe pegar golpes ao chão como tinha visto fazer ao Edith em mais de uma ocasião.

—Olá, avô —dizia Luke educadamente.

Fez uma pausa para escutar a seu avô ao outro lado da linha.

—Elizabeth e eu estamos almoçando com meu novo amigo íntimo, Ivan.

Pausa.

—Uma pizza de tomate e queijo, embora Ivan pôs azeitonas a sua porção.

Pausa.

—Azeitonas, avô.

Pausa.

—Não, parece-me que não poderia as cultivar na granja.

Pausa.

—A-C-E-I-T-O-N-A-S —soletrou lentamente.

Pausa.

—Um momento, avô, meu amigo Ivan me está dizendo algo. —Luke apertou o auricular contra o peito e olhou ao vazio com expressão concentrada. Finalmente voltou a levar o auricular à orelha—.

Ivan diz que a azeitona é um fruto oleoso pequeno que contém um osso. cultiva-se por seus frutos e seu azeite em zonas de clima subtropical. —Apartou a vista como se escutasse. Existe uma grande variedade de azeitonas. —Deixou de falar, olhou ao longe e acrescentou—: As azeitonas verdes sempre são verdes, mas as amadurecidas podem ser negras ou verdes. —Voltou a escutar o silêncio. Quase todas as azeitonas que maturam na árvore se empregam para fazer azeite, o resto se curam em salmoura ou em sal e se envasilham em azeite de oliva ou em salmoura ou em uma solução de vinagre. —Olhou ao vazio. Ivan, o que é salmoura? —Houve um silêncio e logo assentiu. Vá.

Elizabeth arqueou as sobrancelhas e riu nervosamente para seus adentros. Desde quando se tornou Luke perito em azeitonas? Sem dúvida as tinha estudado no colégio; tinha uma memória prodigiosa para coisas assim. Luke escutava a seu avô.

—Bom, Ivan também tem muitas vontades de te conhecer.

Elizabeth pôs os olhos em branco e correu a tirar o telefone ao Luke antes de que dissesse mais sandices. Bastante confundido estava já seu pai às vezes para ter que lhe explicar a existência, ou melhor a inexistência, de um menino invisível.

—Olá —disse Elizabeth detrás apoderar do telefone. Luke retornou à cozinha arrastando os pés.

O ruído fez que Elizabeth voltasse a sentir-se irritada.

—Elizabeth —disse a voz séria e formal de seu pai com um marcado acento do Kerry—, acabo de chegar a casa e encontrei a sua irmã tendida no chão da cozinha. Hei-lhe dito que se fora ao diabo, mas não consigo averiguar se estiver morta ou não.

Elizabeth suspirou.

—Não tem graça. E resulta que minha irmã é sua filha, vale?

—Ora, não me venha com essas —replicou seu pai com desdém. Eu gostaria de saber o que pensa fazer com ela. Aqui não pode ficar. A última vez soltou os frangos do galinheiro e me passei um dia inteiro fazendo-os voltar. E tal como tenho as costas e o quadril, já não estou para esses trotes.

—Entendo-o, mas aqui tampouco pode ficar. Altera ao Luke.

—O menino não sabe o suficiente sobre sua mãe para alterar-se. A metade do tempo ela nem sequer recorda que o trouxe para o mundo. Não tem por que carregar você sozinha com ele, sabe?

Elizabeth se mordeu a língua enfurecida. Dizer a metade do tempo era ser muito generoso.

—Aqui não pode vir —disse Elizabeth com mais paciência da que acreditava ter. Antes apareceu por aqui e tornou a levar o carro. Colm me trouxe faz isso nada. Esta vez a coisa vai a sério.

—Inspirou profundamente. A detiveram.

Seu pai guardou silêncio um momento e estalou a língua em sinal de desaprovação.

—Tão melhor. Esta experiência lhe fará um bem imenso. —apressou-se a trocar de tema. por que não foste a trabalhar hoje? Nosso Senhor dispôs que só descansássemos os domingos.

—Essa é a questão, precisamente. Hoje era um dia extremamente importante para mim no trab...

—Vá, sua irmã retornou ao mundo dos vivos e está fora tentando liberar as vacas. Dava ao pequeno Luke que venha na segunda-feira com seu amigo novo. Mostraremos-lhe a granja.

ouviu-se um estalo e se cortou a comunicação. Olá e adeus não eram a especialidade de seu pai; ainda acreditava que os telefones móveis eram uma espécie de tecnologia futurista alienígena desenhada para confundir à raça humana.

Elizabeth pendurou o telefone e retornou à cozinha. Luke estava sentado sozinho à mesa apertando-a barriga com ambas as mãos e rendo historicamente. Elizabeth tomou assento e continuou comendo sua salada. Não era o tipo de pessoa a quem interessava a gastronomia; só comia porque terei que fazê-lo. Velada-las apoiadas em um prolongada jantar a aborreciam e nunca tinha muito apetite, pois sempre andava muito preocupada com algo ou tão excitada que lhe resultava impossível estar-se sentada e comer. Jogou uma olhada ao prato que tinha justo diante e para sua surpresa viu que estava vazio.

—Luke?

Luke deixou de falar consigo mesmo e a olhou.

—Seee?

—Sim —corrigiu Elizabeth. O que passou com a parte de pizza que havia nesse prato?

Luke olhou o prato vazio, voltou a olhar a Elizabeth como se estivesse louca e engoliu um bocado de sua pizza.

—A comeu Ivan.

—Não fale com a boca enche —lhe repreendeu Elizabeth.

Luke cuspiu a parte de pizza no prato.

—A comeu Ivan —repetiu, e ficou a rir histéricamente uma vez mais ao ver no prato a massa que tinha tido na boca.

A Elizabeth começou a lhe doer a cabeça. Que mosca lhe tinha picado a seu sobrinho?

—E as azeitonas?

Percebendo sua irritação, Luke aguardou tragar o resto do bocado antes de falar.

—Também as comeu. Já te hei dito que adora as azeitonas. O avô queria saber se poderia as cultivar na granja —adicionou Luke ensinando as gengivas ao sorrir.

Elizabeth lhe devolveu o sorriso. Seu pai não saberia o que era uma azeitona embora esta lhe aproximasse caminhando e se apresentasse a si mesmo. Não sentia nenhuma inclinação especial pelos mantimentos «novidadeiros»; o mais exótico que comia era arroz e em tais ocasiões se queixava de que os grãos eram muito pequenos e que melhor iria dar conta de «uma batata esmiuçada».

Elizabeth suspirou enquanto atirava os restos de comida de seu prato ao lixo, não sem antes ter revolto os desperdícios para ver se Luke tinha atirado a pizza e as azeitonas. Nem rastro. Luke estava acostumado a ter mas bem pouco apetite e as via e desejava para terminar uma parte grande de pizza, não digamos já dois. Elizabeth supôs que a encontraria embolorada ao cabo de umas semanas, escondida na parte traseira de algum armário. Mas se a tinha comido toda ele, seguro que se passaria a noite vomitando e Elizabeth teria que limpar a ofensa. Outra vez.

—Obrigado, Elizabeth.

—Não há de que, Luke.

—Né? —disse Luke aparecendo a cabeça pela porta da cozinha.

—Luke, repeti-lhe isso mil vezes, diz-se perdão, não né.

—Perdão?

—Hei dito «não há de que».

—Mas se ainda não te dei as obrigado.

Elizabeth colocou os pratos na lava-louça e estirou as costas. esfregou-se a parte baixa de sua dolorida coluna vertebral.

—Sim que o tem feito. Há dito «obrigado, Elizabeth».

—Não o tenho feito —insistiu Luke torcendo o gesto.

Elizabeth não queria perder os estribos.

—Luke, já basta de jueguecitos, de acordo? tivemos um almoço o mar de divertido, agora melhor deixa de fingir. Vale?

—Não. foi Ivan quem te deu as obrigado —replicou Luke zangado.

Elizabeth sentiu um calafrio. Aquilo não lhe estava fazendo nenhuma graça. Fechou com um sonoro golpe a porta da lava-louça, muito desgostada até para responder a seu sobrinho. por que não podia ficar o fácil, embora só fosse por uma vez?

Elizabeth passou pressurosa junto ao Ivan com uma taça de rápido na mão e o aroma de perfume e café encheu o nariz do menino. sentou-se à mesa da cozinha com os ombros cansados e apoiou a cabeça nas mãos.

—Vêem já, Ivan! —chamou Luke desde o quarto de jogar. Esta vez te deixarei ser A Rocha!

Elizabeth gemeu quedamente para seus adentros.

Mas Ivan não se podia mover. Suas sapatilhas Converse azuis estavam pegas ao mármore do chão da cozinha.

Elizabeth lhe tinha ouvido dizer obrigado. Sabia.

Ivan foi passeando lentamente ante ela para ver se advertia algum indício de reação ante sua presença. Estalou os dedos junto à orelha da Elizabeth, deu um passo atrás e a observou. Nada. Deu Palmas e chutou o chão. O ruído ressonava muito alto na grande cozinha, mas Elizabeth seguiu sentada na mesa com a cabeça apoiada nas mãos. Nenhuma reação.

Mas ela havia dito «não há de que». depois de todos seus esforços por fazer ruído a seu redor, Ivan

ficou confundido ao ver quanto lhe desiludia que não notasse sua presença. Ao fim e ao cabo, ela era um «pai» e a quem lhe importava o que pensassem os pais? plantou-se detrás dela e lhe olhou o cocuruto perguntando-se que ruído poderia fazer a seguir. Suspirou profundamente e soltou um bufido ao exalar o ar.

De repente Elizabeth se ergueu na cadeira, estremeceu-se e subiu mais a cremalheira do moletom.

E então Ivan soube que ela havia sentido seu fôlego.

Capítulo 4

Elizabeth se amassou na bata e se grampeou o cinturão. Se acurrucó na imensa poltrona da sala de estar dobrando as largas pernas debaixo do corpo. feito-se a toga com uma toalha que formava uma torre no alto de sua cabeça; sua pele desprendia um aroma afrutado depois do banho de espuma com essência de maracuyá. Sustentava com ambas as mãos uma taça de café recém feito com a nuvem de nata de leite de rigor e olhava a televisão. Estava vendo em sentido literal como se secava uma capa de pintura. Emitiam seu programa favorito de reformas e adorava ver como se podiam remoçar as habitações mais decadentes as convertendo em lares sofisticados e elegantes.

Desde que era menina lhe tinha encantado melhorar o aspecto de quanto tinha a seu alcance.

Enquanto aguardava a volta de sua mãe matava o momento decorando a mesa da cozinha com margaridas, polvilhando o felpudo da entrada com purpurina cujo rastro adornava os opacos ladrilhos da casa, guarnecendo os Marcos das fotos com flores frescas e perfumando a roupa de cama com pétalas. Supunha que aquela necessidade de arrumar as coisas era inata, pois sempre desejava algo melhor que o que tinha, não concedendo-se nunca uma trégua nem dando-se por satisfeita.

Também supunha que era sua maneira, ingenuamente infantil, de tentar convencer a sua mãe para que ficasse. Recordou ter pensado que possivelmente quanto mais bonita se visse a casa, mais tempo permaneceria sua mãe nela. Mas as margaridas da mesa eram admiradas durante menos de cinco minutos, a purpurina do felpudo em seguida ficava pisoteada, as flores dos Marcos das fotos não sobreviviam sem água e as pétalas da cama se dispersavam e flutuavam até o chão durante o irregular sonho de sua mãe. Assim que se murchavam, Elizabeth ficava a pensar imediatamente em algo que realmente captasse e retivera a atenção de sua mãe, algo que a atraíra durante mais de cinco minutos, algo que gostasse tanto que não pudesse separar-se disso. Elizabeth nunca se expôs que, sendo filha de sua mãe, esse algo deveria ser ela mesma.

À medida que se foi fazendo major cresceu nela o afã por tirar reluzir a beleza que encerravam as coisas. Tinha adquirido uma dilatada experiência nesse campo enquanto viveu na velha granja de seu pai. Agora ao trabalhar desfrutava quando tinha ocasião de restaurar chaminés antigas e arrancar carpetes velhos para revelar formosos chãos originais. Inclusive em seu próprio lar sempre andava trocando as coisas e os móveis de sítio para que ficassem melhor. esforçava-se por alcançar a perfeição. adorava impor-se tarefas, às vezes impossíveis, para demonstrar-se a si mesmo que dentro de qualquer objeto, por feio que parecesse, era possível achar beleza.

Adorava sua profissão, pois lhe causava uma imensa satisfação, e com todas as promoções imobiliárias de Baile na gCroíthe e as localidades vizinhas se ganhou muito bem a vida. Se se

construía algo novo, era à empresa da Elizabeth a que chamavam os promotores. Defendia a capa e espada que o bom desenho melhorava a qualidade de vida. Os espaços bonitos, cómodos e funcionais constituíam a chave de seu êxito.

Sua própria sala de estar era toda uma sinfonia de texturas e cores suaves. Almofadões de ante e tapetes esponjosos; adorava tocá-lo e senti-lo tudo. Imperavam os tons claros café e nata, que, igual ao tigela que sustentava na mão, ajudavam a limpar a mente. Em um mundo onde quase tudo era uma confusão, a serenidade de seu lar lhe resultava vital para conservar a prudência. Aquele era seu esconderijo, seu ninho, o lugar onde afastar-se dos problemas que havia ao outro lado da porta. Ao menos em sua casa mandava. A diferença do resto de sua vida, podia deixar entrar em quem lhe desse a vontade, podia decidir quanto tempo ficavam e que partes de seu lar podiam ocupar. Não como seu coração, que convidava a pessoas sem lhe pedir permissão, oferecia-lhes um sítio de honra sem contar com a opinião dela a respeito e logo ansiava que permanecessem mais tempo do que aquelas tinham previsto. Não, em casa da Elizabeth os convidados foram e vinham segundo ela dispusera. E havia resolvido que ficassem fora.

A reunião da sexta-feira tinha sido vital. Tinha passado semanas preparando-a, pondo ao dia sua pasta de trabalhos, montando uma projeção de diapositivas, reunindo recortes de revistas e artigos de periódico sobre lugares que tinha desenhado. Tinha condensado o trabalho de toda sua vida em uma pasta a fim de convencer a aquela gente para que a contratassem. foram derrubar uma antiga torre de defesa que se erguia no alto de uma ladeira com vistas a Dance na gCroíthe para construir um hotel.

Antigamente, em tempos dos vikings, a torre tinha protegido à vila dos ataques, mas Elizabeth não via santo do que devia preservar-se dado que não era bonita nem revestia nenhum interesse histórico.

Quando os ônibus lotados de turistas de ávidos olhos procedentes de todos os rincões do mundo passavam por Dance na gCroíthe, a torre nem sequer se mencionava. Ninguém se mostrava orgulhoso ou interessado por ela. Não era mais que um feio montão de pedras que os aldeãos tinham deixado que se desmoronasse e deteriorasse, que de dia albergava aos adolescentes do povo e de noite cobria aos bêbados, contando-se Saoirse entre os membros de ambos os coletivos.

Entretanto, um nutrido grupo de habitantes tinha empreendido uma luta para impedir que se construísse o hotel argüindo que a torre encerrava uma história mítica e romântica. Começou a circular o rumor de que, se o edifício se derrubava, perderia-se todo o amor. O caso captou a atenção da imprensa popular e as reuniões de rádio e televisão, até que finalmente os promotores souberam ver nele uma mina de ouro ainda major do esperado. Decidiram restaurar a torre até lhe devolver seu antigo esplendor e construir edifícios a seu redor, deixando a torre como elemento histórico no jardim central e protegendo assim o amor na Cidade dos Corações. De repente Dance

na gCroíthe suscitou um vivo interesse entre crentes de todo o país desejosos de alojar-se no hotel para estar perto da torre benta pelo amor.

Elizabeth teria dirigido a escavadora ela mesma. Pensava que se tratava de uma história ridícula, criada por uma localidade temerosa das mudanças e por ende resolvida a conservar a torre na montanha. Era uma história que se mantinha viva para regozijo de turistas e sonhadores, embora não podia negar que o trabalho de desenhar os interiores do hotel lhe vinha como anel ao dedo. Seria um estabelecimento pequeno, mas mesmo assim proporcionaria emprego aos cidadãos do Hartstown. E o que era ainda melhor, só ficava a uns poucos minutos de sua casa e portanto eliminava a preocupação de ter que separar-se do Luke durante prolongados períodos enquanto trabalhasse no projeto.

Antes do nascimento do Luke, Elizabeth estava acostumada viajar sem descanso. Nunca passava mais de umas poucas semanas seguidas em Dance na gCroíthe e adorava ter liberdade de movimentos para ocupar-se de desenhos distintos em condados diferentes. Seu último grande projeto a tinha levado a Nova Iorque, mas assim que nasceu Luke todo aquilo se acabou. Enquanto Luke foi um bebê Elizabeth não pôde seguir realizando sua atividade profissional em outras partes do país e muito menos do mundo. Durante essa época as tinha passado canutas tratando de estabelecer seu negócio em Dance na gCroíthe ao tempo que se acostumava de novo a criar a um menino. Não teve mais remedeio que contratar ao Edith, já que seu pai não parecia disposto a lhe dar uma mão e Saoirse certamente não mostrava o menor interesse. Agora que Luke tinha crescido e ia ao colégio, Elizabeth estava descobrindo que encontrar trabalho a uma distância de casa que não a obrigasse a pernoitar fora se estava voltando mais difícil cada dia. O boom imobiliário de Dance na gCroíthe cedo ou tarde tocaria a seu fim e a perseguia constantemente a inquietação de que então as fontes de trabalho se secassem de tudo.

Teria que ter assistido à reunião da sexta-feira. No escritório ninguém era capaz de vender seu talento como decoradora melhor que ela mesma. Seu pessoal o constituíam Becca, a recepcionista, e Poppy. Becca era uma adolescente extremamente tímida e diminuída que durante seu ano de transição entrou em trabalhar em práticas com a Elizabeth e decidiu não prosseguir seus estudos. Era uma trabalhadora aplicada e reservada que não conversava muito no escritório, coisa muito do agrado da Elizabeth. Elizabeth a tinha contratado assim que Saoirse, que supostamente trabalhava com ela a meia jornada, deixou-a plantada. Fazia mais que deixá-la plantada e Elizabeth andava se desesperada por contar com alguém quanto antes. A fim de arrumar a ofensa. Outra vez. Porque ao manter ao Saoirse perto dela durante o dia com intenção de ajudar a sentar cabeça só tinha conseguido afastá-la ainda mais e que se desse à bebida.

Logo estava Poppy, de vinte e cinco anos, recém licenciada pela Faculdade de Belas artes, cheia de montões de idéias criativas e maravilhosas impossíveis de realizar e ansiosa por pintar o mundo de uma cor que ainda tinha que inventar. No escritório só estavam elas três, embora Elizabeth com

freqüência requeria os serviços da senhora Bracken, de sessenta e oito anos, um gênio com a agulha e o fio que regentava sua própria oficina de tapeçaria no centro. Também era uma cascarrabias de armas tomar e insistia em que a chamassem senhora Bracken e não Gwen por respeito a seu querido e defunto senhor Bracken, quem, segundo o parecer da Elizabeth, tinha nascido sem nome de pilha. E por último estava Harry, um homem muito manhoso de cinqüenta e dois anos que o mesmo pendurava quadros que efetuava a instalação elétrica de um edifício, mas a quem não entrava na cabeça a idéia de uma mulher solteira com uma carreira e muito menos a de uma mulher solteira com uma carreira e um filho que não era dele. Segundo o orçamento de que dispor seus clientes, Elizabeth dirigia a pintores e decoradores ou fazia o trabalho ela mesma, embora pelo general gostava de ter as mãos ocupadas. Gostava de presenciar a transformação com seus próprios olhos e sua maneira de ser a impulsionava a querer arrumá-lo todo ela mesma.

Não tinha tido nada de incomum que Saoirse se apresentou em casa da Elizabeth aquela manhã.

Com freqüência chegava bêbada e grosseira, disposta a levar-se algo que caísse em suas mãos; algo que merecesse a pena vender, é obvio, o qual excluía automaticamente ao Luke. Elizabeth nem sequer sabia se ainda era viciada só à bebida; fazia muito tempo que não conversava com sua irmã.

Tinha tentado ajudá-la desde que esta cumprisse os quatorze anos, pois parecia que alguém tivesse acionado um interruptor em sua cabeça e se perdeu em outro mundo. Elizabeth tinha tentado enviá-la a terapeutas, centros de reabilitação, médicos, tinha-lhe passado dinheiro, conseguido empregos, tinha-a contratado ela mesma, tinha-lhe permitido que se mudasse a sua casa, tinha-lhe alugado apartamentos. Tinha tentado ser seu amiga, tinha tentado ser sua inimizada, tinha rido com ela e lhe tinha gritado, tudo em balde. Saoirse estava perdida em um mundo onde ninguém mais importava.

Elizabeth não podia por menos de pensar na ironia do nome de sua irmã. Saoirse não era livre.

Possivelmente tinha acreditado que o era, indo e vindo a seu desejo, sem nenhuma atadura com ninguém, com nada nem com nenhum sítio, mas era pulseira de seus vícios. Entretanto era incapaz de dar-se conta disso e Elizabeth não sabia como ajudá-la a vê-lo. Não podia lhe voltar as costas de tudo a sua irmã, mas lhe tinham esgotado as energias, as idéias e a fé para seguir acreditando que Saoirse trocaria, e com sua persistência Elizabeth já tinha perdido amantes e amigos. A frustração destes ia aumento ao ver como Saoirse se aproveitava da Elizabeth uma e outra vez até que deixavam de ter sítio em sua vida. Agora bem, contrariamente ao que estes acreditavam, Elizabeth não se considerava vítima das circunstâncias. Sempre mantinha o controle. Sabia o que fazia e por que o estava fazendo e se negava a abandonar a um membro de sua família. Não seria como sua mãe. Ao longo de toda sua vida se esforçou muitíssimo para não sê-lo.

De súbito Elizabeth pulsou o botão «Mude» do mando a distância do televisor e a sala se sumiu

no silêncio. Inclinou a cabeça. Acreditou ter ouvido algo outra vez. depois de jogar uma olhada pela sala e comprovar que tudo estava em seu sítio voltou a subir o volume.

Aí o tinha outra vez.

Silenciou o televisor de novo e se levantou da poltrona. Eram as dez e quinze, mas ainda não tinha escurecido de tudo. Esquadrinhou o jardim de atrás e na penumbra só acertou a ver sombras e contornos negros. Correu a toda pressa as cortinas e imediatamente se sentiu mais segura em seu casulo nata e beis. Voltou a amassar-se na bata e se sentou de novo na poltrona, dobrou as pernas e as apertou ainda mais que antes ao tronco abraçando-as joelhos com gesto protetor. O sofá vazio de pele nata a olhava fixamente. Teve outro estremecimento, subiu ainda mais o volume do televisor e bebeu um sorvo de café. O líquido aveludado lhe deslizou garganta abaixo e lhe esquentou as vísceras, e Elizabeth voltou a tentar ficar absorta no mundo da televisão.

Levava todo o dia um pouco estranha. Seu pai sempre dizia que quando tinha um calafrio significava que alguém estava caminhando sobre sua tumba. Elizabeth não acreditava nessas coisas, mas enquanto via a televisão tinha que esforçar-se por apartar a vista do sofá de pele de três lugares e tirar-se de cima a sensação de que um par de olhos a estava observando.

Ivan a observou silenciar o televisor uma vez mais, deixar às pressas o tigela de café na mesita que tinha ao lado e ficar de pé de um salto como se tivesse estado sentada sobre alfinetes. «Aí vai de novo», pensou. Com os olhos muito abertos pelo terror, Elizabeth percorreu rapidamente a sala com o olhar. Uma vez mais Ivan se preparou adiantando-se até o bordo do sofá. O tecido de seus nos cubra rangeu contra o couro.

De um salto, Elizabeth ficou de cara ao sofá.

Agarrou um atiçador negro de ferro da grande chaminé de mármore e girou sobre si mesmo. Os nódulos lhe puseram brancos de tanto apertá-lo. Pouco a pouco foi percorrendo a sala nas pontas dos pés com os olhos exagerados pelo medo. O estofado de pele voltou a ranger sob o peso do Ivan e Elizabeth carregou para o sofá. Ivan saltou do assento e se mergulhou em um rincão, escondeu-se detrás das cortinas para proteger-se e observou como ela tirava os almofadões do sofá enquanto resmungava para seus adentros algo sobre ratos. Demorou dez minutos em registrar o sofá, e depois pôs todos os almofadões de novo em seu sítio para lhe devolver sua imaculada forma original.

Elizabeth agarrou o tigela de café com certa insegurança e se dirigiu à cozinha. Ivan a seguiu lhe pisando os talões; ia tão pego a ela que as mechas de sua suave cabeleira lhe faziam cócegas na cara. O cabelo da mulher cheirava a coco e a pele a frutas.

Ivan não compreendia sua fascinação por ela. Tinha-a estado observando do almoço da sexta-feira. Luke não tinha deixado de lhe chamar para que fora a jogar com ele partida detrás partida, mas

Ivan tinha preferido ficar com a Elizabeth. Ao princípio foi só para ver se ela podia lhe ouvir ou notar sua presença outra vez, mas logo, ao cabo de umas horas, encontrou-a cativante. Era obsessivamente pulcra. fixou-se em que nunca saía da cozinha para responder o telefone ou ir abrir a porta principal até o ter tudo limpo e ordenado. Bebia muito café, olhava o jardim, tirava penugens imaginários a quase todos os objetos. E refletia. Lhe notava na cara. Franzia o cenho ao concentrar-se e mudava a expressão do rosto como se estivesse conversando com pessoas dentro de sua cabeça.

A julgar pela atividade de sua frente, as mais das vezes tais conversações terminavam sendo discussões.

Ivan se precaveu de que sempre a envolvia o silêncio. Nunca havia música ou ruídos de fundo como estavam acostumados a ter a maioria de pessoas, uma rádio acesa, a janela aberta para deixar entrar os sons do verão: o canto dos pássaros e as cortadoras de grama. Luke e ela falavam pouco e quando o faziam era quase sempre para dar ordens (ela) ou para pedir permissão (ele), nada divertido. O telefone estranha vez soava, ninguém vinha a visitá-la. Dava a impressão de que as conversações dentro da cabeça da Elizabeth eram o bastante ruidosas para encher seu silêncio.

Ivan passou grande parte da sexta-feira e na sábado seguindo a de um lado a outro, sentando-se no sofá de pele nata ao anoitecer para vê-la olhar o único programa de televisão que pelo visto gostava. Ambos riam nos mesmos momentos, grunhiam nos mesmos momentos e pareciam estar perfeitamente sincronizados, entretanto ela não sabia que ele estava ali. A noite anterior Ivan a tinha observado dormir. Tinha estado inquieta, como muito dormiu umas três horas seguidas; o resto do tempo o tinha passado lendo um livro, deixando-o ao cabo de cinco minutos, olhando o vazio, agarrando o livro outra vez, lendo umas quantas páginas, lendo de novo as mesmas páginas, voltando a deixar o livro, fechando os olhos, abrindo-os de novo, acendendo a luz, rabiscando esboços de móveis e habitações, jogando com cores e sombras e recortes, apagando a luz outra vez.

Tinha conseguido que Ivan se cansasse só olhando-a da cadeira de palha do rincão da habitação.

As viagens à cozinha em busca de café também tinham contribuído a lhe cansar. no domingo pela manhã ela se levantou cedo e ficou a ordenar, aspirar e tirar brilho a uma casa que já estava impoluta antes de começar. Dedicou toda a manhã à limpeza enquanto Ivan jogava com o Luke a tocar e parar no jardim de atrás. Recordou que a Elizabeth tinha incomodado particularmente ver como Luke corria pelo jardim rendo e gritando a sós. depois de reunir-se com eles à mesa da cozinha, a mulher esteve observando ao Luke jogar às cartas, e meneou a cabeça com preocupação quando este explicou pacientemente e com todo detalhe as regras do jogo ao vazio.

Mas quando às nove em ponto Luke se deitou, Ivan lhe leu o conto do Pulgarcito mais depressa do que acostumava fazê-lo e logo foi correndo a seguir observando a Elizabeth. Mas notou que se

ia pondo mais nervosa à medida que passavam os dias.

Elizabeth enxaguou o tigela de café assegurando-se de que ficasse bem limpo antes de colocá-lo na lava-louça. Secou a pia molhada com um pano que logo jogou no canasto da roupa suja do Office.

Tirou penugens imaginários a vários objetos que encontrou a seu passo, recolheu miolos do chão, apagou todas as luzes e começou o mesmo processo na sala de estar. Fazia exatamente o mesmo as duas últimas noites.

Esta vez, não obstante, antes de sair da sala de estar se deteve bruscamente e a ponto esteve de que Ivan se desse de bruces contra ela. O coração lhe pulsou descompasadamente. Acaso tinha percebido ela sua presença?

Elizabeth se voltou lentamente.

Ivan se alisou a camisa para ter um aspecto apresentável. Uma vez a teve de cara a ele sorriu.

—Olá—disse muito coibido.

Elizabeth se esfregou os olhos com gesto cansado e os voltou a abrir.

—Ai, Elizabeth, está-te voltando louca —sussurrou. mordeu-se o lábio e arremeteu contra Ivan.

Capítulo 5

Elizabeth soube que estava perdendo a cabeça justo nesse momento. Tinha-lhes ocorrido a sua irmã e a sua mãe e agora tocava a ela. Durante os últimos dias se havia sentido incrivelmente insegura, como se alguém a estivesse observando. Tinha fechado todas as portas com chave, deslocado as cortinas, posto o alarme. Isso teria que ter bastado, mas agora ia dar esse passo mais, equilibrou-se direta à chaminé através do salão, agarrou o atizador de ferro, saiu pressurosa da habitação, fechou com chave e subiu a seu dormitório. Olhou o atizador apoiado na mesita de noite, pôs os olhos em branco e apagou o abajur. Certamente, estava perdendo a cabeça.

Ivan apareceu desde atrás do sofá e olhou em redor. escondeu-se ali pensando que Elizabeth se equilibrava sobre ele. Mas depois, para ouvir o ferrolho da porta quando ela saiu rapidamente do salão, veio-se abaixo com uma decepção como não tinha experiente até então.

Não sou mago, sabem? Não posso me cruzar de braços, assentir com a cabeça, piscar e desaparecer para ato seguido reaparecer no alto de uma livraria nem nada pelo estilo. Não vivo em um abajur, não tenho umas orejitas estranhas, grandes pés peludos nem asas. Não substituo dentes cansados por moedas, não deixo presentes debaixo das árvores nem escondo ovos de chocolate.

Não posso voar, subir pelas paredes dos edifícios nem correr à velocidade da luz.

E não posso abrir portas.

Isso têm que fazê-lo por mim. Os adultos encontram que esta parte é a mais divertida, mas também a mais embaraçosa quando seus filhos a põem de manifesto em público. Eu não me rio de quão adultos não podem encarapitar-se a uma árvore nem dizer o alfabeto ao reverso porque não são fisicamente capazes de fazê-lo. Isso não os converte em monstros ou fenômenos da natureza.

Daí que Elizabeth não tivesse por que ter fechado com chave a porta do salão quando aquela noite foi deitar se, já que de todos os modos eu não podia girar o trinco. Como hei dito, não sou um superhéroe; meu poder especial é a amizade. Escuto às pessoas e ouço o que dizem. Ouço seu tom de voz, as palavras que empregam para expressar-se e, o que é mais importante, ouço o que não dizem.

Ou seja que quão único podia fazer aquela noite era pensar em meu novo amigo Luke. de vez em quando tenho que fazê-lo. Tomo notas mentalmente para logo apresentar um relatório ao departamento de administração. Gostam de guardá-lo tudo arquivado para utilizá-lo nos cursos de formação. Sempre está entrando gente nova. De fato, quando tenho um oco entre amigos dou classes.

Precisava pensar sobre os motivos que me tinham levado ali. O que tinha provocado que Luke quisesse lombriga? Como podia beneficiar-se de minha amizade? Este negócio se dirige com soma profesionalidad e sempre temos que entregar à empresa uma breve historia de nossos amigos, assim como uma lista de nossos propósitos e objetivos. Eu sempre identificava em seguida o problema, mas aquela situação resultava ligeiramente desconcertante. Verão, nunca me tinha feito amigo de um adulto até então. Quem tem conhecido algum entenderá por que. Carecem de sentido da diversão, atem-se estritamente a programas e horários, centram-se nas coisas menos importantes que caiba imaginar, como hipotecas e extratos de contas bancárias, quando todo mundo sabe que a maior parte do tempo é a gente que os rodeia o que lhes faz sorrir. Tudo consiste em trabalho sem nada de jogo, e eu também trabalho duro, em realidade, mas isso não tira que eu goste de muito mais jogar.

Tomemos a Elizabeth como exemplo; está tombada na cama, preocupada com impostos de circulação e faturas de telefone, babás e cores de pintura. Embora não possa pôr um tom magnólia em uma parede segue dispondo de um milhão de outras cores para pintá-la; se não poder pagar a fatura do telefone escreve uma carta à companhia contando-lhe A gente se esquece de que tem opções. E também esquece que essas coisas de fato pouco importam. Deveriam concentrar-se no que têm e não no que não têm. Mas me estou desviando do relato outra vez.

Preocupei-me um pouco por meu trabalho a noite que fiquei encerrado na sala de estar. Era a primeira vez que me acontecia. O que me preocupava era que não entendia por que estava eu ali.

Luke tinha uma situação familiar difícil, mas isso era normal e me constava que se sentia querido. Era feliz e adorava jogar, dormia bem de noite, comia-se quanto lhe punham no prato, tinha um bom amigo que se chamava Sam e quando Luke falava eu lhe escutava com atenção e procurava ouvir as palavras que não estava dizendo, mas não ouvia nada. Gostava de viver com sua tia, tinha medo de sua mãe e adorava falar de planta com seu avô. Mas que Luke me visse cada dia e queria jogar comigo cada dia significava sem dúvida nenhuma que era preciso que eu estivesse ali com ele.

Por outra parte, sua tia nunca dormia, comia muito pouco, estava constantemente rodeada por um silêncio tão ensurdecidor que ensurdecia, não tinha a ninguém próximo com quem falar —com menos que eu tivesse visto— e não dizia muito mais do que em realidade dizia. Tinha-me ouvido dizer obrigado uma vez, tinha notado meu fôlego umas quantas vezes, ouvido o rangido do sofá de pele sob meu peso, mas mesmo assim não podia lombriga nem suportava a idéia de me ter em sua casa.

Elizabeth não queria jogar.

Além disso era uma adulta, punha-me nervoso e não reconhecia um pouco divertido embora lhe desse de pleno na cara, e podem me acreditar se lhes disser que tentei lançar-lhe um montão de

vezes com o passar do fim de semana. De modo que era impossível que eu estivesse ali para ajudá-la. Aquilo era inaudito.

A gente se refere para mim me chamando amigo invisível ou imaginário. Como se me rodeasse um grande mistério. Tenho lido os livros que os adultos têm escrito perguntando-se por que os meninos me vêem, por que acreditam em mim durante tanto tempo para logo deixar súbitamente de fazê-lo e voltar a ser como eram antes. Vi programas de televisão que tratam de debater por que razão os meninos se inventam pessoas como eu.

Assim para que fique bem claro a todos lhes direi que não sou invisível nem imaginário. Sempre ando por aqui exatamente igual a vós. E não é que as pessoas como Luke decidam lombriga, simplesmente me vêem. São as pessoas como vós e Elizabeth quem decide não lombriga.

Capítulo 6

O sol que entrava em torrentes pela janela do dormitório despertou a Elizabeth às seis e oito minutos da manhã. Sempre dormia com as cortinas abertas, costume que tinha adquirido ao criar-se em uma granja, onde tendida na cama via pela janela o atalho que cruzava o jardim até a grade. Ao outro lado começava uma estrada rural que se estendia em linha reta um par de quilômetros da granja. Quando sua mãe retornava de suas correrias, Elizabeth a via caminhar pela estrada não menos de vinte minutos antes de que chegasse a casa. Reconhecia seus andar assim que aparecia ao longe. Aqueles vinte minutos sempre faziam eternos a Elizabeth. A larga estrada tinha um modo particular de aumentar a excitação da Elizabeth, quase como se se burlasse dela.

Até que finalmente ouvia aquele ruído que conhecia tão bem, o chiado da grade dianteira. As dobradiças oxidadas faziam as vezes de banda de bem-vinda para o espírito livre. Elizabeth tinha uma relação de amor e ódio com aquela grade. burlava-se dela igual ao lance reto de estrada e alguns dias para ouvir o chiado corria a ver quem havia na porta e lhe caía a alma aos pés ao encontrar só ao carteiro.

Elizabeth tinha vexado a suas companheiras de quarto na universidade e a seus amantes com a mania de deixar as cortinas abertas.

Não sabia por que tinha posto tanto empenho em conservar aquele costume; certamente não era porque seguisse esperando. Mas agora que era uma mulher adulta as cortinas abertas faziam as vezes de despertador; as deixando abertas sabia que a luz lhe impediria de voltar a sumir-se em um sonho profundo. Até dormindo mantinha alerta e com o guarda bem alta. Elizabeth se deitava para descansar, não para sonhar.

A luz que alagava o dormitório lhe fez entrecerrar os olhos. A cabeça lhe ia estalar. Necessitava café, em seguida. Ao outro lado da janela o canto de um pássaro ressonava na quietude do campo. ao longe uma vaca respondeu a sua chamada. Mas apesar da idílica manhã, aquela manhã de segunda-feira não augurava nada que Elizabeth aguardasse com ilusão. Teria que tratar de fixar uma nova entrevista para a reunião com os construtores do hotel, coisa que não resultaria singela, porque depois do ardil publicitário publicado nos periódicos sobre o novo ninho de amor no alto da montanha estavam chegando desenhistas de todos os rincões do mundo desejosos de dar a conhecer suas idéias. Elizabeth estava molesta; aquele era seu território. Mas esse não era seu único problema.

Luke estava convidado a passar o dia com seu avô na granja. Para a Elizabeth até aí tudo ia bem.

O que não a satisfazia tanto, até o ponto de preocupá-la, era que o avô também esperasse a outro

menino de seis anos que se chamava Ivan. Deveria falar seriamente com o Luke a respeito disso, pois lhe dava medo imaginar o que ocorreria se se mencionasse a existência de um amigo invisível a seu pai.

Brendan era um homem de sessenta e cinco anos, corpulento, largo de costas, silencioso e um tanto anti-social. A idade não lhe tinha suavizado o caráter, mas sim mas bem tinha acrescentado sua amargura e seu ressentimento, inclusive sua confusão. Era curto de idéias e não estava absolutamente disposto a abrir-se ou trocar. Elizabeth tentava pelo menos compreender sua difícil personalidade se ser assim o fazia feliz, mas que ela soubesse as opiniões de seu pai o frustravam e faziam mais desventurada sua vida. Sempre se mostrava sério, estranha vez falava exceto com as vacas ou as hortalças, jamais ria e nas contadas ocasiões em que decidia que alguém era digno de que lhe dirigisse a palavra, soltava-lhe uma conferência ou um sermão. Não era preciso lhe responder.

Não falava para conversar. Falava para sentar cadeira. Passava muito pouco tempo com o Luke, dado que não tinha paciência para as pouco realistas idéias dos meninos, para seus tolos jogos e suas estupidezes. A olhos da Elizabeth quão único a seu pai gostava do Luke era que o menino era como um livro em branco preparado para ser cheio de informação e sem o suficiente conhecimento para pôr em tecido de julgamento ou criticar o que nele se vertia. Os contos de fadas e demais fantasias não tinham capacidade para seu pai. Elizabeth suspeitava que naquela realidade era a única crença que ambos compartilhavam.

Bocejou, estirou-se e, ainda incapaz de abrir os olhos a brilhante luz, procurou provas o despertador na mesita de noite. Embora cada manhã despertava à mesma hora, nunca se esquecia de pôr em hora o despertador. O braço topou com algo frio e duro que caiu com estrépito ao chão.

Seu dormitado coração lhe deu um tombo assustado.

Aparecendo a cabeça pelo bordo da cama viu o atiçador de ferro em cima do carpete branco. Sua «arma» também lhe recordou que tinha que chamar o Rentokil para que a liberassem dos ratos. Tinha notado sua presença na casa ao longo de todo o fim de semana e o pensar que podiam ter acontecido as últimas noites dentro do dormitório a tinha posto tão paranóica que logo que tinha dormido, embora isso não era particularmente incomum em seu caso.

Lavada e vestida, depois de despertar ao Luke baixou à cozinha. Minutos depois, provida da sabida taça de rápido, marcou o número do Rentokil. Luke entrou dormitado à cozinha com o cabelo loiro revoltado e uma camiseta laranja médio remetida nas calças curtas vermelhas, traje que completavam uns meias três-quartos desemparelhados e sapatilhas de esporte providas de luzes que se acendiam a cada passo.

—Onde está Ivan? —perguntou médio grogue, e percorreu a cozinha com a vista como se fosse a primeira vez que a via em sua vida. Cada manhã fazia o mesmo; demorava ao menos uma hora em despertar inclusive depois de haver-se levantado e vestido. Durante as escuras manhãs de inverno ainda demorava mais. Elizabeth supunha que em algum momento dado de suas classes matutinas na escola finalmente cobrava consciência do que estava fazendo.

—Onde está Ivan? —repetiu o menino.

Elizabeth lhe fez calar levando um dedo aos lábios e lhe lançando um olhar iracundo enquanto escutava à empregada do Rentokil. Luke sabia de sobra que não devia interromper a sua tia quando esta falava por telefone.

—Bom, dei-me conta este fim de semana. na sexta-feira à hora do almoço, em realidade, por isso me pregunt...

—Ivan! —chiou Luke, e começou a procurar debaixo da mesa da cozinha, detrás das cortinas, detrás das portas. Elizabeth elevou os olhos ao teto. Já estávamos outra vez.

—Não, em realidade não cheguei a ver nenhum...

—IVAAAAAAN?

—... ainda, mas noto sem lugar a dúvidas que estão aqui—terminou Elizabeth, e tratou de captar a atenção do Luke para poder lhe lançar o olhar iracundo outra vez.

—Ivan! Onde te colocaste? —gritava Luke.

—Cagarrutas? Não, nenhuma cagarruta —disse Elizabeth começando a irritar-se.

Luke deixou de gritar e aguçou o ouvido.

—O que? Não te ouço bem—disse.

—Não, não tenho ratoeiras. Ouça, estou muito ocupada, não tenho tempo para responder tantas perguntas. Não pode enviar a alguém para que o comprove por si mesmo? —espetou Elizabeth.

De repente Luke saiu correndo da cozinha para o vestíbulo. Elizabeth lhe ouviu golpear a porta da sala de estar.

—O que está fazendo aí dentro, Ivan? —perguntou Luke atirando do trinco.

Finalmente Elizabeth terminou sua conversação e pendurou o telefone com fúria. Luke estava

gritando a pleno pulmão através da porta da sala. A Elizabeth lhe alterou o sangue.

—Luke! Vêem aqui agora mesmo!

Os golpes contra a porta do salão cessaram imediatamente. Luke entrou na cozinha arrastando os pés.

—Não arraste os pés! —chiou Elizabeth.

Luke obedeceu e as luzes das reveste de suas sapatilhas se acenderam a cada passo. plantou-se diante dela e falou em voz baixa e com toda a inocência que lhe permitia sua voz aguda.

—por que encerrou ao Ivan no salão ontem à noite?

Silêncio.

Ela tinha que pôr fim a aquilo em seguida. Aproveitaria o momento para sentar-se e falar do assunto com o Luke e depois este respeitaria seus desejos. Ajudaria-lhe a entrar em razão e já não se falaria mais de nenhum amigo invisível.

—Ivan me perguntou por que te levou o atizador da chaminé à cama —adicionou Luke sentindo-se mais crédulo ao ver que Elizabeth tinha deixado de lhe chiar.

Elizabeth explorou.

—Não quero ouvir nenhuma palavra mais a respeito desse tal Ivan, entendido?

Luke ficou pálido.

—Ouviste-me? —gritou Elizabeth. Não lhe deu oportunidade de responder. Sabe tão bem como eu que não há ninguém que se chame Ivan. Não joga a te perseguir, não come pizza, não está no salão e não é seu amigo porque não existe.

Luke enrugou a frente como se fora a tornar-se a chorar. Elizabeth prosseguiu: —Hoje vai a casa de seu avô e se me disser que mencionaste ao Ivan terá que as verta comigo.

Entendido?

Luke ficou a chorar em silêncio.

—Entendido? —repetiu Elizabeth.

Seu sobrinho assentiu lentamente com a cabeça enquanto as lágrimas lhe escorregavam pelas

bochechas.

O sangue da Elizabeth deixou de alterar-se e começou a lhe doer a garganta de tanto gritar.

—Agora sente-se à mesa e te servirei os cereais —adicionou em voz baixa.

Tirou a caixa de Coco Pops. Normalmente não lhe permitia tomar cafés da manhã tão açucarados, mas tampouco podia dizer-se que tivesse falado com o Luke a respeito do Ivan tal como tinha planejado. Constava-lhe que perdia os estribos com muita facilidade. sentou-se à mesa e olhou como Luke enchia de Coco Pops sua terrina de cereais e como tremiam suas mãos de menino com o peso do cartão de leite. Luke derramou um pouco de leite em cima da mesa. Elizabeth se absteve de voltar a lhe gritar, embora a tinha limpo a noite anterior até deixá-la resplandecente. Inquietava-lhe algo do que havia dito Luke, mas não conseguia recordar do que se tratava. Apoiou o queixo na mão e lhe observou comer.

Luke mastigava devagar. Com tristeza. Além do rangido que emitia ao mascar, na cozinha reinava um silêncio sepulcral. Finalmente, transcorridos uns minutos, falou.

—Onde está a chave do salão? —perguntou evitando o olhar da Elizabeth.

—Luke, não fale com a boca enche —disse Elizabeth em voz baixa. Tirou do bolso a chave da sala de estar, saiu ao vestíbulo e fez girar a chave na fechadura da porta da sala. Muito bem, agora Ivan é livre para partir de casa —brincou para ato seguido arrepender-se do dito.

—Pois não —disse Luke causar pena da mesa da cozinha. Não pode abrir portas por si mesmo.

Silêncio.

—Não pode? —repetiu Elizabeth.

Luke negou com a cabeça como se o que acabasse de dizer fosse o mais normal do mundo. Era o mais absurdo que Elizabeth tinha ouvido em sua vida. Que classe de amigo imaginário era Ivan se não podia atravessar paredes e portas? Bem, pois ela não ia abrir lhe a porta, bastante estúpido tinha sido já lhe haver aberto o ferrolho. Retornou à cozinha a recolher as coisas que necessitava para trabalhar. Luke terminou seus cereais, colocou a terrina na lava-louça, lavou-se as mãos, as secou e se dirigiu à porta da sala de estar. Girou o trinco, abriu a porta empurrando, fez-se a um lado, sorriu de brinca a brinca ao vazio, apoiou um dedo nos lábios, assinalou a Elizabeth com a outra mão e sufocou uma risita. Elizabeth lhe olhava horrorizada; depois cruzou o vestíbulo e se plantou ante a porta ao lado do Luke. apareceu à sala de estar.

Vazia.

A moça do Rentokil havia dito que era estranho que houvesse ratos na casa em pleno mês de junho, e enquanto Elizabeth olhava a sala de estar com receio, perguntou-se que diabos estaria fazendo todos aqueles ruídos.

A risita do Luke a tirou de repente de seu transe e, olhando através do vestíbulo, viu-lhe sentado à mesa balançando as pernas o mar de contente e lhe fazendo caretas ao ar. Ao outro lado da mesa havia um sítio adicional disposto com uma terrina recém servida de Coco Pops.

—Menino, que severo é! —sussurrei ao Luke enquanto tomava Coco Pops a colheradas procurando que ela não se desse conta. Normalmente não estou acostumado a sussurrar em presença dos pais, mas como ela já me tinha ouvido um par de vezes nos últimos dias, preferi não correr nenhum risco.

Luke soltou uma risita e assentiu com a cabeça.

—Sempre está assim?

Assentiu de novo.

—Alguma vez joga contigo nem te abraça? —perguntei observando como Elizabeth limpava até o último rincão de uns tabuleiros de cozinha que já refulgiam, e deslocava objetos um centímetro para a direita e um centímetro para a esquerda.

Luke refletiu um momento e disse:

—Mas bem não.

—Mas isso é horrível! E não te importa?

—Edith diz que no mundo há algumas pessoas que não lhe abraçam sem parar nem jogam contigo, mas que mesmo assim lhe querem. É só que não sabem como dizê-lo —respondeu sussurrando.

Elizabeth jogou uma olhada com inquietação.

—Quem é Edith?

—Minha babá.

—Onde está?

—De férias.

—E quem te cuidará enquanto esteja de férias?

—Você. —Luke sorriu.

—Choca-a—pinjente tendendo a mão. Luke a estreitou. Se faz assim —expliquei, sacudindo a cabeça e o corpo inteiro como se tivesse convulsões. Luke se pôs-se a rir e me imitou. Rimos ainda com mais ganha e Elizabeth deixou de limpar para nos olhar fixamente. Abriu uns olhos como pratos.

—Faz muitas perguntas —sussurrou Luke.

—E você responde muitas —repliquei, e ambos nos rimos.

O BMW da Elizabeth estralava com o passar do caminho cheio de buracos que conduzia à granja de seu pai. Agarrava o volante com força, exasperada pelo pó que levantava seu passo e se pegava aos flancos do carro recém lavado. Como tinha podido viver naquela granja durante dezoito anos era algo que escapava a sua compreensão. Não havia maneira de manter nada limpo. As fúcsias silvestres dançavam balançadas pela brisa lhes dando a bem-vinda dos márgenes da estrada.

Flanqueavam os quase dois quilômetros de reta como se fossem as balizas de uma pista de aterrissagem e roçavam os guichês do carro aparecendo seus rostos para ver quem ia dentro. Luke baixou seu guichê e deixou que lhe fizessem cócegas na mão com seus beijos.

Elizabeth rezou para que não viesse tráfico em direção contrária, pois a estrada resultava já estreita para um só carro e não deixava sítio para que passasse outro veículo. Se queria lhe ceder o passo a outro teria que retroceder mais do meio quilômetro por onde tinha vindo. Às vezes lhe dava a impressão de que era o caminho mais comprido do mundo. Embora via o lugar ao que tentava chegar, não obstante teria que dar marcha atrás uma e outra vez para consegui-lo.

Dois passos adiante e um passo atrás.

Era como quando de menina divisava a sua mãe ao longe mas se via obrigada a aguardar os vinte minutos que ela demorava para percorrer o caminho até ouvir o sabido chiado da grade.

Entretanto, graças a Deus havida conta do atraso que já levavam, esta vez não veio ninguém em sentido oposto. Obviamente as palavras da Elizabeth tinham cansado em saco quebrado, posto que Luke se negou a sair de casa até que Ivan se terminou os cereais. Então insistiu em jogar para diante o assento do co-piloto para que Ivan pudesse subir ao assento traseiro.

Elizabeth olhou de esguelha ao Luke. Ia sentado junto a ela com o cinto de segurança grampeado e tirava o braço pelo guichê enquanto cantarolava a mesma canção que tinha estado cantando todo

o fim de semana. Parecia contente. Esperou que não seguisse representando aquela comédia, ao menos enquanto estivesse em casa de seu avô.

Viu seu pai aguardando junto à grade. Uma visão conhecida. Uma ação conhecida. Aguardar era seu forte. Levava as mesmas calças de veludo cotelê marrom que Elizabeth teria jurado que gastava quando ela era menina. Tinha-os metidos nas enlameadas botas de borracha verdes que estava acostumado a ficar na casa. O suéter cinza de algodão, bordado com um descolorido desenho de rombos verdes e azuis, tinha um buraco no centro por onde aparecia o pólo verde de debaixo.

Completavam seu traje uma boina de tweed encasquetada, e na mão direita empunhava um fortificação de endrino se por acaso perdia o equilíbrio. Uma barba cã de três dias lhe decorava o rosto e o queixo. Tinha as sobancelhas muito povoadas e quando franzia o cenho pareciam lhe tampar por completo os olhos cinzas. O nariz de largos guichês cheias de cabelos cinzas ressaltava em seu semblante. Profundas rugas lhe sulcavam a cara, tinha as mãos grandes como pás, os ombros largos como o Vale do Dunloe. Fazia que a casa que tinha detrás parecesse pequena.

Luke deixou de cantarolar assim que viu seu avô e voltou a colocar o braço no carro. Elizabeth freou, apagou o motor e se apeou. Tinha um plano. Assim que Luke desceu do carro fechou a porta e jogou o seguro sem lhe dar tempo a apartar o respaldo do assento para que saísse Ivan. Luke voltou a enrugar o rosto enquanto olhava alternativamente a Elizabeth e o carro.

A grade da casa chiou.

A Elizabeth lhe fez um nó no estômago.

—bom dia —disse uma voz grave e ressonante. Não foi uma saudação. Foi uma asseveração.

Com o lábio inferior tremente Luke pegou a cara e as mãos ao cristal do assento traseiro do carro.

Elizabeth esperou que não agarrasse um manha de criança.

—Não vai lhe dar os bom dia ao avô, Luke? —perguntou Elizabeth com severidade, plenamente consciente de que ela ainda não o tinha saudado.

—Olá, avô —disse Luke com voz entrecortada sem separar a cara do cristal.

Elizabeth considerou a possibilidade de lhe abrir a porta do carro tão somente para evitar uma cena, mas o pensou melhor. Era preciso que Luke superasse aquela etapa.

—Onde está o outro? —troou o vozeirão do Brendan.

—O outro o que?

Elizabeth tomou ao Luke da mão e tentou separá-lo do carro. Os olhos azuis do Luke se fixaram suplicantes nos seus. A ela lhe encolheu o coração. Luke sabia muito bem que não devia provocar uma cena.

—O guri que entende de verduras estrangeiras.

—Ivan —disse Luke tristemente com os olhos arrasados em lágrimas.

Elizabeth interveio em seguida.

—Ivan não pôde vir hoje, verdade, Luke? Talvez outro dia —atravessou com urgência, e antes de que se complicassem as coisas adicionou—: Bom, melhor será que me vá trabalhar se não quiser chegar tarde. Luke, passa um bom dia com o avô, vale?

Luke a olhou com ar vacilante e assentiu.

Elizabeth se odiou a si mesmo, mas lhe constava que fazia bem pondo freio a aquele ridículo comportamento.

—Pois vete já —espetou Brendan assinalando-a com o fortificação de endrino como se a afugentasse, e se voltou para a casa. Quão último ouviu Elizabeth antes de fechar o carro com uma portada foi o chiado da grade. No caminho teve que dar marcha atrás duas vezes para deixar passar a outros tantos tratores. Pelo espelho retrovisor via o Luke e a seu pai, tão distintos de estatura, no jardim dianteiro. Não conseguia partir da casa suficientemente depressa; dava a impressão de que o fluxo do tráfico se empenhasse em empurrar a de volta como se de uma maré se tratasse.

Elizabeth recordou o momento de seus dezoito anos em que lhe sentou de maravilha liberar-se daquela visão. Pela primeira vez em sua vida se ia da casa carregada de bagagem e com a intenção de não retornar até Natal. partia à Universidade do Cork depois de ter ganho a batalha contra seu pai, embora a costa de ter perdido todo o respeito que este tivesse sentido por ela alguma vez. Em lugar de compartilhar o entusiasmo de sua filha se negou a despedir-se dela em seu grande dia. A única figura que Elizabeth viu aquela radiante manhã de agosto ao afastar-se foi a do Saoirse a seus seis anos, de pé ante a casa, com dois desalinhadas acréscimos ruivos e um sorriso de orelha a orelha que revelava os dentes que lhe faltavam, lhe dizendo adeus com a mão freneticamente, cheia de orgulho por sua irmã maior.

Em lugar do alívio e a excitação que sempre tinha sonhado sentir quando o táxi por fim a levasse de sua casa rompendo o cordão umbilical que a amarrava ali, sentiu pavor e preocupação. Não pelo que a aguardava diante, mas sim pelo que estava deixando atrás.

Não lhe correspondia exercer de mãe do Saoirse para sempre, era uma moça que tinha que ser livre,

que tinha que encontrar seu próprio lugar no mundo. Seu pai devia assumir a paternidade que lhe correspondia, cargo que tinha desprezado anos atrás e que se negava a admitir. Agora Elizabeth só esperava que ao estar os dois solos Brendan reconhecesse seus deveres e desse à menina todo o amor que ficasse.

Mas e se não o fazia? Seguiu observando a sua irmã pelo guichê traseiro sentindo-se como se não fora a vê-la nunca mais, e lhe disse adeus com a mão tão depressa e freneticamente como pôde enquanto os olhos lhe enchiam de lágrimas pela pequena vida e o punhado de energia que estava abandonando. Os acréscimos ruivos alvoroçados seguiam sendo visíveis a mais de um quilômetro, de modo que ambas seguiram dizendo-se adeus com a mão. O que faria seu hermanita quando a diversão de despedi-la terminasse e caísse na conta de que estava a sós com o homem que alguma vez falava, alguma vez ajudava e alguma vez dava amostras de amor? Faltou pouco para que Elizabeth pedisse ao condutor que detivera o carro ali mesmo, mas em seguida se disse que devia seguir adiante. Tinha que viver.

«Algum dia fará quão mesmo eu, pequena Saoirse —diziam seus olhos à diminuta figura enquanto se afastava dali. me Prometa que fará o mesmo, que te partirá daqui.»

Com os olhos cheios de lágrimas Elizabeth olhava como a casa se ia fazendo pequena no retrovisor até que por último desapareceu ao chegar ao final do lance reto da estrada. Ato seguido lhe relaxaram os ombros e se deu conta de que tinha contido a respiração todo o momento.

—Bom, Ivan —disse olhando pelo retrovisor o assento traseiro vazio—, suponho que te vem comigo ao trabalho.

Então fez algo muito estranho.

Riu bobamente como um menino.

Capítulo 7

Dance na gCroíthe se estava despertando quando Elizabeth enfiou a ponte de pedra cinza que lhe servia de porta. Dois imensos ônibus cheios de turistas avançavam muito devagar tentando cruzar-se na estreita rua sem roçar-se. Dentro, Elizabeth viu caras esmagadas contra os guichês, gente soltando exclamações, sorrindo e assinalando, câmaras levantadas até os cristais para captar em filme aquela vila como de bonecas. O condutor do ônibus que vinha por volta dela se umedeceu os lábios com cara de concentração e Elizabeth acertou a ver o suor que o perlaba a frente ao manobrar lentamente o desmedido veículo pela estreita rua que em seu dia se desenhara para cavalos e carros.

Os flancos dos ônibus quase se tocavam. Ao lado do condutor o guia turístico, microfone em mão, fazia o possível por entreter a seu público a tão temprana hora da manhã.

Elizabeth jogou o freio de mão e suspirou profundamente. Aquilo ocorria com frequência no povo e sabia que podia durar um bom momento. Duvidava que os ônibus fossem deter-se. Estranha vez o faziam a não ser que efetuassem uma breve parada para ir ao lavabo. Sempre se tinha a impressão de que o tráfico atravessava Baile na gCroíthe sem deter-se jamais. Elizabeth não os culpava; era um lugar estupendo para te ajudar a chegar a em qualquer lugar que fosse, mas não para ficar nele. Os veículos diminuía a marcha e os visitantes tinham ocasião de ver quanto terei que ver, mas logo os condutores pisavam no acelerador e saíam zumbindo pela outra ponta.

Tampouco era que Dance na gCroíthe não fosse bonito; sem dúvida o era e muito. Seu maior motivo de orgulho foi ganhar o concurso Cidade Cuidada por terceiro ano consecutivo, e quando entrava em povo, em cima da ponte um esplendoroso acerto floral formava um rótulo de bem-vinda.

Os acertos florais se aconteciam por toda a localidade. As jardineiras adornavam as fachadas das lojas, havia cestas penduradas das luzes negras, as árvores cresciam ao longo da rua maior. Cada edifício estava pintado de uma cor diferente e a rua maior, a única rua, era um arco íris de tons bolo e cores atrevidas como verdes hortelã, rosas asalmonados, lilás, amarelos limão e azuis do mais variopinto. As calçadas reluziam sem o menor rastro de desperdícios e assim que levantava a vista por cima dos telhados cinzas de piçarra te encontrava rodeado por majestosas montanhas verdes. Era como se Baile na gCroíthe estivesse amassado, acurrucado no seio da Mãe Natureza.

Acolhedor ou asfixiante.

O escritório da Elizabeth estava se localizada entre um mensageiro de correios verde e um supermercado amarelo. O edifício era azul celeste e o local ficava justo em cima do negócio de

tecidos, cortinas e tapeçaria da senhora Bracken. Anteriormente a loja tinha sido a loja de ferragens do senhor Bracken, mas quando este morreu dez anos atrás Gwen decidiu convertê-la em sua própria loja. Conforme parecia tomava decisões fundamentando-se estritamente no que seu defunto marido teria pensado. Abriu a loja «porque é o que o senhor Bracken teria querido». Não obstante, Gwen resistia a sair os fins de semana ou a participar de eventos sociais, dado que «não é o que o senhor Bracken teria querido». Em opinião da Elizabeth, o que fazia feliz ou infeliz ao senhor Bracken parecia concordar o mar de bem com a filosofia vital da senhora Gwen.

Os ônibus avançavam cruzando-se centímetro a centímetro. Dance na gCroíthe com tráfico de hora ponta: o resultado de dois ônibus excessivamente grandes tratando de compartilhar a estreita rua. Finalmente ambos conseguiram acontecer e Elizabeth contemplou com displicência como o guia turístico saltava de seu assento presa de um súbito entusiasmo, microfone em mão, conseguindo converter o que essencialmente era um aborrecido entupo em uma viagem lhe apaixonem por ônibus pelas estradas secundárias da Irlanda. Aplausos e vítores a bordo do ônibus. Uma nação em festa.

Mais flashes pelos guichês e os ocupantes de ambos os ônibus despedindo-se com gestos da mão detrás ter compartilhado a emoção daquela manhã.

Elizabeth seguiu adiante, olhou pelo retrovisor e viu fenecer o entusiasmo da celebração a bordo do ônibus quando este se encontrou de cara com outro no puentecillo que terei que cruzar para sair do povo. Os braços baixaram devagar e os flashes se extinguíram enquanto os turistas se acomodavam preparando-se para outra prolongada luta que lhes permitiria continuar a viagem.

A vila tinha tendência a fazer isso. Quase como se o fizesse a propósito. Abria-te a porta de seu coração com os braços estendidos, mostrava-te quanto tinha que oferecer, com seus flamejantes tenda multicoloridos de fachadas decoradas com flores. Era como levar a um menino a uma loja de guloseimas e lhe mostrar as prateleiras cheias de resplandecentes e açucarados caramelos que lhe faziam a boca água, e ato seguido, enquanto os contemplava com olhos como pratos e o pulso acelerado, proceder a fechar os botes apertando bem as tampas. Assim que tinha percebido a beleza do lugar, dava-te conta de que não tinha nada mais que oferecer.

Curiosamente, resultava mais fácil de cruzar a ponte de entrada que o de saída. Este riscava uma curva peculiar fazendo que o fato de abandonar o povo entranhasse certa dificuldade. Cada vez que passava por ali, Elizabeth se sentia curvada.

Acontecia o mesmo que com a estrada que partia do lar de infância da Elizabeth; resultava-lhe impossível partir depressa. Mas algo tinha aquele povo que sempre terminava por arrastar a de volta em que pese a que durante anos tinha tentado resistir. Em uma ocasião tinha conseguido mudar-se a Nova Iorque. Fez-o seguindo a seu noivo e a oportunidade de desenhar um clube

noturno. adorou viver ali. adorou que ninguém conhecesse seu nome, seu rosto nem a história de sua família. Podia pedir um café, mil classes distintas de café, sem receber um olhar compassivo por qualquer drama familiar recentemente acontecido. Ninguém sabia que sua mãe a tinha abandonado sendo ela uma menina, que sua irmã era uma rebelde de conduta amalucada nem que seu pai apenas lhe dirigia a palavra. adorou estar apaixonada ali. Em Nova Iorque podia ser quem queria ser. Em Dance na gCroítthe não podia escapar de ser quem era, deu-se conta de que todo o momento tinha estado cantarolando com a boca fechada aquela estúpida canção que Luke queria lhe fazer acreditar que era invenção do Ivan». Luke a chamava «a canção do cantarolo» e resultava puñeteramente pegajosa, alegre e repetitiva. Deixou de cantar e estacionou o carro em um espaço livre que encontrou na rua maior. Jogou o assento do condutor para trás e alargou o braço para agarrar a mala do assento traseiro do carro. O primeiro era o primeiro: café. Dance na gCroítthe ainda tinha que iniciar-se nas maravilhas do Starbucks; de fato, só fazia um mês que Joe's finalmente tinha acessado a que Elizabeth se levasse o café ao despacho, mas o proprietário estava começando a faltar-se de ter que lhe pedir que lhe devolvesse as xícaras.

Às vezes Elizabeth pensava que o povo inteiro necessitava uma boa injeção de cafeína. Em determinados dias de inverno era como se o lugar ainda tivesse os olhos fechados e andasse sonâmbulo. Necessitava uma boa sacudida. Mas nos dias do verão como aquele sempre havia bulício com tanto ônibus atravessando o povo. Entrou no estabelecimento do Joe, pintado de cor violeta, que estava virtualmente vazio, como de costume. A idéia de tomar o café da manhã fora de casa ainda não contava com adeptos entre os aldeãos.

—Homem, aqui está ela em pessoa —troou a voz do Joe, com seu deixo local. Seguro que lhe pegaram os lençóis e morre por um café.

—bom dia, Joe.

Joe fingiu que consultava a hora em seu relógio de pulso e deu uns golpecitos à esfera com gesto afetado.

—Esta manhã vamos um pouco atrasados, não? —Arqueou as sobrancelhas. Pensei que igual estava em cama doente de gripe estival. diria-se que todo mundo se contagiou esta semana. — Tentou baixar a voz, mas o único que conseguiu foi baixar a cabeça e subir a voz. Certamente Sandy Ou'Flynn a agarrou justo depois de desaparecer a outra noite do pub com o P. J. Flanagan, que a teve na semana anterior. A pobre se aconteceu todo o fim de semana na cama. —Deu um bufo. De maneira que a acompanhava a sua casa... E um ovo. Não tinha ouvido uma estupidez maior em toda minha vida.

A irritação da Elizabeth ia em aumento. Não lhe interessavam o mais mínimo as intrigas sobre pessoas que não conhecia, e menos ainda tendo sido consciente durante tantos anos de que sua

própria família dava pé a toda sorte de fofocas.

—Um café, Joe, por favor —disse Elizabeth resolutamente fazendo caso omissos de suas divagações. Para levar. Com nata em vez de leite —adicionou com severidade em que pese a que tomava o mesmo cada dia, enquanto pinçava em sua bolsa procurando a carteira a fim de dar a entender ao Joe que não dispunha de tempo para praticar.

Joe foi lentamente até a cafeteira. Para maior chateio da Elizabeth, Joe só despachava uma classe de café. E era café instantâneo. Elizabeth tinha saudades a variedade de sabores que podia tomar em outras cidades; tinha saudades a doce suavidade da baunilha francesa em uma cafeteria de Paris, o cremoso e intenso aroma a nata de avelã em uma buliçosa cafeteria de Nova Iorque, a substanciosa e aveludada obra professora da noz de macadamia em Melam e seu favorito, o Coco Mocha-nut, a mescla de chocolate e coco que a transportava de um banco de Central Park até uma rede no Caribe. Ali, em Dance na gCroítche, Joe enchia a pava elétrica e lhe dava ao interruptor. Uma mísera pava em uma cafeteria e nem sequer tinha posto a água a ferver. Elizabeth pôs os olhos em branco.

Joe a olhava fixamente. Parecia estar a ponto de perguntar: —E o que te atrasou tanto, pois?

Isso.

—São só cinco minutos mais tarde que o habitual, Joe —repôs Elizabeth com ar incrédulo.

—Sei, sei, mas cinco minutos poderiam ser cinco horas para ti. Seguro que os ursos não planejam sua hibernação segundo seu relógio?

Isso fez sorrir a Elizabeth, embora fosse a seu pesar.

Joe riu entre dentes e lhe piscou os olhos o olho.

—Isso está melhor.

A pava avisou de que a água fervia e Joe se voltou para preparar o café.

—Os ônibus me atrasaram —disse Elizabeth em voz baixa agarrando o tigela de mãos do Joe.

—Ah, já os vi. —Assinalou para a janela com o queixo. Jaimsie se arrumou muito bem para sair do entupo.

—Jaimsie?

Elizabeth franziu o cenho e acrescentou uma colherada de nata. Esta se derreteu em seguida e

encheu a taça até o bordo. Joe a olhou com repugnância.

—Jaimsie Ou' Connor. O filho do Jack —explicou. Jack, cuja outra filha, Mary, acaba de celebrar seu compromisso com esse moço do Dublin o passado fim de semana. Vive no Mayfair. Cinco filhos.

Ao pequeno o prenderam a semana passada por lhe arrojarem uma garrafa de vinho ao Joseph.

Elizabeth ficou imóvel e o olhou sem compreender.

—Joseph McCann —repetiu Joe como se estivesse louca por não lhe conhecer— Filho do Paddy.

Vive no Newtown. A mulher morreu o ano passado; afogou-se no pântano. Sua filha Maggie disse que foi um acidente, embora esteja claro que a família resultou suspeita devido à briga que tinham tido por não deixá-la escapar com esse bagunceiro do Cahirciveen.

Elizabeth deixou o dinheiro na barra e sorriu, desejosa de não seguir tomando parte em sua singular conversação.

—Obrigado, Joe —disse dirigindo-se à porta.

—Bom —respondeu Joe para concluir sua divagação—, seja como for Jaimsie era quem conduzia o ônibus. te lembre de me devolver o tigela —acrescentou levantando a voz, e resmungou para si mesmo—: Café para levar, alguém ouviu algo mais absurdo em sua vida?

antes de sair à rua Elizabeth gritou da porta:

—Joe, não pensaste em te agenciar uma cafeteira? Assim poderia fazer cafés com leite e capuchinos e rápidos em vez desta porcária foto instantânea.

Elevou o tigela.

Joe cruzou os braços, apoiou-se contra a barra e replicou com voz aborrecida:

—Elizabeth, se você não gostar de meu café, não lhe beba isso. Eu tomo chá. Só há uma classe de chá que eu goste. chama-se chá. Não tem nenhum nome estrambótico.

Elizabeth sorriu.

—Em realidade há muitas variedades distintas de chá. O chinês...

—Venha, comprado daqui. —Fez um gesto desdenhoso como se queria afugentá-la. Se te saísse com a tua, acabaríamos todos tomando chá com palitos e acrescentando chocolate e nata ao café

como se fosse uma sobremesa. Embora já que o diz, me permita uma sugestão também : o que te parece se compras um hervidor para o escritório e deixa de me torturar?

—E você deixa de faturar?

Elizabeth sorriu e saiu à rua. O povo se havia desperezado depois de um grande bocejo e se dirigia dormitado do dormitório ao quarto de banho. Logo estaria tomado banho, vestido e completamente acordado. Como de costume ela ia um passo por diante em que pese a que aquele dia levasse certo atraso.

Elizabeth sempre era primeira em chegar; adorava o silêncio, a quietude que reinava no escritório a aquela hora do dia. Ajudava-a a concentrar-se na jornada que a aguardava antes de que seus buliçosas colegas comessem a fazer ruído e o tráfico tomasse as ruas. Elizabeth não era dada a conversar e rir bobamente. Assim como só comia para manter-se com vida, só falava para dizer o que tinha que dizer. Não era o tipo de mulher a quem ouvia de soslaio nos restaurantes e cafeterias rendo entre dentes e fofocando sobre o que alguém havia dito algum dia a respeito de algo. As conversações vões não despertavam seu interesse.

Não esmiuçava nem analisava conversações, olhadas, aparências nem situações. Dobre-os sentidos não foram com ela; sempre dizia o que queria dizer. Não desfrutava com os debates e as discussões acaloradas. Mas sentada no silêncio de seu pequeno despacho supôs que esse era o motivo pelo que não contava com um círculo de amizades. Antigamente tinha procurado ter mais trato social, sobre tudo em seus tempos de universitária, com tentativas por adaptar-se ao novo entorno, mas, tal como lhe acontecia na atualidade, em seguida se desconectava dos bate-papos intrascendentes.

Nunca tinha suspirado por fazer amigos. Da infância tinha gostado de sua própria companhia e desfrutado com seus próprios pensamentos e logo, na adolescência, teve ao Saoirse como distração.

Gostava da ordem metódica que lhe permitia depender de si mesmo e organizar seu tempo mais eficazmente que se tivesse amigos. A sua volta de Nova Iorque lhe ocorreu montar uma festa em sua casa nova com os vizinhos. Pensou que seria um bom modo de recomeçar de zero e tentar fazer amizades, tal como fazia quase todo mundo, mas como de costume Saoirse irrompeu na casa e de um solo e maligno puxão as arrumou para ofender a todos e cada um dos convidados sentados à mesa. Acusou ao Ray Collins de ter uma aventura, ao Bernie Conway de ter um trabalho estúpido e ao sexagenário Kevin Smith de olhá-la como um velho verde. O resultado das barbaridades e os desvarios do Saoirse foram o choro do Luke (que contava nove meses), umas quantas caras avermelhadas ao redor da mesa e um costillar de cordeiro queimado.

É obvio os vizinhos não foram tão curtos de idéias para pensar que Elizabeth era responsável pela conduta de sua família, mas depois daquilo ela se deu por vencida. Dado seu escasso instinto

gregário preferiu evitar o abafado de ter que dar explicações e desculpar-se a três por quatro.

Para ela o silêncio valia mais que mil palavras. No silêncio achava paz e clareza. Salvo durante a noite, pois então o embrulho de seus próprios pensamentos a mantinha acordada soando como mil vozes que se pisavam e interrompiam tanto que com muita dificuldade conseguia fechar os olhos.

Agora a tinha o comportamento preocupada do Luke. O personagem do Ivan levava muito tempo rondando pela cabeça de seu sobrinho. Com o passar do fim de semana tinha observado ao Luke caminhar, falar e jogar a sós, gargalhando-se e rindo pelo bajini como se o estivesse passando em grande. Possivelmente estivesse passando por cima algo que ela devia fazer a respeito. E Edith não estava ali para presenciar aquele estranho comportamento e ocupar-se de resolvê-lo com o maravilhoso tato do que sempre fazia ornamento em seu trato com o Luke. Talvez Elizabeth devesse saber automaticamente como atuar. Uma vez mais os mistérios da maternidade levantavam sua feia cabeça e ela não tinha a quem pedir conselho. Tampouco tinha um exemplo de que aprender. Bom, isso não era verdade em sentido estrito; tinha aprendido que não fazer, lição tão boa como qualquer outra. Até então se guiou pelo instinto, tinha cometido uns quantos enganos pelo caminho, mas em termos gerais considerava que Luke se converteu em um menino educado e equilibrado. Embora possivelmente o estivesse fazendo todo mal. E se Luke terminava sendo como Saoirse? O que tinha feito ela tão mal com o Saoirse quando era menina para provocar que terminasse sendo como era?

Elizabeth grunhiu consternada e apoiou a cabeça no escritório.

Acendeu o computador e tomou uns sorvos de café enquanto este arrancava. Logo foi ao Google, escreveu as palavras «amigo imaginário» e pulsou «Busca». Centenas de sítios apareceram em sua tela. Meia hora mais tarde se sentia muito melhor a propósito do caso Ivan.

Para sua surpresa aprendeu que os amigos imaginários eram muito comuns e que não supunham um problema sempre e quando não interferissem na vida normal do menino. Embora o mesmo feito de ter um amigo imaginário constituía uma interferência direta na vida normal, ao parecer não supunha um problema segundo os médicos online. Sítio detrás sítio lhe disseram que perguntasse ao Luke o que pensava e fazia Ivan, já que essa seria uma forma positiva de dar a Elizabeth uma idéia do que estivesse pensando Luke. De fato, respiraram a Elizabeth a pôr a mesa contando com seu convidado fantasma e insistiram em que não era preciso que tirasse reluzir que o «amigo» do Luke só existia em sua imaginação. Aliviou-a inteirar-se de que os amigos imaginários eram um indício de criatividade e não de solidão nem de estresse.

Mesmo assim, não obstante, aquilo ia resultar difícil a Elizabeth. Atentava contra tudo no que acreditava. Seu mundo e a terra da fantasia existiam em dois planos muito diferentes e lhe custava o inexprimível fazer comédia. via-se incapaz de fazer ruiditos de bebê a um recém-nascido, de

fingir que se escondia tampando-se com as mãos ou de dar vida ou voz a um urso de peluche. Nem sequer de estudante tinha conseguido fazer teatro improvisado. Tinha crescido sabendo que não devia fazer isso, que não devia parecer-se com sua mãe por medo de que seu pai se zangasse. O tinham inculcado desde pequenita e agora os peritos lhe estavam dizendo que todo isso tinha que trocar, terminou-se o café em que pese a que já estava frio e leu a última frase da tela.

«Os amigos imaginários desaparecem transcorridos três meses, tanto se os respira como se não.» dentro de três meses estaria mais que contente de ver as costas do Ivan e retornar de novo à vida normal. Passou as páginas de seu calendário e marcou o mês de agosto com um círculo vermelho. Ivan não se partiu de sua casa para então, não duvidaria em abrir a porta e lhe mostrar o caminho de saída ela mesma.

Capítulo 8

Ivan ria enquanto dava voltas na cadeira giratória de pele negra do mostrador de recepção situado fora do despacho da Elizabeth, a quem ouvia falar por telefone na habitação contígua organizando uma reunião com sua aborrecida voz de adulta. Mas assim que pendurou o telefone a ouviu cantarolar de novo sua canção. Riu para seus adentros. Definitivamente a melodia era aditiva; uma vez que te metia na cabeça logo que podia fazer nada para te liberar dela.

Girou na cadeira cada vez mais depressa fazendo piruetas sobre rodas até que lhe revolveu o estômago e lhe palpitaram as têmporas. Decidiu que dar voltas na cadeira era seu jogo favorito. Ivan sabia que ao Luke teria gostado de jogar a dar voltas na cadeira e ao recordar seu triste carita esmagada contra o guichê do carro a primeira hora da manhã a mente foi pelos ramos e a cadeira perdeu velocidade. Ivan tinha muitas vontades de visitar a granja e além lhe tinha dado a impressão de que ao avô do Luke lhe convinha um pouco de diversão. Nisso era semelhante a Elizabeth. Dois velhos odirrugas aborrecidos.

Enfim, ao menos aquela separação dava tempo ao Ivan para observar a Elizabeth com vistas a redigir um relatório sobre ela. Tinha uma reunião ao cabo de poucos dias em que teria que apresentar ao resto da equipe o perfil dos sujeitos com quem estava trabalhando naquele momento. Faziam-no muito freqüentemente. Bastariam uns quantos dias mais com ela para demonstrar que não lhe via e logo poderia voltar a concentrar-se no Luke. Possivelmente houvesse algo que estivesse passando por cima apesar de seus anos de experiência.

Quando começou a sentir-se enjoado Ivan pôs um pé no chão para deter-se. Decidiu saltar da cadeira giratória para fingir que saltava de um carro em marcha. Rodou de maneira teatral pelo chão tal como o faziam nos filmes, levantou a vista de onde tinha ficado feito um novelo e viu diante dele a uma garota que olhava boquiaberta as evoluções da cadeira giratória.

Ivan a viu percorrer o escritório com a vista para comprovar se havia alguém mais presente. A moça franziu o cenho, aproximou-se do escritório como se caminhasse por um campo minado e deixou a bolsa em cima do escritório com supremo cuidado, como se temesse incomodar à cadeira, certificou-se de que ninguém a estava observando e logo se aproximou nas pontas dos pés ao assento para estudá-lo. Adiantou as mãos como se tratasse de domar a um cavalo selvagem.

Ivan se pôs-se a rir.

Visto que não havia nada estranho Becca se arranhou a cabeça maravilhada. Talvez Elizabeth tinha estado sentada na cadeira justo antes de que ela entrasse. Sorriu com cumplicidade ante a idéia da Elizabeth dando voltas como um menino com o cabelo recolhido e um de seus trajes negros de

corte impecável e seus cômodos e práticos sapatos oscilando no ar. Não, a imagem não encaixava com ela. No mundo da Elizabeth as cadeiras estavam feitas para sentar-se nelas. Assim que isso foi exatamente o que fez Becca e ficou a trabalhar imediatamente.

—Bom dia a todas —gorjeou uma voz da porta mais tarde essa manhã. Uma saltitanta Poppy com o cabelo cor ameixa entrou no escritório embainhado em uns nos cubra acampanados com bordados de flores, com sapatos de plataforma e uma camiseta tinta em casa de estilo hippy. Como de costume, até o último centímetro de seu corpo estava salpicado de pintura. Todo mundo aconteceu um bom fim de semana?

Sempre falava com uma entonação cantarina e parecia que dançasse ao mover-se, balançando os braços com o garbo de um elefante.

Becca assentiu com a cabeça.

—Estupendo. —Poppy se plantou diante da Becca com os braços em jarras. O que tem feito, Becca, te apontar a um grupo de debate? Saiu por aí com um tio e lhe comeu a orelha? Ou o que?

Becca lia um livro e não lhe fez o menor caso.

—Caray, isso é fabuloso, miúdo desmame! Sabe uma coisa? eu adoro o bom humor que se respira neste escritório.

Becca passou uma página do livro.

—De verdade? —prosseguiu Poppy. Bom, já me contaste bastante por agora. Deixa que o digira, se não te importar. Que demon...?

separou-se de um salto do escritório da Becca e emudeceu.

Becca não levantou a vista do livro.

—Leva toda a manhã fazendo isso —disse em um tom lento.

Poppy ficou paralisada.

O escritório se sumiu em um silêncio absoluto durante uns minutos enquanto Becca lia seu livro e Poppy olhava fixamente o que ocorria diante dela. Em seu escritório, Elizabeth ouviu o prolongado silêncio e apareceu à porta.

—Vai tudo bem, garotas? —perguntou.

Um misterioso chiado foi a única resposta.

—Poppy?

Poppy não moveu a cabeça ao responder:

—A cadeira.

Elizabeth saiu de seu escritório. Voltou a cabeça na mesma direção. A cadeira salpicada de pintura de atrás do escritório do Poppy —a quem Elizabeth levava meses tentando convencer para que se livrasse dela— dava voltas por si mesmo fazendo chiar seus parafusos. Poppy soltou uma gargalhada nervosa. Ambas se aproximaram para examiná-la. Becca seguia lendo seu livro em silêncio como se fosse a coisa mais normal do mundo.

—Becca —disse Elizabeth médio rendo—, viu isto?

Becca permaneceu com os olhos cravados na página.

—estive fazendo-o durante a última hora —disse em voz baixa. Não faz mais que parar e voltar a começar todo o momento.

Elizabeth franziu o cenho.

—trata-se de alguma nova criação artística tua, Poppy?

—Oxalá fosse —respondeu Poppy, ainda sobressaltada.

As três observaram em silêncio a rotação da cadeira. Chiado, chiado, chiado.

—Talvez deveria chamar o Harry. Certamente se tratará de um pouco relacionado com os parafusos —raciocinou Elizabeth.

Poppy arqueou as sobrancelhas com incredulidade.

—Claro, seguro que os parafusos a fazem girar como louca —disse sarcásticamente contemplando maravilhada os giros da cadeira multicolorido.

Elizabeth se tirou um penugem imaginário da jaqueta e pigarreou.

—Sabe uma coisa, Poppy? Já vai sendo hora de que faça retapizar sua cadeira. Duvido que cause uma impressão muito positiva aos clientes que vêm a nos ver. Estou convencida de que Gwen o faria rapidamente, tratando-se de ti.

Poppy abriu muito os olhos.

—Mas se estiver o mar de bem assim —protestou. É uma expressão de minha personalidade, uma prolongação de mim mesma. É o único objeto desta habitação no que posso me projetar. — Olhou a seu redor com desagrado. Esta puñetera habitação beis. —Pronunciou o nome da cor como se fosse o de uma enfermidade. E a senhora Bracken passa mais tempo fofocando com essas colegas delas que não têm nada melhor que fazer que deixar cair pela loja diariamente que trabalhando.

—Sabe de sobra que isso não é verdade. E recorda que não todo mundo aprecia seu gosto. Além disso, sendo como somos uma empresa de desenho de interiores deveríamos mostrar desenhos menos... alternativos e mais em sintonia com o que a gente pode pôr em seus lares. —Estudou a cadeira um pouco mais. Parece como se um pássaro com graves transtornos intestinais a tivesse utilizado como privada.

Poppy a olhou orgulhosamente.

—Alegra-me ver que alguém captou a idéia.

—De todos os modos, já te deixei pôr esse biombo. —Elizabeth assinalou com a cabeça a tela que Poppy tinha decorado com todas as cores e materiais conhecidas pelo homem para que fizesse as vezes de tabique divisório entre a Becca e ela.

—Sim, e às pessoas adora este biombo —disse Poppy. Já recebi três pedidos de clientes.

—Pedindo o que? Que a derrube? —Elizabeth sorriu.

Ambas estudaram o biombo pensativamente, com os braços cruzados e a cabeça inclinada como se estudassem uma obra de arte em um museu, enquanto a cadeira continuava dando voltas diante delas.

De repente a cadeira deu um salto e o biombo do Poppy caiu ao chão com grande estrépito. As três mulheres se sobressaltaram e deram um passo atrás. A cadeira começou a perder impulso e terminou detendo-se.

Poppy se tampou a boca com a mão.

—É um sinal —disse com voz apagada.

Ao outro lado da habitação a normalmente silenciosa Becca ficou a rir a gargalhadas.

Elizabeth e Poppy cruzaram um olhar atônito.

—Hummm —foi quanto Elizabeth pôde dizer antes de voltar-se lentamente e retornar a seu escritório.

Convexo no chão do escritório, onde tinha cansado ao saltar da cadeira, Ivan se agarrou a cabeça com as mãos até que a habitação deixou de dar voltas. Doía-lhe a cabeça e tinha tirado a conclusão de que possivelmente a cadeira giratória já não seguia sendo seu favorita. Um tanto enjoado, observou a Elizabeth entrar em seu escritório e fechar a porta a suas costas com o pé. levantou-se de um salto e equilibrando-se para ela conseguiu deslizar-se pela fresta antes de que se fechasse. Hoje Elizabeth não ia deixar o encerrado, sentou-se na cadeira (não giratória) do escritório da Elizabeth e jogou uma olhada à habitação, sentiu-se como se estivesse no despacho de um diretor de colégio aguardando a que o repreendessem. A atmosfera, silenciosa e tensa, era a de um despacho de diretor, e também cheirava de forma parecida, salvo pelo aroma do perfume da Elizabeth que tanto lhe agradava. Ivan tinha estado em uns quantos despachos de diretor com anteriores amigos íntimos, de modo que conhecia muito bem aquela sensação. Nos cursos de formação estavam acostumada lhes dizer que não fossem ao colégio com seus amigos íntimos. Sua presença nas salas-de-aula era de tudo desnecessária e essa norma se introduziu porque os meninos se metiam em dificuldades e os pais recebiam chamadas de seus professores. Em troca, estavam autorizados a rondar pelas imediações e aguardar no pátio até a hora do recreio. E inclusive se os meninos decidiam não jogar com eles no pátio, sabiam que não andavam longe e isso lhes dava mais confiança para jogar com outros guris. Tudo isto era resultado de anos de investigação, mas Ivan tendia a fazer caso omisso desses dados e estatísticas.

Se seu melhor amigo lhe necessitava no colégio, ali estaria ele e certamente não lhe daria nenhum medo saltá-las normas.

Elizabeth estava sentada detrás de um grande escritório de cristal em uma enorme poltrona de pele negra, vestida com um austero traje também negro. Que ele soubesse, sempre se vestia com as mesmas cores: negro, marrom e cinza. Muito sóbrios e muito aborrecidos, aborrecidos, aborrecidos. O escritório estava imaculado, resplandecente e cintilante, como se acabassem de lhe tirar brilho. Em cima só havia um ordenador e seu correspondente teclado, uma grossa agenda negra e o trabalho sobre o que estava inclinada Elizabeth, que ao Ivan pareceu que era uma aborrecida série de partes de tecido atalho em cuadraditos. Todo o resto estava guardado em uns armários negros. Os únicos objetos que havia à vista eram as fotos emolduradas de habitações que obviamente tinha decorado Elizabeth. Igual a na casa, não havia nenhum indício a respeito da personalidade do ocupante do despacho. Só branco, negro e cristal. Teve a sensação de estar em uma espaçonave. No despacho do diretor de uma espaçonave.

Ivan bocejou. Sem lugar a dúvidas, Elizabeth era uma adirruba. Não tinha nenhuma foto de parentes ou amigos, nenhum brinquedo de peluche sentado em cima do ordenador, e Ivan não viu nem rastro do desenho que Luke fazia para ela durante o fim de semana. Elizabeth havia dito que

o poria em seu escritório. O único interessante era uma coleção de tigelas do Joe's alinhada no batente da janela. Apostou a que Joe não estaria nada contente com aquilo, inclinou-se para diante, apoiou os cotovelos em cima do escritório e pegou seu rosto ao dela. A expressão da Elizabeth era de pura concentração, tinha a frente Lisa e nenhuma só ruga lhe sulcava a pele, como normalmente lhe ocorria. Seus lábios brilhantes, que ao Ivan cheiravam a morango, franziam-se e alisavam delicadamente enquanto Elizabeth cantarolava para si quedamente.

Nesse instante sua opinião a respeito dela trocou outra vez. Já não era a diretora de colégio que parecia quando estava com outras pessoas; agora a via tranqüila, serena e relaxada, muito distinta de como estava acostumado a estar quando pensava a sós. Ivan supôs que se devia a que por uma vez não estava preocupada. Depois de observá-la um momento, os olhos do Ivan baixaram à parte de papel sobre o que estava trabalhando. Entre os dedos Elizabeth sustentava um lápis de cor marrom com o que sombreava o desenho de um dormitório.

Os olhos do Ivan se iluminaram. Colorir era com muito seu passatempo favorito. levantou-se da cadeira e ficou detrás dela para ver melhor o que estava fazendo e averiguar se tinha a habilidade de não sair-se das raias. Era canhota. Ivan se inclinou sobre seu ombro e apoiou um braço em cima do escritório para não perder o equilíbrio. Estava tão perto dela que cheirava o aroma a coco de seus cabelos. Inspirou profundamente e uns cabelos lhe fizeram cócegas no nariz.

Elizabeth parou de colorir um momento, fechou os olhos, jogou a cabeça para trás, relaxou os ombros, inspirou profundamente e esboçou um sorriso para si mesmo. Ivan fez o mesmo e notou que a pele da Elizabeth lhe roçava a bochecha. estremeceu-se. Foi uma sensação agradavelmente estranha. Como a de quando lhe davam um caloroso abraço, e isso estava bem porque abraçar era com muito o que mais gostava deste mundo. sentiu-se aturdido e um pouco enjoado, mas não como quando se enjoava dando voltas na cadeira. Esta sensação era muito melhor. Prolongou a sensação uns instantes até que por fim ambos abriram os olhos ao mesmo tempo e baixaram a vista ao desenho do dormitório. Elizabeth aproximou a mão ao lápis marrom como se titubeasse entre agarrá-lo ou não.

Ivan gemeu quedamente.

—Não escolha o marrom outra vez, Elizabeth. Venha, te decida por outra cor, como esse verde lima —lhe sussurrou ao ouvido sabendo de que não podia lhe ouvir.

A mão da Elizabeth ficou suspensa no ar como se uma força magnética lhe impedisse de tocá-lo.

Apartou-a pouco a pouco do lápis marrom chocolate e a dirigiu para o verde lima. Esboçou um sorriso como se lhe divertisse sua eleição e com soma cautela tomou o instrumento com a mão como se fosse a primeira vez que o fazia. Fez-o girar entre os dedos como se lhe sustentá-lo

produzira uma sensação desconhecida. Lentamente começou a colorir as almofadas pulverizadas pela cama e finalmente a tumbona que havia em um rincão da habitação.

—muito melhor —sussurrou Ivan sentindo-se orgulhoso.

Elizabeth sorriu e fechou os olhos de novo respirando lenta e profundamente.

De repente bateram na porta.

—Posso passar? —cantarolou Poppy.

Elizabeth abriu os olhos como se os movesse uma mola e deixou cair da mão o controvertido lápis verde como se se tratasse de uma arma perigosa.

—Sim —respondeu levantando a voz e retrepándose na poltrona, de modo que roçou um instante o peito do Ivan com o ombro. Elizabeth olhou detrás dela, tocou-se o ombro com a mão como se o limpasse e se voltou para o Poppy, que entrava dançando na habitação com os olhos brilhantes de entusiasmo.

—vamos ver, Becca acaba de me dizer que tem outra reunião com a gente do hotel do amor.

Suas palavras fluíram enlaçadas de seus lábios como se estivesse cantando uma canção.

Ivan se sentou no batente a costas da Elizabeth e estirou as pernas. Ambos cruzaram os braços sobre o peito de uma vez. Ivan sorriu.

—Poppy, por favor, não o chame o hotel do amor. —Elizabeth se esfregou os olhos cansativamente.

Ivan se decepcionou. Ali estava outra vez aquela voz adirrubá.

—Muito bem, pois o hotel a secas, então —replicou Poppy remarcando as palavras. Tenho algumas ideia. Imagino camas de água com forma de coração, banhos quentes, taças de champanha que saem das mesinhas de noite. —Baixou a voz até um excitado sussurro. Imagino uma fusão da era Romântica com o art déco. Caspar David Friedrich se encontra com o Jean Dunard. Será uma explosão de intensos vermelhos, borgoñas e granadas que lhe farão sentir agasalhado pelo estofó aveludado de um útero. Velas em qualquer parte. O penteadeira francês se funde com...

—Las Vegas —concluiu Elizabeth secamente.

Poppy saiu de seu transe com um gesto de decepção.

—Poppy —suspirou Elizabeth—, já o discutimos. Acredito que por esta vez deveria te rodear à resenha do projeto.

—Ora —se deixou cair na cadeira como se lhe tivessem golpeado o peito—, mas essa resenha é muito aborrecida.

—Isso, isso! —Ivan ficou de pé e aplaudiu. Adirruba —disse a Elizabeth ao ouvido em voz alta.

Elizabeth fez uma careta e se esfregou a orelha.

—Lamento que o sinta assim, Poppy, mas por desgraça o que você considera aborrecido é o que outras pessoas escolhem para decorar sua casa. Entornos habitáveis, cômodos e relaxantes. A gente não quer retornar a seu lar depois de uma jornada de trabalho e encontrar-se com uma casa que lhes envia vibrações dramáticas desde cada viga nem cores que lhes dão dor de cabeça. Depois do estresse dos lugares de trabalho, as pessoas só pedem lares manejáveis, relaxantes e serenos. —Era o discurso que largava a todos seus clientes. E isto é um hotel, Poppy. Temos que agradar a toda classe de pessoas e não só aos poucos, os muito escassos, em realidade, que desfrutariam residindo em um útero estofado de veludo —adicionou sem mover um só músculo do rosto.

—Bom, não conheço muitas pessoas que não tenham residido ao menos uma vez em úteros estofados de veludo. Você sim? Acredito que ninguém se livrou disso, ao menos neste planeta. —Seguiu tentando-o. Poderia despertar reconfortantes lembranças na gente.

Elizabeth pareceu enojada.

—Elizabeth. —Poppy choramingou seu nome e se desabou dramaticamente na cadeira frente a ela. Tem que haver algo no que me deixe pôr meu selo. Sinto-me muito constrangida aqui, é como se meus fluidos criativos não pudessem discorrer Y... OH, isso está muito bem! —disse súbitamente alegre inclinando-se para olhar o esboço que Elizabeth tinha diante. As cores chocolate e lima juntas criam um efeito magnífico. Como se explica que precisamente você os tenha eleito?

Ivan voltou a aproximar-se da Elizabeth e ficou em cuclillas para lhe ver a cara. Elizabeth contemplou o bosquejo que tinha diante como se o visse pela primeira vez. Franziu o cenho e ato seguido se relaxou.

—Não sei, a verdade. Simplesmente... —Fechou os olhos um instante, respirou profundamente e recordou a sensação. Foi simplesmente como se... como se de repente chegasse flutuando a minha mente.

Poppy sorriu e assentiu entusiasmada com a cabeça.

—Vê-o? Agora entenderá o que me ocorre . Não posso reprimir minha criatividade, entende? Sei exatamente o que quer dizer. É algo natural e instintivo —os olhos lhe brilhavam e baixou a voz até um sussurro—, como o amor.

—Isso, isso —repetiu Ivan observando a Elizabeth tão de perto que quase lhe tocava a bochecha com o nariz, embora esta vez foi um leve sussurro o que fez revoar os cabelos soltos da Elizabeth ao redor de sua orelha.

Capítulo 9

—Poppy, chamaste-me? —perguntou Elizabeth um momento depois desde atrás do montão de amostras de tapetes empilhados em seu escritório.

—A resposta volta a ser não —disse a voz enfasiada do Poppy. E, por favor, procura não me distrair enquanto estou encarregando dois mil botes de pintura magnólia para projetos futuros.

Possivelmente deveríamos ser previsoras e planejar as compras dos próximos vinte anos — resmungou para si, e ato seguido resmungou em voz mais alta para que a ouvisse Elizabeth—, pois nada indica que vamos trocar nossas idéias em um futuro imediato.

—Vale, vale. —Elizabeth sorriu dando-se por vencida. Pode encarregar outra cor também.

Poppy por pouco cai da cadeira de tanto entusiasmo.

—Encarrega também uns quantos centenas de botes de beis, já que está nisso. chama-se «Cevada».

—Ja, ja —disse Poppy secamente.

Ivan arqueou as sobrancelhas olhando a Elizabeth.

—Elizabeth, Elizabeth —cantarolou—, acaba de fazer uma piada? Parece-me que sim.

Olhou-a fixamente com os cotovelos apoiados no escritório. Suspirou e as mechas do cabelo da Elizabeth voltaram a revoar.

Elizabeth ficou paralisada, olhou a esquerda e direita com receio e seguiu trabalhando.

—OH, vêem como me trata? —disse Ivan histriónicamente levando a mão à frente e fingindo que se desvanecia sobre uma poltrona de couro negro que havia em um rincão. É como se nem sequer estivesse aqui —declarou. Pôs os pés em cima do assento e olhou ao teto. Isto não é como estar no despacho de um diretor de colégio, é como estar na consulta de um loquero. —Fixou a vista nas gretas do teto e falou com acento americano. Verá, doutor, tudo começou quando Elizabeth decidiu não me ter em conta —disse levantando a voz. Fez que sentisse que ninguém me queria, que me sentisse terrivelmente sozinho. Como se não existisse. Como se não fosse nada —exagerou. Minha vida é um desastre. —Fingiu chorar. Tudo é culpa da Elizabeth. —interrompeu-se e a contemplou um momento enquanto ela combinava tapetes com tecidos e cartas de cores, e quando voltou a falar o fez recuperando seu tom normal e disse em voz baixa—: Mas é culpa dela que não possa lombriga porque lhe dá muito medo acreditar. Não é certo, Elizabeth?

—O que? —gritou Elizabeth outra vez.

—O que quer dizer com «o que»? —respondeu a gritos uma irritada Poppy. Eu não hei dito nada!

—Chamaste-me.

—Não, não te chamei, está ouvindo vozes outra vez. E, por favor, deixa já de cantarolar essa maldita canção! —chiou Poppy.

—Que canção? —Elizabeth franziu o cenho.

—Essa que leva cantarolando toda a Santa amanhã. Está-me voltando louca.

—Muito obrigado! —interveio Ivan levantando-se e fazendo uma exagerada reverência antes de desabar seu corpo outra vez sobre a poltrona— Essa canção me inventei isso eu. Morre de inveja, Andrew Lloyd Webber.

Elizabeth seguiu trabalhando. ficou a cantarolar de novo e se interrompeu imediatamente.

—Sabe uma coisa, Poppy? —gritou Ivan à outra habitação. Parece que Elizabeth pode me ouvir.

—Entrelaçou as mãos em cima do peito e fez girar os polegares. Me parece que pode me ouvir muito bem. Não é certo, Elizabeth?

—Santo céu! —Elizabeth deixou cair as amostras em cima do escritório. Becca, é você quem está dizendo meu nome?

—Não —respondeu Becca com voz apenas audível.

Elizabeth se ruborizou com expressão atarraxada, envergonhada de parecer tola diante de suas empregadas. Com a intenção de fazer valer de novo sua autoridade, levantou a voz severamente.

—Becca, pode ir me buscar um café ao Joe's?

—OH, por certo —cantorolou Ivan passando-o em grande—, não esqueça lhe dizer que se leve uns desses tigelas. Joe o agradecerá.

—OH —Elizabeth estalou os dedos como se acabasse de recordar algo— aproveita para te levar uns destes tigelas contigo. —Tendeu a Becca um tigela de café. Acredito que Joe —fez uma pausa e se mostrou confundida— o agradecerá.

—Vá, está claro que pode me ouvir —riu Ivan. Só é que se nega a admiti-lo. Essa imperiosa mentalidade que tem não o permitirá. Tudo é branco ou negro para ela. —E em seguida adicionou

—: Ou beis. Mas vou arejar um pouco as coisas por aqui e nos vamos divertir. Tem-no feito alguma vez, Elizabeth? Divertiste-te?

Seus olhos dançaram peraltas. Baixou as pernas da poltrona e se levantou de um salto. sentou-se no bordo do escritório da Elizabeth e olhou as páginas impressas de informação online sobre amigos imaginários. Estalou a língua em sinal de desaprovação e negou com a cabeça.

—Não me diga que te tragaste toda essa gíria, Lizzie. Posso te chamar Lizzie?

Elizabeth enrugou o semblante.

—Vá —disse Ivan com ternura—, você não gosta que lhe chamem Lizzie, verdade?

Elizabeth pigarreou.

Ivan se tombou no escritório em cima das amostras de tapetes e apoiou a cabeça em uma mão.

—Bom, tenho notícias para ti. —Baixou a voz até um sussurro. Sou real. E não penso partir até que abra bem os olhos e me veja.

Elizabeth deixou de toquetear as cartas de pintura e levantou os olhos lentamente. Percorreu o despacho com a vista e logo ficou olhando fixamente à frente. Por alguma razão se sentia acalmada, mais acalmada do que tinha estado em muito tempo. Estava em transe, olhando ao vazio mas incapaz de pestanejar ou apartar a vista, sentindo-se imersa em uma cálida segurança.

De repente a porta do despacho se abriu de repente, tão depressa e bruscamente que o trinco se estrelou contra a parede. Elizabeth e Ivan se levaram um bom susto.

—Uuuuuy, minhas desculpas por interromper aos tortolitos —riu socarronamente Saoirse da porta.

Ivan saltou do escritório.

Elizabeth, perplexa, começou a ordenar o escritório em seguida, um ato reflito natural nela ante o pânico da inesperada aparição de sua irmã menor. alisou-se a jaqueta e se aparou o cabelo.

—Deixa, deixa, por mim não te incomode em ordenar. —Saoirse fez um gesto desdenhoso com a mão sem deixar de mascar chiclete a toda velocidade. se preocupa muito por tudo, sabe? Baixa suas revoluções. —Seus olhos foram de cima abaixo ao examinar com receio o espaço ao lado do escritório da Elizabeth. Não pensa me apresentar?

Elizabeth olhou a sua irmã entrecerrando os olhos. Saoirse a punha nervosa com seu comportamento neurótico e suas esporádicas rabietas. Com álcool ou sem ele, Saoirse sempre tinha

sido igual: difícil. Em realidade Elizabeth quase nunca tinha sabor de ciência certa se estava bebida ou sóbria. Saoirse não se encontrou a si mesmo; não tinha crescido desenvolvendo uma personalidade e portanto não tinha averiguado quem era, o que queria, o que a fazia feliz nem aonde esperava chegar na vida. Seguiu sem sabê-lo. Era uma mistura de personalidades que não tinha tido ocasião de desenvolver-se. Elizabeth se perguntava como seria sua irmã se alguma vez conseguisse deixar de beber, embora muito se temia que isso só suporia eliminar um problema de uma lista muito larga.

Era do mais incomum que Elizabeth conseguisse estar a sós com o Saoirse em uma habitação para falar com ela; pelo general se sentia como uma menina só em pleno campo tratando de apanhar uma mariposa com um pote de cristal. As mariposas eram muito bonitas, iluminavam uma habitação, mas nunca repousavam suficiente tempo em um mesmo sítio para deixar-se apanhar. Elizabeth lhe dava caça sem trégua e, nas estranhas ocasiões em que conseguia apanhar a sua irmã, Saoirse não parava de bater as asas presa do pânico, desejosa de escapar.

Quando estava em companhia do Saoirse se esforçava por ser pomenorizada, por tratá-la com a compaixão e a empatia que merecia. O tinham explicado tudo quando procurou ajuda profissional.

Desejava conselho de tantas fontes como fosse possível para estar em condições de ajudar a sua irmã. Precisava saber as esquivas palavras mágicas que devia dizer ao Saoirse as contadas vezes em que ia visitá-la. De modo que embora Saoirse maltratasse a Elizabeth, esta seguia lhe brindando apóio e compreensão porque temia perdê-la para sempre, temia que ainda a afastasse mais a espiral de descontrol em que estava sumida. Além disso, considerava seu dever velar por ela. Embora sobre tudo era porque estava cansada de ver como escapavam de sua vida todas as formosas mariposas.

—te apresentar a quem? —respondeu Elizabeth amavelmente.

—Venha, corta já com esse tom condescendente. Se não querer me apresentar não passa nada.

—sentou-se e se voltou para a cadeira vazia. Se envergonha de mim, sabe? Acredita que faço ficar mal seu «bom nome». Já sabe quanto gostam de falar com os vizinhos —riu amargamente. Ou possivelmente tenha medo de que afugente a ti. Foi o que aconteceu o outro, sabe? O muito...

—Já basta, Saoirse —cortou Elizabeth interrompendo sua atuação. Ouça, alegre-me que te tenha deixado cair por aqui porque queria falar contigo.

Saoirse agitava acima e abaixo um joelho e mascava o chiclete com fúria.

—Colm me devolveu o carro na sexta-feira e me disse que lhe tinham detido. Isto é sério, Saoirse.

Deve ter supremo cuidado entre agora e a celebração da vista. Será dentro de umas poucas semanas e se fizer algo... mais, bom, afetará a sua sentença.

Saoirse pôs os olhos em branco.

—te acalme, Elizabeth! O que vão fazer? me encerrar durante anos por ter conduzido dois minutos o carro de minha própria irmã? Não podem me retirar o carnê porque não tenho e se me impedirem que me tire isso me importa um nada porque não o quero para nada. Quão único farão será me agüentar umas quantas semanas de algum trabalho de mierda para a comunidade, certamente ajudando a umas quantas anciãs a cruzar a rua ou algo pelo estilo. Não será nada.

Fez um globo de chiclete que explorou em seus lábios gretados. Elizabeth abriu os olhos, incrédula.

—Saoirse, não tomou emprestado meu carro. Agarrou-o sem permissão e não tem carnê. Venha —lhe quebrou a voz—, não é idiota, sabe de sobra que isso está mau.

Elizabeth fez uma pausa e procurou recuperar a compostura. Esta vez conseguiria fazê-la entrar em razão. Mas, embora se repetisse a mesma situação cada vez, Saoirse seguia negando-a.

Elizabeth tragou saliva.

—Olhe —disse Saoirse zangando-se—, tenho vinte e dois anos e estou fazendo quão mesmo todas as pessoas de minha idade: sair e passá-lo bem. —Seu tom se fez desagradável. Que você não tenha tido vida própria a minha idade não significa que eu não possa tê-la.

Suas asas se agitavam alocadamente como se estivesse apanhada em um pote e começasse a lhe faltar o ar.

«Isso foi porque estava ocupada te criando a ti», pensou Elizabeth zangada. E para cúmulo de desditas saltava à vista que o tinha feito muito mal.

—vais ficar te aí sentado escutando toda nossa conversação ou o que? —soltou grosseiramente Saoirse à poltrona.

Elizabeth franziu o cenho e pigarreou.

—E o que passa com o que disse Paddy? Que você pense que não fez nada mau não tem a menor importância. Os gardaí pensam que sim o fez.

Saoirse seguiu mascando chiclete e fulminou a sua irmã com seus frios olhos azuis.

—Paddy é um negado, não dá pé com bola. Faltam-lhe motivos para me acusar de nada. A não ser que passá-lo bem de repente seja ilegal.

Bato as asas, bato as asas.

—Por favor, Saoirse —disse Elizabeth em voz baixa—, me escute, quer? Esta vez vão a sério.

Você só... afrouxa um pouco com o, né, com a bebida, vale?

—Ora, agora não me venha com essas. —Saoirse torceu o gesto. Curta o cilindro, hermanita, estou farta de te escutar. —levantou-se. Não tenho nenhum problema com a bebida. É você quem tem um problema ao pensar que é puñeteramente perfeita e ao te acreditar dona perfeita. —Abriu a porta e gritou para que todo mundo a ouvisse. Ah, e quanto a ti —assinalou a poltrona com o queixo—, não acredito que vás durar muito. Ao final todos partem, não é certo, Lizzie?

Pronunciou o diminutivo como se cuspsse. Nos olhos da Elizabeth brilhavam lágrimas de raiva.

Saoirse deu uma portada ensurdecadora a suas costas. Tinha conseguido abrir a tampa do pote e era livre de voar aonde lhe viesse em vontade outra vez. O ruído da portada estremeceu todo o corpo da Elizabeth. O despacho ficou tão silencioso que até a mosca que tinha estado zumbindo por aí se deteve e se posou no interruptor da luz. Um momento depois chamaram baixinho à porta.

—O que? —espetou Elizabeth.

—Sou eu, Becca —foi a débil resposta. Te trago o café.

Elizabeth se alisou o cabelo e se secou os olhos.

—Adiante.

Quando Becca saiu do despacho Elizabeth viu que Saoirse retornava com passo decidido.

—Por certo, me esqueceu te pedir um empréstimo de uns quantos perus.

Sua voz era mais amável. Sempre o era quando queria algo. A Elizabeth caiu a alma aos pés.

—Quanto?

Saoirse se encolheu de ombros.

—Cinqüenta.

Elizabeth rebuscou em sua bolsa.

—Segue vivendo na mesma pensão?

Saoirse assentiu com a cabeça.

Elizabeth tirou cinquenta euros e esperou antes de dar-lhe —¿Para qué son?

—Para que são?

—Drogas, Elizabeth, montões de drogas —respondeu Saoirse com descaramento.

Elizabeth deixou cair os ombros.

—Só queria dizer...

—Provisões. Já sabe: pão, leite, papel higiênico. Essa classe de coisas. —De um zarpazo alcançou o bilhete novo da mão da Elizabeth. Não todos nos limpamos o culo com seda, inteirada.

Agarrou uma amostra de tecido do escritório e a atirou à cara. A porta se fechou de repente a suas costas e Elizabeth ficou plantada no meio do despacho observando como a parte de seda negra caía flutuando sem esforço até o tapete branco. Sabia o que se sentia ao cair.

Capítulo 10

Umas horas depois Elizabeth apagou o ordenador, ordenou o escritório pela vigésima vez e partiu do escritório dando por concluída a jornada. Becca e Poppy estavam juntas de pé com o olhar perdido. Elizabeth se voltou para ver o que atraía sua atenção.

—Está fazendo-o outra vez —cantorolou Poppy nervosamente.

As três observaram a cadeira dar voltas por si mesmo.

—Criem que é o senhor Bracken? —perguntou Becca em voz muito baixa.

Poppy imitou a voz da senhora Bracken.

—Dar voltas em uma cadeira não é algo que o senhor Bracken teria querido.

—Não lhes preocupem, garotas —disse Elizabeth agüentando-a risada. Farei que Harry venha amanhã mesmo a arrumá-lo. Agora parte a casa.

Uma vez se tiveram despedido Elizabeth continuou olhando a cadeira dar voltas em silêncio, aproximou-se dela devagar, centímetro a centímetro. Quando já estava muito perto a cadeira deixou de dar voltas.

—Galinha —murmurou Elizabeth.

Olhou em redor para assegurar-se de que estava sozinha e lentamente agarrou os braços da cadeira e se sentou. Não ocorreu nada. Deu uns quantos botes, inspecionou os lados e a parte de debaixo do assento e seguiu sem ocorrer nada. Justo quando ia levantar se para i-la cadeira começou a mover-se. Primeiro girou devagar, mas logo pouco a pouco foi agarrando velocidade. Nervosa, Elizabeth considerou a possibilidade de baixar-se de um salto, mas à medida que girava cada vez mais rápido começou a rir bobamente. quanto mais depressa girava a cadeira, com mais ganha ria Elizabeth. Doíam-lhe os flancos. Não recordava a última vez que se havia sentido tão jovem, as pernas em posição horizontal, os pés estendidos, o cabelo revoltado pela brisa. Finalmente, ao cabo de um momento a cadeira perdeu impulso e se deteve, e Elizabeth recuperou o fôlego.

Seu sorriso se foi desvanecendo devagar e a risada infantil que ressonava em sua cabeça começou a apagar-se. O único que ficou foi um silêncio absoluto no escritório deserta. ficou a cantarolar e seus olhos inspecionaram o desorganizado escritório do Poppy cheio de mostruários de tecidos, potes de pintura, esboços e revistas de interiorismo. Chamou-lhe a atenção uma foto com um marco dourado. Nela apareciam Poppy, suas duas irmãs, três irmãos e pais, todos apertados em um

sofá como se fossem uma equipe de futebol. O parecido entre eles era óbvio. Tinham o nariz chato e pequena e olhos verdes que se achinaban quando riam. Em um rincão do marco havia uma tira de fotos de passaporte do Poppy e seu noivo, ambos fazendo caretas à câmara nas três primeiras. Mas na quarta se olhavam amorosamente aos olhos.

Elizabeth deixou de cantarolar e tragou saliva. Uma vez tinha conhecido aquele olhar.

Seguiu contemplando o marco, procurando não recordar aquela época, mas, uma vez mais, perdeu a batalha e se afogou no mar de lembranças que alagou sua mente.

Começou a soluçar. Gemidos apenas audíveis ao princípio que não demoraram para lhe sair da boca como lamentos surtos do mais fundo de seu coração. Podia ouvir sua própria dor. Cada lágrima era uma chamada de auxílio que jamais tinha sido atendida e que já não contava com que o fora algum dia. E isso a fez chorar ainda mais.

Elizabeth tachou outro dia do calendário com uma caneta vermelha. Esta vez sua mãe levava fora três semanas justas. Não se tratava da ausência mais prolongada até a data, mas sim o suficientemente larga para a Elizabeth. Escondeu o calendário debaixo da cama e se deitou. Seu pai a tinha enviado a suas quarto fazia três horas quando se fartou de vê-la excitada dando voltas diante da janela da sala de estar. Após tinha estado lutando para manter os olhos abertos. Tinha que combater o sonho para não perder a volta de sua mãe. Esses eram os melhores momentos, porque sua mãe estaria de bom humor, contente de estar em casa, diria a Elizabeth o muito que a tinha sentido saudades e a cobriria de abraços e beijos até tal ponto que Elizabeth esqueceria ter estado triste alguma vez.

Sua mãe flutuaria pelas habitações da casa quase como se não tocasse o chão com os pés. Suas palavras seriam grandes sussurros entusiastas, o murmúrio de sua voz faria que Elizabeth sentisse que cada palavra que sua mãe pronunciava era um grande segredo entre as duas. Seus olhos brilhariam e dançariam de alegria enquanto referisse a sua filha suas aventuras e contasse a quem tinha conhecido pelo caminho. Elizabeth certamente não queria perder-se todo aquilo por haver ficado dormida.

Elizabeth voltou a saltar da cama e se refrescou o rosto com água geada no lavamanos que havia no dormitório. «Fica desperta, Elizabeth, fica desperta», dizia-se a si mesmo. Apoiou os travesseiros contra a parede e se sentou bem erguida na cama de onde, através das cortinas abertas, via a estrada escura que conduzia à negrume. Não abrigava a menor dúvida de que sua mãe retornaria aquela noite, porque o tinha prometido. E por força teria que cumprir sua promessa já que o dia seguinte era o décimo aniversário da Elizabeth e ela não queria perder-lhe Fazia só umas semanas lhe tinha prometido que comeriam bolos, pão-doces e todas as guloseimas que quisessem. E haveria globos de todas as cores favoritas da Elizabeth, e os levariam a campo, soltariam-nos e os veriam

subir voando até as nuvens. Elizabeth não tinha deixado de pensar nisso desde que sua mãe partiu. A boca se o fazia água com os pastelillos de fantasia com seu lindo polido de cor rosa, e sonhava com globos rosas atados com cintas brancas flutuando no alto do céu azul. E esse dia quase tinha chegado, acabou-se a espera!

Agarrou As telarañas da Carlota, um livro que tinha estado lendo pelas noites para manter-se acordada, e acendeu a lanterna porque seu pai não lhe permitia ter as luzes acesas depois das oito.

Ao cabo de umas poucas páginas as pálpebras lhe pesaram e lhe começaram a cair. Pouco a pouco foi fechando os olhos com a única intenção de descansar um pouco a vista. Cada noite combatia o sonho, porque sempre era o sonho o que permitia que sua mãe escapasse de noite e o que fazia que ela se perdesse suas majestosas chegadas. Combatia-o inclusive quando sua mãe estava em casa, preferindo montar guarda ante sua porta, umas vezes velando seu sonho, outras protegendo-a e impedindo que ela partisse. Inclusive nas contadas ocasiões em que ficava dormida, seus sonhos lhe gritavam que despertasse como se estivesse obrando mau. A gente sempre comentava a seu pai que era muito jovem para ter as olheiras que lhe escureciam o olhar.

O livro caiu das mãos da Elizabeth e esta se sumiu no mundo dos sonhos.

A grade chiou.

Os olhos da Elizabeth se abriram de repente à luminosidade da primeira hora da manhã e o coração lhe pulsou alocadamente. O rangido de uns passos no cascalho se aproximava da porta principal. O coração da Elizabeth dava cambalhotas dentro de seu peito transbordante de alegria. Sua mãe não se esqueceu dela; Elizabeth sabia que não se teria perdido o aniversário de sua filha por nada do mundo.

Saltou da cama e começou a dar saltos pela habitação duvidando entre correr a abrir a porta a sua mãe ou deixar que efetuasse a entrada triunfal que tanto gostava de fazer. Foi até o saguão em camisola. Viu a imagem imprecisa de um corpo através do cristal esmerilhado da porta principal.

Saltava de um pé ao outro com nervosismo e excitação.

A porta do dormitório de seu pai se abriu. Elizabeth se voltou para ele sorrindo de orelha a orelha. Lhe dedicou um breve sorriso e se apoiou no marco da porta com a vista cravada na porta principal. Elizabeth se voltou de novo para a porta principal retorcendo a prega da camisola com as manitas. A ranhura da rolha se abriu. Dois envelopes brancos se deslizaram por ela e caíram ao chão de pedra. Figura-a do outro lado da porta começou a desvanecer-se de novo a grade chiou e se fechou.

Elizabeth soltou a prega da camisola e deixou de saltar. De repente sentiu o frio do chão de pedra.

Lentamente recolheu os envelopes. Ambos foram dirigidos a ela e o pulso lhe acelerou outra vez.

Possivelmente sua mãe não se esqueceu, depois de tudo. Possivelmente estivesse tão imersa em uma de suas aventuras que lhe tinha sido impossível chegar a casa a tempo e tinha que explicar-lhe tudo por carta. Abriu os envelopes pondo muito cuidado em não rasgar o papel que poderia conter as valiosas palavras de sua mãe.

Encontrou dois cartões de felicitação de cumpridores parentes longínquos.

Lhe afundaram os ombros e lhe caiu a alma aos pés. voltou-se de cara a seu pai e negou devagar com a cabeça. O rosto de seu pai se escureceu e olhou zangado ao longe. Voltaram a cruzar seus olhares um momento, um estranho momento no que ambos compartilharam o mesmo sentimento e Elizabeth deixou de sentir-se sozinha. Deu um passo à frente para abraçá-lo.

Mas ele se voltou e fechou a porta a suas costas.

O lábio inferior da Elizabeth lhe tremia. Não houve bolos de fantasia nem pão-doces esse dia. Os globos de cor rosa flutuando até as nuvens seguiram sendo um sonho. E Elizabeth aprendeu que imaginar e fazer-se ilusões só servia para lhe partir o coração.

Capítulo 11

O assobio da água fervendo no fogão devolveu a Elizabeth de repente à presente. Cruzou a cozinha à carreira para levantar a panela do fogão e baixou o fogo. Revolveu o guisado de frango com verduras perguntando-se onde tinha a cabeça.

—Luke, o jantar está lista —chamou.

Depois do trabalho tinha ido procurar ao Luke a casa de seu pai, em que pese a não estar nem muito menos de humor para conduzir por aquela estrada depois de ter soluçado no escritório. Não tinha chorado em anos. Não sabia o que lhe estava passando ultimamente. A mente ia à deriva e ela nunca ia à deriva. Sempre era a mesma, tinha idéias estáveis e controladas e era sempre constante, nunca se detinha. Nada que ver com sua conduta daquele dia no escritório.

Luke entrou na cozinha arrastando os pés. Já tinha posto seu pijama do Spiderman. Olhou tristemente a mesa.

—Não puseste prato ao Ivan outra vez.

Elizabeth abriu a boca para protestar, mas se conteve a tempo ao recordar os conselhos que tinha lido nos websites.

—Vá, sério?

Luke a olhou surpreso.

—Perdoa, Ivan —disse tirando um terceiro prato do armário. «Que maneira de desperdiçar a comida», pensou servindo brócolis, couve-flor e batatas em seu prato—. Seguro que não gosta do frango, assim terá que conformar-se com isto.

Pôs o prato de verdura frente ao seu próprio.

Luke negou com a cabeça.

—Não, há-me dito que o frango gosta de muito.

—A ver se o adivinho —disse Elizabeth cortando uma ponta de sua parte—, o frango é seu favorito.

Luke sorriu.

—Diz que é sua carne de ave favorita.

—Pois isso.

Elizabeth pôs os olhos em branco. Olhou o prato do Ivan se perguntando como demônios as arrumaria Luke para comer um segundo prato de verdura. Bastante trabalho lhe custava já conseguir que se tomasse o seu.

—Ivan me há dito que hoje se divertiu muito em seu escritório —disse Luke, e tomou um bocado de brócolis que mastigou depressa com uma careta de asco. Tragou em seguida e bebeu um pouco de leite.

—Ah, sim? —Elizabeth sorriu—. E o que lhe divertiu tanto no escritório?

—Passou-o em grande com a cadeira giratória —respondeu Luke enquanto cravava uma batata.

Elizabeth deixou de comer e olhou ao Luke.

—O que quer dizer?

Luke se meteu a batata na boca e começou a mascá-la.

—Diz que dar voltas na cadeira do Poppy é sua diversão favorita.

Por uma vez Elizabeth fez caso omissso ao feito de que estivesse falando com a boca enche.

—falaste com o Poppy hoje?

Luke adorava ao Poppy e às vezes conversava com ela quando Edith chamava o escritório para consultar algum pormenor com a Elizabeth. O menino se sabia de cor o número do escritório da Elizabeth, pois esta tinha insistido em que o aprendesse assim que soube os números, de modo que era farto provável que tivesse chamado porque sentisse falta de seus breves conversa com o Poppy enquanto Edith estava ausente. Tinha que ter sido isso, pensou aliviada.

—Não.

—falaste com a Becca?

—Não.

De repente o frango lhe teve sabor de cartão. Engoliu-o em seguida e deixou os talheres no prato. ficou ensimismada olhando como comia Luke. Tal como era de esperar, o prato do Ivan seguia intacto.

—falaste com o Saoirse hoje? —perguntou escrutinando seu semblante. perguntou-se se a breve atuação do Saoirse no escritório guardaria alguma relação com a nova obsessão do Luke com o Ivan. Conhecendo sua irmã como a conhecia, não seria de sentir saudades que se mofasse dela se se tivesse informado da existência de um amigo invisível.

—Não.

Possivelmente só fosse mera coincidência. Possivelmente Luke simplesmente tinha adivinhado o da cadeira giratória. Possivelmente, possivelmente, possivelmente. Aonde tinham ido parar todas suas certezas de repente?

—Não jogue com a verdura, Luke. Ivan me há dito que te dissesse que é muito boa para sua saúde.

Talvez poderia servir-se do Ivan em benefício próprio.

Luke se pôs-se a rir.

—Do que te ri?

—Ivan diz que todas as mamãs se aproveitam dele para fazer que seus filhos comam verdura.

Elizabeth arqueou as sobrancelhas e sorriu.

—Bom, pode lhe dizer ao Ivan que isso é porque as mães sabem muito. —Seu sorriso se desvaneceu: bom, algumas mães, ao menos.

—você diga-lhe mesma —riu Luke.

—De acordo. —Elizabeth olhou a cadeira vazia que tinha em frente—. De onde é, Ivan? —perguntou inclinando-se para diante e falando como se se dirigisse a um menino.

Luke começou a rir dela e Elizabeth se sentiu estúpida.

—É do Aisatnaf.

Agora foi Elizabeth quem riu.

—Vá, seriamente? E onde fica isso?

—Muito longe —disse Luke.

—Como de longe? Longe como Donegal? —sorriu.

Luke se encolheu de ombros, aborrecido da conversação.

—Ouça —Elizabeth olhou ao Luke—, como tem feito isso?

—Fazer o que?

—Agarrar uma batata do prato do Ivan.

—Eu não agarrei nada. —Luke franziu o cenho—. A comeu ele.

—Não diga tom... —interrompeu-se.

Um momento depois Luke estava tendido no chão da sala de estar cantarolando aquela ditosa canção enquanto Elizabeth tomava uma taça de café e olhava a televisão. Fazia muito tempo que não estavam assim. Pelo general cada qual fazia sua vida depois de jantar. Pelo general não conversavam tanto durante as comidas, mas, além disso, pelo general Elizabeth não seguia a corrente ao Luke participando de jogos estúpidos. Começou a lamentar o que tinha feito. Observou ao Luke, que pintava com os lápis no chão. Ela tinha estendido uma esteira para que não sujasse o tapete e, embora detestava que se entretivera com seus brinquedos fora do quarto de jogar, alegrava-a que estivesse jogando com brinquedos que ao menos podia ver. «Não há mal que por bem não venha», disse-se. Voltou a emprestar atenção a seu programa sobre reformas do lar.

—Elizabeth.

Notou os golpecitos de um dedo infantil no ombro.

—me diga, Luke.

—desenhei isto para ti. —Tendeu-lhe um desenho pintado com vivas cores—. Somos Ivan e eu jogando no jardim.

Elizabeth sorriu e estudou o desenho. Luke tinha escrito seus nomes em cima de dois fantoches, mas o que a surpreendeu foi a estatura do Ivan. Era o dobro de alto que Luke e levava uma camiseta azul, nos cubra e sapatos azuis e tinha o cabelo negro e uns grandes olhos azuis. O que parecia uma barba negra de três dias o ressequia a mandíbula, e dava a mão ao Luke sorrindo de orelha a orelha. ficou perplexa, sem saber o que dizer. Acaso o amigo imaginário do Luke não deveria ter a mesma idade que ele?

—Caramba, Ivan é muito alto para ter só seis anos, verdade?

Possivelmente o tinha desenhado tão grande porque era muito importante para ele, raciocinou.

Luke se derrubou pelo estou acostumado a rendo.

—Ivan sempre diz que seis anos não são poucos anos e, além disso, ele não tem seis —soltou outra gargalhada—. É tão major como você!

Elizabeth abriu muito os olhos, horrorizada. Major como ela? Que classe de amigo imaginário tinha criado seu sobrinho?

Capítulo 12

Os amigos são de formas e tamanhos distintos, todo mundo sabe, assim por que não ia acontecer o mesmo com os amigos «imaginários»? Elizabeth estava equivocada. Em realidade Elizabeth estava completamente equivocada, porque, que eu soubesse, ela não tinha nenhum amigo. Talvez se devesse a que só procurava mulheres de trinta e quatro anos que tivessem o mesmo aspecto que ela, a mesma forma de vestir e comportar-se. A julgar pela expressão de seu rosto ao ver o desenho, pensava que Luke teria que ter encontrado a alguém exatamente igual a ele. E essa não é maneira de fazer amigos.

O que importa não é o aspecto que tenhamos, a não ser o papel que desempenhamos na vida de nosso amigo íntimo. Os amigos escolhem a determinados amigos porque estes são a classe de companheiro que procuram em um momento dado, não porque tenham a estatura, a idade ou a cor de cabelo corretos. Não sempre se dá o caso, mas com frequência essa é a razão pela que Luke, por exemplo, vá e não veria meu colega Tommy, que aparenta ter seis anos e a quem o nariz lhe escorre sem parar. Ou seja, não vejo que haja nenhum outro homem que se relacione com o Luke, vós sim? O fato de ver amigos «imaginários» não significa que os veja todos. Tem a capacidade de vê-los todos, mas como os seres humanos só utilizam dez por cento do cérebro, possuímos um sem-fim de habilidades que não aproveitamos. Nossos olhos veriam multidão de coisas maravilhosas se realmente enfocassem como é devido. A vida é como uma espécie de quadro. Um quadro abstrato realmente estrambótico. Pode olhá-lo e pensar que não é mais que um manchón. E pode seguir vivendo toda sua vida acreditando que não é mais que um manchón. Mas se o olha de verdade, se o focar bem e usa a imaginação, a vida pode dar muito mais de si. Porque de fato o quadro possivelmente represente o mar, o céu, pessoas, edifícios, uma mariposa estalagem em uma flor ou qualquer outra coisa exceto o manchón que uma vez esteve convencido que era depois do ocorrido no escritório da Elizabeth eu precisava convocar uma reunião de emergência. Levo anos fazendo este trabalho e acreditava que já o tinha visto tudo, mas resultava óbvio que não estava no certo. Que Saoirse me visse e me falasse me tinha deixado verdadeiramente perplexo. Quero dizer que era algo completamente inaudito. Bom, Luke podia lombriga, mas isso era normal. Elizabeth tinha uma espécie de pressentimento de minha existência, coisa farto estranha de por si, mas a que me estava começando a acostumar. Agora bem, que Saoirse me visse já era farinha de outro costal. É óbvio era corrente ser visto por mais de uma pessoa durante um trabalho, mas nunca por um adulto e muito menos por dois. O único amigo da empresa que tratava com adultos era Olivia, mas isso não obedecia a nenhuma classe de regra, a não ser simplesmente ao que lhe ocorria constantemente. Devo confessar que estava confundido, de modo que pedi à chefe» que convocasse a todos os suspeitos habituais para celebrar uma reunião não programada.

Nossas reuniões se organizavam para comentar como partia a tarefa de cada um de nós e dar voltas a algumas ideias e sugestões para ajudar a quem se encontrava entupidos. Eu nunca tinha tido que convocar uma para meu proveito, por isso me consta que a chefe ficou assombrada quando o fiz. O nome que tínhamos dado a esta classe de reuniões era «salada de sugestões», porque todos podíamos propor ideias que fizessem mais fácil nossa situação de «amigos imaginários», como nos chamavam a gente e os meios de comunicação.

As seis pessoas que se reúnem são as mais veteranas da empresa. Quando cheguei à sala de «salada de sugestões», todos estavam rindo e brincando. Saudei a concorrência e nos sentamos a esperar à chefe. Não nos instalamos em volta de largas mesas de reuniões com poltronas de couro em uma sala de juntas sem janelas. Nossa colocação é muito mais desenvolto e o certo é que tem um efeito muito mais positivo, porque quanto mais a gosto sentimos, mais podemos contribuir. Sentamo-nos em círculo em assentos cómodos. O meu é um saco de feijões. O da Olivia uma cadeira de balanço. Sustenta que assim lhe resulta mais fácil fazer trabalho de ponto.

A chefe não é nada autoritária, mas nós gostamos de chamá-la assim. Em realidade é uma das pessoas mais boas, simpáticas e amáveis que alguém pode chegar a conhecer em toda sua vida. E ela sim que viu quanto terá que ver: sabe tudo o que pode saber-se a respeito de como ser um amigo íntimo. É paciente e afetuosa, escuta com atenção e é capaz de perceber como ninguém o que a gente não diz. Chama-se Opal e é encantadora. Quando entrou na habitação levava uma túnica morada e as júbas frisadas ao estilo rastafari recolhidas em meia rabo-de-cavalo para apartar as da cara. Toda ela ia coberta de diminutas contas faiscantes que resplandeciam ao mover-se, levava uma fileira de margaridas cravada no cabelo a modo de tiara e cadenetas de margaridas lhe adornavam o pescoço e as bonecas. Uns óculos redondos com os cristais tintos de arroxeados se apoiavam em seu nariz e, quando sorria, o raio de luz que desprendia teria bastado para guiar aos navios até a borda na noite mais escura.

—Bonito enfeite de margaridas, Opal —disse Malmequer docemente a meu lado.

—Obrigado, Malmequer —respondeu Opal sorrindo—. A pequena Tara e eu o temos feito esta manhã no jardim. Vai de ponta em branco hoje. Que cor tão bonita.

Malmequer sorriu radiante. Faz séculos que exerce de amiga íntima, igual a eu, mas aparenta ter a mesma idade que Luke. É miúda, loira e de voz doce. Para a ocasião se penteou com saca-rolhas e luzia um vestido amarelo do verão com laços a jogo no cabelo. Calçava reluzentes e novos sapatos brancos que balançava sentada em sua cadeira de madeira feita à mão. Aquela cadeira grafite de amarelo com corações e barras de caramelo sempre me recordava uma cadeira do Hansel e Gretel.

—Obrigado, Opal. —As bochechas de Malmequer se sonrosaram—. depois da reunião irei lanchar com minha nova amiga íntima.

—Caramba—Opal levantou as sobrancelhas, impressionada—, que bem. Onde será?

—No jardim de atrás. Ontem deram de presente um jogo de chá por seu aniversário —respondeu Malmequer.

—Bonito presente. Que tal vão as coisas com a pequena Maeve?

—Muito bem, obrigado.

Malmequer baixou a vista a seu regaço. O bate-papo de outros assistentes se foi apagando e toda a atenção se centrou no Opal e Malmequer. Opal não era a classe de pessoa que pedia a todo mundo que se calasse para começar a reunião. Sempre a começava sem levantar a voz, sabendo que outros logo terminariam suas conversações e se disporiam a participar, cada qual em seu momento. Sempre dizia que quão único necessitavam todas as pessoas era tempo e que então eram capazes de entendê-lo quase tudo por si mesmos.

Opal seguia observando como Malmequer brincava com uma cinta de seu vestido.

—Maeve segue te manipulando, Malmequer?

Malmequer assentiu torcendo o gesto com tristeza.

—Segue me dizendo todo o momento o que tenho que fazer, e quando rompe algo e seus pais se zangam me joga a culpa .

Olivia, uma amiga íntima de aspecto avejentado que se balançava em sua cadeira de balanço enquanto fazia ponto, estalou sonoramente a língua em sinal de desaprovação.

—Sabe por que Maeve faz isso, verdade Malmequer? —perguntou Opal em voz baixa.

Malmequer assentiu com a cabeça e disse:

—Consta-me que me ter à mão lhe brinda a oportunidade de ser a que manda e está refletindo o comportamento de seus pais. Entendo por que o faz e a importância de que o faça, mas essa classe de trato um dia atrás de outro às vezes resulta um tanto descorazonador.

Outros lhe demos a razão. Todos tínhamos estado em sua situação em algum momento. À maioria dos meninos pequenos gostavam de nos manipular, certamente porque conosco não temiam suscitar represálias.

—Enfim, já sabe que não o seguirá fazendo durante muito mais tempo, Malmequer—disse Opal em tom alentador, e Malmequer assentiu com a cabeça e seus saca-rolhas se balançaram.

—Bobby. —Opal se voltou para um menino sentado em um skate com a viseira da boina para trás. Tinha estado movendo a tabela adiante e atrás enquanto escutava a conversação. Para ouvir seu nome se deteve—. Teria que deixar de jogar a jogos de computador com o pequeno Anthony. Sabe por que, verdade?

O menino com cara de anjo assentiu com a cabeça e quando falou sua voz soou muito mais adulta que seus aparentes seis anos.

—Bom, porque Anthony só tem três anos e não deveria ver-se obrigado a ajustar-se a papéis de um e outro sexo. Necessita brinquedos que lhe permitam ter o controle, utilizar sua criatividade e que

servam para mais de uma coisa. Um excesso de brinquedos técnicos atrofiaria seu desenvolvimento psicológico.

—Com que classe de coisas crie que poderiam jogar? —perguntou Opal.

—Bom, vou dedicar me a jogar..., bom, com nada, em realidade, assim poderemos fazer teatro improvisado ou usar caixas, utensílios de cozinha ou esses tubos de cartão que há dentro dos cilindros de papel higiênico.

Todos rimos para ouvir isto último. Os cilindros de papel higiênico são meu favorito absoluto. Pode fazer um montão de coisas com eles.

—Muito bem, Bobby. Procura não esquecê-lo quando Anthony tente te fazer jogar com o ordenador outra vez. Tal como faz Tommy com... —calou-se sem acabar a frase olhando em redor—. Como certo, onde está Tommy?

—Sinto chegar tarde —disse uma voz da porta. Tommy irrompeu na sala com os ombros para trás e balançando os braços como faria um homem cinquenta anos maior que ele. Tinha imundície por toda a cara, manchas de erva nos joelhos e as acne, corte, crostas e barro nos cotovelos. desabou-se em seu saco de feijões imitando o ruído de um me choque com a boca.

Opal riu.

—Bem-vindo, Tommy. Parece que estiveste muito ocupado.

—Pois sim —respondeu Tommy muito galo de briga—. estive com o John no parque desenterrando larvas.

limpou-se os mucos do nariz com o braço nu.

—Ees!

Malmequer enrugou o nariz com cara de asco e aproximou seu assento ao do Ivan.

—Não passa nada, princesa.

Tommy lhe piscou os olhos o olho a Malmequer apoiando os pés na mesa que tinha diante e em que havia refrescos com gás e bolachas de chocolate. Malmequer apartou a vista dele e a fixou no Opal.

—Ou seja que John segue como de costume —sentenciou Opal divertida.

—Sim, ainda me vê —respondeu Tommy como se isso fosse algum tipo de vitória—. Os valentões da classe se estão colocando com ele, Opal, e o ameaçaram para que o mantenha em segredo; não pensa dizer nada a seus pais. —Meneou a cabeça com tristeza—. Lhe dá medo que lhe critiquem ou intervenham, o qual pioraria as coisas, e também lhe envergonha ter permitido que acontecesse. É um compêndio das emoções típicas nos casos de perseguição, lançou-se um caramelo à boca.

— E o que pensa fazer a respeito? —perguntou Opal com preocupação.

—Infelizmente, antes de que eu entrasse em cena John já estava padecendo intimidação crônica. De modo que tinha adotado uma postura de conformidade com as injustas exigências de quem acreditava mais fortes e estava começando a identificar-se com os fanfarrões e a converter-se em um deles. Mas eu não permiti que me acozasse —disse Tommy com sacanagem—. estivemos trabalhando a postura, a voz e o contato visual; como sabem, estes dão muita informação sobre sua vulnerabilidade. Estou lhe ensinando a vigiar aos sujeitos suspeitos e cada dia repassamos uma lista de possíveis indícios. —recostou-se e cruzou os braços detrás da cabeça—. Estamos trabalhando para que mature seu sentido da justiça.

—E estivestes desenterrando larvas —adicionou Opal com um sorriso.

—Sempre há tempo para desenterrar larvas, não é certo, Ivan? —Tommy me piscou os olhos o olho.

—Jamie-Lynn. —Opal se voltou para uma menina com uma calça de peitilho texano e sapatilhas de esporte sujas. Levava o cabelo curto e meneava o traseiro sobre uma bola de futebol—. Como vai à pequena Samantha? Espero que não andem escavando nos canteiros de sua mãe.

Jamie-Lynn era como um menino e sempre andava metendo em confusões a seus amigas, enquanto que Malmequer era mais dado a assistir a lanches com lindos vestidos e a jogar com bonecas Barbie e My Little Pony. Jamie-Lynn abriu a boca e começou a tagarelar em um idioma

misterioso.

Opal arqueou as sobrancelhas.

—Observo que você e Samantha seguem falando seu próprio idioma.

Jamie-Lynn assentiu com a cabeça.

—Muito bem, mas tome cuidado. Não é boa idéia que sigam falando assim durante muito mais tempo.

—Não se preocupe, consta-me que Samantha está aprendendo a formar frases e a exercitar a memória, assim não o vou alargar —disse Jamie-Lynn voltando a falar normalmente. Acrescentou em tom entristecido—: Samantha não me viu esta manhã ao despertar. Mas voltou para ver-me na hora de almoçar.

Todos nos causar pena pelo Jamie-Lynn e lhe demos amostras de condolência já que sabemos muito bem o que se sente. Aquilo era o princípio do fim.

—Olivia, como está a senhora Cromwell? —perguntou Opal com mais ternura.

Olivia deixou de fazer ponto e balançar-se e moveu a cabeça com tristeza.

—Não fica muito. Ontem à noite tivemos um bate-papo fantástico sobre uma excursão que fez com sua família faz setenta anos à praia do Sandymount. Isso a pôs de um humor excelente. Mas esta manhã assim que contou a sua família que tinha estado falando comigo disso todos se partiram deixando-a com a palavra na boca. Pensam que se refere a sua tia avó Olivia, que faleceu faz quarenta anos e estão convencidos de que se está voltando louca. Seja como for, permanecerei com ela até o final. Como hei dito, não fica muito e sua família só foi a visitá-la duas vezes durante o último mês. Não tem a ninguém por quem resistir.

Olivia sempre fazia amigos em hospitais, asilos e residências de anciões. Era boa nessa classe de trabalho, pois sabia como ajudar às pessoas a recordar para encher o tempo quando não podiam dormir.

—Obrigado, Olivia.

Opal sorriu e então se voltou para mim.

—Bom, Ivan, como vai tudo por Fúcsia Lane? Qual é essa grande emergência? O pequeno Luke dá a impressão de estar bem.

Me arrellané no saco de feijões.

—Sim, está muito bem. Ainda temos que trabalhar algumas cosillas, como o que sente a propósito de sua montagem familiar, mas nada que suponha um grande transtorno.

—Me alegre —disse Opal, agradada.

—Mas esse não é o problema. —Olhei a todos os presente—. Sua tia, que o adotou, tem trinta e quatro anos e às vezes percebe minha presença.

Todos deram um grito afogado e intercambiaram olhares de horror. Sabia que foram reagir daquela maneira.

—Mas isso não é nem a metade do assunto —prosegui, procurando não desfrutar de muito com o drama, já que, ao fim e ao cabo, o problema era meu—. A mãe do Luke, que tem vinte e dois, entrou hoje no escritório da Elizabeth e me viu e falado!

Dobro grito afogado de todos exceto do Opal cujos olhos me olharam faiscantes de cumplicidade. Senti-me melhor ao vê-lo, porque então soube que Opal saberia o que fazer. Sempre as arrumava para que a gente saísse da confusão.

—Onde estava Luke enquanto você estava no escritório da Elizabeth? —perguntou Opal insinuando um sorriso.

—Na granja de seu avô —expliquei—. Elizabeth não me deixou descer do carro para ir com ele porque lhe dava medo que a seu papai zangasse que Luke tivesse um amigo a quem não poderia ver.

Fiquei sem fôlego ao terminar a frase.

—E por que não retornou a pé a te reunir com o Luke quando chegou ao escritório? —perguntou Tommy escancarado em seu saco de feijões com os braços detrás da cabeça.

Os olhos do Opal faiscaram outra vez.

—Porque não —respondi.

—Porque não o que? —perguntou Malmequer.

«Ela também, não», pensei.

—A que distância está a granja do escritório? —perguntou Bobby.

por que me faziam todas aquelas perguntas? Acaso a medula do assunto não era que essas duas mulheres percebessem minha existência?

—Fica a um par de minutos em carro e a uns vinte caminhando —expliquei um pouco confundido—. A que vêm todas estas perguntas?

—Ivan —disse Olivia sorrindo—, não te faça o louco. Sabe de sobra que quando lhe separam de um amigo vai em sua busca. Uma caminhada de vinte minutos não é nada comparada com o que fez para dar com o último amigo que teve —sentenciou rendo entre dentes.

—Venha, meninos, já é suficiente. —Levantei as mãos com um gesto de impotência—. Tentava averiguar se Elizabeth podia lombriga ou não. Parecia uma confusão. É a primeira vez que me ocorre algo assim.

—Não se preocupe, Ivan —atravessou Opal sorrindo, e quando falou sua voz foi doce como o mel—. É pouco freqüente, mas não é a primeira vez que acontece.

Todos deram outro grito afogado.

Opal se levantou, empilhou suas pastas e se dispôs a abandonar a reunião.

—Aonde vai? —perguntei surpreso—. Ainda não me há dito o que tenho que fazer.

Opal se tirou os óculos de cristais morados e seus olhos castanho escuro me olharam.

—Isto não é nem muito menos uma emergência, Ivan. Não posso te dar nenhum conselho. Terá que confiar em ti mesmo para elucidar se tomadas a decisão correta quando chegar o momento.

—Que decisão? A respeito do que? —perguntei me sentindo mais perdido que ao princípio.

Opal me sorriu.

—Quando chegar o momento saberá. Boa sorte.

E dito isto saiu da reunião deixando a todos outros me olhando desconcertados. Seus rostos inexpressivos bastaram para que me guardasse de pedir conselho a nenhum deles.

—Sinto muito, Ivan, estou tão confundida como pode está-lo você —disse Malmequer levantando-se e alisando as rugas de seu vestido do verão. Deu-me um forte abraço e um beijo na bochecha—. Agora tenho que ir se não quiser chegar tarde.

Observei-a ir saltitando para a porta com os saca-rolhas ricocheteando a cada passo.

—Passa-o bem no lanche! —gritei.

Tomar a decisão correta, resmunguei para meus adentros pensando no que havia dito Opal. A decisão correta sobre o que? E então me sobreveio uma idéia que me deixou gelado. E se não tomava a decisão correta? Acaso alguém se veria prejudicado?

Capítulo 13

Elizabeth se deu impulso no balancim de seu jardim traseiro. Sustentava um café quente envolvendo com seus finos dedos o tigela cor giz. O sol ficava lentamente e um ligeiro helor saía reptando de seu esconderijo para ocupar seu lugar. Elizabeth contemplava o céu, uma vista perfeita de com penugens nuvens rosas, vermelhas e laranjas como saídas de um quadro ao óleo. Um resplendor ambarino se elevava desde detrás da montanha que tinha diante, semelhante ao resplendor secreto que emergia de entre os lençóis do Luke quando este lia na cama à luz da lanterna. Inalou profundamente o ar refrescante.

«Céu vermelho de noite», ouviu dizer a uma voz em seu interior.

—Anúncio de bom tempo —sussurrou em voz baixa.

levantou-se uma brisa leve como se o ar, igual a ela, estivesse suspirando. Fazia uma hora que estava sentada ali fora. Luke estava acima jogando com seu amigo Sam depois de passar o dia em casa de seu avô. Elizabeth aguardava a que o pai do Sam, a quem não tinha visto nunca, devesse recolher a seu filho. Normalmente era Edith quem tratava com os pais dos amigos do Luke, daí que a Elizabeth não gostasse do mais mínimo ficar a conversar sobre os meninos.

Eram as dez menos quarto e a luz, ao parecer, dava por concluída a jornada. Elizabeth tinha estado balançando-se adiante e atrás enquanto combatia as lágrimas que ameaçavam caindo, tragava-se o nó que ameaçava lhe fechando a garganta, e afugentava os pensamentos que ameaçavam alagando sua mente. Tinha a impressão de lutar contra o mundo que ameaçava pondo em perigo seus planos. Lutava contra as pessoas que irrompiam em seu universo sem sua permissão; lutava contra Luke e sua mentalidade infantil, contra sua irmã e seus problemas, contra Poppy e suas idéias no trabalho, contra Joe e sua cafeteria, contra os competidores de seu negócio. Sentia que sempre estava lutando, lutando, lutando. E agora ali estava sentada lutando contra suas próprias emoções, sentia-se como se tivesse agüentado cem assaltos no quadrilátero, como se tivesse encaixado todos os murros, golpes e patadas que seus oponentes lhe haviam propinado. Agora estava cansada. Os músculos lhe doíam, estava baixando o guarda e as feridas demoravam para cicatrizar. Um gato saltou da alta taipa que separava a Elizabeth de seus vizinhos e aterrissou em seu jardim. Jogou uma olhada a Elizabeth; a nuca em alto, os olhos brilhantes na escuridão. Caminhou lentamente através da erva com absoluta despreocupação. Tão seguro de si mesmo, tão crédulo, tão cheio de sua própria importância. encarapitou-se à taipa de em frente e desapareceu na noite. Elizabeth invejou sua capacidade para ir e vir a seu desejo sem lhe dever nada a ninguém, nem sequer aos seres mais próximos, quem o amava e cuidavam dele.

Elizabeth se serve do pé para dar-se impulsione outra vez. O balancim emitiu um leve chiado. ao longe a montanha parecia estar ardendo enquanto o sol se afundava e se perdia de vista. Ao outro lado do céu a lua enche aguardava a última chamada para sair a cena. Os grilos continuavam tagarelando ruidosamente entre si, os últimos meninos corriam a seus lares para passar a noite. Os motores dos carros se paravam, suas portinholas se fechavam de repente, as portas e as janelas se trancavam e as cortinas se corriam. E logo se fez o silêncio e Elizabeth voltou a ficar só sentindo-se como uma visita em seu próprio jardim traseiro, o qual tinha cobrado nova vida na crescente escuridão.

Sua mente começou a rebobinar os acontecimentos do dia. deteve-se e reproduziu a visita do Saoirse. Reproduziu-a uma e outra vez aumentando o volume a cada repetição. «Ao final todos partem, não é certo, Lizzie?» A frase se repetia como um disco rajado. Chateava-lhe como um dedo que alguém lhe cravasse repetidamente no peito. Cada vez com mais força, primeiro raspando a pele, logo rachando-a, cravando e cravando até que por fim a rasgava e lhe alcançava o coração. O ponto onde mais doía. A brisa soprou e a ferida em carne viva lhe ardeu.

Fechou os olhos apertando as pálpebras. Pela segunda vez aquele dia Elizabeth chorou. «Ao final todos partem, não é certo, Lizzie?»

A frase se repetia sem trégua aguardando uma resposta da Elizabeth. Sua mente explorou. «Sim!», gritou. Sim, ao final todos partem. Todos e cada um deles, todas e cada uma das vezes. Cada uma das pessoas que alguma vez conseguia lhe alegrar a vida e lhe animar o coração desaparecia tão às pressas como um gato na noite. Como se a felicidade só pudesse ser uma sorte de capricho que te permitisse o fim de semana, igual a um sorvete. Sua mãe o tinha feito, justo como o tinha feito o sol daquele entardecer, tinha-a abandonado levando-se consigo a luz e a calidez e as substituindo com frio e escuridão.

Os tios e tias que foram visita a granja e ajudavam se mudaram ou haviam falecido. Os professores que simpatizavam com ela só podiam atendê-la durante um curso escolar; os amigos do colégio cresciam e também tratavam de encontrar-se a si mesmos. Sempre eram as boas pessoas as que partiam, a gente que não tinha medo de sorrir nem de amar.

Elizabeth se abraçou os joelhos e chorou desconsoladamente como uma menina que se cansado e feito um corte no joelho. Desejou que sua mãe viesse e a levantasse, que a levasse em braços e a sentasse na encimera da cozinha para lhe pôr uma tiritá. E logo, como sempre fazia, arrastasse-a pela habitação dançando e cantando até que ela esquecesse a dor e as lágrimas se secassem.

Desejou que Mark, seu único amor, tomasse entre seus braços, uns braços tão grandes que a faziam sentir-se como uma anã quando a abraçava. Desejou estar envolta por seu amor enquanto a balançava devagar e com ternura, como acostumava fazer, acalmando-a com sussurros

tranqüilizadores ao ouvido e lhe acariciando o cabelo com os dedos. Elizabeth lhe acreditava quando lhe dizia essas coisas. O fazia acreditar que tudo iria bem e, deitada entre seus braços, sabia que seria assim, sentia que seria assim.

E quanto mais desejava mais chorava porque se dava conta de que estava rodeada por um pai que quase nunca a olhava aos olhos por temor a recordar a sua esposa, uma irmã que se esqueceu de seu próprio filho e um sobrinho que diariamente fixava nela seus olhos azuis cheios de esperança pedindo ser amado e abraçado. Mas ela sabia que se não era capaz de compartilhar estes sentimentos era porque nunca lhe tinham dado suficiente deles.

E enquanto Elizabeth estava ali sentada e balançando-se, tremendo na brisa, perguntou-se por que permitia que uma frase que tinha saído dos lábios de uma moça que nunca tinha recebido suficientes beijos de amor nem sentido quentes abraços e que nunca se permitiu pronunciar palavras de amor fosse precisamente a que de repente e porrada a tinha derrubado atirando-a ao chão. Tal como tinha feito com a parte de seda negra em seu escritório.

Maldita fosse Saoirse. Malditos fossem ela e seu ódio à vida, maldita por não esforçar-se quando quão único fazia Elizabeth era esforçar-se com toda sua alma. O que lhe dava valor para falar com tanta grosseria? Como podia ser tão descarada com seus insultos? E uma voz interior recordou a Elizabeth que não era a bebida a que falava, nunca tinha sido a bebida. Era a dor.

E sua própria dor a estava desazonando essa noite.

—Socorro. —Chorou quedamente tampando-a cara com as mãos—. Socorro, socorro, socorro... — sussurrou entre soluços.

Um ligeiro chiado na porta trilha da cozinha lhe fez levantar a cabeça, que tinha apoiada nos joelhos. Na porta havia um homem iluminado de detrás como um anjo pela luz da cozinha.

—OH. —Elizabeth tragou saliva, o coração lhe palpitou ao ver-se surpreendida. enxugou-se as lágrimas de qualquer maneira e se alisou o cabelo revoltado. ficou de pé—. Você deve ser o pai do Sam. —A emoção que bulia em seu foro interno fez que lhe tremesse a voz—. Sou Elizabeth.

Houve um silêncio. Provavelmente aquele homem se estivesse perguntando como lhe tinha ocorrido deixar a seu filho de seis anos aos cuidados daquela mulher, uma mulher que permitia que seu jovem sobrinho abrisse a porta principal por sua conta às dez da noite.

—Perdoe, não ouvi o timbre. —ateu-se a blusa de lã à cintura e cruzou os braços. Não queria aproximar-se da luz. Não queria que ele visse que tinha estado chorando—. Seguro que Luke já há dito ao Sam que está aqui, mas... —Mas o que, Elizabeth?—, mas de todos os modos irei avisar lhe —balbuciou. Caminhou pela grama para a casa com a cabeça encurvada, esfregando-a frente

com a mão para ocultar os olhos.

Quando alcançou a porta da cozinha os entrecerró para proteger os da luz intensa do interior, mas manteve a cabeça encurvada, já que não desejava olhar aos olhos a aquele homem. Quão único via dele era um par de esportivas azuis marca Converse ao final de uns nos cubra desbotados.

Capítulo 14

—Sam, seu papai veio a te buscar! —gritou Elizabeth com voz débil para o alto da escada. Não obteve resposta, só o som de uns pés miúdos correndo pelo patamar. Suspirou e olhou seu reflexo no espelho. Não reconheceu à mulher que viu. Tinha o rosto inchado e o cabelo revolto pela brisa e úmido de apará-lo com as mãos molhadas de lágrimas.

Luke apareceu no alto da escada com cara sonolenta e vestido com o pijama do Spiderman que se negava a deixar que lhe lavasse e que escondia detrás de seu urso de peluche favorito, George, para protegê-lo. esfregou-se os olhos cansativamente com os punhos e a olhou confundido.

—Né?

—Luke, diz-se perdão, não né —lhe corrigiu Elizabeth, e ato seguido se perguntou que importância tinha nas presente circunstâncias—. O pai do Sam ainda espera. Pode lhe dizer a seu amigo que se dê pressa em baixar, por favor?

Luke, aturdido, arranhou-se a cabeça.

—Mas... —interrompeu-se e se esfregou o rosto com ar cansado.

—Mas o que?

—O papai do Sam veio a lhe buscar enquanto te encontrava no jar...

calou-se e desviou o olhar por cima do ombro da Elizabeth. Sorriu mostrando um oco entre os dentes.

—Vá, olá, papai do Sam. —Sufocou com muita dificuldade uma risita—. Sam baixará em seguida —adicionou agüentando-a risada, e se foi correndo pelo patamar.

Elizabeth não teve mais remedeio que voltar-se devagar e enfrentar-se ao pai do Sam. Não podia seguir lhe evitando enquanto ele aguardava seu filho em sua casa. Ao primeira olhada reparou na expressão de perplexidade com que o homem olhava ao Luke desaparecer pelo patamar à carreira e rendo bobamente. O pai do Sam se voltou de cara a ela, claramente preocupado. Estava apoiado contra o marco da porta com as mãos nos bolsos traseiros de uns nos cubra desbotados que faziam jogo com uma camiseta azul. Umas mechas de cabelo negro azeviche escapavam de debaixo de sua boina também azul. Apesar daquele traje juvenil Elizabeth supôs que tinha sua mesma idade.

—Não faça muito caso ao Luke —disse Elizabeth um tanto apurada pela conduta de seu sobrinho

— É só que está um pouco excitado esta noite Y... —Não soube como seguir—. Lamento que me surpreendesse em um mau momento no jardim. —envolveu-se o torso com os braços em um gesto protetor—. Normalmente não estou assim. —secou-se os olhos com as mãos trementes e as entrelaçou para dissimular o tremor. O excesso de emoções a tinha desorientado.

—Não passa nada —respondeu a voz grave com ternura—. Todos temos dias maus.

Elizabeth se mordeu o interior da boca e tentou em vão recordar seu último dia bom.

—Edith se partiu durante uns dias. Seguro que tratou com ela. Por isso não nos tínhamos conhecido antes.

—Ah, Edith —sorriu—. Luke a menciona muito freqüentemente. Tem-lhe muito carinho.

—Sim. —Esboçou um sorriso e se perguntou se Luke a teria mencionado a ela alguma vez—. Quer sentar-se? —perguntou indicando a sala de estar. depois de lhe oferecer uma bebida retornou da cozinha com um copo de leite para ele e um expresso para ela. deteve-se um momento na porta do salão, surpreendida ao lhe pilhar dando voltas na cadeira giratória de couro. Ver o daquela guisa a fez sorrir.

Ao vê-la na porta ele sorriu a sua vez, deixou de girar, agarrou o copo de leite e se dirigiu ao sofá de couro. Elizabeth tomou assento em sua poltrona acostumada, tão enorme que quase a tragou, e se odiou a si mesmo por esperar que as esportivas dele não sujassem o tapete cor nata.

—Terá que me perdoar, mas não sei como te chama —disse Elizabeth procurando alegrar seu apagado tom de voz.

—Meu nome é Ivan.

Elizabeth se engasgou e espurreó café por toda sua blusa.

Ivan correu a seu lado para lhe dar tapinhas nas costas. Seus olhos preocupados olharam diretamente aos dela. Enrugou a frente com inquietação.

Elizabeth tossiu sentindo-se estúpida, apartou a vista em seguida e pigarreou.

—Não se preocupe, estou bem —murmurou—. Só é que resulta curioso que te chame Ivan porque... —interrompeu-se. O que ia dizer? ia contar lhe a um desconhecido que seu sobrinho delirava? Apesar dos conselhos de Internet ainda não estava convencida de que o comportamento do Luke pudesse considerar-se normal—. Bom, é uma larga história. —Fez um gesto com a mão como descartando-a e tomou outro sorvo—. A que te dedica, Ivan, se não ser indiscrição perguntá-lo?

O café quente corria por seu organismo enchendo-a de uma reconfortante e conhecida sensação. Notou que voltava em si e saía do vórtice da tristeza.

—Suponho que poderia dizer-se que estou no negócio de fazer amigos, Elizabeth.

Elizabeth assentiu como se o entendesse perfeitamente.

—Não o estamos todos, Ivan?

Ivan considerou essa ideia.

—Como se chama sua empresa? —perguntou ela.

Os olhos do Ivan se iluminaram.

—É uma companhia excelente. O certo é que eu adoro meu trabalho.

—«Companhia excelente»? —repetiu Elizabeth franzindo o cenho—. Não me soa. Tem sua sede aqui, no Kerry?

Ivan pestanejou.

—Tem sedes em qualquer parte, Elizabeth.

Elizabeth arqueou as sobrancelhas.

—É internacional?

Ivan assentiu com a cabeça e bebeu um pouco de leite.

—E a que se dedica a companhia?

—Aos meninos —respondeu Ivan—. Exceto Olivia, que trabalha com os anciões, mas eu trabalho com meninos. Ajudo-lhes, sabe? Bom, antes eram só meninos, mas agora parece que nos estamos diversificando..., acredito...

Não soube como prosseguir, deu uns golpecitos ao copo com a unha e ficou olhando ao vazio.

—Vá, isso está muito bem —atravessou Elizabeth sorrindo. Aquilo explicava a roupa juvenil e o caráter brincalhão—. Me figuro que se vir sítio em outro mercado tem que ocupá-lo, não é assim? Expandir a empresa, aumentar os benefícios. Eu sempre ando procurando a maneira de fazê-lo.

—Que mercado?

—o dos anciões.

—Têm um mercado? Fantástico, pergunto-me quando o celebram. Os domingos, suponho? Sempre se podem encontrar boas gangas nesses mercadillos. O pai de meu velho amigo Barry comprava carros de segunda mão e os restaurava. Sua mãe comprava cortinas e as transformava em objetos de vestir; parecia um personagem de Sorrisos e lágrimas, e além disso é estupendo que viva aqui, porque cada domingo queria «escalar todas as montanhas»,* e como Barry era meu melhor amigo não ficava mais remedeio que fazê-lo, te figure. Quando crie que se pode ir? Não a ver o filme, refiro-me ao mercado.

Elizabeth apenas lhe ouvia; sua mente tinha voltado para modo pensamento. Não podia deter-se.

—Está bem? —perguntou a voz amável.

Elizabeth deixou de olhar o fundo de sua taça de café para lhe ver a cara. por que parecia que lhe importasse tanto? Quem era aquele desconhecido que lhe falava com ternura e a fazia sentir-se tão a gosto em sua presença? Cada faísca de seus olhos azuis acrescentava um puntito de pele de galinha aos braços da Elizabeth, seu olhar era hipnótico e o tom de sua voz era como uma canção favorita que ela teria querido pôr a todo volume pulsando o botão «Repetir». Quem era aquele homem que tinha entrado em sua casa e lhe tinha feito uma pergunta nem sequer sua própria família era capaz de lhe fazer? «Está bem?» E o que? Estava bem? Fez dar voltas ao café na taça e o observou elevar-se em espuma contra os borde, igual ao mar contra os escarpados da Slea Head. Pensou na pergunta e chegou à conclusão de que se tinham transcorrido anos da última vez que ouvisse alguém pronunciar aquelas palavras certamente a resposta era que não. Não estava bem.

Estava cansada de abraçar travesseiros, de confiar nas mantas para dar-se calor e de reviver momentos românticos só em sonhos. Estava cansada de esperar que cada dia transcorresse depressa para passar ao seguinte. De esperar que fosse um dia melhor, um dia mais fácil. Mas nunca o era. Trabalhava, pagava as faturas e se deitava, mas nunca dormia. Cada manhã a carga que pesava sobre seus ombros era maior e cada manhã desejava que anoitecesse quanto antes para poder retornar à cama e abraçar-se a seus travesseiros e envolver-se no calor de suas mantas.

Olhou ao amável desconhecido de olhos azuis que a estava observando e viu mais preocupação naqueles olhos que nos de qualquer outra pessoa que ela tivesse conhecido até então. Desejava lhe dizer como se sentia, desejava lhe ouvir dizer que tudo iria bem, que não estava sozinha e que todos viveriam felizes e comeriam perdizes Y... interrompeu-se. Os sonhos, os desejos e as esperanças eram pouco realistas. Devia impedir que a mente a levasse por aqueles roteiros. Tinha um bom trabalho e ela e Luke gozavam de boa saúde. Isso era quanto necessitava. Levantou a vista para o Ivan e pensou sobre como responder a sua pergunta. Estava bem?

Ivan bebeu um sorvo de leite.

Elizabeth sorriu e pôs-se a rir, já que em cima do lábio lhe tinha ficado um bigode branco tão grande que lhe chegava até as janelas do nariz.

—Sim, obrigado, Ivan, estou bem.

Ele não parecia as ter todas consigo enquanto se limpava a boca e, depois de estudá-la um ratito, reatou a conversação.

—assim, é desenhista de interiores.

Elizabeth franziu o cenho.

—Sim. Como sabe?

Os olhos do Ivan faiscaram maliciosos.

—Sei tudo.

Elizabeth sorriu.

—Como todos os homens. —Olhou a hora—. Não me explico por que demora tanto Sam. Seguro que sua esposa já estará pensando que lhes raptei aos dois.

—OH, não estou casado —respondeu Ivan em seguida—. Garotas, puf!

Fez uma careta.

Elizabeth riu.

—Sinto muito, não sabia que você e Fiona não seguiam juntos.

—Fiona? —Ivan parecia confundido.

—A mãe do Sam? —perguntou Elizabeth sentindo-se estúpida.

—Ah, ela? —Ivan fez outra careta—. Nem pensar. —inclinou-se para diante no sofá de pele e este rangeu sob seus nos cubra. Um ruído que Elizabeth conhecia—. Sabe?, adora preparar esse espantoso prato de frango. O molho estraga a carne de frango, sério.

Elizabeth se encontrou rendo de novo.

—Essa é uma razão pouco freqüente para que você não goste de alguém. —Embora curiosamente Luke se queixou do mesmo depois de jantar em casa do Sam durante o fim de semana.

—Não, se você gostar do frango é uma razão de peso —respondeu Ivan com sinceridade—. O frango é com muito meu prato favorito —adicionou sorrindo.

Elizabeth assentiu com a cabeça tratando de agüentá-la risada.

—Bom, certamente minha carne de ave favorita.

Aquilo foi a gota que encheu o copo. Elizabeth rompeu a rir outra vez. Sem dúvida Luke tinha copiado algumas de suas frases.

—O que acontece?

Ivan sorriu de brinca a orelha mostrando uma dentadura branca e reluzente.

—É você —disse Elizabeth tratando de serenar-se e controlar a risada. Não podia acreditar que estivesse comportando-se daquele modo com um perfeito desconhecido.

—O que passa comigo?

—É divertido.

Elizabeth sorriu.

—É preciosa —disse Ivan com calma e ela voltou a lhe olhar surpreendida, ruborizou-se. Como se atrevia a lhe dizer algo semelhante? Houve outro silêncio por parte dela enquanto se perguntava se tinha que ofender-se ou não. A gente não acostumava fazer tais comentários a Elizabeth. Não sabia como se supunha que devia reagir.

Olhou de esguelha ao Ivan e a intrigou ver que não se mostrava absolutamente perplexo nem envergonhado. Como se para ele fosse normal dizer essas coisas. Para um homem como ele certamente o era, pensou com cinismo. Um sedutor, isso era o que era. Embora por mais que o olhasse com forçado desdém, em realidade não conseguia acreditar-lhe. Aquele homem não sabia nada a respeito dela, tinha-a conhecido fazia escassos dez minutos, havia-lhe dito que era preciosa e entretanto seguia sentado em sua sala de estar como se fosse seu melhor amigo, inspecionando a habitação como se fosse o lugar mais interessante que tinha visto em sua vida. Era de natural muito afável, resultava muito fácil falar com ele e lhe escutar, e apesar de lhe haver dito que era bonita sentada ali com sua roupa velha, os olhos avermelhados e o cabelo gordurento, o certo era que não a incomodava o mais mínimo. quanto mais se prolongava o silêncio mais claro teve que simplesmente lhe tinha feito um completo.

—Obrigado, Ivan —disse Elizabeth educadamente.

—Graças a ti.

—por que?

—Há dito que eu era divertido.

—Ah, sim. Bom..., de nada.

—Não revistam te fazer cumpridos, verdade?

Elizabeth teria que haver-se levantado naquele preciso instante e lhe ordenar que saísse de sua sala de estar por ser tão intrometido, entretanto não o fez porque por mais que pensasse que tecnicamente, segundo suas próprias regras, deveria sentir-se molesta, a verdade era que não o estava. Suspirou.

—Não, Ivan, mas bem não.

Lhe sorriu.

—Bom, porque este seja o primeiro de muitos.

Olhou-a fixamente e a Elizabeth começaram a lhe tremer as pálpebras por lhe haver sustentado o olhar tanto momento.

—Sam dorme contigo esta noite?

Ivan pôs os olhos em branco.

—Espero que não. Para ser um pirralho de só seis anos, não imagina como rouca.

Elizabeth sorriu.

—Seis anos são muitos A... —interrompeu-se e tomou um gole de café.

Ivan arqueou as sobrancelhas.

—Como diz?

—Nada —resmungou Elizabeth. Enquanto Ivan seguia estudando a habitação Elizabeth lhe jogou outra olhada pela extremidade do olho. Custava-lhe calcular que idade tinha. Era alto e musculoso, viril mas com um encanto juvenil. Estava confundida. Decidiu sair de dúvidas.

—Ivan, há algo que me tem confundida.

Tomou fôlego para fazer a pergunta.

—Pois não o esteja. Nunca esteja confundida.

Curiosamente, Elizabeth franziu o cenho e sorriu de uma vez. Até seu próprio rosto estava confundido ante semelhante declaração.

—De acordo —disse devagar—. Te importa que te pergunte que idade tem?

—Não —respondeu Ivan alegremente—. Não me importa o mais mínimo.

Silêncio.

—E bem?

—E bem o que?

—Que idade tem?

Ivan sorriu.

—Digamos que uma pessoa me há dito que tenho a mesma idade que você.

Elizabeth riu. Já o tinha suposto. Obviamente Ivan não se livrou dos comentários pouco sutis do Luke.

—Os meninos lhe mantêm jovem, Elizabeth. —Sua voz se voltou séria, seus olhos profundos e meditabundos—. Meu trabalho consiste em cuidar dos meninos, ajudá-los a crescer e lhes brindar apóio.

—É assistente social? —perguntou Elizabeth.

Ivan o meditou.

—Pode me chamar assistente social, amigo íntimo profissional, conselheiro... —Estendeu as mãos e se encolheu de ombros—. Os meninos são quem sabe exatamente o que está ocorrendo no mundo, sabe? Vêm mais costure que os adultos, acreditam em mais costure, são sinceros e sempre lhe farão saber a que deve atenerte, qual é sua posição.

Elizabeth assentiu com a cabeça. Saltava à vista que Ivan adorava seu trabalho, como pai e como

assistente social.

—Resulta muito interessante, sabe? —Ele voltou a inclinar-se para diante—. Os meninos aprendem muitíssimo mais depressa que os adultos. Adivinhas por que?

Elizabeth supôs que existia alguma explicação científica, mas negou com a cabeça.

—Porque não têm prejuízos. Porque desejam saber e desejam aprender. Os adultos... —negou tristemente com a cabeça— pensam que sabem tudo. Crescem e esquecem facilmente e em vez de abrir a mente e desenvolvê-la, escolhem o que devem acreditar e que não. Não é possível escolher essa classe de coisas: ou crie ou não crie. Por isso sua aprendizagem é mais lenta. São mais cínicos, perdem a fé e só desejam saber as coisas que os ajudarão a seguir adiante dia detrás dia. Não lhes interessam os extras. Mas, Elizabeth... —adicionou em um audível sussurro, com os olhos muito abertos e faiscantes, e Elizabeth se estremeceu ao tempo que lhe punha a pele de galinha. Tinha a impressão de que estava lhe contando o segredo maior do mundo. Aproximou a cabeça a do Ivan—. São esses extras os que fazem a vida.

—Que fazem a vida o que? —sussurrou Elizabeth.

Ivan sorriu.

—Que fazem a vida.

Elizabeth tragou saliva para desfazer o nó que tinha na garganta.

—Isso é tudo?

Ivan voltou a sorrir.

—O que quer dizer com que se isso for tudo? O que pode conseguir melhor que a vida, que mais lhe pode pedir à vida? A vida é o presente. A vida o é tudo. E não a terá vivido como é devido até que cria.

—Até que cria no que?

Ivan pôs os olhos em branco e sorriu.

—Bom, Elizabeth, já irá vendo.

Elizabeth queria mais extras desses dos que lhe estava falando. Queria a faísca e o entusiasmo da vida, queria soltar globos em um campo de cevada e encher uma habitação com pastelillos de cor

rosa. Os olhos voltaram a encher-se o de lágrimas e o coração lhe palpitou no peito ante a idéia de romper a chorar diante dele. Mas não teria que haver-se apurado, já que ele ficou de pé lentamente.

—Elizabeth —disse Ivan com delicadeza—, agora tenho que te deixar. foi um prazer passar este momento contigo.

Tendeu-lhe a mão.

Quando Elizabeth tendeu a sua para tocar sua suave pele, ele a agarrou com ternura e a apertou hipnoticamente. Elizabeth não pôde articular palavra devido ao nó que lhe tinha feito na garganta.

—Boa sorte com sua reunião de amanhã —acrescentou Ivan sorrindo alentadoramente. E dito isso saiu da sala de estar. Luke fechou a porta principal a suas costas depois de gritar «Adeus, Sam!» a pleno pulmão e logo, morto de risada, subiu a escada fazendo retumbar os degraus.

Entrada a noite Elizabeth estava tombada na cama com a cabeça quente, o nariz tampado e os olhos ardidos de tanto chorar. Abraçou o travesseiro e se acurrucó debaixo do edredom. As cortinas abertas deixavam que a lua pintasse um caminho de luz azul chapeada através de seu dormitório. Olhou pela janela a mesma lua que tinha contemplado de menina, as mesmas estrelas às que tinha pedido desejos e de súbito caiu na conta.

Ao Ivan não havia dito nenhuma palavra a respeito de sua reunião do dia seguinte.

Capítulo 15

Elizabeth tirou sua bagagem do porta-malas do táxi e o arrastou até o vestíbulo de saídas e chegadas do aeroporto do Farranfore. Suspirou aliviada. Agora sim que sentia que se ia a casa. depois de passar só um mês em Nova Iorque encontrava que ali encaixava muito mais do que jamais tinha encaixado em Dance na gCroítthe. Estava começando a fazer amigos e, mais importante ainda, estava começando a desejar fazer novos amigos.

—Ao menos o avião sairá à hora prevista —disse Mark situando-se na breve penetra de faturamento.

Elizabeth lhe sorriu e apoiou a frente contra seu peito.

—Necessitarei outras férias para me recuperar destas —brincou cansada.

Mark riu entre dentes, beijou-a no alto da cabeça e lhe acariciou os escuros cabelos.

—Chama férias a vir para casa a visitar nossas famílias? Vamos ao Hawai quando retornarmos.

Elizabeth levantou a cabeça e arqueou uma sobrancelha.

—É obvio, Mark, pode anunciar-lhe você mesmo a meu chefe. Sabe de sobra que tenho que me reincorporar a esse projeto imediatamente.

Mark estudou sua expressão decidida.

—Deveria realizá-lo por sua conta.

Elizabeth pôs os olhos em branco e voltou a apoiar a frente contra o peito do Mark.

—Não me venha outra vez com essas —disse com a voz amortecida pelo grosso casaco de lã do Mark.

—Só te peço que me escute. —Mark lhe levantou o queixo com o dedo indicador—. Trabalha de sol a sol, estranha vez toma tempo livre e sempre vai estresada. Para que?

Elizabeth abriu a boca para responder.

—Para que? —repetiu Mark sem lhe dar tempo a falar.

Elizabeth voltou a abrir a boca para responder, mas ele lhe adiantou.

—Bom, visto que é tão reacia a responder —sorriu— te direi para que. Para outras pessoas. Assim eles se levam todo o mérito. Você faz todo o trabalho, eles se levam todo o mérito.

—Perdoa —replicou Elizabeth médio em brincadeira—, mas como sabe de sobra é um trabalho extremamente bem pago e, ao passo que vou, o ano que vem por estas datas, se decidimos ficar em Nova Iorque, poderei me permitir comprar essa casa que vimos...

—Queridíssima Elizabeth —interrompeu Mark—, ao passo que vai, o ano que vem por estas datas já teriam vendido essa casa e em seu lugar haverá um arranha-céu ou um bar tremendamente moderno que não servirá álcool ou um restaurante que não servirá comida «só para ser diferente» —disse indicando as aspas com os dedos, coisa que fez rir a Elizabeth—. E sem dúvida o pintará tudo de branco, porá luzes fluorescentes no chão e te negará a comprar móveis no caso de abarrotam o espaço —acrescentou tomando o cabelo—. E outras pessoas se levarão todo o mérito. —Olhou-a com fingida indignação—. te Figure. Esse tecido em branco é tua, de ninguém mais, e não lhe deveriam arrebatá-lo. Quero poder levar a meus amigos ali e dizer, «olhem, isto o tem feito Elizabeth. Demorou três meses em fazê-lo, não há mais que paredes brancas e nenhum assento, mas estou orgulhoso dela. Verdade que o tem feito bem?».

Elizabeth ria tanto que teve que sujeitar o estômago.

—Nunca permitirei que derrubem essa casa. Seja como for, ganho um montão de dinheiro neste trabalho —explicou.

—É a segunda vez que menciona o dinheiro. Mas, se aos dois vai bem, para que necessita todo esse dinheiro? —perguntou Mark.

—Para quando chegarem as vacas fracas —disse Elizabeth. Sua risada se foi extinguindo e seu sorriso desvanecendo enquanto seus pensamentos derivavam para o Saoirse e seu pai. Vacas muito fracas, certamente.

—Menos mal que já não vivemos aqui, então —disse Mark sem reparar em sua expressão ao estar olhando pela janela—, ou estaria arruinada.

Elizabeth olhou a sua vez pela janela o dia chuvoso e foi incapaz de reprimir a sensação de que aquela semana tinha sido uma absoluta perda de tempo. Tampouco era que tivesse esperado exatamente um comitê de bem-vinda e banderitas penduradas nas cristaleiras das lojas, mas nem Saoirse nem seu pai tinham demonstrado o mais mínimo interesse em que estivesse em casa ou deixasse de está-lo, como tampouco no que tinha feito durante sua ausência. Embora não tinha retornado para lhes referir como era sua nova vida em Nova Iorque; tinha retornado para averiguar

como as arrumavam eles.

Seu pai seguia sem lhe dirigir a palavra por haver partido de casa abandonando-o. Em seu momento, trabalhar uns quantos meses seguidos em distintos condados tinha parecido o pior dos pecados, mas que agora tivesse abandonado o país já raiava em pecado mortal. antes de partir Elizabeth o tinha disposto tudo para assegurar-se de que ambos estariam atendidos. Para sua grande decepção, Saoirse tinha deixado de estudar no ano anterior e Elizabeth tinha tido que lhe buscar seu oitavo emprego em dois meses, colocando-a como responsável por repor os produtos nas prateleiras do supermercado do povo. Também tinha acordado com um vizinho que a acompanharia de carro duas vezes ao mês a ver seu conselheiro. Para a Elizabeth essa parte era muito mais importante que o trabalho, embora lhe constava que Saoirse só tinha aceito ir a essas visitas porque lhe brindavam a oportunidade de escapar de sua jaula duas vezes ao mês. Chegando o improvável caso de que Saoirse alguma vez decidisse falar sobre como se sentia, ao menos ali haveria alguém disposto a escutá-la.

Ao chegar, Elizabeth não viu nem rastro da criada que tinha contratado para seu pai. Encontrou a granja desordenada, poeirenta, fedorento e úmida, e depois de passar dois dias esfregando se deu por vencida ao dar-se conta de que nenhum produto de limpeza devolveria o brilho à casa. Quando sua mãe se foi, levou-se o brilho com ela.

Saoirse se tinha mudado da granja a uma casa com um grupo de desconhecidos com quem tinha travado amizade estando de acampada em um festival de música. Ao parecer, quão único faziam era sentar-se em corro junto à torre próxima ao povo, tombar-se na erva com suas jubas e barbas, rasgurar o violão e cantar canções sobre o suicídio.

Elizabeth só tinha conseguido pescar a sua irmã duas vezes durante sua estadia. O primeiro encontro foi muito breve. O dia da chegada desta Elizabeth recebeu uma chamada da única loja de roupas feminina de Dance na gCroíthe. Tinham retida o Saoirse detrás havê-la surpreso roubando camisetas. Elizabeth se personó no estabelecimento, desfez-se em desculpas, pagou as camisetas e assim que saíram à rua Saoirse enfiou de novo para as colinas. A segunda vez que se encontraram durou só o justo para que Elizabeth emprestasse um pouco de dinheiro ao Saoirse e ficasse para almoçar com ela ao dia seguinte, almoço que Elizabeth terminou tomando sozinha. Ao menos a alegrou constatar que Saoirse por fim tinha engordado um pouco. Tinha a cara mais enche e sua roupa não parecia que pendurasse de seus ossos como antigamente. Talvez viver sozinha lhe estivesse fazendo bem.

Novembro em Dance na gCroíthe era um mês solitário. Os jovens do lugar estavam fora estudando no instituto e a universidade, os turistas estavam em sua casa ou visitando outros países, as lojas estavam vazias e silenciosas, umas fechadas e as demais fazendo o possível para ir atirando. O povo se via cinza, frio e lóbrego, pois ainda não tinham crescido as flores que alegrariam as ruas. Era

como um povo fantasma. Mas Elizabeth estava contente de ter retornado. A sua reduzida família possivelmente lhe importasse um cominho que estivesse em casa ou não, mas assim soube com absoluta certeza que não podia passá-la vida preocupada com eles.

Mark e Elizabeth avançaram com a cauda. Só tinham uma pessoa diante e então já seriam livres. Livres de agarrar seu vôo ao Dublin de ali prosseguir até Nova Iorque.

O telefone da Elizabeth soou e o estômago lhe encolheu instintivamente.

Mark se voltou imediatamente.

—Não responda.

Elizabeth tirou o telefone da bolsa e olhou o número.

—Não responda, Elizabeth —insistiu ele com voz firme e séria.

—É um número irlandês.

Elizabeth se mordeu o lábio.

—Não o faça —disse Mark com ternura.

—Mas pode que tenha ocorrido ao...

O telefone deixou de sonar. Mark sorriu aliviado.

—Bem feito.

Elizabeth sorriu fracamente e Mark se voltou de cara ao mostrador de faturamento. Deu um passo à frente para aproximar-se do mostrador e ao fazê-lo voltou a soar o telefone.

Era o mesmo número.

Mark estava falando com a mulher de atrás do mostrador, tão simpático e encantador como de costume. Elizabeth espremeu o telefone com a mão olhando o número da tela até que desapareceu e o aparelho deixou de sonar; depois emitiu um par de assobios anunciando uma mensagem de voz.

—Elizabeth, esta senhorita necessita seu passaporte —disse Mark dando-a volta. Lhe mudou o semblante.

—Só estou escutando as mensagens —disse Elizabeth em seguida, e ficou a revolver a bolsa em

busca de seu passaporte, com o telefone pego à orelha.

—Olá, Elizabeth, sou Mary Flaherty. Chamo da sala de maternidade do Hospital do Killerney. Sua irmã Saoirse ingressou com dores de parto. É um mês antes do previsto, como saberá, assim Saoirse quis que lhe chamássemos para fazer-lhe saber se por acaso queria estar aqui com ela...

Elizabeth não ouviu o resto. ficou ali cravada. Dolores de parto? Saoirse? Se nem sequer estava grávida. Voltou a pôr a mensagem pensando que possivelmente fosse um número equivocado, fazendo caso omisso das súplicas do Mark para que lhe desse o passaporte.

—Elizabeth —disse Mark em voz alta interrompendo seus pensamentos—, o passaporte. Está fazendo esperar a todo mundo.

Elizabeth se voltou e a saudou uma fila de rostos zangados.

—Sinto-o —sussurrou pasmada, tremendo da cabeça aos pés.

—O que ocorre? —perguntou Mark, de cujo semblante se desvanecia a irritação para dar passo à preocupação.

—Desculpe —chamou a empregada de faturamento—. vai agarrar este vôo? —perguntou com tanta educação como pôde.

—Pois... —Elizabeth, presa da confusão, esfregou-se os olhos e olhou alternativamente o cartão de embarque de cima do mostrador e o rosto do Mark—. Não, não, não posso. —Deu um passo atrás e saiu da cauda—. O sinto. —voltou-se para os poucos passageiros que formavam a cauda e estes a

olharam com menos severidade—. O sinto muito. —Olhou ao Mark, que seguia na cauda mostrando-se muito... muito decepcionado. Não decepcionado porque não fora a viajar com ele, a não ser decepcionado com ela.

—Senhor —disse a senhorita lhe entregando o cartão de embarque.

Mark a colheu com gesto distraído e saiu muito devagar da cauda.

—O que aconteceu?

—É Saoirse —disse Elizabeth com um fio de voz. Lhe fez um nó na garganta—. A levaram a hospital.

—tornou a beber mais da conta? —A preocupação se esfumou ipso facto da voz do Mark.

Elizabeth refletiu sobre aquela resposta um bom momento e a vergonha e o abafado de não estar inteirada do embarço do Saoirse se apropriaram dela e lhe gritaram que mentisse.

—Sim, isso parece. Não estou segura.

Negou com a cabeça tratando de afastar seus pensamentos.

Mark relaxou os ombros.

—Ouça, o mais provável é que simplesmente tenham que lhe fazer uma lavagem de estômago outra vez. Não é nada novo, Elizabeth. Tiremos seu cartão de embarque e o falamos na cafeteria.

Elizabeth voltou a negar com a cabeça.

—Não, não, Mark, tenho que ir —disse com voz tremente.

—Elizabeth, certamente não será nada —sorriu—. Quantas chamadas como esta recebe ao cabo do ano e sempre acaba sendo o mesmo?

—Pode que esteja lhe ocorrendo algo, Mark.

Algo que uma irmã em seu são julgamento teria sabido, algo que teria que ter descoberto.

Mark apartou as mãos da cara da Elizabeth.

—Não deixe que te faça isto.

—Fazer o que?

—Não deixe que te obrigue a escolher sua vida por cima da tua.

—Não seja ridículo, Mark, é minha irmã, forma parte de minha vida. Tenho que cuidar dela.

—em que pese a que ela nunca cuida de ti. em que pese a que não poderia lhe importar menos que esteja aqui para apoiá-la ou não.

Foi como um murro na boca do estômago.

—Não, tenho a ti para que cuide de mim.

Tratava de pôr o de bom humor, tratava de fazer que todos fossem felizes como de costume.

—Mas não posso fazê-lo se não me deixa —protestou Mark. A pena e a irritação lhe escureceram

o olhar.

—Mark —Elizabeth tentou rir sem consegui-lo—, prometo-te que agarrarei o primeiro vôo que possa. Só preciso averiguar o que aconteceu. Pensa-o. Se se tratasse de sua irmã já te teria partido deste aeroporto faz momento, estaria a seu lado enquanto falamos e não te teria detido nem um instante a pensar em ter esta estúpida conversação.

—Então que demônios faz ainda aqui? —repôs Mark com frieza.

A irritação e o pranto aninharam na Elizabeth de repente. Agarrou sua mala e se afastou dele. Saiu do aeroporto e foi a toda pressa até o hospital.

Retornou a Nova Iorque, em efeito, tal como lhe tinha prometido. Tomou o avião para ali dois dias depois que ele, recolheu seus efeitos pessoais do apartamento que compartilhavam, apresentou sua demissão no trabalho e voltou para Dance na gCroítche com uma pena tão amarga no coração que quase lhe impedia de respirar.

Capítulo 16

Elizabeth tinha treze anos e se estava começando a adaptar a suas primeiras semanas de ensino médio. Isso significava que tinha que viajar mais à frente do povo para ir ao instituto, de modo que se levantava e saía mais cedo que todos outros pela manhã e, como as classes terminavam tarde, retornava a casa quando já tinha escurecido. Passava muito pouco tempo com a pequena Saoirse, que contava à maturação onze meses. A diferença do ônibus da escola primária, o ônibus do instituto parava ao final da larga estrada que conduzia à granja, deixando-a só ante a caminhada até a porta de casa, onde nunca a aguardava ninguém para recebê-la. Era inverno e as manhãs e atardeceres escuros estendiam seu manto de veludo negro sobre o campo. Elizabeth, pela terceira vez aquela semana, tinha percorrido o caminho a pé sob a chuva e o vento, com a saia do uniforme formando redemoinhos-se em torno de suas pernas enquanto a carteira, carregada de livros, encurvava-lhe as costas.

Agora estava sentada em pijama junto ao fogo tentando entrar em calor, com um olho posto nos deveres e o outro no Saoirse, que engatinhava pelo estuado acostumado a metendo-se quanto ficasse ao alcance de suas gordinhas mãos na boca lhe babem. Seu pai, na cozinha, esquentava seu guisado caseiro de verduras uma vez mais. Era o que comiam diariamente. Papa para tomar o café da manhã, guisado para o jantar. de vez em quando tomavam um grosso bife de vitela ou algum pescado afresco que seu pai tivesse capturado esse dia. A Elizabeth adorava esses dias.

Saoirse gorjeava e babava agitando as mãos em redor e observando a Elizabeth, contente de ver sua irmã maior em casa. Elizabeth lhe sorria e fazia ruídos alentadores antes de voltar a concentrar-se nos deveres. Usando o sofá como ponto de apoio, Saoirse ficou de pé tal como levava fazendo durante as últimas semanas. Pouco a pouco avançou para um lado, indo adiante e atrás, adiante e atrás antes de dar meia volta para a Elizabeth.

—Venha, Saoirse, pode fazê-lo.

Elizabeth soltou o lápis e fixou a atenção em seu hermanita. Desde fazia uns dias Saoirse cada tarde tentava cruzar a habitação caminhando até sua irmã, mas acabava desabando-se sobre seu traseiro almofadado. Elizabeth estava decidida a estar presente quando por fim desse aquele salto adiante. Queria inventar uma canção e um baile sobre aquele momento, tal como sua mãe teria feito se não se partiu.

Saoirse soltava o ar pela boca formando borbulhas em seus lábios e assassinava em sua misteriosa linguagem.

—Sim —assentia Elizabeth—, vêm com a Elizabeth. Tendeu-lhe os braços.

Muito devagar, Saoirse se soltou e com um olhar resolvido em seu rosto começou a dar uns passos. Avançava inexoravelmente enquanto Elizabeth continha o fôlego esforçando-se por não gritar de entusiasmo por medo a lhe fazer perder o equilíbrio. Saoirse sustentou o olhar da Elizabeth todo o trajeto. Elizabeth nunca esqueceria aquele olhar nos olhos de sua irmã bebê, carregada de determinação. Finalmente alcançou a Elizabeth e esta tomou em braços e ficou a dançar daqui para lá cobrindo a de beijos enquanto Saoirse ria e fazia mais borbulhas.

—Papai, papai! —chamou Elizabeth.

—O que? —gritou seu pai, mal-humorado.

—Vêm aqui, corre! —insistiu Elizabeth ajudando ao Saoirse a aplaudir-se a si mesmo.

Brendan apareceu à porta torcendo o gesto com preocupação.

—Saoirse caminhou, papai! Olhe, faz-o outra vez, Saoirse; caminha para que te veja papai!

Pôs a sua irmã no chão e a respirou a repetir a proeza.

Brendan soprou.

—Jesus, pensava que era algo importante. Acreditava que te acontecia algo mau. Deixa de me chatear com panaquices.

Deu-lhe as costas e retornou à cozinha.

Quando Saoirse levantou a vista durante seu segundo intento por mostrar a sua família o lista que era e viu que seu papai se partiu, pôs cara de desgosto e em seguida deu com o traseiro no chão outra vez.

Elizabeth tinha estado no trabalho o dia que Luke aprendeu a caminhar. Edith a tinha chamado em meio de uma reunião e ela não pôde ficar ao telefone, de modo que só se inteirou quando chegou a casa. Ao recordá-lo, caiu na conta de que tinha reagido de forma muito similar a seu pai e, uma vez mais, odiou-se por isso. Como adulta podia compreender a reação de seu pai. Não era que não estivesse orgulhoso ou que não lhe importasse, era só que lhe importava muito. Primeiro caminham, logo se largam.

A idéia alentadora era que se Elizabeth tinha conseguido ajudar a sua irmã a caminhar uma vez, certamente poderia ajudá-la a fazer pé uma segunda vez.

Elizabeth despertou sobressaltada, morta de frio e medo depois de um pesadelo. A lua tinha finalizado seu turno naquela parte do mundo e se deslocou lhe deixando sitio ao sol. O sol contemplava a Elizabeth com ar paternal sem lhe tirar o olho de cima enquanto esta dormia. O feixe de luz azul chapeada que atravessava a cama tinha sido substituído por um reguero amarelo. Eram as quatro e trinta e cinco e Elizabeth se sentiu bem acordada imediatamente. apoiou-se nos cotovelos. Tinha meio edredom cansado ao chão e o outro meio feito uma confusão entre as pernas. Tinha dormido de maneira irregular com sonhos que começavam antes de concluir os anteriores, ocultando uns com outros, criando uma estrambótica sucessão de rostos, lugares e palavras aleatórios. Estava esgotada.

Jogou uma olhada ao dormitório e a irritação se apoderou de seu ser. Embora tinha feito a limpeza na casa de cima abaixo até deixá-la reluzente dois dias atrás, sentiu a urgente necessidade de voltar a fazê-lo. Havia coisas fora de sítio que lhe chamavam a atenção pela extremidade do olho. esfregou-se o nariz, que estava começando a lhe picar ante tanta contrariedade e se separou de um puxão a roupa de em cima da cama, ficou a ordenar tudo imediatamente. Tinha um total de doze almofadões que dispor na cama, seis filas de dois consistentes em travesseiros convencionais seguidos por outras oblongas e redondas na parte de diante. Todas eram de texturas diferentes, abrangendo da pele de coelho à camurça, em distintas tonalidades de nata, beis e café. Uma vez satisfeita com a cama comprovou que seus objetos de vestir estivessem penduradas na ordem correta, com os tons mais escuros à esquerda e os claros à direita, embora seu guarda-roupa tinha muito pouco colorido. Ficar o mais ligeiro toque de cor lhe dava a impressão de ir pela rua envolta em brilhos de néon. Aspirou o chão, tirou o pó e tirou brilho aos espelhos, endireitou as três toalhas de mão do quarto de banho, tarefa que a entreteve vários minutos até alinhar à perfeição as raias que as cruzavam. Os grifos refulgiam e não deixou de esfregar febrilmente os ladrilhos até que conseguiu ver seu reflexo nelas. Às seis e meia tinha terminado a sala de estar e a cozinha e, um pouco menos inquieta, saiu ao jardim, onde se sentou com uma taça de café a repassar seus desenhos para preparar a reunião daquela manhã. Em total tinha dormido somente três horas aquela noite.

Benjamin West pôs os olhos em branco e fez chiar os dentes um pouco contrariado enquanto seu chefe ia de um lado ao outro do Portakabin,* destrambelhando com seu marcadíssimo acento de Nova Iorque.

—Olhe, Benji, estou...

—Benjamin —interrompeu Benjamin.

—... mais que farto —prosseguiu sem lhe fazer o menor caso— de ouvir a mesma mierda em boca de todos. Todos esses desenhistas são iguais. Querem isto contemporâneo e aquilo minimalista. Têm-me até as Pelotas com o art déco, Benji!

—Me llam...

—vamos ver. Com quantas empresas dessas nos reunimos até agora?

Deixou de caminhar e olhou ao Benjamin. Benjamin folheou sua agenda.

—Em... Com oito, sem contar à mulher que teve que partir de improviso na sexta-feira, Elizabeth...

—Não importa —interrompeu o chefe—, é igual ao resto.

Descartou-a com um gesto desdenhoso da mão e deu meia volta para olhar pela janela para o edifício em construção. Sua magra trança cinza oscilou com sua cabeça.

—Bom, temos outra reunião com ela dentro de meia hora —disse Benjamin jogando uma olhada a seu relógio de pulso.

—Cancela-a. Importa-me um nada o que tenha que nos contar. É tão dissimulada como outros. Quantos hotéis construímos juntos, Benji?

Benjamin suspirou.

—Meu nome é Benjamin e trabalhamos juntos um montão de vezes, Vincent.

—Um montão —assentiu Vincent para si—. Justamente o que pensava. E em quantos tivemos umas vistas tão boas como em este?

Tendeu a mão para mostrar o panorama que oferecia a janela. Benjamin se deu a volta na cadeira, indiferente, e com muita dificuldade conseguiu ver mais à frente do ruído e o caos da obra. Foram com atraso. Sem dúvida era uma vista bonita, mas teria preferido olhar por aquela janela e contemplar um hotel terminado, não uma sucessão de verdes colinas e lagos. Já levava dois meses na Irlanda e segundo o previsto o hotel devia estar terminado em agosto, ao cabo de três meses. Nascido no Haxton, Avernado, mas residente em Nova Iorque, acreditava ter escapado fazia muito à sensação de claustrofobia que só se dava nas populações pequenas. Ao parecer não era assim.

—E bem?

Vincent tinha aceso um puro e o chupava com leite.

—É uma vista fantástica —disse Benjamin em um tom aborrecido.

—É uma vista de puta mãe, joder, e não penso permitir que um interiorista cursilón e pretensioso venha aqui e faça que isto pareça um hotel urbano qualquer como os que temos feito a milhões.

—O que tem em mente, Vincent?

Quão único Benjamin tinha estado ouvindo ao longo dos dois últimos meses era o que Vincent não queria que fizessem com «seu» hotel.

Vincent, embainhado em um traje cinza brilhante, foi com passo decidido até sua maleta, tirou uma pasta e a lançou à mesa diante do Benjamin.

—Olhe estes recortes de periódicos. Este lugar é uma puñetera mina de ouro, quero o mesmo que querem eles. A gente não quer um hotel do montão; tem que ser romântico, divertido, artístico, nada que ver com a assepsia hospitalar do que chamam moderno. Se a próxima pessoa que entre nesta habitação tem as mesmas idéias de mierda, eu mesmo me encarregarei de desenhar este maldito lugar.

Voltou o rosto ruborizado de cara à janela e deu uma imersão a seu puro.

Benjamin pôs os olhos em branco ante o histrionismo do Vincent.

—Quero a um artista de verdade —prosseguiu Vincent—, a um louco de atar. Alguém criativo com um pouco de estilo. Estou farto desses trajes de executivo que falam de cores de pintura como se fossem diagramas de bolos e que não utilizaram uma broxa em seu puñetera vida. Quero aos Vão Gogh do interiorismo...

Uns golpes à porta interromperam.

—Quem é agora? —disse Vincent com aspereza, ainda com o rosto avermelhado devido a seu perorata.

—Suponho que Elizabeth Egan, que vem para a reunião.

—Acreditava te haver dito que a cancelasse.

Benjamin fez caso omisso dele e se dirigiu à porta para abrir a Elizabeth.

—Olá —disse Elizabeth entrando na habitação seguida pelo cabelo ameixa do Poppy, toda salpicada de pintura e carregada de pastas transbordantes de amostras de tapetes e malhas.

—Olá, sou Benjamin West, diretor do projeto. Conhecemo-nos na sextas-feiras.

Estreitou a mão da Elizabeth.

—Sim, lamento ter tido que ir tão logo —respondeu Elizabeth resolutamente sem lhe olhar aos olhos—. Não é algo que me ocorra com freqüência, o asseguro. —voltou-se de cara à apurada senhorita que tinha detrás—. Ela é Poppy, meu ajudante. Confio em que não os importância que se sente conosco —adicionou em tom cortante.

Poppy lutou com as pastas para dar a mão ao Benjamin e como resultado umas quantas pastas lhe caíram ao chão.

—Mierda —disse Poppy em voz alta, e Elizabeth se voltou a olhá-la jogando faíscas.

Benjamin riu.

—Não passa nada. me permita ajudá-la.

—Senhor Taylor —disse Elizabeth levantando a voz e cruzando a habitação com a mão estendida —, alegra-me voltar a lhe ver. Lamento o da última reunião.

Vincent se separou de diante da janela, olhou de cima abaixo o traje jaqueta negro da Elizabeth e deu uma imersão a seu puro. Não lhe estreitou a mão, mas sim se voltou de novo de cara à janela.

Benjamin ajudou ao Poppy a deixar suas pastas em cima da mesa e interveio para dissipar o mal ambiente da habitação.

—por que não nos sentamos todos?

Elizabeth, ruborizada, baixou devagar a mão e se voltou para a mesa. Sua voz subiu uma oitava.

—Ivan!

Poppy enrugou o semblante e olhou a ver se havia alguém mais.

—Não passa nada —lhe disse Benjamin—, a gente se confunde com meu nome constantemente. Meu nome é Benjamin, senhora Egan.

—OH, não dirigia a você —riu Elizabeth—. Falo com o homem que está sentado a seu lado. —aproximou-se da mesa—. O que está fazendo aqui? Não sabia que estivesse metido no projeto do hotel. Acreditava que trabalhava com meninos.

Vincent arqueou as sobrancelhas e a observou assentir e sorrir com cortesia no silêncio lhe reinem. O empresário pôs-se a rir; uma sonora gargalhada que acabou em um ataque de tosse pão.

—encontra-se bem, senhor Taylor? —perguntou Elizabeth com preocupação.

—Sim, senhora Egan, muito bem. O mar de bem, diria eu. É um prazer conhecê-la.

Tendeu-lhe a mão.

Enquanto Poppy e Elizabeth ordenavam suas pastas, Vincent se dirigiu a Benjamim entre dentes.

—A esta possivelmente não falte muito para cortá-la orelha, depois de tudo.

A porta se abriu e entrou a recepcionista com uma bandeja de taças de café.

—Enfim, encantou-me voltar a verte. Adeus, Ivan —se despediu Elizabeth antes de que a mulher saísse fechando a porta a suas costas.

—Já se partiu? —perguntou Poppy com acritud.

—Não se preocupe —disse Benjamim ao Poppy rendo pelo baixo enquanto observava admirado a Elizabeth—, ela encaixa no perfil à perfeição. estiveram escutando ao outro lado da porta, verdade?

Poppy lhe olhou confundida.

—Não se preocupe mais, não vão meter se em confusões nem nada pelo estilo —disse Benjamim com ar um pouco festivo—. Mas nos escutaram falar, não?

Poppy refletiu um ratito e logo assentiu lentamente com a cabeça mostrando-se ainda bastante perplexa.

Benjamim estalou a língua e apartou a vista.

—Sabia. Garota lista—pensou em voz alta olhando a Elizabeth enfrascada na conversação com o Vincent.

Ambos emprestaram atenção ao bate-papo.

—Eu gosto de você, Elizabeth, a sério —estava dizendo Vincent com franqueza—. Eu gosto de sua excentricidade.

Elizabeth franziu o cenho.

—Já sabe, sua extravagância. Assim é como a gente sabe que alguém é um gênio e me agrada ter gênios em minha equipe.

Elizabeth assentiu devagar, absolutamente desconcertada com o que estava acontecendo.

—Mas —prosseguiu Vincent— não me acabam de convencer suas idéias. Em realidade, não estou nada convencido. Eu não gosto.

fez-se o silêncio.

Elizabeth se revolveu incômoda no assento.

—Muito bem —disse tratando de demonstrar profesionalidad—, o que tem você pensado exatamente?

—Amor.

—Amor —repetiu Elizabeth desanimada.

—Sim. Amor.

Vincent se recostou no respaldo do assento com os dedos entrelaçados em cima do estômago.

—Tem amor pensado —disse Elizabeth impávidamente olhando a Benjamim para assegurar-se.

Benjamim pôs os olhos em branco e se encolheu de ombros.

—Né, me importa uma mierda o amor —esclareceu Vincent—. estive uns vinte e cinco anos casado —acrescentou a modo de explicação—. É o público irlandês quem o quer. Onde pode colocar isso?

Procurou com o olhar e aproximou da Elizabeth a pasta de recortes de imprensa deslizando-a pela mesa.

depois de passar umas páginas Elizabeth falou. Por seu tom de voz Benjamim compreendeu que estava decepcionada.

—Ah, já o vejo. Você quer um hotel temático.

—Dito assim soa vulgar —repôs Vincent lhe tirando importância com um gesto.

—É que considero que os hotéis temáticos são vulgares —replicou Elizabeth com firmeza. Não podia renunciar a seus princípios, nem sequer por um encargo tão fantástico como aquele.

Benjamim e Poppy olharam ao Vincent para ver o que respondia. Era como seguir uma partida de tênis.

—Elizabeth —disse Vincent com um esboço de sorriso—, você é uma jovem muito bonita, seguro que sabe isto de sobra. O amor não é um tema. É uma atmosfera, um estado de ânimo.

—Entendo —disse Elizabeth dando a impressão de não estar entendendo absolutamente nada—. Você quer um hotel onde se respire amor no ambiente.

—Exato! —exclamou Vincent mostrando sentido prazer—. Mas não se trata do que eu quero, é o que eles querem.

Golpeou com o dedo os recortes de imprensa. Elizabeth pigarreou e falou como se se estivesse dirigindo a um menino.

—Senhor Taylor, estamos em junho, o que chamamos a estação tola, quando não há nada mais sobre o que escrever. Os meios de comunicação só oferecem uma imagem distorcida da opinião pública; distam de ser exatos, como bem sabe. Não representam os desejos e expectativas do povo irlandês. Esforçar-se por alcançar algo que encaixe com as necessidades dos meios de comunicação constituiria um equívoco descomunal.

Vincent não parecia nada impressionado.

—Olhe —prosseguiu ela—, este hotel conta com uma localização realmente maravilhosa e umas vistas que tiram o soluço, encontra-se junto a um povo precioso com uma oferta interminável de atividades ao ar livre. Meus desenhos pretendem prolongar o exterior no interior fazendo que a paisagem passe a formar parte do estabelecimento. Mediante o uso de tons semelhantes aos do entorno natural, como marrons e verdes escuros, e empregando pedra podemos...

—Todo isso já o ouvi mil vezes —interrompeu Vincent soprando—. Não quero que o hotel harmonize com as montanhas, quero que destaque. Não quero que os hóspedes se sintam como puñeteros gnomos que dormem em camas de armar de erva e barro.

Apagou o cigarro esmagando-o com fúria no cinzeiro.

«Perdeu-o —pensou Benjamin—. Que lástima: esta o tinha tentado com vontades.» Observou como se transformava o rosto da Elizabeth enquanto o encargo lhe escorria das mãos.

—Senhor Taylor —replicou Elizabeth em seguida—, ainda não ouviu todas minhas idéias. estava-se agarrando a um prego ardendo.

Vincent grunhiu e olhou seu Rolex com coroa de diamantes.

—Tem trinta segundos.

Elizabeth se ficou paralisada durante os vinte primeiros e finalmente o semblante lhe decompôs e pronunciou as palavras seguintes com uma expressão de intensa dor

—Poppy —suspirou—, o conte suas idéias.

—Sim! —Poppy se levantou de um salto e bailoteó entusiasmada até a outra ponta da mesa para plantar-se diante do Vincent—. Muito bem, imagino camas de água com forma de coração, banhos quentes, taças de champanha que saem das mesinhas de noite. Imagino uma fusão da era Romântica com o art déco. Uma explosão —fez o gesto de uma explosão com as mãos— de intensos vermelhos, borgoñas e granadas que lhe farão sentir agasalhado pelo estofado aveludado de um útero. Velas em qualquer parte. O penteadeira francês se funde com...

Enquanto Poppy dissertava e Vincent assentia animadamente com a cabeça bebendo-se cada palavra dela, Benjamin se voltou para olhar a Elizabeth, quem a sua vez, com a cabeça apoiada em uma mão, fazia uma careta de dor ante cada uma das idéias do Poppy. Os olhos de ambos se encontraram e cruzaram um olhar de exasperação a propósito de seus respectivos colegas.

Logo intercambiaram um sorriso.

Capítulo 17

—OH, Meu deus, OH, Meu deus —chiava Poppy com deleite saltitando caminho do carro da Elizabeth—. Eu gostaria de dar as graças ao Damien Hirst por me inspirar, ao Egon Schiele —se secou uma lágrima imaginária do olho—, Bansky e Robert Rauschenberg por me proporcionar obras de arte tão incríveis que me ajudaram a desenvolver minha mente criativa, abrindo-a delicadamente como um casulo em flor e por...

—Já basta —vaiou Elizabeth apertando os dentes—. Ainda nos estão observando.

—Ora, seguro que não, não seja tão paranóica.

O tonillo do Poppy passou da euforia à frustração. voltou-se de cara ao barraco da obra.

—Não te volte, Poppy! —ordenou Elizabeth como se gritasse a um menino.

—Venha. por que não? Não estão mi... OH, sim que olham. ADIÓÓÓÓÓ! GRAAAACIAS!

Saudou com as mãos como uma louca.

—Acaso quer perder seu emprego? —ameaçou Elizabeth se negando a dá-la volta. Suas palavras tiveram o mesmo efeito que teriam tido no Luke quando o ameaçava lhe tirando seu Play-Station. Poppy deixou de saltar no ato e ambas seguiram caminhando em silêncio para o carro. Elizabeth notava dois pares de olhos cravados nas costas.

—Não posso acreditar que tenhamos conseguido o trabalho —disse Poppy ofegando uma vez dentro do veículo, comprimindo o coração com a mão.

—Eu tampouco —resmungou Elizabeth grampeando o cinto de segurança antes de pôr o carro em marcha.

—O que te passa, resmungona? Qualquer diria que não conseguimos o encargo —a acusou Poppy acomodando-se no assento do co-piloto e inundando-se em seu próprio mundo.

Elizabeth pensou nisso. Em realidade não era ela quem tinha conseguido o encargo, a não ser Poppy. tratava-se da classe de vitória que não parecia no mais mínimo uma vitória. E que diabos pintava Ivan ali? Havia dito a Elizabeth que trabalhava com meninos. O que tinha que ver o hotel com os meninos? Nem sequer se tinha ficado o tempo suficiente como para que Elizabeth o averiguasse, posto que tinha saído da habitação assim que lhes levaram os cafés, sem despedir-se de ninguém além da Elizabeth. Refletiu sobre este detalhe. Possivelmente estivesse metido em

negócios com o Vincent e ela tinha aparecido durante uma reunião importante, coisa que explicaria por que Vincent se mostrou tão grosseiro e ensimismado. Enfim, fora o que fosse, precisava informar-se e lhe zangava que Ivan não o tivesse mencionado a véspera. Tinha planos que fazer e a tiravam de gonzo semelhantes transtornos.

Depois de separar-se de uma superexcitada Poppy se encaminhou para o Joe's para tomar um café e refletir.

—Boa tarde, Elizabeth —gritou Joe.

Os outros três clientes se sobressaltaram com seu repentino arrebatamento.

—Um café, Joe, por favor.

—Para variar?

Elizabeth sorriu com a boca fechada. Escolheu uma mesa junto à janela que dava à rua maior. sentou-se de costas à janela. Não tinha ido ali a distrair-se, precisava pensar.

—Desculpe, senhora Egan.

A viril voz americana lhe deu um susto.

—Senhor West —disse Elizabeth surpreendida ao levantar a vista.

—Por favor, me chame Benjamin. —Benjamim sorriu e assinalou a cadeira junto à de —.lhe importa que me sente?

Elizabeth apartou seus papéis para lhe fazer sitio.

—Gosta de tomar algo? —perguntou.

—Um café me viria de pérolas.

Elizabeth agarrou sua tigela e o levantou para o Joe.

—Joe, dois Frappacinos de manga em copo comprido, por favor.

Ao Benjamin lhe acenderam os olhos.

—Está-me tirando o sarro. Acreditava que aqui não serviam é... —viu-se interrompido pelo Joe, que deixou com inapetência duas tigelas de café com leite aguado na mesa. O líquido transbordava pelos lados das tigelas—. Vá —concluiu decepcionado.

Elizabeth voltou sua atenção ao despeinadíssimo Benjamin. Seu abundante cabelo escuro formava uma coroa de cachos ao redor de sua cabeça e tinha uma sombra de barba negra como o azeviche que lhe crescia do início do peludo peito até os maços do rosto. Levava uns nos cubra gastos e imundos, uma jaqueta texana igualmente suja, umas botas cobertas de turfa que tinham deixado um rastro da porta até a mesa sob a qual estavam formando um montoncito de barro seco. Uma raia de imundície negra se acumulava debaixo de suas unhas e, quando apoiou as mãos em cima da mesa diante da Elizabeth, esta se sentiu obrigada a desviar o olhar para outro lado.

—Felcito-a pelo de hoje —disse Benjamin parecendo sinceramente contente—. foi uma reunião muito bem-sucedida para você. conseguiu levar o gato à água. Nestes pagamentos dizem sláinte, verdade? —Levantou sua tigela de café.

—Como diz? —perguntou Elizabeth com frieza.

—Sláinte. Não se diz assim?

Parecia preocupado.

—Não —disse Elizabeth contrariada—, quero dizer, sim, mas não referia a isso. —Negou com a cabeça—. Não me levei nenhum gato à água, como diz você, senhor West. Conseguir este contrato não foi nenhum golpe de sorte.

A cútis torrada pelo sol do Benjamin se sonrosó levemente.

—OH, não pretendia dar a entender isso nem muito menos e, por favor, me chame Benjamin. Senhor West soa muito formal. —revolveu-se incômodo em sua cadeira—. Seu ajudante, Poppy... —desviou o olhar tentando encontrar as palavras adequadas— é uma moça com muito talento, tem montões de idéias muito passadas de rosca e Vincent tem uma filosofia bastante parecida com a sua, embora às vezes se deixa levar e nos toca lhe dizer que voe mais baixo. Verá, parte de meu trabalho consiste em me assegurar de que isto se construa a tempo e respeitando o presuposto, daí que me proponha fazer o que normalmente faço, ou seja, demonstrar ao Vincent que não dispomos de suficiente dinheiro para transladar as idéias do Poppy do papel à prática.

O pulso da Elizabeth se acelerou.

—Então quererá um desenhista que não resulte tão caro. Senhor West, veio aqui para me convencer de que renuncie ao projeto? —perguntou Elizabeth com frieza.

—Não. —Benjamin suspirou—. me Chame Benjamin —insistiu—, e não, não estou tentando convencer a de que renuncie ao projeto. —Disse-o de uma maneira que fez que Elizabeth se sentisse parva—. Ouça, só tento lhe dar uma mão. Dou-me perfeita conta de que não está

contente com a idéia em geral e, para falar a verdade, tampouco eu acredito que os aldeãos vão ficar muito contentes com ela. —Fez um gesto que abrangeu a toda a clientela da cafeteria e Elizabeth tentou imaginar-se ao Joe indo almoçar um domingo a um «útero de veludo». Não, decididamente não teria êxito, ao menos não naquela localidade.

Benjamin prosseguiu.

—Importam-me muito os projetos nos que trabalho e acredito que este hotel tem um enorme potencial. Não quero que termine parecendo um santuário de Las Vegas consagrado ao Moulin Rouge.

Elizabeth tinha iniciado o gesto de levantar-se de seu assento.

—Bom —disse Benjamin muito seguro de si mesmo—, vim aqui a vê-la porque eu gosto de suas idéias. São sofisticadas ao mesmo tempo que confortáveis, são modernas mas não muito modernas, e a ambientação que propõe atrairá a um amplo leque de gente. A idéia do Poppy e Vincent resulta muito temática e distanciará a três quartas partes do país imediatamente. Não obstante, você possivelmente poderia lhes induzir a pôr um pouco mais de cor local. Coincindo com o Vincent em que o conceito que você defende precisa parecer-se menos a um albergue rural e mais a um hotel. Não queremos que a gente crie que tem que seguir a tradição consistente em caminhar descalça até os Macgillicuddy's Reeks para arrojar um anel justo no meio.

Sentindo-se ofendida, Elizabeth ficou boquiaberta.

—Acredita que você poderia trabalhar cotovelo com cotovelo com o Poppy? —perguntou Benjamin fazendo caso omissivo de sua reação—. Já sabe, atenuando suas idéias... grandemente?

Elizabeth se tinha preparado uma vez mais para repelir um ataque furtivo, mas resultou que Benjamin estava ali para ajudá-la. Pigarreou para esclarecer uma garganta que não precisava ser esclarecida e se estirou a aba da jaqueta do traje sentindo-se torpe. Uma vez composta disse:

—Bom, alegre-me que ambos estejamos no mesmo bando, mas mesmo assim...

Indicou ao Joe com gestos que lhe servisse outro café e pensou na fusão de suas cores naturais com os tons gritões do Poppy.

Benjamin rechaçou energicamente com a cabeça o oferecimento que lhe fez Joe de outro café. O primeiro tigela seguia intacto diante dele.

—Bebe muito café —comentou quando Joe pôs o terceiro tigela na mesa diante da Elizabeth.

—Ajuda-me a pensar —respondeu Elizabeth tomando um grande sorvo.

Houve um momento de silêncio.

Elizabeth saiu de seu transe.

—Muito bem, tenho uma idéia.

—Caramba, isso sim que é um efeito rápido —sorriu Benjamim.

—Como? —Elizabeth franziu o cenho.

—Hei dito que...

—Vale —interrompeu Elizabeth sem sequer lhe ouvir, arrastada por suas idéias—. Digamos que o senhor Taylor tem razão, que a lenda segue viva e que a gente vê este sítio como um ninho de amor e tal e qual. —Fez uma careta, obviamente nada impressionada por semelhante crença—. Nos encontramos com um mercado que terá que satisfazer, que é onde as idéias do Poppy darão resultado, mas as manteremos a um nível mínimo. Possivelmente uma suíte de lua de mel e um rincão íntimo aqui e ali; o resto poderiam ser meus desenhos —acrescentou, contente—. Com um pouco mais de cor —acrescentou com menos entusiasmo.

Benjamin sorriu.

—Eu me encarrego do Vincent. Por certo, quando antes hei dito que você se levou o gato à água na reunião não quis dizer que carecesse de talento para respaldar suas idéias. Referia-me ao truque de fazê-la louca. —tocou-se a têmpora com um dedo manchado e o fez girar.

O bom humor da Elizabeth se esfumou.

—Como diz?

—Já sabe —Benjamin sorriu de brinca a orelha—, o papel de «veja os mortos».

Elizabeth lhe olhou de marco em marco sem compreender nada.

—Caray, o tio sentado à mesa. Esse com o que falava. Soa-lhe o que lhe estou dizendo?

—Ivan? —perguntou Elizabeth insegura.

—Assim se chama! —Benjamin estalou os dedos e se recostou no respaldo de sua cadeira rendo—. Isso é, Ivan, o sócio silencioso.

As sobrancelhas da Elizabeth subiram até quase sair-se o da frente.

—Sócio?

Benjamin riu ainda com mais ganha.

—Sim, exato, mas não lhe diga que o hei dito, por favor. Resultaria-me muito violento que se inteirasse.

—Não se preocupe —disse Elizabeth com secura, perplexa ante aquela informação—. Tenho que lhe ver mais tarde, mas não lhe direi uma palavra.

—Ele tampouco —repôs Benjamin com outra gargalhada.

—Bom, isso está ainda por ver —respondeu Elizabeth, zangada—. Embora ontem à noite estive com ele e tampouco soltou objeto.

Benjamin se mostrou indignado com ela.

—Parece-me que essas coisas não estão permitidas no Taylor Constructions. vêm-se com muito maus olhos as entrevistas entre colegas. Quem sabe, poderia ser que Ivan fosse o motivo pelo que conseguiu o contrato. —esfregou-se os olhos com ar de cansaço e sua risada remeteu—. Pensando-o bem, não é surpreendente o que chegamos a fazer para conseguir um trabalho hoje em dia?

Elizabeth ficou boquiaberta.

—Embora demonstre o muito que lhe gosta de seu trabalho, ser capaz de fazer uma coisa como essa. —Olhou-a com admiração—. Acredito que eu não seria capaz. —Voltou a rir pelo baixo e seus ombros se estremeceram.

Elizabeth abriu ainda mais a boca. Estava acusando a de meter-se na cama com o Ivan para conseguir o trabalho? ficou sem fala.

—Enfim —disse Benjamin levantando-se—, foi estupendo conhecê-la. Alegro-me que hajamos resolvido isso do Moulin Rouge. O transmitirei ao Vincent e a chamarei assim que saiba mais coisas. Tem meu número? —perguntou apalpando-os bolsos. Abriu um bolso dianteiro do peitilho da jaqueta e tirou uma caneta que gotejava e lhe tinha deixado uma mancha de tinta. Agarrou um guardanapo de papel do dispensador e riscou seu nome e seu número sem o menor cuidado.

—Este é meu número móvel e este o do escritório. —Passou a nota a Elizabeth junto com sua caneta lhe gotejem e outro guardanapo rota e molhada de café derramado—. Lhe importa me dar o seu? Assim me economizarei ter que buscá-lo nos arquivos.

Elizabeth ainda estava zangada e ofendida, mas alcançou sua bolsa, tirou um tarjetero de pele e lhe

entregou um de seus cartões de visita com córs dourados. absteria-se de lhe dar uma bofetada por aquela vez; necessitava o trabalho. Pelo bem do Luke e do negócio, morderia-se a língua.

Benjamin se ruborizou levemente.

—Muito bem, obrigado —recuperou a parte de guardanapo e sua caneta lhe gotejem e agarrou o cartão—. muito melhor assim, figuro-me.

Tendeu-lhe a mão.

Elizabeth jogou uma olhada a sua mão manchada de tinta azul e com as unhas sujas e ato seguido se sentou em cima de suas próprias mãos.

Uma vez que Benjamin se partiu, Elizabeth olhou turvada a seu redor perguntando-se se alguém mais tinha presenciado a cena. Joe lhe fez uma piscada e se tocou o nariz como se compartilhassem um segredo. Depois do trabalho ela tinha previsto ir procurar ao Luke a casa do Sam, e embora sabia que Ivan e a mãe do Sam já não estavam juntos esperou com toda sua alma coincidir com ele ali.

Para dizer-lhe umas boas, naturalmente.

Capítulo 18

Engano número um: ir à reunião da Elizabeth. Eu não teria que havê-lo feito. É a mesma regra que nos proíbe entrar no colégio com nossos amigos mais jovens e deveria ter tido o suficiente sentido comum para me dar conta de que a escola do Luke é o equivalente do lugar de trabalho da Elizabeth. Me teria dado de patadas. De fato, fiz-o, mas Luke o encontrou tão divertido que começou a fazer o mesmo e agora tem ambas as acne machucadas. De modo que parei.

Quando me parti da reunião fui a casa do Sam, onde cuidavam do Luke. Sentei-me na erva no jardim traseiro sem perder os de vista enquanto lutavam, esperando que o combate não acabasse em lágrimas e praticando meu esporte mental favorito: pensar.

Além disso resultou ser uma atividade construtiva, já que me fez ver umas quantas coisas. Uma das coisas que aprendi foi que tinha ido à reunião pela manhã obedecendo a um impulso visceral. Embora não acertava a compreender como minha presença ali poderia ajudar a Elizabeth, meu instinto me dizia que tinha que ir e dava por sentado que Elizabeth não me veria. Meu encontro com ela a noite anterior tinha sido tão irreal e inesperado que comecei o dia com a sensação de havê-lo imaginado. E sim, sou consciente do irônico do caso.

Pô-me muito contente que me visse. Quando a vi balançando-se tão ensimismada no balancim do jardim soube que se alguma vez ia ver-me aquele seria o momento. respirava-se no ar. Constava-me que necessitava lombriga e me tinha preparado para o fato de que um bom dia ocorreria, mas para o que não estava preparado era para o estremecimento que me percorreu a coluna vertebral a primeira vez que olhamos aos olhos. Foi estranho, porque tinha passado os últimos quatro dias observando a Elizabeth e me tinha acostumado a sua cara, me sabia como a palma de minha mão, podia vê-la claramente até com os olhos fechados, sabia que tinha um lunar minúsculo na têmpora esquerda, um maçã do rosto ligeiramente mais alto que o outro, o lábio inferior mais grosso que o superior e um delicado penugem como de bebê no nascimento do cabelo. Conhecia-a muito bem, mas não é estranho como troca a gente quando a miras aos olhos? De repente parece que sejam outras pessoas. Por isso a mim respeita, considero verdadeiro o dito de que os olhos são as janelas da alma.

Nunca tinha experiente aquela sensação até então, mas o atribuí a não me haver encontrado antes nessa situação. Jamais tinha travado amizade com alguém da idade da Elizabeth e supus que era culpa dos nervos. Para mim era uma experiência nova, embora estive disposto a aceitar a provocação imediatamente.

Há duas coisas que estranha vez me acontecem. A primeira é estar confundido e a segunda

preocupado, mas enquanto aguardava no jardim traseiro de casa do Sam aquela manhã ensolarada estava preocupado. E isso me confundia e como estava confundido, ainda me preocupava mais. Esperava não ter causado problemas a Elizabeth no trabalho, embora aquela mesma tarde, enquanto o sol e eu jogávamos esconderijo, não demorei para averiguá-lo.

O sol tentava ocultar-se detrás da casa do Sam me cobrindo com um manto de sombra. Eu ia deslocando pelo jardim, me sentando nos últimos espaços ensolarados antes de que desaparecessem por completo. A mamãe do Sam se estava dando um banho depois de ter realizado um turno de exercícios ginásticos com ajuda de um vídeo, coisa que tinha resultado enormemente entretida, de modo que quando soou o timbre da porta foi Sam quem se encarregou de abrir. Tinha estritas instruções de não abrir a ninguém exceto a Elizabeth.

—Olá, Sam —ouvi que ela dizia ao entrar no vestíbulo—. Está em casa seu papai?

—Não —respondeu Sam—. Está no trabalho. Luke e eu estamos jogando no jardim.

Ouvi passos que se aproximavam, o ruído de uns saltos sobre o parquet e logo uma voz zangada quando Elizabeth saiu ao jardim.

—Vá, de maneira que está no trabalho, né? —disse Elizabeth plantada no alto da grama com os braços em jarras e baixando a vista para mim.

—Sim, isso é —disse Sam, confundido, e se foi correndo a jogar com o Luke.

Havia algo tão atrativo na Elizabeth com aquele ar autoritário que me fez sorrir.

—Passa um pouco divertido, Ivan?

—Um montão de coisas —respondi me sentando na única parte de grama que ainda banhava o sol. Suponho que ganhei a partida de esconderijo—. Gente salpicada por carros que pisam em atoleiros, que lhe façam cócegas justo aqui —me assinalei o flanco—, Chris Rock, Eddie Murphy no Superdetective em Hollywood II Y...

—O que está dizendo? —perguntou Elizabeth com o cenho franzido aproximando-se de mim.

—Coisas que são divertidas.

—O que está fazendo?

aproximou-se um pouco mais.

—Intento recordar como se faz uma cadeneta de margaridas. a do Opal era muito bonita —

levantei a vista para ela—. Opal é minha chefe e levava uma no cabelo —expliquei—. A erva está seca se gosta de te sentar.

Segui arrancando margaridas do chão.

Elizabeth demorou um pouco em acomodar-se na grama. Parecia incômoda e fazia caretas como se estivesse sentada em cima de alfinetes. Depois de tirar um penugem invisível das calças e tratar de sentar-se em cima das mãos para que o traseiro não lhe manchasse de erva voltou a me fulminar com o olhar.

—Ocorre algo, Elizabeth? Algo me diz que sim.

—Muito perspicaz por sua parte.

—Obrigado. É parte de meu trabalho, mas mesmo assim te agradeço o completo.—Notei seu sarcasmo.

—Tenho que ajustar contas contigo, Ivan —disse.

—Espero que sejam divertidas. —Atei um caule com o seguinte—. te Haja aqui outra coisa divertida: as piadas macabras. Doem mas também lhe fazem rir. Como tantas coisas na vida, suponho, ou inclusive a própria vida. A vida é uma tragicomédia.

Elizabeth me olhou confundida.

—Ivan, vim a te cantar as quarenta. Falarei-te com o coração. Hoje conversei com o Benjamin depois de que te partisse e me há dito que foi sócio da empresa. Também me acusou que outra coisa, mas prefiro não recordá-lo sequer —disse jogando faíscas.

—vieste a me cantar as quarenta —repeti olhando-a—. Essa frase é realmente bonita. Não te ouvi cantar alguma vez, sabe? E além disso, há dito que me fala com o coração. Só se fala assim com alguém de sua confiança. De modo que... obrigado, Elizabeth. Sinto-me muito adulado. Isso significa que te caio bem. —Fiz uma laçada com o último caule e formei uma cadeneta—. Te darei uma cadeneta de margaridas em troca de sua confiança.

Pu-lhe o bracelete. Elizabeth ficou sentada na erva. Não se moveu, não disse nada, simplesmente olhou seu cadeneta de margaridas. Logo sorriu e quando falou sua voz foi mais doce.

—Alguma vez alguém conseguiu estar zangado contigo durante mais de cinco minutos?

Olhei o relógio.

—Sim. Você, das dez desta manhã até agora.

Elizabeth riu.

—por que não me disse que trabalha com o Vincent Taylor?

—Porque não trabalho com ele.

—Mas se Benjamin me há dito que sim.

—Quem é Benjamin?

—O diretor do projeto. Há-me dito que foi um sócio silencioso.

Sorri.

—Suponho que o sou. Estava sendo irônico, Elizabeth. Não tenho nada que ver com a empresa. Sou tão silencioso que não digo nada de nada.

—Bom, esse é um aspecto teu que não tive ocasião de conhecer —sorriu—. De modo que não participa ativamente neste projeto?

—Trabalho com pessoas, Elizabeth, não com edifícios.

—De acordo. Pois que diabos quis dizer Benjamin West? —Estava perplexa—. É um tipo estranho, esse Benjamin West. De que negócio estava falando com o Vincent? O que têm que ver os meninos com o hotel?

—É muito entremetida —comentei rendo—. Vincent Taylor e eu não estávamos falando de nenhum negócio. De todos os modos é uma boa pergunta. O que você crie que os meninos deveriam ter que ver com o hotel?

—Absolutamente nada —replicou Elizabeth rendo a sua vez, e logo se calou de repente temendo me haver ofendido—. Em sua opinião o hotel deveria ter em conta aos meninos.

Sorri.

—Não opina que tudo e todos deveríamos ter em conta aos meninos?

—Me ocorrem umas quantas exceções —disse Elizabeth com acuidade dirigindo o olhar para o Luke.

Entendi que estava pensando no Saoirse e em seu pai, pode que inclusive em si mesmo.

—Amanhã falarei com o Vincent sobre um possível quarto de jogar ou uma zona de jogos... — calou-se—. Nunca desenhei um quarto para os meninos. Que diabos desejam os meninos?

—Te ocorrerá facilmente, Elizabeth. Uma vez foi menina. O que desejava então?

Seus olhos castanhos se escureceram e apartou a vista.

—Agora tudo é distinto. Os meninos não desejam o que eu desejava então. Os tempos trocam.

—Tampouco tanto. Os meninos sempre desejam o mesmo, porque todos necessitam as mesmas coisas básicas.

—Como o que?

—Bom, por que não me diz o que você desejava e deixa que te diga se eles desejarem as mesmas coisas?

Elizabeth riu um pouco.

—Sempre está jogando, Ivan?

—Sempre. —Sorri—. Conta me.

Estudou-me os olhos batalhando consigo mesma sobre se falar ou não e ao cabo de uns instantes suspirou.

—Quando era menina, minha mãe e eu nos sentávamos à mesa da cozinha cada sábado de noite com nossos lápis de cores e papel e escrevíamos um plano do que faríamos ao dia seguinte. —Suas apreciados lembranças lhe faziam brilhar os olhos—. Cada sábado de noite me entusiasmava tanto pensando em como passaríamos o dia seguinte que pendurava o programa com tachinhas na parede de meu dormitório e me obrigava a dormir para que a manhã chegasse quanto antes. —O sorriso lhe desvaneceu e saiu de seu transe—. Mas não é possível incorporar essas coisas a um quarto de jogar; os meninos querem Play Stations e Xboxes e essa classe de coisas.

—por que não me conta que atividades havia no programa do domingo?

Olhou ao longe.

—Eram coleções de sonhos impossíveis. Mim mãe me prometia que nos tombaríamos no campo de noite e que veríamos um sem-fim de estrelas fugazes que fariam realidade nossos desejos.

Imaginávamos recostadas em grandes banheiras enche a transbordar de flores de cerejeira, tomando

duchas de sol, girando ao redor dos aspersores do povo que regavam a grama no verão, jantando à luz da lua na praia e dançando sapateado em surdina descalças pela areia. — Elizabeth riu ao recordá-lo—. São tolices, sobre tudo se as diz em voz em alta, mas ela era assim. Brincalhona e aventureira, amalucada e despreocupada, quando não um pinga excêntrico. Sempre ansiava coisas novas que ver, provar e descobrir.

—Todo isso devia ser muito divertido —pinjente intimidado por sua mãe. Dar uma ducha de sol ganhava de comprimento a qualquer telescópio feito com cilindros de cartão do papel higiênico.

—Não sei, a verdade. —Elizabeth apartou a vista e tragou saliva—. Em realidade nunca fizemos nenhuma dessas coisas.

—Mas arrumado a que as fez um milhão de vezes mentalmente —disse.

—Bom, houve uma coisa que fizemos juntas. Justo depois de ter ao Saoirse levou a campo, estendeu uma manta e dispôs uma cesta de picnic. Comemos pão moreno recém assado com geléia caseira de morango. —Elizabeth fechou os olhos e inspirou—. Ainda lembrança o aroma e o sabor. —Meneou a cabeça maravilhada—. Mas minha mãe tinha eleito tomar o lanche no campo de nossas vacas. Ali estávamos as duas, em metade do campo, lanchando rodeadas de vacas curiosas.

Ambos pomos-se a rir.

—Mas isso foi quando me disse que partia. Era uma pessoa muito grande para este povo tão pequeno. Não é o que me disse então, mas me consta que era o que devia sentir.

A Elizabeth tremeu a voz e deixou de falar. Olhava ao Luke e Sam perseguindo-se pelo jardim, mas não os via, escutava seus infantis chiados de alegria mas não os ouvia. Estava absorta.

—Enfim —sua voz soou séria outra vez e pigarreou—, isso é irrelevante. Não tem nada que ver com o hotel; nem sequer sei por que o tirei colação.

Estava envergonhada. Adivinhei que Elizabeth não tinha contado nunca aquilo em voz alta, nenhuma só vez em sua vida, de modo que deixei que o silêncio se prolongasse enquanto punha em ordem suas idéias.

—Têm uma boa relação você e Fiona? —perguntou resistindo ainda a me olhar aos olhos depois do que me tinha contado.

—Fiona?

—Sim, a mulher com quem não está casado.

Sorriu pela primeira vez e pareceu mais composta.

—Fiona não me fala —respondi sem sair de meu assombro. Ainda não compreendia por que pensava que era o pai do Sam. Teria que falar com o Luke para que me esclarecesse isso. Incomodava-me bastante aquela confusão de identidade.

—Acabaram mal as coisas entre vós dois?

—Nunca começaram, assim não podiam terminar —respondi com sinceridade.

—Conheço essa sensação. —Pôs os olhos em branco e riu—. Mas ao menos saiu algo bom disso. —Apartou a vista e olhou jogar ao Sam e Luke. referiu-se ao Sam, mas tive a impressão de que estava olhando ao Luke e isso me alegrou.

antes de que nos partíssemos de casa do Sam, Elizabeth se voltou para mim.

—Ivan, nunca tinha falado com ninguém do que te acabo de contar —tragou saliva—, jamais. Não sei o que me tem feito soltá-lo.

—Já sei —sorri—, assim obrigado por me falar com o coração. Acredito que isso se merece outra cadeneta de margaridas.

Ofereci-lhe outro bracelete que acabava de fazer.

Engano número dois: quando o pus na boneca senti como se lhe estivesse dando uma parte de meu coração.

Capítulo 19

Depois do dia em que dava a Elizabeth as cadenetas de margaridas... e meu coração, aprendi muito mais a respeito dela além do que fazia com sua mãe os sábados de noite. Dava-me conta de que é como um desses mariscos pegos às rochas na praia do Fermoy. Ao ver sabe que estão soltos, mas assim que os toca ou te aproxima se paralisam e aderem à superfície da rocha para salvar a vida. Assim é como era Elizabeth: aberta até que alguém se aproximava e então ficava tensa e se encerrava em si mesmo. Certamente, aberto-se a mim aquele dia no jardim traseiro, mas quando ao dia seguinte fui ver a estava zangada comigo por haver me crédulo. Mas assim era como estava sempre Elizabeth, zangada com todo mundo incluída ela mesma, e provavelmente estava envergonhada. Elizabeth estranha vez falava de si mesmo salvo quando o fazia com seus clientes a propósito de sua empresa.

Resultava complicado acontecer tempo com o Luke agora que Elizabeth podia lombriga e, para falar a verdade, teria se preocupado se eu tivesse chamado a sua porta fúcsia para perguntar se Luke ia sair a jogar. Tinha suas manias quanto à idade dos amigos de seu sobrinho. O mais importante, não obstante, era que ao Luke não parecia lhe importar. Sempre andava jogando com o Sam e cada vez que decidia me incluir em seus jogos o pobre Sam se frustrava porque não podia lombriga, claro. Parece-me que estava interferindo na amizade entre o Luke e Sam e não acredito que ao Luke importasse muito que eu aparecesse ou não, dado que ele não era o motivo de minha presença ali e se não me equivocar ele sabia de sobra. Já hei dito que os meninos sempre sabem o que está ocorrendo, às vezes inclusive antes que nós mesmos.

Quanto a Elizabeth, acredito que a teria tirado de gonzo que me apresentasse sem mais em sua sala de estar a meia-noite. Uma nova classe de amizade suportava estabelecer novos limites. Tinha que ser sutil, ir visitar a com menos frequência, mas não deixar de estar ao seu dispor quando me necessitasse. Como se de uma amizade entre adultos se tratasse.

Uma coisa que me desagradava sobremaneira era que Elizabeth acreditasse que eu era o papai do Sam. Não sei como começou aquilo, e sem que eu dissesse nada a coisa foi a mais. Nunca minto a meus amigos, nunca, por isso tentei lhe dizer muitas vezes que eu não era o papai do Sam. Em uma dessas ocasiões a conversação foi como segue.

—me diga, Ivan, de onde é?

Era uma tarde, pouco depois de que Elizabeth saísse de trabalhar. Acabava de reunir-se com o Vincent Taylor para tratar do hotel e ao parecer, segundo ela, dirigiu-se diretamente a ele e lhe disse que tinha estado falando com o Ivan e que ambos consideravam que o hotel necessitava uma

zona infantil para que os pais dispor de mais tempo para viver seu romance a sós. Bom, o caso é que Vincent riu tanto que deu seu braço a torcer e acessou. Elizabeth ainda não entendia por que Vincent tinha encontrado tão divertida a proposta. Disse-lhe que era porque Vincent não tinha nem a menor ideia a respeito de quem era eu, mas ela se limitou a pôr os olhos em branco e me acusar de ser muito reservado. Seja como for, graças a aquilo Elizabeth estava de muito bom humor e com vontades de conversar, para variar. Eu me perguntava quando começaria a me fazer perguntas (além das sabidas a respeito de meu trabalho, quanto pessoal tínhamos, o faturamento anual... Aborrecia-me como uma ostra com todos aqueles assuntos).

Mas finalmente me perguntou de onde era, tão contente que lhe respondi alegremente que do Aisatnaf.

Elizabeth franziu o cenho.

—Esse nome me soa; ouvi-o alguma vez. Onde fica?

—A um milhão de quilômetros daqui.

—Dance na gCroíthe está a um milhão de quilômetros de todas partes. Aisatnaf... —pronunciou Elizabeth devagar—. O que significa? Não é irlandês nem inglês, verdade?

—É antiquado.

—Antiquado? —repetiu arqueando uma sobrancelha—. Francamente, Ivan, às vezes é tão mau como Luke. Parece-me que saca a maioria de suas ocorrências de ti.

Ri-me.

—Em realidade —Elizabeth se inclinou para diante—, não lhe quis dizer isso antes, mas acredito que te admira.

—Sério? —Senti-me adulado.

—Bom, sim, porque..., bom —procurava as palavras adequadas—, por favor, não pense que meu sobrinho esteja mal da cabeça nem nada pelo estilo, mas a semana passada se inventou um amigo. —Riu com nervosismo—. Seu amigo ficou para jantar umas quantas vezes em casa, brincavam de correr juntos pelo jardim e jogavam a toda classe de jogos, de futebol a naipes passando pelo ordenador, figura-lhe isso? Mas o mais curioso é que se chamava Ivan.

Ao ver que não reagia lamentou havê-lo dito e ficou muito tinta.

—Bom, na verdade não tem nada de divertido, é completamente ridículo, é obvio, mas me ocorreu

que talvez queria dizer que te admirava e que te via como uma espécie de modelo de conduta masculina... —calou-se—. Enfim, agora Ivan se partiu. Deixou-nos. Por sua conta. Resultou demolidor, como pode imaginar. Haviam-me dito que podiam prolongar sua estadia até três meses. —Fez uma careta—. Graças a Deus partiu. Eu tinha a data assinalada no calendário e tudo —adicionou com o rosto ainda avermelhado—. De fato, por curioso que resulte, foi quando chegou você. Acredito que assustou ao Ivan..., Ivan. —Tratou de rir, mas meu rosto imperturbável fez que se detivera e suspirasse—. Ivan, por que só estou falando eu?

—Porque estou escutando.

—Pois já terminei assim poderia dizer algo —espetou.

Ri-me. Cada vez que se sentia estúpida se zangava.

—Tenho uma teoria.

—Bem, pois por uma vez me poderia contar isso Salvo que seja para nos colocar a meu sobrinho e a mim em um edifício de concreto cinza dirigido por monjas e com barrotes nas janelas.

Olhei-a horrorizado.

—Venha —insistiu Elizabeth rendo.

—Vejamos, quem diz que Ivan desapareceu?

Elizabeth fez uma careta de horror.

—Ninguém diz que tenha desaparecido, já que para começar nunca apareceu.

—Fez-o ante o Luke.

—Luke o inventou.

—Talvez não.

—Bom, eu não lhe vi.

—me vê.

—Que relação tem você com o amigo invisível do Luke?

—Talvez eu seja o amigo do Luke, só que eu não gosto que me chamem invisível. Não é muito politicamente correto, que digamos.

—Mas eu te vejo.

—Exato, por isso não entendo por que a gente insiste em dizer «invisível». Se alguém puder lombriga está claro que não sou invisível. Pensa-o. Acaso Ivan, o amigo do Luke, e eu estivemos alguma vez no mesmo sítio no mesmo momento?

—Bom, poderia estar aqui agora mesmo, por isso sei, comendo azeitonas ou o que seja. —Riu e ao cabo se calou de repente ao ver que Ivan tinha deixado de sorrir—. O que tenta me dizer, Ivan?

—É muito singelo, Elizabeth. Há dito que Ivan desapareceu quando eu entrei em cena.

—Sim.

—Não crie que isso significa que eu sou Ivan e que de repente começaste a ver-me?

Elizabeth pôs cara de poucos amigos.

—Não, porque você é uma pessoa real com uma vida real e tem uma esposa e um filho e você...

—Não estou casado com a Fiona, Elizabeth.

—Ex algema, então, não importa.

—Nunca estive casado com ela.

—Bom, nada mais longe de minha intenção que te julgar.

—Não, quero dizer que Sam não é meu filho.

Minha voz soou mais contundente do que me propunha. Os meninos entendem muito melhor estas coisas. Os adultos sempre o complicam tudo.

Elizabeth adoeceu sua expressão e apoiou uma mão na minha. Suas mãos eram delicadas, com a pele suave como a de um bebê e dedos largos e magros.

—Ivan —disse com ternura—, temos algo em comum. Luke tampouco é meu filho —sorriu—. Mas me parece fantástico que ainda queira ver o Sam.

—Não, não, não o entende, Elizabeth. Não sou nada para a Fiona, não sou nada para o Sam. Não me vêem como você me vê, nem sequer me conhecem, isso é o que intento te dizer. Para eles sou invisível. Sou invisível para todo mundo exceto para ti e para o Luke.

Os olhos da Elizabeth se encheram totalmente de lágrimas e me apertou a mão.

—Entendo-o —disse Elizabeth com voz um pouco tremente. Pôs a outra emano na minha e me estreitou isso com força. Batalhava com seus pensamentos. Dava-me conta de que queria dizer algo e não podia. Seus olhos castanhos escrutinaram meus e depois de uns momentos de silêncio pelo visto tinha encontrado o que andava procurando e seu rosto por fim se relaxou—. Ivan, não tem nem idéia de quão semelhantes somos você e eu, e é um grande alívio te ouvir falar assim porque às vezes eu também penso que sou invisível para o resto do mundo, entende? —Sua voz tinha um deixo de solidão—. É como se ninguém me conhecesse, como se ninguém me visse tal como realmente sou... exceto você.

Parecia tão desgostada que a estreitei entre meus braços. Ainda me decepçionava sobremaneira que me tivesse interpretado mal por completo, coisa bem estranha, já que se supõe que minhas amizades não se fundamentam em mim ou no que eu desejo. E até então nunca me tinha visto envolto.

Mas aquela noite, enquanto estava convexo sozinho na cama processando toda a informação do dia, dava-me conta de que, ao fim e ao cabo, pela primeira vez em minha vida Elizabeth era a única amiga que me tinha compreendido por completo.

E para qualquer pessoa que alguma vez tenha tido essa conexão com alguém, embora só tenha durado cinco minutos, é importante. Por uma vez não tinha a impressão de estar vivendo em um mundo diferente ao de todos outros, mas sim, de fato, existia uma pessoa, uma pessoa que eu gostava e a quem respeitava, alguém a quem tinha entregue uma parte de meu coração, que sentia quão mesmo eu.

Todos sabem exatamente como me sentia aquela noite.

Não me sentia tão sozinho. Inclusive melhor que isso, sentia-me como se estivesse flutuando no ar.

Capítulo 20

O tempo trocou da noite para o dia. A última semana de junho o sol tinha abrasado a erva, secado o chão e gasto chicoteia a milhares, que pululavam por toda parte incomodando a todo quisqui. A noite do sábado todo isso trocou. O céu se obscureceu dando passo às nuvens. Mas isso era típico do clima irlandês: passar sem solução de continuidade de uma onda de calor a um vendaval tormentoso. Era predecivelmente imprevisível.

Elizabeth tremia na cama e subiu o edredom até o queixo. Não tinha posto a calefação e em que pese a que a necessitasse se negava a pô-la durante os meses do verão por uma questão de princípios. Fora as grandes árvores tremiam também; o vento agitava suas folhas. Projetavam sombras fabulosas nas paredes do dormitório. As fortíssimas rajadas que sopravam soavam como ondas gigantes estrelando-se contra os escarpados. Dentro, as portas vibravam. O balancim do jardim oscilava adiante e atrás chiando. Tudo se movia súbita e violentamente, sem nenhum ritmo nem coerência.

Elizabeth pensava no Ivan. perguntava-se por que se sentia atraída para ele e por que cada vez que abria a boca soltava sem disfarces os segredos melhor guardados do mundo. perguntava-se por que lhe tinha feito um sítio em sua casa e em sua cabeça. A Elizabeth adorava estar sozinha, não ansiava companhia, mas ansiava a companhia do Ivan. perguntava-se se deveria retirar-se um pouco, havida conta de que Fiona vivia a um tiro de pedra de sua casa. Acaso sua proximidade com o Ivan, embora só fossem amigos, poderia ser perturbadora para o Sam e Fiona? Elizabeth sempre tinha crédulo na Fiona para que esta cuidasse do Luke quase sem aviso prévio.

Como de costume, Elizabeth tentou fazer caso omissos de tais pensamentos. Tentou fingir que tudo seguia sendo como sempre, que nada tinha trocado em seu foro interno, que suas muralhas não se estavam desmoronando, franqueando o passo a convidados inoportunos. Não queria que isso acontecesse, não saberia enfrentar-se a uma mudança.

Finalmente se centrou em quão único permanecia constante e inalterável nas enérgicas rajadas. E em troca disso a lua não lhe tirou o olho de cima quando por fim se sumiu em um sonho intranquilo.

—Quiquiriquí!

Elizabeth abriu um olho, confundida pelo ruído. A habitação estava cheia de luz. Pouco a pouco abriu o outro olho e viu que o sol havia tornado e se estava encarapitando em um céu azul e sem nuvens, embora as árvores seguissem dançando como possessos na discoteca improvisada do jardim

traseiro.

— Quiquiriquí!

Aí estava outra vez. Atordoada pelo sonho, conseguiu levantar-se da cama e aproximar-se da janela. No meio do jardim estava Ivan fazendo buzina com as mãos ao redor da boca e gritando:

—Quiquiriquí!

Elizabeth se tampou a boca, rendo, e abriu a janela. O vento entrou no dormitório.

—Ivan! O que está fazendo?

—É hora de levantar-se! —gritou Ivan. O vento lhe arrebatou o final da frase e a levou para o norte.

—Está louco! —chiou Elizabeth.

Luke apareceu assustado à porta do dormitório.

—O que está passando?

Elizabeth fez gestos ao Luke para que se aproximasse da janela e este se tranqüilizou assim que viu o Ivan.

—Olá, Ivan! —gritou Luke.

Este levantou a vista e sorriu, e depois elevou a mão com a que se sujeitava a boina para saudar o Luke. A boina desapareceu de sua cabeça, arrebatada por uma súbita rajada fortíssima. O menino e Elizabeth estiveram observando, mortos de risada, como Ivan dava caça à boina por todo o jardim, correndo daqui para lá a tenor das caprichosas mudanças de direção do vento. Finalmente se serve de um ramo rota para fazê-la cair da árvore onde ficou apanhada.

—O que faz aí fora, Ivan? —chiou Luke.

—É o dia do Jinny Joe! —anunciou Ivan estendendo os braços para indicar quanto lhe rodeava.

—E isso o que é? —perguntou Luke olhando confundido a Elizabeth.

—Não tenho nem idéia —respondeu ela encolhendo-se de ombros.

—O que é o dia do Jinny Joe, Ivan? —chiou Luke.

—Se baixarem lhes ensinarei isso aos dois! —respondeu Ivan. Sua roupa folgada ondeava e se pegava a seu corpo.

—Não vamos vestidos! Estamos em pijama! —exclamou Luke rendo.

—Pois a que esperam? lhes ponha algo, são as seis da manhã, não nos verá ninguém!

—Vamos! —exclamou Luke entusiasmado a Elizabeth ao tempo que saltava do batente da janela. Saiu correndo da habitação e retornou minutos depois com uma perna nas calças do moletom, um suéter posto do reverso e as sapatilhas trocadas de pé.

Elizabeth se pôs-se a rir.

—Venha, date pressa! —insistiu Luke respirando entre ofegos.

—te acalme, Luke.

—Não. —Luke abriu de repente o armário roupeiro da Elizabeth—. Vístete, é o dia do Jinny Joe! —gritou com um radiante sorriso desdentado.

—Mas, Luke —resmungou Elizabeth, incômoda—, aonde se supõe que vamos?

Estava procurando segurança em um menino de seis anos.

Luke se encolheu de ombros.

—A um sítio divertido? —apontou.

Elizabeth o meditou, viu o entusiasmo nos olhos do Luke, sentiu-se invadida pela curiosidade, soube que cometia um engano, mas se endossou um moletom e saiu correndo com o Luke.

Ao sair, o vento quente lhe deu de pleno e a deixou sem fôlego.

—Ao Batmóvil! —anunciou Ivan reunindo-se com eles junto à porta principal.

Luke soltou uma risita alvoroçada.

Elizabeth ficou paralisada.

—Aonde?

—Ao carro —explicou Luke.

—Aonde vamos?

—Você conduz que eu já te avisarei quando chegarmos. É uma surpresa.

—Não —repôs Elizabeth como se fosse o mais absurdo que tivesse ouvido na vida—. Nunca subo a um carro sem saber exatamente aonde vou —declarou com altivez.

—Faz-o cada manhã —observou Ivan com ternura.

Elizabeth não fez conta.

Luke sustentou a portinhola aberta para que subisse Ivan, e uma vez todos a bordo, Elizabeth empreendeu muito contra sua aquela vontade viaje para um destino desconhecido, desejosa de dar meia volta em cada curva e perguntando-se por que não o fazia.

Depois de conduzir durante vinte minutos por estradas sinuosas, uma nervosa Elizabeth obedeceu a última indicação do Ivan e deteve o carro junto a um campo que, para ela, era igual a todos outros que haviam deixando atrás pelo caminho. Só que aquele tinha vistas sobre o resplandecente oceano Atlântico. Desentendendo do panorama olhou pelo retrovisor lateral e deu um bufido ao ver o barro que salpicava o reluzente flanco do carro.

—Uau! O que são? —Luke ficou de um salto entre os dois assentos dianteiros e assinalou para o pára-brisa.

—Amigo Luke —anunciou Ivan com alegria—, são o que a gente chama Jinny Joes.

Elizabeth levantou a vista. diante dela centenas de sementes de dente de leão revoavam no ar; a luz do sol se refletia em seus suaves e esponjosos fios brancos e flutuavam como sonhos por volta dos três ocupantes do carro.

—Parecem fadas —disse atônito Luke.

Elizabeth pôs os olhos em branco.

—Fadas! —Estalou a língua em sinal de desaprovação—. Que classe de livros estiveste lendo? São sementes de dente de leão, Luke.

Ivan a olhou com expressão frustrada.

—por que sabia que diria isso? Bom, pelo menos te trouxe aqui. Algo é algo.

Elizabeth lhe olhou surpreendida. Nunca até então se dirigiu a ela com semelhante brutalidade.

—Luke —Ivan se voltou para ele—, também se conhecem como a Margarida Irlandesa mas não são só sementes de dente de leão, são o que a maioria da gente normal —olhou com reprove a Elizabeth— chama Jinny Joes. encarregam-se de levar desejos no vento e a coisa está em apanhá-los com a mão, pedir um desejo e logo soltá-los para que possam entregá-los.

Elizabeth soprou.

—Seriamente? —disse sussurrando Luke—. Mas por que faz isso a gente?

Elizabeth soltou uma gargalhada.

—Este é meu menino!

Ivan fez caso omissso dela.

—Faz centenas de anos a gente comia as folhas verdes do dente de leão porque contêm muitas vitaminas —explicou—, o qual justifica seu nome em latim, que se traduz como a «padre oficial de todos os males». Por isso a gente acredita que trazem boa sorte e pedem desejos às sementes.

—E os desejos se cumprem? —perguntou Luke esperançado.

Elizabeth olhou ao Ivan, zangada ao lhe ver encher a cabeça de seu sobrinho com falsas esperanças.

—Só os que se entregam em condições, assim, quem sabe? Recorda que às vezes até o correio se perde, Luke.

Luke assentiu com a cabeça; tinha-o entendido.

—Vale. Muito bem. Pois vamos apanhar os!

—Vão vós dois. Eu esperarei no carro —disse Elizabeth com o olhar cravado à frente.

Ivan suspirou.

—Eliza...

—Esperarei aqui —repetiu com firmeza. Acendeu a rádio e se acomodou para lhes deixar claro que não ia trocar de opinião.

Luke desceu do carro e ela se voltou para o Ivan.

—Parece-me ridículo que lhe encha a cabeça com essa fileira de mentiras —lhe soltou muito

zangada—. O que pensa lhe dizer quando nenhum de seus desejos se faça realidade?

—Como sabe que não se farão realidade?

—Tenho sentido comum. Algo do que pelo visto você carece.

—Tem razão, não tenho sentido comum. Não quero acreditar quão mesmo acreditam todos outros. Tenho meus próprios pensamentos, coisas que ninguém me ensinou e que tampouco tenho lido em nenhum livro. Aprendo da experiência, em troca você... te dá medo experimentar o que for e por isso sempre terá seu sentido comum e nada mais que seu sentido comum.

Elizabeth olhou pelo guichê e contou até dez para não explorar. Detestava toda aquela verborréia new age; contrariamente ao que ele dizia, estava convencida de que aquelas eram a classe de coisas que só podiam aprender-se nos livros. Livros escritos e lidos por pessoas que se passavam a vida procurando algo, algo, com tal de abstrair do aborrecimento de sua vida real. Pessoas que precisavam acreditar que sempre e para tudo existia outro motivo além disso do mais evidente.

—Sabe uma coisa, Elizabeth? O dente de leão também se conhece como filtro de amor. Há quem diz que se soprar as sementes ao estas vento levarão seu amor a seu amado. Se soprar a delicada bola branca enquanto pede um desejo e consegue arrancar todas as sementes seu desejo se fará realidade.

Elizabeth torceu o gesto, desconcertada.

—Já basta dessa gíria, Ivan.

—Muito bem. Porque hoje Luke e eu nos dispomos a apanhar Jinny Joes. Acreditava que sempre tinha sonhado em querer alcançar um desejo —disse Ivan.

Elizabeth apartou o olhar.

—Sei o que está fazendo, Ivan, e não dará resultado —disse—. Te contei coisas de minha infância na mais estrita confidencialidade. Custou-me muito dizer as coisas que pinjente. E não o fiz para que você as convertesse em uma espécie de jogo —concluiu Elizabeth entre dentes.

—Isto não é um nenhum jogo —disse Ivan em voz baixa. desembarcou do carro.

—Tudo é um jogo para ti —lhe espetou Elizabeth—. me Diga, como é que sabe tanto sobre as sementes de dente de leão? Qual é a finalidade exata de toda essa estúpida tua informação?

Ivan se inclinou para a porta aberta e falou em voz baixa.

—Bom, parece-me bastante óbvio que se for confiar em algo que vai conduzir seus desejos no vento, possivelmente também queira saber com exatidão de onde vem e aonde tem intenção de ir.

A portinhola se fechou de repente.

Elizabeth os olhou correr para o campo.

—Pois se for assim, de onde procede exatamente, Ivan? —perguntou em voz alta—. E onde e quando tem intenção de ir?

Capítulo 21

Elizabeth contemplava como Ivan e Luke brincavam de correr pelo campo, saltando e mergulhando-se na erva para apanhar as sementes de dente de leão que flutuavam no ar como bolas de plumas.

—Tenho uma! —ouviu chiar ao Luke.

—Pede um desejo —lhe insistiu Ivan alegremente.

Luke a guardou em uma mão e fechou com força as pálpebras.

—Desejo que Elizabeth desça do carro e jogue ao Jinny Joes! —chiou. Levantou a mão gordinha, abriu lentamente os dedos miúdos e soltou a bola ao vento que a levou consigo.

Ivan olhou a Elizabeth arqueando as sobrancelhas.

Luke se voltou para o carro para ver se seu desejo se cumpriu.

Por mais que Elizabeth visse seu carita esperançada não podia lhe agradecer, nem tampouco podia descer do carro e fazer que Luke acreditasse em contos de fadas que não eram mais que mentiras

disfarçadas com florituras. E não ia apelar se. Mas voltou a ver o Luke brincar de correr pelo campo com os braços estendidos. O menino apanhou outra semente, estreitou-a entre ambas as mãos e pediu a voz em grito o mesmo desejo.

Elizabeth notou uma opressão no peito e começou a respirar mais depressa. Ambos a olhavam com os olhos tão cheios de esperança que Elizabeth não pôde por menos de sentir o peso da confiança depositada nela. Só era um jogo, repetia-se tratando de convencer-se; bastava com que desembarcasse do carro. Mas para ela significava bastante mais. Significava encher a cabeça de um menino com uns pensamentos e idéias que nunca se fariam realidade. Significava sacrificar um momento de diversão por uma vida inteira de decepção. Agarrou o volante com tanta força que os nódulos lhe puseram brancos.

Uma vez mais um jubiloso Luke ficou a saltar tratando de apanhar outro dente de leão. Repetiu seu desejo a voz em grito e esta vez acrescentou:

—Por favor, por favor, por favor, Jinny Joe!

Com o braço em alto parecia a Estátua da Liberdade e ato seguido soltou a bola de sementes.

Ivan não fazia nada. ficou-se plantado no meio do campo observando-o tudo com aquele olhar e presença delas que tanto atraíam a Elizabeth. Esta reparou em que Luke parecia cada vez mais frustrado e desiludido enquanto apanhava outra bola, espremia-a com raiva entre as mãos e a soltava como se queria lhe dar uma patada.

Seu sobrinho já estava perdendo a fé e se detestou a si mesmo por ser a causador. Inspirou profundamente e alcançou o atirador da porta. O rosto do Luke se iluminou e imediatamente ficou a caçar mais sementes. Enquanto Elizabeth caminhava para o campo as fúcsias dançavam alocadamente como espectadores que agitassem bandeirolas vermelhas e moradas para dar a bem-vinda a um esportista que saísse ao terreno de jogo.

Enquanto conduzia lentamente seu trator, Brendan Egan esteve a ponto de meter-se na sarjeta ao fixar-se no que acontecia em um campo longínquo. Contra a cortina de fundo do resplandecente mar e o sol, duas figuras escuras dançavam sobre a erva. Alguém era uma mulher cuja larga juba negra ondeava ao vento lhe envolvendo a cara e o pescoço. Gritava de entusiasmo e alegria ao saltar de um lado a outro junto a um menino pequeno, enquanto tratavam de apanhar as sementes de dente de leão que pareciam voar em pára-quedas.

Brendan deteve o trator e a impressão lhe fez conter um momento o fôlego: pareceu-lhe estar vendo um fantasma. O corpo lhe tremia enquanto contemplava maravilhado e assustado, até que um buzinação atrás de lhe deu um susto ameaçando-o a seguir avançando.

Benjamin conduzia de volta do Killarney às 6:30 da manhã do domingo desfrutando da vista do oceano quando um trator detido em meio da estrada lhe obrigou a frear. Na cabine do trator havia um homem maior que olhava ao longe com a cara branca como o papel. Benjamin seguiu seu olhar. Em seu rosto se desenhava um sorriso ao localizar a Elizabeth Egan dançando com um menino em um campo cheio de dentes de leão. A jovem ria e gritava enquanto saltava daqui para lá. Ia em moletom e seus cabelos, que de costume levava severamente recolhidos na nuca, ondeavam soltos ao vento. A Benjamin não lhe tinha ocorrido que ela pudesse ter um filho, mas viu claramente como elevava ao menino em braços, ajudava-lhe a alcançar algo e depois o devolvia ao chão outra vez. O menino loiro ria de puro deleite e Benjamin sorriu desfrutando de do espetáculo. Poderia haver-se passado toda a manhã contemplando a Elizabeth, mas um buzinação atrás de lhe sobressaltou e quando o trator ficou em marcha e arrancou de novo, ambos avançaram a passo de tartaruga sem deixar de olhar a Elizabeth.

Inventar homens imaginários e dançar nos campos às 6:30 de um domingo pela manhã... Benjamin não pôde por menos de rir e admirá-la por quão divertida era e as vontades de viver que transmitia. Nunca dava amostras de ter medo ao que pensassem outros. Ao avançar pela lhe serpenteiem estrada pôde vê-la com mais clareza. O semblante da Elizabeth luzia uma expressão de pura sorte. Parecia uma mulher completamente distinta.

Capítulo 22

Elizabeth se sentia ébria de prazer enquanto conduzia de retorno ao povo, em companhia do Luke e Ivan. Tinham passado as últimas duas horas perseguindo e apanhando o que Ivan insistia em chamar Jinny Joes. Depois, muito cansados e sem fôlego se desabaram na erva alta inspirando o fresco ar marinho de primeiras horas do dia. Elizabeth não recordava a última vez que se riu tanto. De fato, não acreditava que tivesse rido tanto em toda sua vida.

Ivan parecia ter uma energia sem limites e um apetite insaciável por todo o novo e emocionante. Fazia muitíssimo tempo que Elizabeth não se exaltava; era uma sensação que não associava com sua vida adulta. Não havia sentido o comichão da antecipação no estômago desde que era uma menina; nunca tinha desejado nada até o ponto de sentir que ia arrebentar se aquilo não ocorria aqui e agora. Mas estar com o Ivan lhe devolvia todas essas sensações. O tempo transcorria muito depressa quando estava com ele, tanto se andavam dando saltos pelo campo como se simplesmente se faziam companhia em silêncio, coisa que ocorria freqüentemente. Sempre desejava que o tempo se ralentizara quando ele estava presente e quando a abandonava sempre ficava com vontades de mais. Tinha apanhado muitas sementes de dente de leão aquela manhã e em seu foro interno muitos de seus desejos tinham sido para que o tempo que estavam acontecendo juntos esse dia se prolongasse e que o vento não amainasse para poder aferrar-se ao momento, junto com o Luke.

Elizabeth equiparou essas sensações tão fortes, quase obsessivas, às de um amor infantil, mas com mais profundidade. sentia-se atraída por tudo o do Ivan; a maneira de falar, a maneira de vestir, as palavras que empregava, sua aparente inocência em que pese a ter um fundo conhecimento de sábios pontos de vista. Sempre dizia o que terei que dizer, inclusive quando ela não tinha vontades de ouvi-lo. A escuridão desaparecia do fundo dos túneis da Elizabeth e de súbito era capaz de ver mais à frente. Quando Ivan entrava tão alegre em uma habitação trazia consigo clareza e inteligência. Era a encarnação da esperança, e então Elizabeth entendia que para ela as coisas podiam não ser fantásticas ou maravilhosas ou o cúmulo da felicidade, mas que podiam ir bem. E isso lhe bastava.

Ivan ocupava seus pensamentos em todo momento; ela repetia suas conversações uma e outra vez. O fazia uma pergunta atrás de outra e ele sempre se mostrava aberto e sincero em suas respostas, mas depois, tendida na cama, Elizabeth caía na conta de que não sabia mais que antes a respeito dele em que pese a que tivesse respondido a todas suas perguntas. Mesmo assim percebia que eram dois seres muito similares. Duas pessoas solitárias que voavam levadas pela brisa como sementes de dente de leão, portadores de seus respectivos desejos.

Por descontado, tais sentimentos a assustavam. Por descontado, atentavam contra seus princípios,

mas por mais que o tentasse lhe era impossível evitar que o pulso lhe acelerasse quando a pele do Ivan roçava a sua, era-lhe impossível evitar lhe buscar quando acreditava que podia andar perto.

Era-lhe impossível evitar que invadissem seus pensamentos. Ivan se acurrucava com naturalidade entre seus braços apesar de que estes não estivessem abertos; apresentava-se em sua casa sem estar convidado e não obstante a Elizabeth era impossível evitar lhe abrir a porta uma vez atrás de outra.

Atraía-a sua presença, o que o fazia sentir, seus silêncios e suas palavras. estava-se apaixonando por ele. na segunda-feira pela manhã Elizabeth entrou no café do Joe caminhando e cantarolando a mesma canção que tinha estado cantarolando na semana anterior e que ao parecer não conseguia tirar-se da cabeça.

Eram as oito e meia e a cafeteria estava lotada de turistas que se detiveram a tomar o café da manhã antes de retornar a seu ônibus, o qual lhes levaria até a parada seguinte de sua excursão. A cafeteria bulia de conversações em alemão. Joe se trabalhava em excesso recolhendo serviços sujos das mesas, levando-os a cozinha e retornando com pratos cheios de cafés da manhã irlandeses que sua esposa tinha preparado.

Elizabeth lhe fez gestos pedindo café e ele em seguida assentiu com a cabeça confirmando o recebimento do pedido, sem tempo para fofocar. Elizabeth procurou uma mesa e o pulso lhe acelerou ao ver o Ivan na outra ponta do estabelecimento. Incapaz de controlar a alegria que se apropriou dela sorriu de brinca a orelha. Sentiu a excitação invadir todo seu corpo enquanto se abria passo entre as mesas em direção a ele. A visão do Ivan a transtornava.

—Olá —murmurou Elizabeth odiando-se ao notar a mudança de sua voz.

—bom dia, Elizabeth—saudou Ivan sonriendo. Sua voz também era distinta.

Ambos o perceberam, perceberam algo, e ficaram olhando-se aos olhos.

—Guardei-te uma mesa.

—Obrigado.

Sorrisos.

—Tomo nota de um café da manhã? —perguntou Joe, caneta e bloco de papel em mão.

Elizabeth não estava acostumada tomar o café da manhã, mas ao ver a maneira em que Ivan estudava a carta pensou que podia chegar uns minutos mais tarde ao escritório para variar.

—Traz-me outra carta, Joe, por favor?

Joe a fulminou com o olhar.

—por que quer outra carta?

—Para poder lê-la.

—O que acontece com a que está em cima da mesa? —perguntou Joe mal-humorado.

—Vale, vale —disse Elizabeth tornando-se atrás e aproximando-se ao Ivan para compartilhar a carta.

Joe a olhou com receio.

—Parece-me que tomarei o café da manhã irlandês —disse Ivan lambendo-se.

—Para mim o mesmo —disse Elizabeth ao Joe.

—Quão mesmo o que?

—O café da manhã irlandês.

—Vale, pois um café da manhã irlandês e um café.

—Não —repôs Elizabeth enrugando a frente—, dois cafés da manhã irlandeses e dois cafés.

—Está comendo por dois? —perguntou Joe olhando-a de cima abaixo.

—Não! —exclamou Elizabeth e se voltou para o Ivan com um olhar de desculpa assim que Joe se afastou—. Sinto o do Joe; às vezes faz coisas estranhas.

Joe pôs dois cafés na mesa, voltou a olhá-la com receio e se foi apitando a servir outra mesa.

—Está muito concorrido este sítio, hoje —disse Elizabeth sem logo que apartar a vista do Ivan.

—Sério? —pergunto Ivan olhando-a fixamente aos olhos.

Um formigamento estremeceu todo o corpo da Elizabeth.

—Eu gosto quando do povo está assim. Parece que ressuscite. Não sei como será Aisatnaf, mas aqui acaba farto de ver sempre as mesmas caras. Os turistas trocam o cenário, dão-lhe algo depois do que te esconder.

—Do que tem que te esconder?

—Ivan, todos os aldeãos me conhecem. Quase sabem mais que eu mesma sobre a história de minha família.

—Eu não escuto aos aldeãos, escuto a ti.

—Sei. Durante o verão este sítio é como uma árvore grande, forte e formoso —tratou de explicar —, mas no inverno lhe arrebatam as folhas e fica nu, sem nada para te tampar ou te dar intimidade. Sempre me sinto como se estivesse exposta em uma cristaleira.

—Você não gosta de viver aqui?

—Não é isso. É só que às vezes este povo precisa animar-se um pouco, que lhe dêem uma boa patada no traseiro. Cada manhã me sinto aqui e sonho que saio à rua e derramo meu café a fim de lhe dar a injeção que necessita para despertar.

—Muito bem, e por que não o faz?

—O que quer dizer?

Ivan ficou de pé.

—Elizabeth Egan, vêm comigo e traz sua tigela de café.

—P...

—Não há peros que valham. Anda, vêm.

Dito isto saiu da cafeteria. Ela o seguiu um tanto confundida levando o tigela consigo.

—E bem? —perguntou detrás tomar um sorvo.

—Bom, acredito que já vai sendo hora de que dê a este povo uma boa injeção de cafeína — anunciou Ivan olhando a um lado e ao outro da rua deserta.

Elizabeth lhe olhou sem compreender.

—Venha. —Ivan deu um ligeiro golpe à tigela derramando café leitoso pela calçada—. Uy —disse secamente.

Elizabeth riu.

—Está como uma cabra, Ivan.

—Que eu estou como uma cabra? É você quem o sugeriu.

Voltou a golpear o tigela, mais forte esta vez, salpicando mais copiosamente o chão. Elizabeth soltou um grito e deu um salto para trás para não manchá-los sapatos.

Atraiu umas quantas olhadas do interior da cafeteria.

—Venha, Elizabeth!

Aquilo resultava absurdo, ridículo e completamente infantil. Não tinha nenhum sentido fazê-lo, mas ao recordar como se divertiu a véspera no campo, quanto tinha rido e como tinha flutuado o resto do dia desejou reviver aquela sensação. Inclinou o tigela deixando que todo o café caísse ao chão. Ao princípio formou um atoleiro e logo o observou encher as gretas das lajes e fluir lentamente para o meio-fio.

—Isso não terá despertado nem aos insetos —brincou Ivan.

—Muito bem, pois, aparta —advertiu Elizabeth arqueando uma sobrancelha.

Ivan se apartou enquanto Elizabeth estendia o braço e girava sobre si mesmo. O café saiu despedido como de uma fonte.

Joe apareceu a cabeça pela porta.

—O que está fazendo, Elizabeth? Não te preparei um bom café? —Parecia preocupado—. Me está fazendo ficar mal diante desta gente.

Assinalou com a cabeça ao grupo de turistas que se estava congregando na janela, observando-a. Ivan se pôs-se a rir.

—Parece-me que isto requer outro tigela de café —anunciou.

—Outro café? —perguntou Elizabeth assustada.

—De acordo —disse Joe retrocedendo devagar.

—Perdoe, o que está passando? —perguntou um turista ao Joe, que se dispunha a voltar dentro.

—Ah, isto é, né... —Joe ficou sem saber o que dizer—. É um costume que temos aqui, em Dance na gGroíthe. As segundas-feiras pela manhã, isto, né... —voltou-se para a Elizabeth que girava sobre si mesmo rendo e pulverizando café pela calçada—. Como vê, nós gostamos de salpicá-lo tudo de café. É bom para, né... —observou como Elizabeth derramava o líquido nas jardineiras das

janelas—, para as flores.

Tragou saliva. O turista arqueou as sobrancelhas com interesse e sorriu divertido.

—Nesse caso, outras cinco taças de café para meus muito queridos amigos.

Depois de vacilar um momento, Joe desdobrou um amplo sorriso ao ver uma ocasião de ganhar dinheiro.

—Partindo cinco taças.

Ao cabo de seu momento somaram a Elizabeth cinco estrangeiros que começaram a dançar girando sobre si mesmos, rendo e chiando enquanto derramavam café pela calçada. Isto fez que ela e Ivan rieran ainda com mais ganha até que se escabulleron dos turistas. Estes, embora em segredo intercambiavam olhares de perplexidade em relação a aquele tolo costume irlandesa de derramar café pelo chão, diziam-se que a fim de contas proporcionava uma sã diversão.

Elizabeth contemplava o povo com assombro. Os lojistas tinham saído à porta e observavam o alvoroço que se armou diante do Joe'S. Os vizinhos abriam as janelas e apareciam a cabeça. Os carros diminuía a marcha para jogar uma olhada, provocando que os condutores que os seguiam tocassem contrariados a buzina. Em questão de instantes a entorpecida localidade se despertou.

—O que ocorre? —perguntou Ivan secando-as lágrimas de risada dos olhos—. por que deixaste que rir?

—É que para ti não existem os sonhos, Ivan? Não pode fazer que certas coisas permaneçam só em sua cabeça?

Que ela soubesse, Ivan era capaz de fazer que algo ocorresse. Bom, quase algo. Levantou a vista a seus olhos azuis e lhe disparou o coração.

Ivan lhe devolveu o olhar e se aproximou um passo mais. Parecia muito sério e major do que até então se mostrou, como se acabasse de ver e aprender algo novo poucos segundos antes. Tocou brandamente a bochecha da Elizabeth e adiantou a cabeça devagar para seu rosto.

—Não —sussurrou, e a beijou na boca com tanta ternura que faltou pouco para que a Elizabeth falhassem as pernas—, tudo deve fazer-se realidade.

Joe olhou pela janela e riu ao ver os turistas dançando e derramando café diante de seu local. Entreviu a Elizabeth ao outro lado da rua e se aproximou da janela para vê-la melhor. Tinha a cabeça levantada e os olhos fechados com uma expressão de perfeita sorte. O cabelo, de ordinário recolhido na nuca, levava-o solto e ondeava na ligeira brisa matutina. Parecia deleitar-se com o

brilho do sol que lhe banhava a cara.

Joe teria jurado que o rosto da Elizabeth era o vivo retrato do de sua ferosa mãe.

Capítulo 23

As bocas do Ivan e Elizabeth demoraram um momento em separar-se e quando por fim o fizeram, Elizabeth, com um comichão nos lábios, percorreu dando saltos o caminho até o escritório. Tinha a impressão de que se levantava mais os pés do estou acostumado a começaria a flutuar. Cantarolando enquanto tentava dominar seu não-vô chocou de pleno contra a senhora Bracken que, de pé em seu portal, estudava aos turistas do outro lado da rua.

—Jesus! —Elizabeth deu um salto para trás, assustada.

—É o filho de Deus, que entregou sua vida e morreu na cruz para difundir a palavra do Senhor e nos dar uma vida melhor, assim não tome seu nome em vão —soltou de um puxão a senhora Bracken. Assinalou com o queixo em direção à cafeteria—. Que diabo estão fazendo esses estrangeiros?

Elizabeth se mordeu o lábio e se agüentou a risada.

—Não tenho nem idéia. por que não se une a eles?

—Ao senhor Bracken não lhe teria gostado de nada toda esta animação. —Deveu perceber algo na voz da Elizabeth, porque levantou a cabeça de repente, entrecerró os olhos e a olhou de marco em marco—. Te vejo distinta.

Elizabeth fez caso omissso dela e pôs-se a rir ao ver o Joe esfregando com ar culpado o café derramado na calçada.

—passaste muito tempo na torre de lá encima? —perguntou a senhora Bracken em tom acusatório.

—Pois claro, senhora Bracken. Estou desenhando o hotel, recorda? Por certo, encarreguei o tecido; deveria nos chegar dentro de três semanas, com o qual ficam dois meses para o ter tudo preparado. Acredita que poderá contratar pessoal de reforço?

A senhora Bracken entrecerró os olhos com receio.

—Soltaste-te o cabelo.

—E? —perguntou Elizabeth entrando em oficina de tapeçaria para ver se tinha chegado seu pedido.

—E o senhor Bracken estava acostumado a dizer: «cuidado com as mulheres que trocam drasticamente de penteado».

—Eu não diria que soltar o cabelo seja uma mudança muito drástica.

—Elizabeth Egan, em seu caso particular, sustento que soltá-la juba é uma mudança drástica. Por certo —adicionou a artigo seguido sem dar pé a que Elizabeth replicasse—, temos um problema com o pedido que chegou hoje.

—O que acontece?

—É muito colorido. —Pronunciou a palavra como se fosse uma enfermidade e, abrindo muito os olhos, pô-lo ainda mais de relevo—: Vermelho.

Elizabeth sorriu.

—É framboesa, não é vermelho, e o que tem de mau um pouco de cor?

—Que o que tem de mau um pouco de cor, diz. —A senhora Bracken subiu a voz uma oitava—. Até a semana passada seu mundo era marrom. É essa torre o que te está afetando. O tipo americano, verdade?

—OH, não me você venha também com o conto da torre. —Elizabeth pôs cara de chateio—. estive ali acima toda a semana e não é mais que uma muralha que se está vindo abaixo.

—Uma muralha que se vem abaixo, certamente —disse a senhora Bracken sem lhe tirar o olho de cima—, e é o tipo americano quem a está derrubando.

Elizabeth pôs os olhos em branco.

—Adeus, senhora Bracken.

Subiu à carreira a escada do escritório.

Na entrada a recebeu um par de pernas que saíam de debaixo do escritório do Poppy. Eram pernas de homem: calças de veludo cotelê marrom com sapatos marrons que se agitavam e retorciam.

—É você, Elizabeth? —gritou uma voz.

—Sim, Harry. —Elizabeth sorriu. Coisa curiosa, estava encontrando extrañamente adoráveis às duas pessoas que acostumavam tirar a de gonzo diariamente. Certamente Ivan estava superando muito gracioso a prova do sorriso tolo.

—Estava-lhe apertando os parafusos a esta cadeira. Poppy me contou que lhes montou um bom numerito a semana passada.

—Assim foi, Harry, obrigado.

—De nada.

As pernas do homem se deslizaram sob o escritório e desapareceram enquanto ficava trabalhosamente a gatas. depois de dar um cabeçada contra o tabuleiro do escritório, apareceu por fim a cabeça mostrando uma calva que tentava dissimular penteando os escassos cabelos de um lado a outro do crânio.

—Ah, aí está você —disse Harry levantando-se, chave inglesa em mão—. Agora o assento não teria que girar por sua conta. Que estranho que fizesse isso. —Efetuou uma última comprovação e logo olhou a Elizabeth com a mesma expressão que tinha adotado para examinar a cadeira—. A vejo distinta.

—Pois sou a mesma de sempre —respondeu Elizabeth dirigindo-se a seu escritório.

—É o cabelo. O soltou. Eu sempre hei dito que às mulheres fica melhor a juba Y...

—Obrigado, Harry. Já terminou? —perguntou Elizabeth com firmeza, pondo fim à conversação.

—Sim, sim, claro.

Harry se ruborizou, e depois de despedir-se dela com a mão se foi escada abaixo, sem dúvida para fofocar com a senhora Bracken sobre a juba solta da Elizabeth.

Elizabeth se sentou a seu escritório e tentou concentrar-se no trabalho, mas impensadamente se passou as gemas dos dedos pelos lábios, revivendo o beijo que acabava de lhe dar Ivan.

—Vale —disse Poppy entrando sem chamar o despacho da Elizabeth para deixar um cofre em cima do escritório—. Vê isto daqui?

Elizabeth assentiu olhando ao cerdito. Becca estava na porta do fundo.

—Bom, pois me ocorreu um plano. —Poppy fez chiar os dentes—. Cada vez que ponha a cantarolar essa maldita tua canção, terá que pôr dinheiro no porco.

Elizabeth arqueou as sobrancelhas com expressão divertida.

—Poppy, fez você este cerdito? —perguntou sem tirar olho ao porco de papel maché que tinha no

escritório.

Poppy tentou dissimular seu sorriso.

—a de ontem à noite foi uma noite muito tranqüila. Mas, sério, já está começando a ser algo mais que irritante, Elizabeth, tem que me acreditar —suplicou Poppy—. Até a Becca está até o cocuruto.

—É isso certo, Becca?

Becca se ruborizou e se bateu em retirada; não queria ver-se envolta naquela conversação.

—Miúdo respaldo —resmungou Poppy.

—E quem ficará com o dinheiro? —perguntou Elizabeth.

—O porco. Está arrecadando recursos para uma pocilga nova. Cantarola uma canção e apóia a um porco —disse aproximando o cofre à cara da Elizabeth.

Elizabeth se agüentou a risada.

—Fora.

Momentos depois, uma vez que todas reataram suas tarefas, Becca entrou resolutamente ao despacho, pôs o porco em cima da mesa e abrindo muito os olhos exclamou:

—Pagamento!

—Estava cantarolando outra vez?—perguntou Elizabeth, surpreendida.

—Sim —respondeu Becca entre dentes, crispada, antes de dá-la volta.

Entrada a manhã Becca fez passar a uma visita ao despacho da Elizabeth.

—Olá, senhora Collins —saudou Elizabeth com cortesia ao tempo que a apreensão lhe encolhia o estômago. A senhora Collins regentava a pensão em que se alojava Saoirse desde fazia umas semanas—. Sinta-se, por favor.

Indicou a cadeira que tinha diante.

—Obrigado. —A senhora Collins tomou assento—. E me chame Margaret.

Jogou uma olhada à habitação como um menino assustado a quem tivessem chamado ao despacho

do diretor do colégio. Mantinha as mãos entrelaçadas no regaço como se temesse tocar algum objeto. Levava a blusa abotoada até o queixo.

—vim a lhe falar do Saoirse. Sinto não ter tido ocasião de lhe comunicar nenhuma das notas e mensagens telefônicas que você lhe mandou durante estes últimos dias —disse Margaret com evidente embaraço, toqueteando a prega de sua blusa—. Leva três dias sem passar-se pela pensão.

—Vá —disse Elizabeth incômoda—. Obrigado por me informar, Margaret, mas não há de que preocupar-se. Seguro que não demorará para me chamar.

Estava farta de ser a última em inteirar-se de tudo, de ser informada sobre as atividades de sua família por perfeitos desconhecidos. Apesar da atenção que tinha emprestado ao Ivan, Elizabeth tinha procurado ter ao Saoirse vigiada na medida do possível. Faltavam poucas semanas para a vista, mas Elizabeth não tinha conseguido dar com ela em nenhuma parte, sendo «nenhuma parte» o pub, a casa de seu pai e a pensão.

—Bom, em realidade não se trata disso. É só que, bom, nesta época temos muito trabalho. Há um montão de turistas que passam por aqui procurando alojamento e precisamos a habitação do Saoirse.

—Já. —apoiou-se contra o respaldo como movimento por uma mola, sentindo-se estúpida. Claro! —. Isso é perfeitamente compreensível —disse Elizabeth com estupidez—. Passarei depois do trabalho a recolher suas coisas, se lhe parecer.

—Não será necessário. —Margaret sorriu com doçura e de repente gritou—: Meninos!

Ato seguido entraram os dois filhos adolescentes da Margaret, cada um com uma mala.

—Tomei-me a liberdade de reunir todas suas pertences —prosseguiu Margaret com seu falso sorriso estampado no rosto—. Agora só me falta cobrar três dias de alojamento e o assunto estará resolvido.

Elizabeth ficou geada.

—Margaret, sem dúvida compreenderá que as dívidas do Saoirse não são de minha incumbência. Que seja sua irmã não significa que deva as saldar eu. Não demorará para retornar, estou convencida.

—Já sei, Elizabeth. —Margaret voltou a sorrir revelando uma pequena mancha de pintalábios de cor rosa em um dente dianteiro—. Mas havida conta de que a minha é hoje por hoje a única pensão que aceitaria ao Saoirse como hóspede, estou segura de que você...

—Quanto? —espetou-lhe Elizabeth.

—Quinze por noite —disse Margaret com doçura.

Elizabeth rebuscou em sua carteira. Suspirou.

—Olhe, Margaret, agora não disponho de efec...

—Um cheque vai bem —repôs alegremente.

Depois de entregar o cheque a Margaret, pela primeira vez nos últimos dias Elizabeth deixou de pensar no Ivan e começou a preocupar-se com o Saoirse. Igual a nos velhos tempos.

Às dez da noite, no centro de Nova Iorque, Elizabeth e Mark olhavam através dos imensos ventanales negros do bar do piso cento e quatorze que Elizabeth acabava de desenhar. Aquela noite se inaugurava o Clube Zoológico, um piso inteiro dedicado aos estampados de animais, os sofás de pele e as almofadas com um pouco de verde e bambu colocados em sítios estratégicos. A decoração era um compêndio de tudo o que mais detestava Elizabeth em um desenho, mas lhe tinham feito um encargo muito concreto e se rodeou às instruções. O êxito era formidável, todo mundo desfrutava da velada, e a atuação em vivo de uns percussionistas tocando ritmos selvagens e o constante rumor de animadas conversações arredondavam o ambiente festivo. Elizabeth e Mark entrechocaron suas taças de champanha e contemplaram o mar de arranha-céu, as luzes que dedilhavam os edifícios ao azar e a maré de táxis amarelos circulando a seus pés.

—Por outro de seus êxitos —brindou Mark e bebeu um sorvo da taça cheia de borbulhas.

Elizabeth sorriu, cheia de orgulho.

—Agora sim que estamos longe de casa, verdade? —refletiu com a vista perdida no panorama e vendo o reflexo da festa que tinha lugar detrás dela. Distinguiu ao proprietário, Henry Hakala, que se abria passo entre a concorrência.

—Elizabeth, por fim te encontro. —Estendeu os braços a modo de bem-vinda—. O que faz a estrela da noite neste rincão, afastada de todo o mundo? —perguntou.

Elizabeth fez as apresentações de rigor.

—Henry, apresento ao Mark Leeson, meu noivo; Mark, ele é Henry Hakala, proprietário do Clube Zoológico.

—Então você é a pessoa que esteve retendo a minha noiva até as tantas cada noite —brincou Mark estreitando a mão do Henry.

Henry riu.

—Salvou-me a vida. Três semanas para fazer tudo isto? —Com um gesto abrangeu a vibrante decoração da sala com estampados de zebra nas paredes, peles de urso cobrindo os sofás, tapetes de falso leopardo através do estufo acostumado a assoalhado, novelos enormes em suportes de vasos cromados e bambus delimitando a zona da barra—. Era um prazo de entrega muito ajustado mas sabia que Elizabeth o conseguiria. O que não imaginava é que o fizesse tão bem. —Parecia agradecido—. Enfim, os discursos estão a ponto de começar. Só quero dizer umas palavras, mencionar os nomes de uns quantos investidores —murmurou entre dentes—, e dar as graças a toda a fantástica equipe que trabalhou tão duro. Assim não te parta, Elizabeth, porque te vou pôr no ponto de olhe de todos os presente dentro de um momento.

—OH —Elizabeth ficou tinta—, por favor, não.

—me acredite, choverão-lhe as ofertas a centenas depois de que o faça —disse antes de dirigir-se para o microfone decorado com uma espécie de parra.

—Desculpe, senhora Egan. —Um membro do pessoal se aproximou dela—. Tem uma chamada no mostrador da entrada.

Elizabeth franziu o cenho.

—Eu? Uma chamada? Está seguro?

—Você é a senhora Egan, verdade?

Elizabeth assentiu confundida. Quem a estaria chamando ali?

—É uma moça, diz que é sua irmã —explicou o empregado em voz baixa.

—OH. —O pulso lhe acelerou muito—. Saírse? —perguntou pasmada.

—Sim, isso é —disse o moço mostrando-se aliviado—. Não estava seguro de recordá-lo bem.

Nesse instante sentiu que a música soava mais alto, o ritmo dos tambores o martilleaba a cabeça, estampado-los de peles se juntavam e se faziam imprecisos. Saírse não a chamava nunca; tinha que estar ocorrendo algo grave.

—Deixa-o correr, Elizabeth —insistiu Mark em um tom bastante convincente—. Diga à mulher do telefone que a senhora Egan está ocupada neste momento —disse Mark ao Esta barman é sua noite, desfruta-a —acrescentou em voz baixa a Elizabeth.

—Não, não, não lhe diga nada —gaguejou Elizabeth. Deviam ser as três da madrugada na Irlanda. por que telefonava tão tarde Saoirse?—. Atenderei a chamada, obrigado —lhe disse ao moço.

—Elizabeth, o discurso está a ponto de começar —advertiu Mark enquanto se ia fazendo o silêncio na sala e os convidados se congregavam diante do microfone—. Não pode perder lhe adicionou isso entre Este dentes é seu momento de glória.

—Não, não, não posso —replicou Elizabeth com voz tremente e se afastou enfiando em direção ao telefone.

—Diga? —disse instantes depois com uma voz que punha em evidência sua preocupação.

—Elizabeth? —soluçou a voz do Saoirse.

—Sou eu, Saoirse. Ocorre algo mau? —perguntou notando que o coração lhe pulsava alocadamente.

No clube reinava o silêncio enquanto Henry debulhava seu discurso.

—Só queria que... —Saoirse ficou pasmada sem saber o que dizer e se calou.

—Queria que o que? Vai tudo bem? —perguntou Elizabeth com urgência.

A voz do Henry troava.

—...E por último mas não por isso menos importante quero dar as graças à maravilhosa Elizabeth Egan do Morgan Designs por desenhar tão maravilhosamente este lugar em tão pouco tempo. criou algo completamente distinto do que há aí fora agora mesmo, convertendo o Clube Zoológico no mais freqüentado, moderno e novidadeiro da noite nova-iorquina, garantindo que a cauda de gente desejosa de entrar dê a volta à maçã. Está em um rincão dali ao fundo. Elizabeth, nos saúde com a mão, deixa que todo mundo saiba quem é para que lhe possam arrebatá-lo.

Pressente-os se voltaram em silêncio procurando à desenhista com o olhar.

—Vá —ressonou a voz do Henry—, bom, estava ali faz um segundo. Possivelmente algum despachado já a tenha levado para lhe fazer um encargo.

Todos riram.

Elizabeth olhou para a sala e viu o Mark que, com duas taças de champanha nas mãos, encolhia-se de ombros em resposta a quantos se voltavam para ele e ria. Fingia rir.

—Saoirse. —A Elizabeth lhe quebrou a voz—. Por favor, me diga se passar algo mau. tornaste a te colocar em confusões?

Silêncio. Em vez do fio de voz lhe solucem que Elizabeth tinha ouvido antes, a voz do Saoirse soou com força.

—Não —espetou—. Não, estou bem. Tudo vai bem. Que o passe bem na festa.

E pendurou.

Elizabeth suspirou e pendurou o telefone lentamente.

Dentro o discurso tinha terminado e os tambores voltavam a encher a estadia; e as conversações assim como as bebidas continuaram fluindo.

Nem ela nem Mark estavam de humor para festas.

Elizabeth via uma figura gigantesca erguida na distância enquanto conduzia pelo caminho que levava a granja de seu pai. Tinha saído cedo do trabalho e andava procurando o Saoirse. Fazia vários dias que ninguém a tinha visto, nem sequer o dono do pub do povo, o qual era toda uma novidade.

Sempre tinha resultado complicado indicar às pessoas o modo de chegar até a granja, já que ficava muito isolada do resto da localidade. O caminho nem sequer tinha nome, coisa que a Elizabeth parecia apropriada; era um caminho que todos esqueciam. Os carteiros e os repartidores de leite novatos sempre demoravam uns quantos dias em encontrar a direção, os políticos nunca faziam campanha diante da casa, os meninos nunca batiam na porta a noite do Halloween, véspera de Todos os Santos. Quando era menina Elizabeth tinha tentado convencer-se de que sua mãe simplesmente se perdeu e não conseguia encontrar o caminho da casa.

Recordava lhe haver contado essa teoria a seu pai, o qual logo que esboçou um sorriso e respondeu:

—Sabe o que, Elizabeth? Não está muito equivocada.

Aquela foi a única explicação que recebeu, se é que cabia considerá-la como tal. Nunca comentavam o desaparecimento de sua mãe. Os vizinhos e os parentes que foram visitá-los baixavam a voz quando Elizabeth estava perto. Ninguém lhe contava o que tinha ocorrido e ela se guardava de perguntar. Não queria que aquele incômodo silêncio se abatesse sobre eles nem que seu pai saísse feito uma fúria da casa quando se mencionava o nome de sua mãe. Se não mencionar a sua mãe garantia que todos fossem felizes, Elizabeth estava mais que disposta a agradá-los, como

de costume.

De todos os modos não acreditava que realmente queria sabê-lo. O mistério de não saber resultava mais prazenteiro. Permitia-lhe criar cenas em sua mente, pintar a sua mãe em mundos exóticos e emocionantes e dormir imaginando-a em uma ilha deserta, comendo bananas e cocos e enviando a Elizabeth mensagens em garrafas. Cada manhã inspecionava a costa com os binoculares de seu pai em busca de uma garrafa flutuante.

Outra teoria era que se converteu em uma estrela de Hollywood. Elizabeth se sentava com o nariz pego à tela do televisor durante a função de tarde do domingo aguardando a grande estréia de sua mãe. Mas acabou cansando-se de procurar, esperar, imaginar e não perguntar, e com o tempo até chegou a perder o interesse.

A figura não se movia da janela do velho dormitório da Elizabeth. Habitualmente seu pai a esperava no jardim. Fazia anos que Elizabeth não pisava no interior da casa. Aguardou fora por espaço de uns minutos e detrás constatar que nem seu pai nem Saoirse davam sinais de vida desembarcou do carro, empurrou devagar a grade cujo chiado de dobradiças lhe pôs a pele de galinha e avançou cambaleando-se sobre as lajes irregulares do atalho de entrada por culpa dos saltos altos. A erva aparecia às gretas para estudar ao estranho que entrava sem autorização em seu território.

Elizabeth chamou duas vezes à porta verde e descascada e ato seguido apartou o punho, agarrando-se o com a outra mão como se se queimou. Embora não respondeu ninguém sabia que havia alguém no dormitório da direita. Dentro reinavam a quietude, e o conhecido aroma de umidade do que antigamente considerava seu lar a alcançou fazendo-a parar em seco uns instantes. Uma vez se teve adaptado às emoções que o olfato tinha despertado em seu foro interno, decidiu-se a entrar.

Pigarreou.

—Olá?

Não obteve resposta.

—Olá? —repetiu com mais força. Sua voz de adulta soava mal no lar de sua infância.

Começou por dirigir-se à cozinha confiando em que seu pai a ouvisse e saísse a seu encontro. Quão último desejava era voltar a ver seu antigo dormitório. Os saltos altos ressonavam no chão de pedra, outro ruído característico da casa. Conteve o fôlego ao entrar na cozinha comilão. Tudo e nada seguia igual. Os aromas, o relógio no suporte da chaminé, a toalha de encaixe, a esteira, a poltrona junta ao fogo, a bule vermelha em cima da cozinha Aga, as cortinas. Tudo seguia tendo

seu sítio, tinha envelhecido e acusava o passado do tempo, mas ainda era parte da casa. Era como se ninguém tivesse vivido ali desde que Elizabeth partisse. E talvez ninguém o tinha feito de verdade, ficou um momento plantada em meio da habitação passando revista aos adornos, estendendo o braço para tocá-los, mas fazendo-o só com as pontas dos dedos. Tudo seguia igual. sentiu-se como se estivesse em um museu; até o som dos prantos, as risadas, as disputas e o amor tinham sido conservados e flutuavam no ar como a fumaça de um cigarro.

Finalmente não agüentou mais; precisava falar com seu pai, averiguar onde estava Saoirse, e para isso teria que ir a seu dormitório. Girou lentamente o pomo de latão que ainda pendurava solto da porta como em sua infância. Abriu a porta empurrando-a, não entrou nem olhou em redor. Só olhou diretamente a seu pai, sentado em uma poltrona diante da janela, imóvel.

Capítulo 24

Elizabeth não apartou os olhos do cangote de seu pai, resultava-lhe impossível dirigi-los a outra parte. Tratou de não inalar o aroma, mas este lhe acumulou na garganta, lhe obturando a traquéia.

—Olá —disse com voz rouca.

Seu pai não se moveu. Permaneceu com a vista à frente.

O coração da Elizabeth deixou de pulsar um instante.

—Olá? —repetiu detectando um matiz de pânico em sua própria voz.

Sem pensá-lo duas vezes entrou na habitação e correu para ele. ajoelhou-se e lhe escrutinou o rosto. Seu pai não se moveu e seguiu olhando à frente. O pulso da Elizabeth se acelerou.

—Papai? —O apelativo infantil lhe saiu sem querer, devido ao pânico. Antigamente lhe parecia normal. Essa palavra significava algo. Tendeu os braços para seu pai para tocá-lo, pô-lhe uma mão na cara e outra no ombro—. Papai, sou eu. Está bem? me fale —insistiu com voz tremente. Notou que ele tinha a pele cálida.

Seu pai piscou e Elizabeth soltou um suspiro de alívio. Pouco a pouco ele se voltou para sua filha.

—Ah, Elizabeth, não te ouvi entrar.

Sua voz soava como se chegasse de outra habitação. Era amável; nem rastro do tom de aspereza.

—Chamei-te —disse Elizabeth em voz baixa—. entrei pelo caminho em carro. Não me viu?

—Não —respondeu surpreso voltando-se de cara à janela.

—Pois o que olhava então?

Também ela se voltou para a janela e o panorama a deixou sem fôlego. A cena (o atalho, a grade do jardim e o comprido trecho de caminho) sumiu-a por um momento no mesmo transe que a seu pai. As mesmas esperanças e desejos do passado retornaram nesse instante. No batente da janela havia uma fotografia de sua mãe que nunca antes tinha estado ali. De fato, Elizabeth acreditava que seu pai se desfeito de todas as fotografias depois de que sua mãe partisse.

Mas aquela sua imagem silenciou a Elizabeth. Fazia muito tempo que não via sua mãe; carecia de

rosto na mente da Elizabeth. Já só era uma lembrança imprecisa, mais um sentimento que uma imagem. Lhe vê-la causou uma grande impressão. Foi como olhar-se a si mesmo, sua perfeita imagem refletida. Quando recuperou a voz falou transtornada em voz baixa.

—O que está fazendo, papai?

Ele não moveu a cabeça, não pestanejou, só tinha o olhar ausente e uma voz desconhecida que lhe saía do mais fundo.

—Vi-a, Elizabeth.

Palpitações.

—A quem? —Mas ela sabia a quem.

—Ao Gráinne, sua mãe. Vi-a. Ao menos isso é o que acredito. Fazia tanto tempo que não a via que não estou seguro. Procurei a foto para que me ajudasse a recordar. Para que quando vier a pé pelo caminho me lembre.

Elizabeth tragou saliva.

—Onde a viu, papai?

Sua voz soou mais aguda e ligeiramente perplexa:

—Em um campo.

—Em um campo? Que campo?

—Um campo de sonhos, chamam-no. A via tão contente dançando e rendo tal como fazia sempre. Não envelheceu nem um dia —acrescentou perplexo—. Mas teria que havê-lo feito, não? Teria que ser maior, como eu.

—Seguro que era ela, papai?

Elizabeth se estremeceu.

—claro que sim! balançava-se no vento como os dentes de leão, o sol resplandecia sobre ela como se fosse um anjo. Era ela, seguro.

Ocupava muito erguido a poltrona, ambas as mãos apoiadas nos braços, e parecia mais depravado que nunca.

—Embora ia um menino com ela e não era Saoirse. Não, Saoirse já é adulta —se recordou a si mesmo—. Era um guri, parece-me. Um pirralho loiro, como o menino do Saoirse...

Suas povoadas sobrelanceiras semelhantes a larvas se franziram pela primeira vez.

—Quando a viu? —perguntou Elizabeth sentindo a um tempo medo e alívio ao dar-se conta de que era a ela a quem seu pai tinha visto no campo.

—Ontem —disse ele sorrindo ao recordar—. Ontem pela manhã cedo. Virá para ver-me logo.

As lágrimas alagaram os olhos da Elizabeth.

—estiveste sentado aqui desde ontem, papai?

—Sim, não me importa. Não demorará para vir, mas tenho que recordar sua cara. Às vezes não me lembro, sabe?

—Papai —a voz da Elizabeth era um sussurro—, não havia ninguém com ela no campo?

—Não —Brendan sorriu—, só ela e o menino, que também parecia muito feliz.

—O que quero dizer é —Elizabeth lhe estreitou a mão; a sua parecia infantil ao lado da pele curtida de seu pai— que eu estive no campo ontem. Era eu, papai, estive caçando sementes de dente de leão com o Luke e um homem.

—Não. —Negou com a cabeça e pôs cara de poucos amigos—. Não havia nenhum homem. Gráinne não estava com nenhum homem. Logo virá a casa.

—Papai, prometo-te que fomos eu, Luke e Ivan. Possivelmente te confundiu —insistiu com toda a delicadeza que pôde.

—Não! —chiou ele para sobressalto da Elizabeth. Olhou-a indignado—. Virá para ver-me a casa! —Fulminou-a com o olhar—. Parte ! —gritou ao final soltando de um tapa a miúda mão da Elizabeth.

—O que? —Palpitavam-lhe as têmporas—. por que, papai?

—É uma mentirosa —lhe espetou ele—. Eu não vi nenhum homem no campo. Sabe que ela está aqui e a mantém se separada de mim —disse entre dentes—. Você te põe trajes e se sinta em despachos, não tem nem idéia do que é dançar nos campos. É uma mentirosa, corrompe o ar que respira. Parte —repetiu em voz baixa.

Elizabeth o olhou, consternada.

—conheci a um homem, papai, um homem bonito e maravilhoso que me esteve ensinando todas essas coisas —começou a explicar.

Seu pai aproximou a cara a dela até que os narizes de ambos quase se tocaram.

—Parte !! —gritou.

A Elizabeth lhe saltaram as lágrimas e a percorreu um tremor ao ficar de pé com precipitação. Seu dormitório pareceu girar como um redemoinho quando viu todas as coisas que não queria ver em seu desorientado estado: velhos ositos de peluche, bonecas, livros, uma carteira, a mesma capa de edredom. Saiu disparada para a porta, sem querer ver nada mais, incapaz de ver nada mais. Com mão tremente procurou provas a fechadura enquanto os gritos de seu pai para que partisse foram em aumento.

Abriu a porta de um puxão e saiu correndo ao jardim enchendo-os pulmões de ar fresco. Uns golpes na janela a fizeram girar em redondo. Ficou de cara a seu pai, que gesticulava zangado jogando-a do jardim. Lhe cortou o fôlego, e enquanto as lágrimas lhe corriam pelas bochechas, abriu a grade e a deixou aberta porque não queria ouvir o chiado das dobradiças ao fechar-se.

Conduziu o carro caminho abaixo a toda velocidade sem olhar pelo retrovisor, sem querer voltar a ver aquele lugar, desejosa de não ter que conduzir pelo caminho da decepção nunca mais.

Não voltaria a olhar atrás.

Capítulo 25

—Passa-te algo mau? —perguntou uma voz da porta do pátio traseiro.

Elizabeth estava sentada à mesa da cozinha com a cabeça nas mãos e tão quieta como o lago Muckross em um dia de calma.

—Jesus —disse Elizabeth entre dentes sem levantar a vista e perguntando-se como era que Ivan sempre as arrumava para aparecer quando menos o esperava e mais lhe necessitava.

—Jesus? Está-te ele mortificando?

Ivan entrou na cozinha. Elizabeth levantou a cara das mãos.

—Em realidade é com seu pai com quem realmente tenho um conflito.

Ivan deu outro passo para ela; tinha a habilidade de transpassar os limites, mas nunca de uma maneira ameaçadora ou entremetida.

—Isso está acostumado a ocorrer.

Elizabeth se enxugou os olhos com um lenço de papel enrugado e manchado de rimel.

—Não trabalha alguma vez?

—Trabalho sem parar. Posso? —disse assinalando a cadeira em frente da sua. Elizabeth assentiu com a cabeça.

—Sem parar? Então isto é trabalho para ti? Não sou mais que outro caso perdido a quem te toca atender hoje? —perguntou Elizabeth com sarcasmo, apanhando uma lágrima a meia bochecha com o lenço de papel.

—De perda não tem nada, Elizabeth. Não obstante, é um caso; já lhe hei isso dito —disse Ivan seriamente.

Elizabeth se pôs-se a rir.

—Uma louca.

Ivan se mostrou triste. Incomprendido outra vez.

—Este é sua uniforme? —perguntou Elizabeth indicando seu traje. Ivan se olhou a si mesmo um pouco surpreso—. Sempre te vi com essa mesma roupa —prosseguiu ela sorrindo—, ou seja que ou é um uniforme ou não é muito higiênico e te falta imaginação.

Ivan abriu muito os olhos.

—Vamos, Elizabeth, imaginação tenho de sobra. —Sem dar-se conta do que tinha dado a entender, adicionou—: Quer que falemos de por que está tão triste?

—Não, sempre falamos de mim e de meus problemas —replicou Elizabeth— Falemos de ti, um pouco para variar. O que tem feito hoje? —perguntou tratando de animar-se. Parecia que tivesse transcorrido muito tempo desde que tinha beijado ao Ivan na rua maior aquela manhã. Levava todo o dia pensando nisso e lhe preocupava quem os teria visto, mas assombrosamente, tratando-se de um povo que se inteirava de tudo antes que o programa Sky News, ninguém havia dito nem pio sobre o homem misterioso.

Desejosa de voltar a beijar ao Ivan e temerosa desse desejo, tinha tentado adormecer em seu coração qualquer sentimento para ele, mas não o tinha conseguido. Havia no Ivan algo puro e sem mancha e, não obstante, era um homem de caráter e bom conhecedor da vida. Era como uma droga que ela sabia que não devia tomar mas que a fazia retornar uma e outra vez a nutrir seu vício. Quando a fadiga se apoderou dela ao final do dia, a lembrança do beijo se converteu em um consolo e seu desgosto se esfumou. Quão único queria agora era repetir aquele momento durante o que seus problemas tinham desaparecido.

—O que tenho feito hoje? —Ivan fez girar os polegares e pensou em voz alta—. Bom, hoje dei um bom toque de alvo a tudo Dance na gGroítche, beijei a uma mulher preciosa e logo me passei o resto do dia sem conseguir fazer outra coisa que pensar nela.

O rosto da Elizabeth se iluminou e os penetrantes olhos azuis do Ivan lhe esquentaram o coração.

—E como não podia deixar de pensar —prosseguiu Ivan—, pois me passei o dia sentado pensando.

—Sobre o que?

—Além da mulher preciosa?

—Além dela. —Elizabeth desdobrou um amplo sorriso.

—Melhor não lhe o conto.

—Poderei suportá-lo.

Ivan não as tinha todas consigo.

—Vale, se de verdade quer sabê-lo —suspirou profundamente—, estive pensando nos Borrowers.

Elizabeth franziu o cenho.

—O que?

—Os Borrowers —repetiu Ivan com ar pensativo.

—O programa de televisão? —exclamou Elizabeth, irada. dispôs-se para ouvir doces sussurros sobre naderias como faziam nos filmes, não aquela improvisada conversação falta de amor.

—Sim—Ivan pôs os olhos em branco sem reparar no tom da Elizabeth—, se quer te referir a esse aspecto comercial de sua carreira. —Parecia zangado—. Mas depois de pensar com cuidado e tendido a respeito deles cheguei à conclusão de que não tomavam emprestado.*

O que faziam era roubar. Roubavam descaradamente, e todo mundo sabe, mas ninguém diz nada a respeito. Tomar emprestado significa fazer uso de algo que pertence a outro e logo devolver-lhe vamos ver, quando lhes viu devolver algo? Não recordei que Pálido devolvesse nada aos Prestamistas. Sobre tudo a comida. Como vais pedir que lhe emprestem comida? Come-lhe isso e desaparece; não se pode devolver. Ao menos quando toma o jantar sabe aonde vai. —apoiou-se no respaldo e cruzou os braços com ar zangado—. E conseguem que façam um filme sobre eles, um atalho de ladrões, enquanto que nós... Não fazemos mais que o bem, mas nos etiquetam como produto da imaginação da gente e ainda somos —fez uma careta e indicou as aspas com os dedos— «invisíveis». Por favor...

Elizabeth o contemplou com a boca aberta.

Houve um comedido silêncio enquanto Ivan percorria com a vista a cozinha meneando com aborrecimento a cabeça. Logo voltou sua atenção para a Elizabeth.

—O que te parece?

Silêncio.

—Bom, não importa —comentou ele agitando a mão para desprezar o assunto—. Já te disse que era melhor que não lhe contasse isso. Deixemos, pois, meus problemas. me diga, o que é o que ocorreu?

Elizabeth fez uma profunda inspiração. A questão do Saoirse lhe fez esquecer o bate-papo desconcertante sobre os Borrowers.

—Saoirse desapareceu. Joe, o homem que sabe tudo o que acontece em Dance na gCroítthe, há-me dito que se partiu com o grupo com o que se juntava. Ele o soube através de um parente do tipo que era o casal de minha irmã. Mas ela leva três dias sem aparecer e ninguém sabe aonde se foram.

—OH! —exclamou surpreso Ivan—. E eu venha a te dar a lata com meus problemas. O comunicaste ao gardaí?

—Tive que fazê-lo —respondeu Elizabeth com tristeza—. Me senti como uma mexeriqueira, mas a polícia deve sabê-lo no caso de Saoirse não se apresenta à vista que terá lugar dentro de umas semanas, coisa da que não me cabe a menor duvida. Terei que contratar a um advogado que a represente, e isso a vai prejudicar. —esfregou-se a cara com ar cansado.

Ivan tomou as mãos entre as suas.

—Voltará —lhe disse em tom convencido—. Possivelmente não chegue a tempo para a vista, mas voltará. me acredite. Não deve preocupar-se. —Sua voz suave soava muito firme.

Elizabeth lhe olhou ao fundo dos olhos, procurando saber se dizia a verdade.

—Acredito-te —disse. Mas no mais fundo de seu coração tinha medo. Medo de acreditar no Ivan, mas também medo de acreditar em secas, pois cada vez que o fazia suas esperanças eram tão visíveis como uma bandeirola que ondeasse no alto de um mastro, de um modo bem visível para todo mundo. Ali acima suportava os ventos e as tormentas, só para acabar sendo arriado, descolorido e feito farrapos.

Além disso, Elizabeth não se via capaz de passar mais anos esquadrinhando o caminho através da janela de sua habitação, esperando a volta de uma segunda pessoa. Estava exausta e tinha necessidade de fechar os olhos.

Capítulo 26

Assim que saí de casa da Elizabeth à manhã seguinte decidi ir diretamente a ver o Opal. Em realidade tinha decidido fazê-lo muito antes de sair de casa da Elizabeth. Algo do que havia dito me havia meio doido no mais vivo. Em realidade, tudo o que dizia me tocava no mais vivo. Quando estava com ela me voltava como um ouriço, suscetível e suscetível, como se tivesse todos os sentidos alerta. O mais divertido do caso é que eu acreditava que todos meus sentidos já estavam alerta, pois como amigo íntimo profissional deveriam havê-lo estado, mas sentia uma emoção que não tinha experiente antes e essa emoção era amor. Por descontado eu amava a todos meus amigos, mas não deste modo, não do modo que me fazia palpitar o coração quando olhava a Elizabeth, não de um modo que me fizesse desejar estar com ela todo o momento. E o bom era que não queria estar com ela por ela, mas sim me dava conta de que era por mim. Esse amor tinha despertado em meu corpo um grupo de sentidos adormecidos cuja existência eu desconhecia.

Esclareci-me garganta, comprovei meu aspecto e entrei no despacho do Opal. No Aisatnaf não havia portas porque ninguém podia as abrir, mas havia outra razão: as portas atuavam como barreiras; eram coisas grossas e pouco gratas que podia utilizar para encerrar às pessoas dentro ou fora e nós não estávamos de acordo com isso.

Optamos por escritórios de planta aberta em altares de uma atmosfera mais aberta e agradável. Embora isso era o que sempre nos ensinaram, ultimamente encontrava que a porta principal fúcsia da Elizabeth, com sua rolha sorridente, era a porta mais simpática que tinha visto na vida, e isso deu ao traste com aquela teoria em concreto. Elizabeth fazia que me questionasse toda sorte de coisas.

Sem sequer levantar a vista, Opal me chamou.

—Adiante, Ivan.

Estava sentada a seu escritório vestida de arroxeadado como de costume e levava os cachos de rastafari recolhidos no alto e semeados de purpurina, de modo que com cada movimento sua cabeça resplandecia. Em cada uma das paredes havia fotos emolduradas de centenas de meninos, todos sorrindo felizes. As fotos cobriam inclusive as prateleiras, a mesa de centro, o aparador, o suporte da chaminé e o batente da janela. Ali onde olhasse havia filas e mais filas de retratos de pessoas com quem Opal tinha trabalhado e compartilhado amizade no passado. Seu escritório era a única superfície limpa e ainda por cima só havia uma foto em seu marco. O marco levava anos posto ali de cara ao Opal, de modo que em realidade ninguém tivesse ocasião de ver quem ou o que saía na foto. Sabíamos que se o perguntávamos nos diria isso, mas ninguém tinha cometido

nunca a grosseria de perguntar. Porque o que não precisávamos saber, não precisávamos perguntá-lo. Há gente que não capta a medula dessa questão. Pode manter um sem-fim de conversações com a gente, conversações profundas, sem te pôr em um terreno muito pessoal. Existe um limite, sabe? uma espécie de campo invisível que rodeia às pessoas e que por instinto sabe que não deve transpassar, e eu jamais o cruzei com o Opal; nem com ninguém mais, se a isso vamos. Há pessoas que não alcançam a ver nem isso.

Elizabeth teria aborrecido aquela habitação, pensei jogando uma olhada em redor. A teria esvaziado em um instante, disposta a tirar pó e tirar brilho até que tudo resplandecesse com os brilhos clínicos de um hospital. Até na cafeteria tinha tido que dispor o sal, a pimenta e o de açúcar formando um triângulo equilátero no centro da mesa. Sempre movia as coisas um par de centímetros à esquerda ou à direita, adiante e atrás até que deixavam de chateá-la lhe permitindo concentrar-se de novo. O mais gracioso era que às vezes terminava voltando a pôr as coisas exatamente tal como estavam antes de começar e então tinha que convencer-se de que lhe agradavam desse modo. Isso dizia muito a respeito da Elizabeth.

Mas por que me pus a pensar na Elizabeth justo então? A verdade é que não parava de fazê-lo. Em situações que não guardavam nenhuma relação com ela, punha-me a pensar nela e ela terminava sendo parte do guia. De repente me perguntava o que pensaria, como se sentiria, o que faria ou diria se estivesse comigo. Tudo era consequência de entregar uma parte de seu coração; acabavam por agarrar todo um pedaço de sua mente e por ficar o —¿Cómo has sabido que era yo? —dije por fin.

Enfim; dava-me conta de que, desde que tinha entrado, mantinha-me de pé diante do escritório sem dizer esta boca é minha.

—Como soubeste que era eu? —disse por fim.

Opal levantou a vista e esgrimiu um daqueles sorrisos que faziam que parecesse sabê-lo tudo.

—Estava-te esperando.

Seus lábios eram como dois grandes almofadões e os tinha pintados de cor púrpura a jogo com o vestido. Pensei no que tinha sentido ao beijar os lábios da Elizabeth.

—Mas se não tinha pedido entrevista —protestei. Sabia que, embora não me faltava intuição, Opal me dava cem mil voltas. Voltou a sorrir.

—No que posso te servir?

—Pensava que saberia sem necessidade de perguntar me brinquei isso me sentando na cadeira

giratória. E ao recordar a cadeira giratória do despacho da Elizabeth, evoquei-a a ela, evoquei o que sentia ao abraçá-la, rir com ela e ouvir sua entrecortada respiração enquanto dormia ontem à noite.

—Recorda o vestido que levava Malmequer na reunião da semana passada? —perguntei.

—Sim.

—Sabe onde o conseguiu?

—por que, você também quer um? —perguntou Opal com olhos faiscantes.

—Sim —respondi me retorcendo os dedos—. Ou seja, não —adicionei em seguida. Suspirei—. Quero dizer que sim, em realidade. Eu gostaria de saber onde posso conseguir roupa nova.

Ea!, já o tinha solto.

—Departamento de vestuário, dois pisos mais abaixo —indicou Opal.

—Não sabia que houvesse um departamento de vestuário —disse surpreso.

—Sempre estive aí—disse Opal entrecerrando os olhos—. Posso perguntar para que o necessita?

—Não sei. —Encolhi-me de ombros—. É só que Elizabeth, sabe?, é, em, é diferente de todos meus demais amigos. Se fixa nessas coisas, sabe?

Opal cabeceou lentamente.

Senti que devia me explicar melhor. O silêncio me fazia sentir violento.

—Verá, Elizabeth hoje me há dito que acredita que se levar sempre a mesma roupa é porque se trata de um uniforme, ou porque sou anti-higiênico ou porque careço de imaginação. —Suspirei, meditando-o—. Mas se algo não me falta é imaginação.

Opal sorriu.

—E me consta que não sou anti-higiênico —prossegui—. Por isso me pus a pensar no do uniforme —me olhei de cima abaixo—, e talvez tenha razão, sabe?

Opal franziu os lábios.

—Uma das peculiaridades da Elizabeth é que ela também vai de uniforme. Viu de negro, sempre os mesmos trajes recatados, sua maquiagem não a favorece, leva o cabelo sempre recolhido, tudo é muito convencional. Trabalha sem parar e se toma seu trabalho muito a sério. —Levantei o olhar

para o Opal, pasmado ao cair na conta de algo—: É exatamente como eu, Opal!

Opal permaneceu calada.

—E todo este tempo estive chamando-a adirrubá.

Opal soltou uma risita.

—Queria lhe ensinar a passá-lo bem, a vestir-se de outro modo, a maquiar-se com graça, a que trocasse sua vida para estar em condições de achar felicidade, mas como vou fazer o se for exatamente como ela?

Opal assentiu levemente com a cabeça.

—Compreendo-te, Ivan. Você também está aprendendo muito da Elizabeth, isso é evidente. Ela te ajuda a tirar algo de seu interior enquanto você lhe ensina toda uma nova forma de vida.

—no domingo estivemos caçando Jinny Joes —disse em voz baixa, corroborando assim a teoria do Opal.

Ela abriu um armário a suas costas e sorriu.

—Já sei.

—Vá, que bem, já chegaram! —exclamei com alegria ao ver os Jinny Joes que flutuavam dentro de um pote no armário.

—Também chegou um dos teus, Ivan —anunciou Opal com seriedade.

Pu-me avermelhado. Troquei de tema.

—Ontem à noite consegui dormir seis horas seguidas sem interrupção. É a primeira vez que o faz.

A expressão do Opal não se adoçou.

—Contou-lhe isso ela, Ivan?

—Não, vi-a... —Interrompi-me, sem saber o que dizer—. Ouça, Opal, fiquei passando a noite, só a sustentei entre meus braços até que ficou dormida, não ocorreu nada especial. Ela me pediu isso. —Procurei soar convincente—. E pensando-o bem, faço-o a três por quatro com outros amigos. Leio-lhes contos, faço-lhes companhia até que dormem e às vezes até durmo no chão junto a suas camas. o da Elizabeth não é diferente.

—Ah, não?

Não respondi.

Opal agarrou seu estilográfica rematada com uma grande pluma de cor púrpura, baixou a vista e reatou sua escritura caligráfica.

—Quanto tempo mais crie que precisará trabalhar com ela?

Fiquei de uma peça. O coração me deu um salto. Opal nunca me tinha perguntado isso até agora. Nunca abordávamos um caso como uma questão de tempo, sempre era uma progressão natural. Às vezes bastava com que passasse um só dia com alguém, outras vezes devia lhe dedicar meses. Quando seus amigos estavam preparados, estavam preparados, e nunca antes tínhamos tido que fixar uma data.

—por que o pergunta?

—OH —estava nervosa, inquieta—, só me perguntava isso. Como questão de interesse... É o melhor que tenho aqui, Ivan, e simplesmente quero que recorde que há muitas outras pessoas que lhe necessitam.

—Isso já sei —respondi com energia. A voz do Opal apresentava toda uma gama de tons que não tinha ouvido antes, tons negativos que lançavam cores azuis e negras ao ar e que eu não gostava nem pingo.

—Fantástico —disse Opal com intencionada e excessiva desenvoltura—. Pode entregar isto no laboratório de análise caminho do vestuário?

Alcançou-me o pote do Jinny Joes.

—Claro —agarrei o pote de suas mãos. Havia três Jinny Joes dentro, um do Luke, um da Elizabeth e um terceiro meu. Jaziam no fundo do pote, descansando de sua viagem no vento—. Adeus —disse ao Opal com notável estupidez me retirando do despacho. Sentia-me como se acabássemos de discutir, embora não tinha sido assim.

Cruzei o vestibulo e me encaminhei ao laboratório de análise mantendo a tampa do pote bem fechada para que não pudessem escapar. Quando cheguei à entrada do laboratório, Oscar corria de um lado a outro com cara de pânico.

—Abre a trampilla! —gritou-me ao passar frente à porta com os braços estendidos e a bata branca batendo as asas como a de um personagem de desenhos animados.

Deixei o pote afastado do perigo e corri para a trampilla. Oscar se precipitou para mim e no último instante saltou para um lado enganando assim à coisa que lhe perseguia para que se metesse direito na jaula.

—Ja! —exclamou dando volta à chave e agitando-a frente à jaula. Tinha a frente perlada de suor.

—Que inseto é esse? —perguntei me aproximando da jaula.

—Tome cuidado! —gritou Oscar, e dava um salto para trás—. Te equivoca ao perguntar que inseto é porque não o é.

secou-se a frente dando-se toques com um lenço.

—Não é o que?

—Um inseto —respondeu—. Não viu alguma vez uma estrela fugaz, Ivan?

—É obvio que as vi. —Rodeei a jaula—. Mas não tão de perto.

—É obvio —repetiu Oscar em um tom mas bem enjoativo—. Só as vêem ao longe, tão bonitas e brilhantes, atravessando o firmamento, e lhes pedem seus desejos. Mas —acrescentou em tom desagradável— ninguém se lembra do Oscar, que tem que recolher seus desejos da estrela.

—Sinto muito, Oscar, de verdade que o tinha esquecido. Não sabia que as estrelas fossem tão perigosas.

—Como? —espetou Oscar—. Acreditava que um asteróide incandescente, situado a milhões de quilômetros e visível da Terra, baixaria disparado para mim para me dar um beijo na bochecha? Enfim, dá igual. O que me trouxeste? Homem, genial, um pote do Jinny Joes. Justo o que necessitava depois dessa bola de fogo —gritou levantando a voz em direção à jaula—, algo que tenha um pouco de respeito.

A bola de fogo respondeu dando botes, zangada.

Afastei-me um passo mais da jaula.

—Que classe de desejo trazia consigo?

Custava-me acreditar que aquela ardente bola de luz pudesse lhe servir para algo a ninguém.

—Tem graça que o pergunte —disse Oscar fazendo patente que não tinha nenhuma. Esta graça em concreto trazia o desejo de me perseguir pelo laboratório.

—foi coisa do Tommy? —perguntei me agüentando a risada.

—Só posso supô-lo —respondeu Oscar, zangado—, mas em realidade não posso ir queixar me a ele, porque isso foi faz vinte anos, ou seja quando Tommy ainda não sabia comportar-se e logo que estava começando.

—Faz vinte anos? —perguntei surpreso.

—É o que essa bola demorou para chegar até aqui —explicou Oscar abrindo o pote e tirando um Jinny Joe com um instrumento muito estranho—. Ao fim e ao cabo, estava a milhões de anos luz daqui. Pensei que vinte anos era um tempo de viagem muito curta.

Deixei ao Oscar estudando os Jinny Joes e me dirigi ao vestuário, onde encontrei a Olivia, a quem lhe estavam tomando medidas.

—Olá, Ivan —saudou, surpreendida.

—Olá, Olivia, o que está fazendo? —perguntei vendo como uma mulher media sua cintura de vespa.

—Tomam medidas para um vestido, Ivan. A pobre senhora Cromwell faleceu ontem à noite —disse com tristeza—. O funeral é amanhã. assisti a tantos funerais que meu único vestido negro está muito estragado.

—Lamento a notícia —disse sabendo que Olivia apreciava muito à senhora Cromwell.

—Obrigado, Ivan, mas terá que seguir adiante. Esta manhã chegou ao asilo uma senhora que necessita minha ajuda e agora tenho que me centrar nela.

Assenti com a cabeça mostrando compreensão.

—O que te traz por aqui? —disse ela.

—Minha nova amiga, Elizabeth, é uma mulher. fixou-se em minhas roupas.

Olivia riu.

—Quer uma camiseta de outra cor? —perguntou a mulher que tomava medidas. Tirou uma camiseta vermelha de uma gaveta.

—Em, não. —Apoiei-me alternativamente em um e outro pé enquanto inspecionava as estanterias que cobriam as paredes do chão ao teto. Cada uma ia marcada com um nome e vi o de Malmequer

sob uma fileira de lindos vestidos—. Estava pensando em algo muito mais... elegante.

Olivia arqueou as sobrancelhas.

—Pois então terão que tomar medidas para um traje, Ivan.

Convimos em que me fariam um traje negro para levá-lo com camisa e gravata azuis, porque eram minhas cores favoritas.

—Algo mais, ou isto é tudo? —perguntou Olivia com um cintilação nos olhos.

—Em realidade... —Baixei a voz e olhei ao redor para me assegurar de que a mulher não alcançaria para me ouvir. Olivia aproximou sua cabeça à minha—. Perguntava se poderia me ensinar a dançar sapateado.

Capítulo 27

Elizabeth olhava fixamente a parede nua, sem estucar e com salpicaduras de cimento seco. sentia-se perdida. A parede não lhe estava dizendo nada. Eram as nove da manhã, e a obra já estava invadida por homens com casco, jeans cansados, camisas a quadros e botas de montanha. Pareciam um exército de formigas enquanto foram daqui para lá carregando a ombros toda classe de materiais. Suas exclamações, risadas, canções e assobios ressonavam no armação de cimento que era o hotel vazio do alto da colina, ainda pendente de ser cheio com idéias surtas da cabeça da Elizabeth. Os ruídos retumbavam como trovões pelos corredores até chegar ao que seria a zona reservada para os meninos.

No momento só era uma pálida lona branqueada que ao cabo de umas poucas semanas estaria cheia de meninos pulando na sala recreativa, enquanto que fora de seus limites haveria um remanso de paz. Elizabeth se disse que possivelmente teria que ter tirado o som as paredes. Não tinha nem idéia do que deveria acrescentar a aquelas paredes para que as caritas dos meninos se iluminassem com um sorriso quando entrassem ali nervosos e desgostados ao ver-se separados de seus pais. Sabia quanto terei que saber sobre canapés, telas de plasma, chãos de mármore e madeiras de qualquer classe. Lhe dava bem o chique, o funky e o sofisticado e também tinha mão com os salões que irradiavam esplendor e grandeza. Mas nenhuma dessas coisas emocionaria a um menino, e ela se sabia capaz de contribuir algo mais que os sabidos jogos de construção, quebra-cabeças e sacos de feijões.

Era consciente de que tinha todo o direito de contratar a um muralista, pedir aos pintores da obra que se ocupassem das paredes e até de solicitar um pequeno conselho ao Poppy, mas Elizabeth desfrutava fazendo as coisas pessoalmente. Gostava de abstrair-se em seu trabalho e não queria ter que pedir ajuda a ninguém. Desde seu ponto de vista, lhe passar o pincel a outro constituía um sinal de derrota.

Elizabeth alinhou dez botes de cores primárias no chão, abriu as tampas e deixou junto a eles os pincéis. Estendeu um lençol branco sobre o chão e, depois de assegurar-se de que os jeans que só ficava como roupa de trabalho não tocariam em nenhum momento o chão, sentou-se com as pernas cruzadas em meio da habitação e ficou a olhar a parede. Mas tudo o que lhe ocorria era que não podia pensar em outra coisa que não fora Saoirse. Saoirse, que ocupava em sua mente cada segundo de cada dia.

Ao cabo se perguntou quanto tempo levava sentada ali. Recordava vagamente ter visto uma série de operários que entravam e saíam da habitação, recolhiam suas ferramentas, e observavam desconcertados como olhava a parede nua. Teve a sensação de estar padecendo um bloqueio de

escritor em versão desenhista de interiores. Não lhe acudiriam idéias, não poderia criar imagens e, assim como a tinta se seca na pluma, a pintura não fluiria de seus pincéis. Tinha a cabeça cheia de... nada. Era como se seus pensamentos se refletissem naquela insípida parede recém engessada que provavelmente estivesse pensando as mesmas coisas que ela.

Notou uma presença a suas costas e se deu meia volta. Benjamin estava na soleira.

—Perdão, teria chamado, mas —levantou as mãos— não há porta.

Elizabeth lhe dedicou um sorriso de bem-vinda.

—Admirando meu trabalho?

—Você tem feito isto? —Elizabeth se voltou de novo de cara à parede.

—Acredito que é meu melhor trabalho —afirmou Benjamin. E ambos a contemplaram em silêncio.

Elizabeth suspirou.

—Não me está dizendo nada.

—Ah. —Benjamin deu um passo para o interior da habitação—. Não se figura quão difícil resulta criar uma obra de arte que não diga nada de nada. Sempre há alguém que tem alguma aula de interpretação, mas com isto... —encolheu-se de ombros—, nada. Sem comentários.

—Um signo de verdadeiro gênio, senhor West.

—Benjamin —lhe piscou os olhos o olho—. Não paro de lhe pedir por favor que me chame Benjamin; faz que pareça meu professor de matemática.

—De acordo, você pode seguir me chamando senhorita Egan.

Quando Elizabeth se voltou de novo para a parede, ele alcançou a ver de soslaio, pela contração de sua bochecha, que a jovem sorria.

—Acredita que existe alguma possibilidade de que aos meninos goste desta habitação tal como está? —perguntou esperançada.

—Hummm —pensou Benjamin em voz alta—, possivelmente lhes divertiria jogar com os pregos que se sobressaem do rodapé. Não sei —admitiu—. Se equivocou ao me perguntar a mim sobre meninos. São como outra espécie para mim. Não tenho com eles uma relação muito estreita.

—Eu tampouco —disse Elizabeth entre dentes com ar de culpabilidade, pensando em sua incapacidade para conectar com o Luke como o fazia Edith. Embora desde que conhecia o Ivan tinha descoberto que lhe dedicava mais tempo a seu sobrinho. Aquela manhã passada no campo com o Ivan e Luke tinha marcado o começo de uma nova etapa para ela, embora quando estava a sós com o Luke ainda não conseguia soltar-se. Era Ivan quem obtinha que saísse à luz a parte infantil de si mesmo.

Benjamin ficou em cuclillas e apoiou uma mão no chão poeirento para equilibrar-se.

—Vá, isso não me acredito nem em brincadeira. Você tem um filho, não?

—Não, não, o que vai... —começou a dizer Elizabeth e logo se calou—. É meu sobrinho. Adotei-o, é verdade, mas se houver algo que não entendo neste mundo são os meninos.

Hoje em dia soltava algo cada vez que abria a boca.

Sentiu falta de à a Elizabeth que sabia manter uma conversação sem desvelar o menor detalhe sobre si mesmo, mas ao parecer de um tempo a esta parte tinham aberto as comportas do coração e as coisas saíam correndo dali com impulso próprio.

—Vá, pois parecia ter uma idéia bastante aproximada do que queria seu sobrinho no domingo pela manhã —disse Benjamim em voz baixa, olhando a de outra maneira—. Passei de carro perto de vocês enquanto brincavam de correr por aquele campo.

Elizabeth pôs os olhos em branco e sua pele cítrica se sonrosó.

—Você e o resto do povo, conforme parece. Mas isso foi idéia do Ivan —se apressou a acrescentar.

Benjamim riu.

—Sempre dá todo o mérito ao Ivan?

Elizabeth ficou a pensá-lo, mas Benjamin não aguardou sua resposta.

—Suponho que nesse caso terá que ficar aqui sentada tal como está e colocar-se no lugar dos meninos. Saque partido para essa imaginação sua tão prodigiosa. Se fosse um menino, o que gostaria de fazer nesta habitação?

—Além de sair e me fazer major em seguida?

Benjamin voltou a ficar de pé.

—Quanto tempo tem previsto ficar na grande urbe de Baile na gGroíthe? —perguntou Elizabeth em seguida. Calculou que enquanto ele ficasse ali conversando, ela não teria que reconhecer ante si mesmo que pela primeira vez em sua vida não sabia o que fazer com uma habitação.

Benjamin, percebendo as vontades que tinha de conversar, sentou-se no chão imundo e Elizabeth teve que se separar de sua mente a imagem de milhões de ácaros do pó arrastando-se sobre seu corpo.

—Meu plano é partir assim que se deu a última mão de pintura nas paredes e o último prego tenha sido parecido.

—Salta à vista que está perdidamente apaixonado por este lugar—disse Elizabeth com sarcasmo—. Não lhe impressionam as espantosas vista panorâmicas do Ferry?

—Sim, as vistas estão bem, mas já levo seis meses vendo formosas paisagens e o certo é que me conformaria podendo tomar uma taça de café aceitável, poder escolher entre mais de uma loja de roupas e poder andar pela rua sem que todos me olhem fixamente como se me tivesse escapado de um zoológico.

Elizabeth se pôs-se a rir. Benjamin levantou as mãos.

—Não é com ânimo de ofender nem nada, Irlanda é fantástica, mas não me entusiasma os povos pequenos.

—A mim tampouco... —O sorriso da Elizabeth se desvaneceu ao pensá-lo—. Então, de onde escapou você?

—De Nova Iorque.

Elizabeth sacudiu a cabeça.

—Não é acento de Nova Iorque o que ouvem meus ouvidos.

—Não, pilhou-me; sou de um lugar que se chama Haxtun, em Avermelhado, seguro que o ouviu mencionar. É muito conhecido por um montão de coisas.

—Por exemplo?

Benjamin arqueou as sobrancelhas.

—Absolutamente nada. É um villorrio em um terreno semidesértico exposto à erosão do vento, um assentamento estável de bons granjeiros com uma população de mil almas.

—Não gostava daquilo?

—Não, eu não gostava de nada —disse ele com firmeza—. Poderia dizer-se que sofria claustrofobia —adicionou com um sorriso.

—Sei o que se sente —disse Elizabeth assentindo com a cabeça—. Se parece com o daqui.

—É um pouco como aqui, sim. —Benjamim olhou pela janela. Então se relaxou—. Todo mundo te saúda o passar. Não têm a mais remota idéia de quem é, mas lhe saúdam.

Elizabeth não se deu conta disso até então. Imaginou a seu pai no campo, com a boina lhe sombreando a cara, levantando o braço em forma de L aos carros que passavam.

—Saúdam nos campos e pela rua —prosseguiu Benjamin—, granjeiros, anciãs, meninos, adolescentes, recém-nascidos e assassinos em série. E estudei esse costume até elevar a à categoria de arte. —Os olhos lhe faiscaram ao olhá-la-os condutores ainda lhe saúdam elevando o índice por cima do volante ao te cruzar com seu carro. Caray, acabaria saudando as vacas se não fosse com cuidado.

—E as vacas provavelmente lhe saudariam sua vez.

Benjamin riu a gargalhadas.

—Alguma vez pensou em partir? —perguntou.

—Fiz algo mais que pensá-lo. —O sorriso da Elizabeth se esfumou—. Eu também fui a Nova Iorque, mas tenho compromissos aqui —disse apartando a vista com rapidez.

—Seu sobrinho, verdade?

—Sim —respondeu Elizabeth em voz baixa.

—Bom, o de viver em um povo pequeno tem uma coisa boa. Todos sentem saudades quando não está. Todos se dão conta, olharam-se de marco em marco.

—Suponho que tem razão —disse Elizabeth—. Embora não deixa de ser irônico que, com a intenção de nos isolar, ambos mudássemos a uma grande cidade onde estávamos rodeados por mais gente e mais edifícios dos que tínhamos visto jamais.

—Estraga. —Benjamin a olhava sem pestanejar. Elizabeth foi consciente de que ele não via sua cara; estava absorto em seu próprio mundo. E por um momento pareceu estar em efeito perdido—. Enfim —espetou saindo do transe—, foi um prazer voltar a conversar com você, senhorita Egan.

Elizabeth se sorriu por sua maneira de dirigir-se a ela.

—Melhor será que vá e a deixe olhando a parede um momento mais. —Ao chegar à soleira se deteve e se voltou—. Ah, por certo —a Elizabeth lhe encolheu o estômago—, sem a menor intenção de incomodá-la, digo-lhe isto do modo mais inocente possível. Gostaria que ficássemos fora do trabalho? Resultaria agradável conversar com uma pessoa de idéias afins para variar.

—É obvio.

Gostou daquele convite informal. Nada de expectativas.

—Seguro que conhece os melhores sítios do lugar. Seis meses atrás, estando recém-chegado, cometi o engano de perguntar ao Joe onde estava o bar de sushi mais próximo. Tive que lhe explicar que era pescado cru, e me indicou o modo de chegar a um lago que fica como a uma hora daqui em carro e me aconselhou que perguntasse por um tipo que se chama Tom.

Elizabeth se pôs-se a rir. O som de sua risada, que ultimamente estava começando a lhe resultar familiar, levantou um eco na habitação.

—É seu irmão, o pescador.

—Pois isso, adeus.

A habitação ficou vazia outra vez e Elizabeth se enfrentou ao mesmo dilema. Pensou no que Benjamin havia dito a propósito de que usasse sua imaginação e ficasse no lugar de um menino. Fechou os olhos e imaginou o alvoroço de meninos chiando, rendo, chorando e brigando. O ruído dos brinquedos ao chocar, o agito dos piecitos no chão durante as infantis carreirinhas, os golpes surdos dos corpos ao cair, um silêncio pasmado e logo soluços. viu-se si mesmo como uma menina sentada só em uma habitação, sem conhecer ninguém, e de repente lhe ocorreu o que teria desejado.

Um amigo.

Abriu os olhos e viu um cartão no chão a seu lado, embora a habitação estava vazia e silenciosa. Alguém tinha que ter entrado subrepticiamente enquanto tinha os olhos fechados e a tinha deixado ali. Recolheu o cartão, que apresentava o rastro digital negra de um polegar. Não lhe fez falta lê-la para saber que era o novo cartão de visita do Benjamin.

Possivelmente esse exercício de imaginação tinha dado resultado depois de tudo. Ao parecer, acabava de fazer um amigo no quarto de jogar.

Assim que se teve metido o cartão em um bolso traseiro, esqueceu-se do Benjamin e seguiu

contemplando as quatro paredes.

Nem por essas. Ainda não lhe ocorria nada.

Capítulo 28

Elizabeth estava sentada à mesa de cristal na cozinha impoluta, rodeada de resplandecentes encimeras de granito, armários de carvalho gentil e brilhantes lajes de mármore. Acabava de lhe dar um de seus arrebatamentos de limpeza e ainda não tinha as idéias em ordem. Cada vez que soava o telefone se precipitava a responder pensando que seria Saoirse, mas era Edith interessando-se pelo Luke. Elizabeth ainda não tinha recebido notícias de sua irmã, seu pai seguia aguardando em seu antigo dormitório; levava quase duas semanas sentado, comendo e dormindo na mesma poltrona. negava-se em redondo a falar com a Elizabeth, nem sequer permitia que cruzasse a soleira da porta principal, de modo que Elizabeth teve que contratar a uma criada que fora a cozinhar algo diariamente e a limpar de vez em quando. Alguns dias seu pai a deixava entrar, outros não. O moço que trabalhava com ele na granja tinha assumido todas as tarefas. Todo aquilo lhe estava custando a Elizabeth um dinheiro que não se podia permitir, mas não havia outra coisa que pudesse fazer. Não podia ajudar aos outros dois membros de sua família se não se deixavam ajudar. E pela primeira vez se perguntou se tinha algo em comum com eles depois de tudo.

Tinham vivido juntos, as meninas se criaram juntas, mas por separado, e ainda permaneciam juntos no mesmo povo. comunicavam-se mas bem pouco entre si, mas quando um deles se ausentava..., bom, importava. Estavam atados por uma corda velha e desgastada que tinha terminado sendo objeto de tira e afrouxa.

Elizabeth não se via com ânimos de contar ao Luke o que estava passando e, é obvio, ele sabia que ocorria algo. Ivan tinha razão, as criaturas possuíam um sexto sentido para essa classe de coisas, mas Luke era tão bom menino que assim que percebeu a tristeza da Elizabeth se retirou ao quarto de jogar. Por isso ela ouvia o ruído amortecido dos blocos de construção. Só conseguia lhe falar para lhe dizer que se lavasse as mãos, que se expressasse corretamente e que deixasse de arrastar os pés. Era incapaz de lhe tender os braços abertos, seus lábios não podiam formar as palavras «te quero», mas a sua maneira se esforçava por lhe fazer sentir seguro e querido. Ela tinha estado em seu lugar, sabia o que era desejar que lhe sustentaram, abraçassem-lhe, beijassem-lhe na frente e lhe embalassem. Que lhe fizessem sentir a salvo embora só fosse um momento, que lhe fizessem saber que havia alguém que te protegia, que a vida não só dependia de ti e que não estava obrigado a vivê-la com sua fantasia.

Ivan lhe tinha proporcionado uns quantos momentos assim durante as últimas semanas. Tinha-lhe dado um beijo na frente e a tinha embalado até que dormiu, de modo que fechou os olhos sem experimentar o impulso de olhar pela janela e procurar a outra pessoa mais à frente. Mas Ivan, o encantado Ivan, estava envolto em um véu de mistério. Embora ela nunca tinha conhecido a ninguém que tivesse a habilidade de lhe fazer reconhecer sua própria e autêntica personalidade, e

que a ajudasse a adquirir mais aprumo, não deixava de admirá-la-a ironia de que aquele homem que falava em brincadeira da invisibilidade levasse de fato uma capa de invisibilidade. Certamente Ivan a estava situando no mapa e lhe mostrava o caminho, entretanto ele mesmo não tinha nem idéia de onde ia, de onde vinha, quem era. Gostava de falar dos problemas dela, ajudá-la a curar-se e a compreender-se, mas não lhe tinha falado nenhuma só vez de suas próprias dificuldades. Dava a impressão de que ela só era um entretenimento para ele, e Elizabeth se perguntava o que ocorreria quando acabasse a diversão e alvorecesse a compreensão.

Algo lhe dizia que o tempo que passavam juntos era valioso, como se precisasse entesourar cada minuto porque acaso fora o último com ele. Ivan era muito bom para ser verdade, em sua companhia vivia a magia de cada momento, tanto assim concluiu que aquilo não podia durar para sempre. Nenhuma de suas boas épocas tinha durado; nenhuma das pessoas que tinham iluminado sua vida tinha conseguido permanecer a seu lado. Apoiando-se em sua sorte até a data, por puro medo a perder algo tão especial, limitava-se a aguardar o dia em que Ivan partiria. Fora quem fosse ele, estava-a curando, estava-lhe ensinando a sorrir, a rir, e ela se perguntava o que podia lhe ensinar a ele. O que mais temia era que algum dia Ivan, aquele homem carinhoso de olhos tenros, daria-se conta de que ela não tinha nada que oferecer, e que ele tampouco podia lhe dar nada porque Elizabeth tinha acabado por lhe deixar sem recursos.

Era o que tinha ocorrido com o Mark. Com o tempo, Elizabeth simplesmente não pôde seguir lhe dando mais de si mesmo sem desatender a sua própria família. Isso era o que ele queria que fizesse, é obvio, cortar os cordões que a conectavam com sua família, mas ela era incapaz de fazê-lo e nunca o faria. Saoirse e seu pai sabiam como atirar desses cordões e por isso se converteu em sua marionete. Como resultado se encontrou sozinha, criando a um menino que nunca tinha desejado, enquanto que o amor de sua vida residia nos Estados Unidos felizmente casado e era pai de um filho. Ela levava cinco anos sem saber nada dele. Poucos meses depois de que Elizabeth retornasse a Irlanda ele tinha ido ver a aproveitando uma escapada à ilha para visitar sua família.

Aqueles primeiros meses foram os mais duros. Elizabeth se tinha empenhado em fazer que Saoirse criasse ao bebê e por mais que Saoirse protestasse e assegurasse que lhe importava um nada, Elizabeth não estava disposta a permitir que sua irmã desperdiçasse a oportunidade de educar a seu filho.

O pai da Elizabeth não teve paciência para agüentá-lo; não suportava ouvir os gritos do bebê toda a noite enquanto Saoirse andava por aí de farra. Elizabeth supunha que lhe recordava muito aqueles anos em que se viu sozinho com um bebê em braços, bebê que mais tarde se tirou de cima passando-lhe a sua filha de doze anos. Bom, pois voltou a fazer o mesmo. Jogou ao Saoirse da granja obrigando-a a apresentar-se em casa da Elizabeth com berço e tudo. O dia em que isto acontecia foi o dia em que Mark decidiu sair de excursão para visitá-la.

Assim que este jogou uma olhada ao estado de sua vida, ela soube que o tinha perdido para sempre. Pouco tempo depois Saoirse desapareceu de casa deixando ao bebê com a Elizabeth. Esta pensou em dar o bebê em adoção, e o pensou a sério. Cada noite de insônia e cada dia de estresse se prometia que faria aquela chamada. Mas não podia fazê-lo. Possivelmente tivesse algo que ver com seu rechaço a render-se. Era obsessiva em seu esforço por alcançar a perfeição e não desistiria em seu intento de ajudar ao Saoirse. Além disso havia uma parte dela empenhada em demonstrar que era capaz de educar a um menino, que não era culpa dela que Saoirse tivesse saído como tinha saído. Com o Luke não cabia equivocar-se. O menino se merecia algo muito melhor.

Elizabeth amaldiçoou ao recolher outro de seus esboços, espremeu-o como uma bola e o lançou ao cesto de papéis. O tiro resultou curto e como era incapaz de agüentar que algo estivesse fora de sítio cruzou a habitação e o jogou onde correspondia.

A mesa da cozinha estava coberta de papel, lápis de cores, livros infantis, personagens de tebeo... Quão único tinha conseguido fazer era encher a folha de ganchos de ferro. Isso não bastava para o quarto de jogar e certamente tampouco para o novo mundo que aspirava a criar. Como de costume, ocorreu o mesmo que ocorria sempre que pensava no Ivan: soou o timbre e soube que era ele. levantou-se, arrumou-se o cabelo e a roupa olhando-se no espelho. Recolheu os lápis de cores e o papel, mas ficou plantada presa do pânico tentando decidir onde colocá-los. Então, lhe escorregaram das mãos; e quando renegando, tratou de agarrá-los, os papéis lhe escaparam e caíram planejando ao chão como folhas em uma brisa de outono.

Enquanto estava em cucullas, percebeu umas sapatilhas vermelhas Converse cruzadas com acalmo na soleira.

Elizabeth se desabou, com as bochechas rosadas.

—Olá, Ivan —disse negando-se a olhá-lo.

—Olá, Elizabeth. Tem vespas no culo? —perguntou com alegre ironia.

—Que amável foi Luke ao te abrir a porta! —respondeu Elizabeth com sarcasmo—. É curioso, nunca o faz quando necessito que o faça. —Alcançou as folhas de papel do chão e ficou de pé—. Vai de vermelho —constatou examinando a boina vermelha, a camiseta vermelha e as sapatilhas vermelhas.

—Assim é —conveio Ivan—. me Vestir de cores distintas é agora minha distração favorita. Faz que ainda esteja mais contente.

Elizabeth baixou a vista a seu negro traje e pensou nisso.

—O que é isso que tem aí? —perguntou Ivan irrompendo em seus pensamentos.

—OH, não é nada —balbuciou Elizabeth dobrando as folhas que tinha juntas.

—me deixe vê-lo. —Ivan lhe arrebatou os papéis—. O que temos aqui? O Pato Donald, Mickey Mouse —ia passando páginas—, Winnie-the-Pooh, um carro de carreiras Y... isto o que é?

Girou a folha por completo para vê-la melhor.

—Nada —lhe espetou Elizabeth arrancando-se a da mão.

—Não pode não ser nada; nada é algo assim. —Olhou-a inexpressivamente.

—O que está fazendo? —perguntou Elizabeth depois de um momento de silêncio.

—Nada, vê-o? —respondeu Ivan lhe mostrando as mãos.

Elizabeth se separou dele pondo os olhos em branco.

—Às vezes é pior que Luke. vou tomar uma taça de vinho. Gosta de algo? Veio, cerveja, brandy?

—Um osav de echel, por favor.

—eu adoraria que deixasse de falar com reverso —lhe soltou ela ao lhe dar o copo de leite—. É para variar? —perguntou irritada arrojando as folhas ao cesto de papéis.

—Não, é o que tomo sempre —respondeu Ivan com alegre desparpajo estudando-a com receio—. por que está fechado com chave esse armário?

—Em... —titubeou Elizabeth—, é para que Luke não tenha acesso ao álcool.

Não podia dizer que era pelo Saoirse. Luke tinha adquirido o hábito de esconder a chave em seu quarto cada vez que ouvia chegar a sua mãe.

—Vá. Tem planos para o vinte e nove?

Ivan girou sobre si mesmo em um tamborete da mesa de café da manhã e observou como Elizabeth pinçava entre as garrafas de vinho torcendo o gesto com concentração.

—Quando cai o vinte e nove? —perguntou ela a sua vez. Fechou o armário e procurou um saca-rolha em uma gaveta.

—na sábado.

Elizabeth se ruborizou e apartou a vista centrando toda sua atenção em abrir a garrafa.

—Este sábado saio.

—Aonde vai?

—A um restaurante.

—Com quem?

Elizabeth sentiu como se fosse Luke quem a acribillava a perguntas.

—fiquei com o Benjamin West —disse sem deixar de lhe dar as costas. Não se atrevia a lhe olhar de frente nesse momento, mas tampouco sabia por que se sentia tão incômoda.

—por que ficaste com ele em sábado? Você não trabalha os sábados —asseverou Ivan.

—Não é uma entrevista de trabalho, Ivan. Não conhece ninguém aqui e sairemos para jantar como é devido. —serve-se vinho tinjo em uma taça.

—Para jantar? —perguntou Ivan um pouco incrédulo—. vais comer com o Benjamin?

Sua voz subiu umas quantas oitavas. Elizabeth abriu os olhos de par em par e se voltou em redondo, monopoliza em mão.

—Algum problema?

—Vai sujo e cheira mal —asseverou Ivan.

Elizabeth ficou literalmente boquiaberta; não sabia o que responder a aquilo.

—Certamente come com as mãos. Como um animal ou um cavernícola, meio homem meio animal. Certamente caça seu...

—Basta, Ivan —ordenou Elizabeth tornando-se a rir. Ele se calou—. O que acontece realidade? —perguntou ela arqueando uma sobrancelha sem lhe perder de vista. Depois tomou um sorvo de vinho.

Ivan deixou de dar voltas no tamborete e a olhou fixamente. Lhe sustentou o olhar e lhe viu tragar saliva enquanto a noz lhe descia pelo pescoço. Sua infantilidade desapareceu e lhe apareceu como

um homem, grande, forte, com muita presença. O pulso da Elizabeth se acelerou. Os olhos do Ivan não se separavam de sua cara e ela não podia olhar a outra parte, incapaz de mover-se.

—Não passa nada.

—Ivan, se tiver algo que me dizer deveria dizê-lo —disse Elizabeth com firmeza—. Agora já somos meninos e meninas maiores. —Esboçou um sorriso.

—Elizabeth, querera sair comigo na sábado?

—Ivan, seria uma grosseria por minha parte cancelar a entrevista com tão pouca antecipação. Não podemos sair outra noite?

—Não —replicou Ivan categoricamente saltando do tamborete—. Tem que ser vinte e nove de julho. Já verá por que.

—Não posso...

—Pode —a interrompeu com grande firmeza. Agarrou-a pelos cotovelos—. Pode fazer tudo o que queira. te reúna comigo no Cobh Cúin na sábado às oito da tarde.

—No Cobh Cúin?

—Já verá por que —repetiu Ivan.

Saudou tocando-a viseira da boina e desapareceu tão depressa como tinha chegado.

antes de sair da casa fui ver o Luke ao quarto de jogar.

—Olá, forasteiro —pinjente me deixando cair no saco de feijões.

—Olá, Ivan —disse Luke olhando o televisor.

—Me sentiste falta de?

—Não —disse Luke sorrindo.

—Quer saber onde estive?

—te enrolando com minha tia.

Luke fechou os olhos e deu besitos ao ar antes de que lhe desse um ataque de risada histérica. Fiquei pasmado.

—Ouça! por que diz isso?

—Porque a amas —riu Luke e seguiu olhando os desenhos animados. Meditei um momento sobre aquilo.

—Segue sendo meu amigo?

—Sim —respondeu Luke—, mas Sam é meu amigo íntimo.

Fingi que recebia um balaço no coração. Luke apartou a vista da televisão para me olhar à cara com seus olhos azuis transbordantes de esperança.

—Minha tia é sua amiga íntima agora?

Refleti com supremo cuidado.

—Você gostaria que fosse?

Luke assentiu energicamente.

—por que?

—Está muito mais divertida, não se mete tanto comigo e me deixa pintar com lápis no salão branco.

—O dia do Jinny Joe foi divertido, verdade?

Luke assentiu com a cabeça outra vez.

—Nunca a tinha visto rir tanto —disse.

—Dá-te grandes abraços e joga a um montão de diversos jogos contigo?

Luke me olhou como se fosse uma idéia absurda e suspirei, preocupado pela pequena parte de mim que se sentia aliviada.

—Ivan.

—me diga, Luke.

—Lembra-te de que me disse que não poderia ficar para sempre, que teria que ir a ajudar a outros amigos e que por isso não tinha que me pôr triste?

—Sim. —Traguei saliva. Tinha-lhe pavor a esse dia.

—O que acontecerá com ti e a tia Elizabeth quando isso ocorra?

E então me preocupou a dor que sentia no centro do peito quando pensava nisso.

Entrei no despacho do Opal com as mãos nos bolsos, luzindo minha camiseta vermelha nova e uns jeans negros também novos. O vermelho me sentava bem aquele dia. Estava zangado. Não me tinha gostado do tom de voz que tinha empregado Opal ao me chamar.

—Ivan —disse posando a estilográfica adornada com uma pluma e levantando a vista para mim. Nem rastro do sorriso radiante com a que estava acostumado a me receber. A via cansada, tinha profundas olheiras e levava as tranças de rastafari soltas a ambos os lados da cara em vez de recolhimentos em seu penteado habitual.

—Opal —disse a minha vez imitando seu tom ao tempo que cruzava as pernas detrás me sentar diante dela.

—O que insígnias a seus alunos antes de que aconteçam formar parte da vida de seu novo amigo?

—Terá que ajudar e não entorpecer, apoiar e não opor-se, respirar e escutar e não...

—Não faz falta que siga. —Levantou a voz interrompendo meu salmodia—. Ajudar e não entorpecer, Ivan. —Deixou que as palavras flutuassem no ar—. Lhe tem feito cancelar uma entrevista para jantar com o Benjamin West. Poderia ter ganho um amigo, Ivan.

Olhava-me fixamente com olhos negros como o carvão. Um pingo mais de irritação e se teriam aceso.

—me permita te recordar que a última vez que Elizabeth Egan ficou para um jantar que não fora de negócios foi faz cinco anos. Cinco anos, Ivan —recalcou—. Pode me dizer por que tem desfeito todo isso?

—Porque vai sujo e cheira mau —pinjente rendo.

—Porque vai sujo e cheira mal —repetiu Opal fazendo que me sentisse idiota—. Pois deixa que ela mesma se dê conta. Não te passe da raia, Ivan.

Dito isto baixou de novo a vista a seu trabalho e continuou escrevendo, agitando a pluma ao rabiscar com fúria.

—O que está passando, Opal? —perguntei-lhe—. me Diga o que em realidade está passando.

Olhou-me com os olhos cheios de raiva e tristeza.

—Não damos provisão, Ivan, e necessitamos que trabalhe tão depressa como pode e passe a outro caso em vez de te fazer o lento e destroçar o bom trabalho que já tem feito. Isso é o que está passando.

Aturdido por sua reprimenda saí em silêncio do despacho. Não acreditei nem por um instante, mas fora o que fosse o que ocorresse em sua vida era assunto dele. Já trocaria de opinião respeito a que Elizabeth cancelasse seu jantar com o Benjamin assim que visse o que eu tinha planejado para o vinte e nove.

—Ah, Ivan —me chamou Opal.

Detive-me na soleira e me volvei. Sem deixar de concentrar-se no que estava escrevendo, Opal me comunicou:

—Necessito que na próxima segunda-feira venha aqui e te faça cargo de tudo por um tempo.

—por que? —perguntei sem dar crédito a meus ouvidos.

—vou ausentar-me uns quantos dias. Necessito que me substitua.

Isso não tinha ocorrido nunca antes.

—Mas se ainda estou em metade de um trabalho.

—Celebro que siga chamando-o assim —me espetou. Ato seguido suspirou, deixou a estilográfica e levantou o olhar—. Estou convencido de que o jantar do sábado será um êxito tão grande que não será preciso que esteja ali a semana seguinte, Ivan.

Sua voz soou tão tenra e sincera que esqueci que estava zangado com ela e pela primeira vez entendi que se aquela situação não me atañera lhe daria a razão.

Capítulo 29

Ivan deu os toques finais à mesa do jantar, cortou um ramo de fúcsia silvestre e a pôs em um jarroncito no meio. Acendeu uma vela e observou a chama dançar na brisa como um cão que corresse por um jardim mas encadeado a seu barraco. Cobh Cúin era tão silencioso como seu nome —que significa Baía do Silêncio— dava a entender, tendo sido batizado pelos aldeãos centenas de anos atrás sem que ninguém tivesse ousado chamar o de outra maneira após. O único som era o ferver da água que lambia a areia lhe fazendo cócegas. Ivan fechou os olhos e se balançou ao ritmo dessa música. Um bote de pesca amarrado ao mole cabeceava no mar e golpeava de vez em quando o embarcadero acrescentando um tênue som de tambor.

O céu era azul e começava a obscurecer-se por causa de uns farrapos de nuvens adolescentes que flutuavam atrás de outras nuvens maiores presente horas atrás. Os astros titilavam brilhantes e Ivan lhes piscou os olhos o olho; elas também sabiam o que se morava. Ivan tinha pedido ao cozinheiro chefe da cantina do trabalho que lhe desse uma mão na organização da velada. Era o mesmo cozinheiro responsável pelo serviço de comida e bebida para as festas que seus amigos íntimos celebravam nos pátios traseiros de suas casas, mas essa vez se excedeu a si mesmo. Tinha preparado o festim mais delicioso que Ivan pudesse ter sonhado. De entrante havia foie gras e torradas cortadas em quadraditos perfeitos, a seguir salmão selvagem irlandês com aspargos com alho e de sobremesa uma mousse de chocolate branco com fios de molho de framboesa. O vento quente do golfo fazia subir os aromas até seu nariz lhe excitando as papilas gustativas.

Brincou inquieto com o faqueiro pondo em ordem tudo o que precisava ser ordenado, estreitou o nó de sua gravata nova de seda azul, voltou a afrouxá-lo, desabotoou-se o botão da jaqueta azul marinho e decidiu voltar a grampeá-lo. Tinha passado o dia inteiro tão atarefado preparando-o todo que apenas se deteve a pensar nos sentimentos que se estavam despertando em seu interior. Jogando uma olhada a seu relógio de pulso e ao céu que se obscurecia esperou que Elizabeth fosse à entrevista.

Elizabeth conduzia devagar custa abaixo pela estreita estrada sinuosa e com muita dificuldade via mais à frente do capô na densa negrume do campo. Flores silvestres e broto de sebe roçavam os flancos do carro a seu passo. As luzes largas dos faróis assustavam borboletinhas, mosquitos e morcegos enquanto avançava em direção ao mar. De súbito as trevas se abriram ao sair a um claro e viu o mundo inteiro estendido a seus pés.

Frente a ela, milhares de milhas de mar negro refulgiam à luz da lua. dentro da baía havia uma barquita de pesca amarrada junto aos degraus, e a maré incipiente lambia a areia de um marrom aveludado brincando com ela. Embora o que a deixou sem fala não foi a visão do mar, a não ser a

do Ivan de pé na praia, vestido com um elegante traje novo, junto a uma mesita primorosamente posta para dois em cujo centro piscava uma vela que projetava sombras sobre o rosto sorridente de seu amigo.

Era uma visão arrebatadora, uma imagem que sua mãe lhe tinha inculcado na mente, uma cena que lhe tinha sussurrado entusiasmada ao ouvido descrevendo íntimos festins na praia à luz da lua, de tal modo que os sonhos de sua mãe tinham passado a ser os seus. E ali estava Ivan, plantado no quadro que Elizabeth e sua mãe tinham pintado tão vividamente e que permanecia gravado em sua memória. Elizabeth entendeu a frase de não saber se rir ou chorar e portanto fez ambas as coisas sem nenhuma vergonha.

Ivan se ergueu cheio de orgulho e seus olhos azuis brilharam à luz da lua. Fez caso omisso de suas lágrimas ou, melhor dizendo, aceitou-as.

—Querida —lhe dedicou uma reverência teatral—, seu jantar à luz da lua te aguarda.

Enxugando-os olhos e exibindo um sorriso tão grande que acreditou que podia iluminar o mundo inteiro, Elizabeth tomou a mão que lhe tendia e desembarcou do carro.

Ivan fez uma inalação brusca.

—Caramba, Elizabeth, está espantoso.

—Vestir de vermelho é minha afeição preferida agora —disse Elizabeth lhe imitando, antes de tomar do braço e deixar que a conduzisse para a mesa.

Depois de muitos hesitações Elizabeth tinha adquirido um vestido vermelho que realçava sua esbelta figura, ressaltando umas curvas que até então nem sabia que possuía. O tinha posto e tirado ao menos umas cinco vezes antes de sair de casa, pois se via muito ostentosa com uma cor tão chamativa. Para evitar se sentir como um semáforo se trouxe uma pashmina negra com a que cobri-los ombros.

O jogo de mesa branco irlandesa ondeava com a brisa ligeira e cálida, e o cabelo alvoroçado da Elizabeth o fazia cócegas na bochecha. A areia era fresca e amaciada sob os pés, como um tapete esponjoso protegido do vento cortante pela semicircular enseada. Ivan apartou a cadeira da Elizabeth ajudando-a a sentar-se. Logo lhe alcançou o guardanapo, enrolada em torno de um caule de fúcsia, e a pôs no regaço.

—Ivan, isto é uma maravilha, obrigado —sussurrou Elizabeth, incapaz de levantar a voz por cima do pacífico murmúrio da água.

—Graças a ti por vir —respondeu Ivan sorrindo ao lhe servir uma taça de vinho tinto—. Bem, como entrante temos foie gras. —De debaixo da mesa tirou dois pratos com tampa de prata—. Espero que você goste do foie gras —disse enrugando a frente.

—eu adoro. —Elizabeth sorriu.

—Uf!, menos mal. —Relaxou os músculos do rosto—. A verdade é que não parece carne —disse examinando seu prato de perto.

—É fígado de ganso, Ivan —riu Elizabeth lubrificando um pouco em uma torrada—. O que te tem feito escolher esta baía? —perguntou amassando-se com o xale ao notar que a brisa começava a refrescar.

—Que é tranqüila e está perfeitamente se localizada bem longe de qualquer luz —explicou Ivan mastigando sua comida.

Elizabeth pensou que mais valia não fazer perguntas, sabedora de que Ivan tinha sua própria maneira de fazer as coisas, depois de jantar Ivan se voltou para olhar a Elizabeth, que sustentava entre as mãos sua taça de tinto e contemplava com nostalgia o mar.

—Elizabeth —disse em voz baixa—, quer te tomar na areia comigo?

A Elizabeth lhe acelerou o pulso.

—Sim—respondeu com voz rouca. Não lhe ocorria uma maneira melhor de acabar a velada com ele. Estava desejando tocá-lo, que ele a estreitasse em seus braços. Elizabeth foi até a borda da água e se sentou na areia fria. Ouviu os passos do Ivan atrás dela.

—Terá que te tender de barriga para cima para que isto realmente funcione —disse Ivan em voz muito alta com a vista baixada para ela.

Elizabeth ficou boquiaberta.

—Como diz?

envolveu-se os ombros com a pashmina negra em um gesto protetor.

—Se não te tomar não dará resultado —repetiu ele pondo os braços em jarras—. Olhe, assim. —sentou-se ao lado dela e se tornou de costas na areia—. Tem que estar bem estirada, Elizabeth. Assim é melhor.

—Sério? —disse Elizabeth friamente ficando em pé com estupidez—. Todo isto —abrangeu toda

a baía com um gesto— era só para me tombar de costas, como tão maravilhosamente expressaste? —perguntou doída.

Ivan levantou a vista para ela da areia, abrindo muito os olhos com expressão estupefata.

—Bom... —tratou de ganhar tempo para encontrar uma boa resposta—, em realidade sim — afirmou com voz aguda—. É que quando chega o momento gélido é melhor que esteja tombada de costas —balbuciou.

—Ja! —espetou Elizabeth e, depois de voltar a ficá-los sapatos, avançou penosamente pela areia para retornar ao carro.

—Elizabeth, olhe! —gritou Ivan com entusiasmo—. Já está em seu ponto máximo! Olhe!

—Puaj! —grunhiu Elizabeth subindo à pequena duna que a separava do carro—. De verdade que é asqueroso!

—Não é asqueroso! —disse Ivan com pânico na voz.

—Isso é o que dizem todos —resmungou Elizabeth rebuscando na bolsa as chaves do carro. Como às escuras não via dentro da bolsa o inclinou para a luz da lua e ao levantar os olhos ficou pasmada. Em cima dela, o céu negro e sem nuvens bulia de atividade. As estrelas resplandeciam mais brilhantes que nunca e algumas cruzavam como flechas o firmamento.

Ivan estava convexo de costas contemplando o firmamento noturno.

—Vá —disse Elizabeth em voz baixa, morta de vergonha, contente de que a escuridão ocultasse o tom vermelho, semelhante ao de seu vestido, que tinha adquirido sua pele. Baixou a tropicões a duna, tirou-se os sapatos, e afundando os pés na areia se aproximou uns passos ao Ivan—. É precioso —sussurrou.

—Bom, pois seria muito mais bonito se te tombasse de costas como te hei dito que fizesse — replicou Ivan carrancudo, cruzando os braços no peito e sem apartar a vista do céu.

Elizabeth se tampou a boca com a mão para agüentá-la risada.

—Não sei do que te ri. Ninguém te acusou que ser uma asquerosa —disse Ivan com aspereza.

—Acreditava que referia a outra coisa —riu Elizabeth sentando-se na areia a seu lado.

—Para que outra coisa ia eu a te pedir que te tombasse de costas? —perguntou Ivan em um tom aborrecido. Mas logo se voltou para ela, a voz lhe subiu várias oitavas e com olhos zombadores

cantanolou—: Vá, vá...!

—te cale —ordenou Elizabeth com dureza lhe arrojando a bolsa, mas mostrando um sorriso—. OH, olhe. —Distraiu-a uma estrela fugaz—. Me pergunto o que estará acontecendo aí acima esta noite.

—São os Delta Acuáridos —disse Ivan como se isso o explicasse tudo. O silêncio da Elizabeth lhe fez continuar—. São meteoritos que vêm da constelação de Aquário. vêm-se desde em quinze de julho até em vinte de agosto, mas seu apogeu é vinte e nove de julho. Por isso tinha que sair contigo esta noite, longe das luzes. —voltou-se para ela—. De modo que sim, tudo isto era só para que te tombasse de costas, olharam-se de marco em marco sumidos em um grato silêncio até que a atividade no alto atraiu sua atenção.

—por que não pede um desejo? —perguntou Ivan.

—Não —disse Elizabeth em voz baixa—, ainda estou esperando que meu desejo dos Jinny Joes se faça realidade.

—Ora, eu não me preocuparia por isso —disse Ivan com seriedade—. Só é que demoram um pouco em processá-los. Não terá que esperar muito.

Elizabeth riu e olhou esperançada ao céu.

Ao cabo, adivinhando que estaria pensando em sua irmã, Ivan lhe perguntou:

—Sabe um pouco do Saoirse?

Elizabeth negou uma só vez com a cabeça.

—Voltará para casa —asseverou Ivan, convencido.

—Sim, mas no que estado? —respondeu Elizabeth vacilante—. Como se arrumam outras famílias para manter-se unidas? E quando têm problemas, como as arrumam para ocultar-lhe aos vizinhos do bairro? —perguntou confundida recordando o sem-fim de cochichos que tinha estado ouvindo durante os últimos dias sobre a conduta de seu pai e o desaparecimento de sua irmã—. Qual é o segredo?

—Vê esse grupo de estrelas daí? —perguntou Ivan assinalando para cima.

Elizabeth seguiu a direção de sua mão, envergonhada de lhe haver feito trocar de tema com sua aborrecida argumentação sobre a família. Assentiu com a cabeça.

—Quase todos os meteoritos de uma mesma chuva de meteoritos são paralelos entre si. Parece que emergem de um mesmo ponto do céu que se chama «o radiante» e que viajam em todas direções a partir de ali.

—Ah, já o entendo —disse Elizabeth.

—Não, não o entende. —Ivan voltou a cabeça para lhe ver de frente a cara—. Os astros são como as pessoas, Elizabeth. Só porque pareça que emergem do mesmo ponto não significa que o façam. Isso é uma ilusão óptica devida à perspectiva que gera a distância. —E como se Elizabeth não tivesse captado bem o significado, adicionou—: Não todas as famílias se mantêm unidas, Elizabeth. Cada qual avança em direções distintas. Que todos surjam do mesmo ponto é uma idéia falsa, porque o impulso inato de tudo ser vivente e toda coisa existente consiste em tomar rumos distintos.

Elizabeth voltou a olhar o céu tratando de ver se o que dizia Ivan era certo.

—Bom, pois eu teria acreditado que partiam do mesmo sítio —disse em voz baixa observando a constante aparição de mais estrelas fugazes da negrume, estremeceu-se e se amassou estreitamente no xale: a areia se ia esfriando com o passo das horas.

—Tem frio? —perguntou Ivan, preocupado.

—um pouco —admitiu Elizabeth.

—De acordo, bom, a noite é jovem —disse Ivan ficando de pé de um salto—. É hora de entrar em calor. Importa-te me emprestar as chaves do carro?

—Não; a não ser que tente te largar —brincou ela ao entregar-lhe Elizabeth soltó uma risita nerviosa.

De novo Ivan tirou algo de debaixo da mesa e o levou a carro. Momentos depois a música soava brandamente saindo pela porta aberta do carro.

Ivan começou a dançar.

Elizabeth soltou uma risita nervosa.

—Ivan, o que está fazendo?

—Dançar! —respondeu ofendido.

—Que classe de baile?

Elizabeth tomou a mão que lhe tendia e deixou que lhe ajudasse a levantar-se.

—É um sapateado —anunciou Ivan dançando em círculos a seu redor qual bailarino consumado —. Você gostará de saber que também o chamam o baile da areia, o qual significa que ao fim e ao cabo você mãe não estava tão louca por querer marcar um sapateado na areia.

A Elizabeth lhe foram as mãos à boca e os olhos lhe encheram de lágrimas de felicidade ao dar-se conta de que estava cumprindo um desejo mais da lista de atividades que tanto tinham ansiado realizar ela e sua mãe.

—por que está fazendo realidade os sonhos de minha mãe? —perguntou lhe escrutinando o rosto em busca de respostas.

—Para que não fuja como fez ela para ir em sua busca —respondeu Ivan lhe agarrando a mão—. Vamos, me acompanhe!

—Não sei fazê-lo!

—Só tem que me imitar.

Deu-lhe as costas e se afastou dela rebolando os quadris com exagero.

Subindo o vestido por cima dos joelhos, Elizabeth mandou a passeio toda sua contenção e ficou a dançar sapateado sobre a areia à luz da lua, rendo até que lhe doeu o estômago e lhe faltou o fôlego.

—Ai, faz que me sinta tão alegre, Ivan! —disse entrecortadamente ao desabar-se na areia algo mais tarde.

—Só faço meu trabalho —comentou Ivan sorrindo. Mas assim que essas palavras saíram de sua boca lhe apagou o sorriso e Elizabeth detectou um espiono de tristeza naqueles olhos azuis.

Capítulo 30

Elizabeth deixou que o vestido vermelho lhe deslizasse até os pés e o tirou dando um simples passo. envolveu-se com um lenço seco, recolheu-se o cabelo com forquilha e subiu à cama com uma xícara de café que se trouxe de abaixo. Tinha desejado que Ivan viesse à cama com ela essa noite; em que pese a seus protestos de antes tinha desejado que a estreitasse entre seus braços sobre a areia mesma da baía, mas parecia que quanto mais atraída se sentia para ele, mais se afastava Ivan dela, depois de contemplar a chuva de estrelas no céu e dançar na areia, Ivan se tinha ido encerrando em si mesmo durante o trajeto em carro de volta a casa. Tinha-lhe pedido a Elizabeth que se detivera no capelo de onde se iria a sua casa, em qualquer lugar que estivesse seu lar. Ainda não a tinha levado ali nem apresentado a seus amigos e familiares. Elizabeth nunca até então tinha tido interesse por conhecer as pessoas que formavam parte da vida de seu companheiro. dizia-se que enquanto fora feliz com ele, resultava irrelevante que gostasse ou deixasse de gostar da companhia de quem lhe rodeava. Mas no caso do Ivan sentia necessidade de ver alguma outra faceta dela. Precisava presenciar sua relação com outras pessoas, pois desse modo se converteria para ela em um personagem tridimensional. Este tema tinha sido sempre motivo de discussão entre a Elizabeth e seus antigos companheiros e agora por fim entendia o que era o que estes desejavam.

Quando Ivan desembarcou do carro, Elizabeth arrancou e o esteve observando pelo retrovisor, intrigada por saber que direção tomaria. depois de olhar a direita e esquerda da rua, deserta a tão altas horas da noite, Ivan se encaminhou para a esquerda em direção aos Montes e o hotel. Entretanto, depois de uns quantos metros se deteve, deu meia volta e avançou na direção oposta. Cruzou a rua e avivou o passo com ar resolvido para o Killarney, mas se parou em seco; ao cabo, cruzou os braços sobre o peito e se sentou no batente de pedra da janela do açougue.

Elizabeth se disse que talvez Ivan não soubesse onde estava seu lar ou que, em caso se soubesse, não sabia como retornar ali. Ela conhecia esta sensação, na segunda-feira pela tarde Ivan teve que aguardar dez minutos junto à porta do despacho do Opal. Lhe escapava a risada para ouvir como Oscar destrambelhava ante sua chefe. Mas, por entretida e graciosa que fosse sua diatribe, Ivan desejava que aquela reunião acabasse, já que ele havia ficado de encontrar-se com a Elizabeth às seis. Dispunha de vinte minutos. Não a via desde que fossem contemplar os Delta Acuáridos na sábado de noite, a melhor noite de seu larguíssima vida. Tinha procurado afastar-se dela depois daquilo. Tinha tentado partir de Dance na gCroítche, ocupar-se de outra pessoa que necessitasse sua ajuda, mas não tinha podido. Não se sentia atraído para nenhuma outra direção que não fosse Elizabeth e essa atração era mais forte que qualquer outra que tivesse experiente nunca. Esta vez não era só seu memore o que atirava dele, também o fazia o coração.

—Opal —a voz de acento sério do Oscar saiu flutuando ao corredor—, necessito urgentemente

mais pessoal para a semana que vem.

—Sim, entendo-o, Oscar e já o organizamos para que Suki te ajude no laboratório —explicou Opal com tanta amabilidade como firmeza—. Não podemos fazer nada mais, de momento.

—Pois com isso não será suficiente. —Oscar estava que jogava faíscas—. na sábado de noite milhões de pessoas contemplaram os Delta Acuáridos. Sabe quantos desejos vão chegar disparados aqui durante nas próximas semanas? —Não aguardou uma resposta e Opal tampouco tentou dar a. É um procedimento difícil, Opal, e necessito mais ajuda. Por mais que Suki seja extremamente eficiente no departamento de administração, não está qualificada para efetuar análise de desejos. Ou disponho de mais pessoal profissional ou terá que procurar um analista de desejos novo —disse bufando. Saiu feito uma fúria do despacho passando junto ao Ivan e enfiou o corredor murmurando—: Tantos anos de estudo para ser meteorologista e acabar fazendo isto!

—Ivan —chamou Opal.

—Como o faz? —perguntou Ivan entrando no despacho. Estava começando a acreditar que Opal via através das paredes.

Ela levantou a vista do escritório, esboçou um sorriso e Ivan afogou uma exclamação. Opal parecia muito cansada, suas profundas olheiras e seus olhos injetados em sangue indicavam que levava semanas sem dormir.

—Chega tarde —disse com amabilidade—. Se supunha que foste aparecer às cinco em ponto.

—Sério? —perguntou Ivan, confundido—. Só passei para te fazer uma pergunta rápida. Tenho que sair apitando —adicionou apressadamente. Elizabeth, Elizabeth, Elizabeth, cantarolava para seus adentros.

—ficamos de que hoje me substituiria, recorda? —disse Opal com firmeza levantando do escritório e rodeando-o.

—OH, não, não, não —disse Ivan com urgência retrocedendo para a porta—. eu adoraria te dar uma mão, Opal, de verdade. Ajudar é uma de minhas atividades favoritas, mas agora não posso. Fiz planos e fiquei com meu cliente. Não posso falhar, já sabe como são estas coisas.

Opal se apoiou contra o escritório, cruzou os braços e inclinou a cabeça. Pestanejou e seus olhos se fecharam devagar e com cansaço, demorando uma eternidade em abrir-se de novo.

—De modo que agora é seu cliente, não? —perguntou em tom fatigado. Hoje a rodeavam cores escuras; Ivan os via estender-se ao redor de seu corpo.

—Sim, é meu cliente —respondeu com menos confiança—. E de verdade que não posso lhe falhar esta tarde.

—cedo ou tarde terá que lhe dizer adeus, Ivan.

Disse-o com tanta frieza, sem atenuantes nem cerimônias, que ao Ivan lhe gelou o sangue nas veias. Tragou saliva e apoiou o peso no outro pé.

—Que impressão te produz sabê-lo? —perguntou Opal ao ver que não respondia.

Ivan pensou nisso. O coração lhe golpeava no peito e parecia que fora a subir pela garganta e sair-se o da boca. Os olhos lhe encheram de lágrimas.

—Não quero fazê-lo —disse em voz baixa.

Com calma, Opal deixou cair os braços junto a seus flancos.

—Como diz? —perguntou com mais suavidade.

Ivan pensou em sua vida sem a Elizabeth e levantou a voz com mais confiança.

—Não quero lhe dizer adeus. Quero ficar com ela para sempre, Opal. Faz-me ser feliz como não o tinha sido em minha vida e conforme diz lhe ocorre o mesmo comigo. Não seria um crasso engano abandonar isso?

Desdobrou um amplo sorriso ao recordar quão bem estava com ela. A expressão severo do Opal se adoeceu.

—Ai, Ivan, sabia que ocorreria. —Ao Ivan desgostou o tom compassivo de sua voz. Teria preferido sua irritação—. Mas acreditava que você precisamente teria tomado a decisão correta faz muito tempo.

—Que decisão? —Ao Ivan lhe mudou o semblante ao pensar que se decantou pela resolução equivocada—. Te perguntei o que tinha que fazer e não me quis dizer isso Começou a lhe entrar o pânico.

—Deveria te haver afastado dela faz muito, Ivan —disse Opal com tristeza—, mas não podia te dizer que o fizesse. Tinha que te dar conta por ti mesmo.

—Se é que não podia abandoná-la. —Ivan se sentou muito lentamente na cadeira frente ao escritório do Opal enquanto o abatimento e a comoção se apoderavam de seu ânimo—. Não deixava de lombriga. —Sua voz era quase um sussurro— Não podia abandoná-la até que deixasse

de lombriga.

—Você fez que te seguisse vendo, Ivan —explicou Opal.

—Não, não é verdade.

Ivan se levantou e se afastou do escritório, um pouco zangado ante a insinuação de que sua relação não tivesse sido completamente espontânea.

—Seguiu-a, observou-a durante dias, permitiu que florescesse a pequena afinidade que tinham. Tropeçou com algo extraordinário e fez que ela também se desse conta disso.

—Não sabe do que está falando —protestou Ivan indo de um lado a outro da habitação—. Não tem nem idéia do que sentimos nenhum dos dois. —Deixou de dar voltas, aproximou-se dela e a olhou de marco em marco com o queixo levantado e a cabeça em alto—. Hoje —disse com perfeita clareza— vou dizer lhe a Elizabeth Egan que a amo e que quero passar o resto de meus dias junto a ela. Posso seguir ajudando às pessoas embora viva com ela.

Opal se tampou a cara com as mãos.

—Não, Ivan, não pode! —exclamou.

—Pois você me disse que não havia nada que eu não pudesse fazer —resmungou Ivan com os dentes apertados.

—Ninguém te verá exceto ela! —exclamou Opal—. Elizabeth não o compreenderá. Não dará resultado.

Estava claramente consternada por semelhante revelação.

—Se o que diz é certo e eu fiz que Elizabeth me visse —afirmou Ivan—, então também poderei fazer que me vejam todos outros. Elizabeth o compreenderá. Compreende-me como ninguém me tinha compreendido jamais. Tem idéia do que se sente? —perguntou emocionado por essa perspectiva que antes só tinha sido um pensamento, mas agora era uma possibilidade. Podia fazer que ocorresse. Olhou seu relógio de pulso: as sete menos dez. Ficavam dez minutos—. Tenho que ir —disse com urgência—. Tenho que lhe dizer que a amo, dirigiu-se para a porta a grandes pernadas com confiança e determinação.

De súbito a voz do Opal rompeu o silêncio.

—Sei como se sente, Ivan.

Ivan se parou em seco, deu meia volta e negou com a cabeça.

—Não pode saber o que se sente, Opal, para isso teria que havê-lo vivido você mesma. Nem sequer pode começar a imaginá-lo.

—Vivi-o —disse com voz fica e insegura.

—O que?

Ivan a olhou com cautela entrecerrando os olhos.

—Vivi-o —repetiu Opal com voz mais segura esta vez, e entrelaçou as mãos sobre o abdômen—. Me apaixonei por um homem que me via mais do que ninguém me tinha visto em toda minha vida, fez-se o silêncio no despacho enquanto Ivan tentava digerir a notícia.

—Pois isso deveria significar que me compreende ainda melhor. —Deu uns passos para ela, visivelmente emocionado—. Possivelmente não terminou bem para ti, Opal, mas para mim —sorriu amplamente—, quem sabe? —Levantou as mãos e se encolheu de ombros—. Poderia ser minha oportunidade!

Os olhos cansados do Opal lhe devolveram um olhar causar peno.

—Não. —Negou com a cabeça e o sorriso do Ivan se desvaneceu levemente—. Deixa que te ensine uma coisa, Ivan. Vêem comigo esta tarde. te esqueça do despacho —disse com um gesto que abrangeu tudo o escritório—. Vêem comigo e permite que te dê a lição final.

Deu-lhe uns golpecitos afetuosos no queixo.

Ivan consultou o relógio.

—Mas Eliz...

—te esqueça da Elizabeth por agora —interrompeu Opal em voz baixa—. Se decidir não seguir meu conselho terá a Elizabeth amanhã, passado e todos os dias do resto de sua vida. Quem não arrisca, não passa o mar —concluiu Opal lhe tendendo a mão.

Ivan tomou a contra gosto. A pele do Opal estava fria.

Capítulo 31

Elizabeth estava sentada ao pé da escada e olhava pela janela o jardim dianteiro. O relógio de parede marcava as sete menos dez. Ivan nunca tinha chegado tarde até então e confiou em que estivesse bem. Não obstante, nesse momento sua irritação superava em muitos graus sua preocupação por ele. A conduta do Ivan na sábado de noite lhe dava pé a pensar que sua ausência se devia mais à falta de interesse que ao jogo sujo. A véspera tinha passado o dia inteiro pensando no Ivan, em que não conhecia seus amigos, a sua família ou a seus companheiros do trabalho, pensando na ausência de contato sexual e, a altas horas da noite, enquanto pugnava por conciliar o sonho, deu-se conta do que era o que tinha estado tentando ocultar-se a si mesmo. Acreditou saber qual era o problema: ou Ivan já estava comprometido em uma relação ou não queria iniciar uma.

Ela tinha feito caso omissos das recorrentes dúvidas que a tinham assaltado. Resultava insólito que Elizabeth não fizesse planos, que não soubesse o futuro de uma relação. Por conseguinte, aquela mudança tão radical a curvava. Lhe gostavam da estabilidade e a rotina, coisas das que Ivan carecia. Bom, agora estava segura de que o seu não sairia bem, enquanto, sentada na escada, aguardava a chegada de um espírito livre, tal como fazia seu pai. E nunca comentava seus temores com o Ivan. por que? Porque quando estava com ele até o mais pequeno temor se dissipava. Ivan aparecia de improviso, agarrava-a da mão e a conduzia a outro emocionante capítulo de sua vida, e embora em ocasiões ela se sentia relutante a segui-lo, freqüentemente apreensiva, com ele nunca estava nervosa. Era quando estava sem ele, em momentos como agora, quando o punha tudo em tecido de julgamento.

Resolveu imediatamente que ia distanciar-se dele. Aquela noite falaria com ele de uma vez por todas. Eram como a água e o azeite; a vida da Elizabeth estava cheia de conflitos e, por isso ela sabia, Ivan corria como alma que leva o diabo com tal de evitá-los. Enquanto os segundos passavam assinalando que o atraso de seu amigo era já de cinquenta e um minutos, Elizabeth se disse que depois de tudo possivelmente não precisasse ter aquela conversação com ele. Seguiu sentada ao pé da escada com suas novas calças e blusa informais cor nata, um tom que nunca se teria posto antes, e se sentiu idiota. Idiota por lhe escutar, por lhe acreditar, por não interpretar os sinais corretamente e, o que era pior, por apaixonar-se por ele.

Embora a irritação tampava sua pena, quão último estava disposta a fazer era ficar só em casa e permitir que esta aflorasse. Elizabeth era perita nesses lances.

Agarrou o telefone e marcou.

—Olá, Benjamin, sou Elizabeth —disse bastante depressa, para não dar-se tempo a dar marcha atrás—. Gostaria que saíssemos esta noite a tomar esse sushi que temos pendente?

—Onde estamos? —perguntou Ivan enquanto caminhava por uma rua pavimentada e pouco iluminada de uma zona deprimida do Dublin. Os atoleiros abundavam no chão irregular de um bairro que consistia principalmente em armazéns e naves industriais. Uma casa de tijolos vermelhos se erguia solitária em meio desses edifícios.

—Essa casa se vê estranha, tão isolada —comentou Ivan—. um pouco solitária e como desconjurado.

—Aí é aonde vamos —disse Opal—. O dono dessa moradia se negou a vender sua propriedade às empresas vizinhas. ficou aqui enquanto os novos locais saíam como cogumelos.

Ivan olhou a velha casa.

—Arrumado a que lhe ofereceram um bom pico. Certamente teria podido comprar uma mansão nas colinas de Hollywood com o que lhe pagavam. —fixou-se nas salpicaduras que sua sapatilha vermelha Converse causou ao pisar em um atoleiro—. decidi que os paralelepípedos são meu pavimento favorito.

Opal sorriu e depois emitiu uma leve gargalhada.

—Ai, Ivan, é tão fácil te querer... Sabe, verdade? —Seguiu caminhando sem aguardar uma resposta. Tão melhor, já que Ivan não sabia de certo.

—O que estamos fazendo? —perguntou por enésima vez desde que tinham saído do escritório. achavam-se frente à casa, ao outro lado da rua, e Ivan reparou em que Opal observava a moradia.

—Aguardar —respondeu Opal com calma—. Que horas são?

Ivan consultou seu relógio de pulso.

—Elizabeth se zangará muito comigo. —Suspirou—. Acabam de dar as sete.

Justo então se abriu a porta principal da casa de tijolo. Um ancião se apoiou contra a ombreira da porta, como se esta fizesse as vezes de muleta. apareceu ao exterior e olhou tão ao longe que dava a impressão de estar contemplando o passado.

—Vêem comigo —disse Opal ao Ivan. Cruzou a rua e entrou na casa.

—Opal —disse Ivan entre dentes—, não posso entrar de qualquer jeito em casa de um

desconhecido.

Mas Opal já tinha desaparecido no interior. Ivan se apressou a cruzar a rua e se deteve na soleira.

—Isto..., olá, sou Ivan —saudou tendendo a mão.

As mãos do ancião seguiram obstinadas a ambos os lados da porta; seus olhos chorosos olhavam fixamente à frente.

—Bem —disse Ivan com estupidez retirando a mão—. Com sua permissão, Opal me espera.

O homem não pestanejou e Ivan entrou. A casa cheirava a velho. Cheirava como se uma pessoa de idade vivesse ali com móveis velhos, uma rádio e um relógio de parede. O tictac do relógio era o mais ruidoso no edifício silencioso. O som e o aroma do tempo constituíam a essência da casa, uma larga vida vivida escutando aquele tictac.

Ivan encontrou ao Opal na sala de estar; contemplava o sem-fim de fotografias emolduradas que enchiam todas as superfícies da habitação.

—Isto está quase tão revolto como seu escritório —brincou ele—. Anda, me diga já o que está passando.

Opal se voltou para ele e sorriu com tristeza.

—Antes te hei dito que compreendia o que sentia.

—Sim.

—Hei-te dito que sabia o que se sentia ao estar apaixonado.

Ivan assentiu com a cabeça.

Opal suspirou e voltou a agarrá-las mãos, quase como se se preparasse para receber a notícia ela mesma.

—Bem, pois este é o lar do homem de quem me apaixonei.

—Vá —disse Ivan em voz baixa.

—Sigo vindo aqui diariamente —explicou Opal percorrendo a sala com a vista.

—E não lhe importa que nos entremetamos assim?

Opal esboçou um sorriso.

—É o homem de quem me apaixonei, Ivan.

Ivan ficou boquiaberto. A porta principal se fechou. O ruído de uns passos se foi aproximando deles fazendo ranger as pranchas do piso de madeira.

—Impossível! —disse Ivan em voz baixa—. O ancião? Mas se for muito velho... Deve ter pelo menos oitenta anos! —sussurrou impressionado.

O ancião entrou na sala. Uma tosse pão lhe fez parar em seco e seu minguado corpo se estremeceu. Fez uma pequena careta de dor e pouco a pouco, apoiando as mãos nos braços da poltrona, tomou assento.

Ivan olhava alternativamente ao ancião e ao Opal com uma expressão indignada que não conseguia dissimular.

—Não pode verte nem te ouvir. Somos invisíveis para ele —disse Opal em voz alta. Sua frase seguinte trocou a vida do Ivan para sempre. Dezoito simples palavras que lhe tinha ouvido pronunciar diariamente embora nunca naquela ordem. Opal se esclareceu garganta e a voz lhe tremeu levemente ao dizer por cima do tictac do relógio—: Recorda, Ivan, que faz quarenta anos, quando nos conhecemos, ele não era velho. Era como agora sou eu.

Opal observou como o rosto do Ivan mostrava muitas emoções distintas em questão de segundos. A confusão e o assombro iniciais deram passo à incredulidade e a compaixão, e a artigo seguido, assim que aplicou as palavras do Opal a sua própria situação, apareceu o desespero. Enrugou o semblante e empalideceu, e Opal correu a seu lado para lhe sustentar ao ver que se cambaleava. Ivan se agarrou a ela com força.

—Isso é o que estive tentando te dizer, Ivan —sussurrou Opal—. Você e Elizabeth podem viver juntos perfeitamente felizes em seu próprio ninho sem que ninguém se inteire, mas se esquece de que ela celebrará seu aniversário cada ano e você não.

Ivan começou a tremer e Opal estreitou seu abraço.

—Ai, Ivan, de verdade, quanto o sinto! —disse—. Quanto, quanto o sinto!

Balançou-o durante comprido momento enquanto Ivan não deixava de chorar.

—Conheci-o em circunstâncias muito semelhantes às tuas com a Elizabeth —explicou Opal ao cabo de uns minutos, quando Ivan se serenou.

Estavam sentados em umas poltronas da sala de estar do Geoffrey, o amor do Opal. Ele seguia ocupando em silêncio sua poltrona junto à janela, olhando a seu redor, e de vez em quando lhe davam uns espantosos ataques de tosse que faziam que Opal corresse a seu lado com gesto protetor.

Enquanto relatava sua história Opal retorcia um lenço entre as mãos, tinha os olhos e as bochechas úmidos e as tranças de rastafari lhe caíam sobre o rosto.

—Cometi todos e cada um dos enganos que você cometeste —disse sorvendo pelo nariz e obrigando-se a sorrir—, e inclusive cometi o que foste cometer esta noite.

Ivan trouxe saliva.

—Tinha quarenta anos quando lhe conheci, Ivan, e permanecemos juntos durante vinte anos, até que a situação resultou muito complicada.

Ivan abriu os olhos e a esperança voltou a lhe encher o coração.

—Não, Ivan. —Opal negou causar pena com a cabeça, embora foi a debilidade de sua voz o que lhe convenceu. De ter falado com firmeza, Ivan teria respondido do mesmo modo, mas aquela voz pôs de relevo a dor do Opal—. Não te sairia bem.

Não precisou acrescentar nada mais.

—Parece ter viajado um montão —observou Ivan jogando uma olhada às fotos. Geoffrey diante da Torre Eiffel, Geoffrey diante da Torre Inclinada de Pisa, Geoffrey convexo na areia dourada de uma praia de um país longínquo, sorridente e transbordante de saúde e felicidade, com idades distintas em cada foto—. Ao menos conseguiu sair adiante de um modo ou outro e teve o ânimo de fazer todas estas viagens solo —acrescentou com um sorriso alentador.

Opal lhe olhou confundida.

—Mas eu estava ali com ele, Ivan —disse Opal enrugando um pouco a frente.

—Ah, que bem. —Ivan estava surpreso—. Fez você as fotos?

—Não. —Lhe mudou o semblante—. Eu também saio nas fotos. Não pode lombriga?

Ivan negou lentamente com a cabeça.

—OH... —disse Opal ao estudando e vendo uma imagem distinta ao que via Ivan.

—por que já não pode verte? —perguntou Ivan observando ao Geoffrey agarrar um punhado de pastilhas que engoliu com um grande gole de água.

—Porque já não sou a que era, coisa que provavelmente explique por que tampouco você me vê nas fotos. Está procurando uma pessoa diferente; a conexão que uma vez tivemos se desvaneceu — respondeu Opal.

Geoffrey se levantou da poltrona, esta vez apoiando-se na fortificação, e se encaminhou de novo à porta principal.

—Vamos, é hora de ir-se —disse Opal levantando-se sua vez e dirigindo-se ao vestíbulo.

Ivan a olhou com ire interrogante.

—Quando começamos a nos ver eu vinha a visitá-lo cada tarde de sete a nove —explicou Opal—, e como não posso abrir portas, ele estava acostumado a me aguardar aí. Leva fazendo o mesmo cada dia desde que nos conhecemos. Por isso se negou a vender a casa. Acredita que é o único meio que tenho para dar com ele.

Ivan observou como o velho corpo do Geoffrey se cambaleava enquanto voltava a fixar o olhar na lonjura, talvez pensando naquele dia em que tinham pulado na praia ou visitado a Torre Eiffel. Ivan não queria que acontecesse o mesmo a Elizabeth.

—Adeus, querida Opal —disse Geoffrey quedamente com voz rouca.

—boa noite, meu amor. —Opal lhe deu um beijo na bochecha e ele fechou os olhos devagar—. Até manhã.

Capítulo 32

Ficou claro. Sabia o que devia fazer a seguir. Tinha que fazer o que me tinham enviado a fazer: que a vida da Elizabeth fora o mais agradável possível para ela. Só que agora me tinha envolto tanto com ela que teria que ajudá-la a curar velhas feridas além de quão novas tão estupidamente lhe tinha infligido. Estava zangado comigo mesmo por danificá-lo tudo, por me haver abstraído e afastado o olho da bola. O aborrecimento que sentia era mais forte que a dor, coisa que me alegrava, porque, com vistas a ajudar a Elizabeth, devia fazer caso omisso de meus próprios sentimentos e fazer o que fosse melhor para ela. Que era o que teria que ter feito de bom princípio. Mas assim são as lições: sempre as aprende quando menos lhe espera isso ou desejás. Teria tempo de sobra ao longo de minha vida para me ocupar da dor que me causava perdê-la.

Tinha passado toda a noite caminhando, pensando sobre as últimas semanas e sobre minha vida. Não o tinha feito nunca, isso de pensar sobre minha vida. Nunca me tinha parecido necessário para meu propósito, mas me tinha equivocado. À manhã seguinte encontrei de novo em Fúcsia Lane, sentado na mureta do jardim onde tinha conhecido ao Luke fazia pouco mais de um mês. A porta fúcsia voltou a me sorrir e lhe devolvi a saudação. Ao menos ela não estava zangada comigo; não me cabia dúvida que Elizabeth o estaria. Indignava-lhe que a gente chegasse tarde a reuniões de trabalho, por não falar das entrevistas para jantar. Eu lhe tinha dado plantão. Não intencionalmente. Não por malevolência, mas sim por amor. Imaginem defraudar a alguém porque lhe ama muito. Imaginem fazer machuco a alguém, lhe zangar, lhe fazer sentir sozinho e que ninguém o ama porque você considera que é o melhor para ele. Todas estas regras novas me estavam fazendo pôr em tecido de julgamento minhas aptidões como amigo íntimo. Ultrapassavam-me, eram leis com as que não me sentia nada a gosto. Como ia ensinar nada a Elizabeth a respeito da esperança, a felicidade, a alegria e o amor quando eu mesmo não sabia se ainda acreditava em todas essas coisas? Bom, sabia que eram possíveis, vale, mas a possibilidade traz aparelhada a impossibilidade. Uma palavra nova em meu vocabulário.

Às seis em ponto a porta fúcsia se abriu e me pus firme como se um professor tivesse entrado no sala-de-aula. Elizabeth saiu, fechou a porta a suas costas, jogou a chave e desceu pela rampa pavimentada. pôs-se outra vez o moletom marrom chocolate, o único conjunto informal de seu vestuário. Levava o cabelo recolhido atrás sem muito olhar, ia maquiar e não acredito que volte a vê-la tão bonita em toda minha vida. Uma mão me alcançou o coração e me apertou isso. Doeume.

Elizabeth levantou a vista, viu-me e parou em seco. Seu rosto não se iluminou com um sorriso como de costume. A mão que me capturava o coração me retorceu isso. Mas ao menos me via e isso era o principal. Nunca terá que subestimar o fato de que olhem aos olhos, não sabem quão

afortunados são. Em realidade, ao diabo com a sorte, não têm nem idéia de quão importante é que lhe reconheçam, embora seja com um olhar fulminante. É quando lhe ignoram, quando olham diretamente através de ti, quando deve começar a preocupar-se. Elizabeth pelo general desdenhava seus problemas; acostumava olhá-los por cima do ombro e nunca de marco em marco. Mas resultava óbvio que eu constituía um problema que merecia a pena resolver.

Andou para mim com os braços cruzados sobre o peito, a cabeça alta, os olhos cansados mas determinados.

—Encontra-te bem, Ivan?

Sua pergunta me desconcertou. Contava com que estivesse zangada, com que me gritasse e não escutasse nem acreditasse minha versão do ocorrido, igual a nos filmes, mas não foi assim. Estava serena, embora com a fúria borbulhando debaixo da superfície, lista para entrar em erupção segundo o que eu respondesse. Escrutinava-me o semblante procurando respostas que jamais acreditaria.

Pareceu-me que era a primeira vez que me faziam aquela pergunta. Nisso ia pensando enquanto ela me estudava a cara. Não, para mim estava claro como a água que não me encontrava bem. Estava crispado, cansado, zangado, ansioso e dolorido, mas não se tratava de uma pontada de ânsia, mas sim de uma dor que nascia em meu peito e se estendia por meu corpo e minha cabeça. Era como se minhas opiniões e filosofias tivessem trocado da noite para o dia. As mesmas filosofias que de boa vontade tinha esculpido em pedra, recitado e a cujo são tinha dançado. Como se o mago da vida tivesse revelado cruelmente suas cartas ocultas e não houvesse nenhuma magia, só um mero truque. Ou uma mentira.

—Ivan?

Parecia preocupada. Seu rosto se adoçou, descruzó os braços deixando-os cair e se aproximou levantando a mão para me tocar.

Eu não podia responder.

—Vamos, vêm comigo.

Tirou-me do braço e saímos de Fúcsia Lane.

Caminharam em silêncio e entraram na campina. Os pássaros cantavam a voz em pescoço ao amanhecer, o ar frio e lhe vigorizem lhes enchia os pulmões, os coelhos saltavam com ousadia através do atalho e as mariposas revoavam a seu redor enquanto avançavam a grandes pernadas pelo arborizado. O sol brilhava entre as folhas dos predominantes carvalhos pulverizando luz em seus

rostos como se fosse pó de ouro. O rumor da água se debulhava junto a eles enquanto o aroma dos eucaliptos refrescava o ambiente. Finalmente chegaram a um claro onde as árvores estendiam os ramos formando um esplêndido marco que apresentava com orgulho o lago. Cruzaram uma ponte de madeira, sentaram-se em um duro banco esculpido e guardaram silêncio contemplando os salmões saltar à superfície da água para apanhar moscas sob um sol que já esquentava.

Elizabeth foi primeira em falar.

—Ivan, com o complicada que é a vida, me esforço em fazer as coisas tão simples como é possível. Sei a que atenerme, sei o que vou fazer, aonde me dirijo e a quem verei cada dia. Com o complicada e imprevisível que é a gente que me rodeia, o que preciso é estabilidade. —Apartou a vista do lago e olhou ao Ivan aos olhos pela primeira vez desde que se sentassem—. E você —tomou ar—, você lhe rouba simplicidade a minha vida. Troca as coisas de sítio e as põe patas acima. E às vezes eu gosto, Ivan. Faz-me rir, faz-me dançar pelas ruas e as praias como uma louca e faz que me sinta como alguém que não sou. —Deixou de sorrir—. Mas ontem à noite me fez sentir como alguém que não quero ser. Preciso que as coisas sejam simples, Ivan —repetiu.

fez-se o silêncio entre eles. Finalmente falou Ivan.

—Sinto muito o de ontem à noite, Elizabeth. Conhece-me: não o fiz com má intenção. —interrompeu-se para elucidar a conveniência e o modo de explicar os acontecimentos da véspera. Resolveu não fazê-lo no momento—. Sabe? quanto mais tenta simplificar as coisas, Elizabeth, mais as complica. Estabelece umas regras, constrói uns muros, afugenta às pessoas, engana a ti mesma e faz caso omissos de sentimentos verdadeiros. Isso não é simplificar as coisas.

Elizabeth se aparou o cabelo.

—Tenho uma irmã desaparecida, um sobrinho de seis anos ao que mimar de quem não sei nada, um pai que leva semanas sem apartar-se de uma janela porque está aguardando a volta de sua esposa, que desapareceu faz vinte anos. Ontem à noite me dava conta de que era igual a ele, porque estava sentada na escada olhando pela janela aguardando um homem sem sobrenome que me diz que é de um lugar chamado Aisatnaf, um lugar que foi procurado em Internet e no puñetero atlas ao menos uma vez ao dia e que agora me consta que não existe. —Tomou ar—. Te tenho afeto, Ivan, de verdade, mas em um momento dado me dá um beijo e ao seguinte me dá plantão. Não sei o que está passando entre nós. Bastante sofro já com os quebraderos de cabeça que tenho para me oferecer a suportar mais, esfregou-se os olhos com cansaço. Ambos se sumiram na contemplação da atividade no lago, onde os saltos do salmão frisavam a superfície da água com um relaxante ruído de salpicaduras. Ao outro lado do lago uma garça real avançava silenciosa e habilmente pela borda sobre suas patas como pernas de pau. Semelhante a um pescador perito, observava e aguardava pacientemente o momento oportuno para romper a superfície vítrea da água

com o pico. Ivan não pôde por menos de constatar que nesse momento a tarefa da garça se parecia muito a dele.

Quando te cai um copo ou um prato ao chão se ouça um estrépito. Quando uma janela se faz pedacinhos, uma pata de mesa se quebra ou quando um quadro se desprende da parede se ouça um estalo. Mas no que ao coração corresponde, quando este se rompe o faz no mais absoluto silêncio. Diria que sendo algo tão importante deveria fazer o ruído mais forte do mundo inteiro, ou inclusive emitir algum som cerimonioso como a vibrante ressonância de um címbalo ou o tanguido de um sino. Mas guarda silencio e quase deseja que faça um ruído que te distraia da dor.

Se houver algum som é interno. O coração grita e só o ouve você. É um grito tão forte que lhe zumbem os ouvidos e te dói a cabeça. retorce-se dentro de seu peito como um grande tubarão branco apanhado no mar; rugir como uma vaca a que arrebataram seu filhote de urso. Isso é o que parece e assim é como sonha, como uma enorme besta que se revolve presa do pânico em uma

armadilha, rugindo como se fosse prisioneira de suas próprias emoções. Mas assim é o amor: ninguém fica fora de seu alcance. É tão desmedido como isso, tão vulnerável como uma ferida em carne viva exposta à água salgada do mar, mas quando o coração se rompe, faz-o em silêncio. Só grita por dentro e ninguém te ouça.

Entretanto, Elizabeth soube ver minha angústia e eu a sua, e sem necessidade de falar disso ambos soubemos. Tinha chegado a hora de deixar de andar pelas nuvens e em troca manter os pés na terra a que sempre devemos ter permanecido arraigados.

Capítulo 33

—Teríamos que retornar a casa—disse Elizabeth levantando do banco de um salto.

—por que?

—Porque está começando a chover.

Olhou ao Ivan como se fosse um cão verde e pestanejou ao cair outra gota de chuva na cara.

—O que passa contigo? —Ivan se pôs-se a rir e se acomodou no banco dando a entender que não tinha intenção de mover-se—. por que sempre entra e sai disparada dos carros e as casas quando chove?

—Porque não quero me molhar. Vamos! —Olhou com anseia para a relativa proteção que ofereciam as árvores.

—por que você não gosta de te molhar? Logo te seca.

—Porque não.

Agarrou-o pela mão e atirou para tentar levá-lo do banco. Contrariada ao não consegui-lo, deu uma patada no chão como um menino que não se saiu com a sua.

—Porque não o que?

—Não sei. —Tragou saliva—. Nunca me gostou da chuva. Tem que inteirar-se de todos os motivos de meus pequenos problemas?

protegeu-se a cabeça com as mãos para deixar de notar como lhe caía a chuva em cima.

—Há um motivo para tudo, Elizabeth —disse Ivan estendendo as Palmas para apanhar as gotas de chuva.

—Bom, tenho um motivo bastante simples. Retomando o fio de nossa recente conversação, a chuva complica as coisas. Molha-te a roupa, resulta incômoda e ao final te produz um resfriado.

Ivan emitiu o assobio que em um programa concurso assinala uma resposta errônea.

—A chuva não te produz um resfriado, produz-lhe isso o frio. Isto só é um toró e é temperado. —

Jogou a cabeça atrás, abriu a boca e deixou que as gotas caíssem dentro—. Sim, temperada e muito bom. E não me estiveste dizendo a verdade, por certo.

—O que? —disse Elizabeth com estridência.

—Leio entre linhas, ouço entre palavras e sei quando um ponto e à parte não é um ponto e à parte mas sim mas bem um mas —cantarolou Ivan.

Elizabeth resmungou e se abraçou a si mesmo com gesto protetor como se lhe estivessem arrojando porcaria em cima.

—Só é chuva, Elizabeth. Olhe a seu redor —assinalou freneticamente com as mãos—. Vê alguém mais correndo por aqui?

—Aqui não há ninguém mais!

—Au contraire! O lago, as árvores, a garça e o salmão, todos empapando-se.

Voltou a jogar a cabeça atrás e seguiu saboreando a chuva.

antes de enfiar para a arvoredo, Elizabeth lhe largou um último sermão.

—Tome cuidado com esta chuva, Ivan. Não é boa idéia beber-lhe Ivan hundió la mano en el lago.

—por que?

—Porque poderia ser perigosa. Sabe que efeito sorte o monóxido de carbono no ar e a chuva? Poderia ser azeda.

Ivan se escorreu no banco agarrando-a garganta e fingiu que se asfixiava. Foi engatinhando até a borda do lago. Elizabeth lhe seguiu com o olhar sem deixar de lhe exortar.

Ivan afundou a mão no lago.

—Bom, aqui dentro não haverá nenhum tipo de poluente mortal, não?

Recolheu água com a mão e a atirou.

Elizabeth ficou com a boca aberta e os olhos como pratos enquanto a água lhe gotejava do nariz. Tendeu o braço e empurrou bruscamente ao Ivan ao lago, tornando-se a rir ao lhe ver desaparecer sob a água.

Deixou de rir ao ver que não reaparecia.

Começou a inquietar-se e se aproximou da borda. O único movimento eram as ondas causadas pelos pesados goterones que caíam sobre o lago em calma. As gotas frite na cara deixaram de incomodá-la. Transcorreu um minuto.

—Ivan? —Tremia-lhe a voz—. Ivan, deixa de jogar. Sal imediatamente. Aproximou-se mais e alargou o pescoço para tratar de vê-lo. Cantorolou nervosa para seus adentros e contou até dez. Ninguém podia agüentar a respiração tanto momento.

A superfície vítrea se quebrou e um foguete saiu disparado da água.

—Guerra de água! —chiou a criatura aquática. Agarrou-a pelas mãos e a atirou de cabeça ao lago. Elizabeth estava tão aliviada por não haver quão matado nem sequer lhe importou quando a água fria lhe golpeou o rosto e a engoliu.

—bom dia, senhor Ou'Callaghan; bom dia, Maureen; olá, Fidelma; olá, Connor; pai Murphy...

Saudava com severidade a seus vizinhos ao cruzar o povo entorpecido. Silenciosos olhares de assombro a seguiam enquanto suas sapatilhas faziam um ruído como de sucção e a roupa lhe jorrava.

—Sinta-te muito bem esse aspecto —riu Benjamin levantando um tigela de café para ela desde detrás de um pequeno grupo de turistas que dançavam, riam e pulverizavam café pela calçada do Joe'S.

—Obrigado, Benjamin —respondeu Elizabeth muito séria seguindo seu caminho através do povo com os olhos faiscantes.

O sol banhava a rua onde ainda não tinha chovido uma gota essa manhã e cujos habitantes observavam, cochichavam e riam ao passo da Elizabeth Egan, que caminhava com a cabeça bem alta, balançando os braços e com uma parte de alga pego a seu cabelo enredado.

Elizabeth atirou outro lápis de colorir ao chão, espremeu a folha em que tinha estado trabalhando e a lançou através do despacho. Não encestou no cesto de papéis, mas lhe deu igual; que ficasse onde estava, com as outras dez bolas de papel. Fez uma careta a seu calendário. Uma X vermelha que originalmente assinalava a data tope para o Ivan, o amigo invisível do Luke que fazia muito que se partiu, agora assinalava o final de sua própria carreira. Bom, possivelmente se estava pondo melodramática: o hotel se inauguraria em setembro e tudo partia segundo o previsto. Todos os materiais tinham chegado a tempo com apenas os desastres menores de uns poucos pedidos equivocados. A senhora Bracken tinha a sua equipe fazendo horas extraordinárias para confeccionar almofadões, cortinas e colchas, mas, coisa estranha nela, era a mesma Elizabeth quem estava ralentizando as coisas. Não conseguia dar com um desenho para o quarto de jogar dos

meninos e estava começando a detestar-se por ter mencionado sequer a idéia ao Vincent. Andava muito distraída ultimamente, sentou-se em seu sítio favorito da mesa da cozinha e riu para si ao recordar o «banho» que se deu umas horas antes.

Entre ela e Ivan as coisas eram mais insólitas que nunca. Hoje Elizabeth tinha posto ponto final a sua relação e lhe tinha partido o coração ao fazê-lo, mas aí estava ele, ainda com ela em sua casa, fazendo-a rir como se não tivesse acontecido nada. Mas algo tinha trocado, algo imenso, e notava seu efeito justo no meio do peito. À medida que transcorria o dia se foi dando conta de que nunca se sentou a gosto com um homem ao que tinha dado a demissão no plano amoroso, e entretanto, agora lhe ocorria. Nenhum dos dois estava preparado para mais, ainda não, ao menos, embora Elizabeth desejava com toda sua alma que Ivan o estivesse.

O jantar com o Benjamin a noite anterior tinha resultado agradável. sobrepôs-se à aversão que lhe inspiravam os jantares em restaurantes, a comida em geral e o bate-papo fútil, e embora as arrumava para agüentar essas coisas com o Ivan —às vezes chegavam inclusive a lhe gostar de—, seguia as considerando uma pesadez. Por mais costure que tivesse em comum com o Benjamin, a Elizabeth não gostava de fazer vida social. Conversaram com fluidez e jantaram muito bem, mas Elizabeth não se desgostou quando tudo teve terminado e llegó a hora de ir-se a casa. Estava totalmente abstraída perguntando-se sobre seu futuro com o Ivan.

As gargalhadas do Luke a tiraram de seu ensoñación.

Ivan saudou:

—Bonjour, madame.

Elizabeth levantou a vista e viu que Ivan e Luke entravam em estufa do jardim. Ambos sustentavam caminhos lupas diante do respectivo olho direito, que através da lente se via gigantesco. Luziam bigodes pintados com rotulador negro no lábio superior. Ela rompeu a rir sem remédio.

—Ah, pejo isto não é coisa de jisa, madame. Tse cometeu um cjimen.

—Um assassinato —traduziu Luke.

—O que?

Elizabeth abriu muito os olhos.

—Estamos procurando pistas, madame —explicou Luke movendo seu torcido bigode ao falar.

—Tse cometeu um cjimen ojendo em seu chardán —acrescentou Ivan passando a lupa pela

superfície da mesa da cozinha em busca de rastros.

—É jardim em francês —esclareceu Luke.

Elizabeth cabeceou em sinal de compreensão agüentando-a risada.

—Pejdone que hajamos ijumpido assim em sua casa. nos permita pjesentajnos. Eu sou o señoj Monsieur e este é meu companheiro louco, monsieur Rotcudart.

Ao Luke lhe escapou a risada.

—É tradutor ao reverso.

—Vá. —Elizabeth assentiu com a cabeça—. Bem, é um prazer lhes conhecer, mas me temo que estou muito ocupada, assim se não lhes importa...

Olhou ao Ivan arqueando as sobrancelhas.

—Se nos impojta? Clajo que nos impojta. Estamos em plena investigasióñ de um assassinato, e você o que está hasiende? —Olhou em redor, seus olhos tropeçaram com as bolas de papel enrugado junto ao cesto de papéis. Ivan agarrou uma e a estudou com sua lupa—. Está hasiende bolas de neve, poj o visto.

Elizabeth fez uma careta e Luke riu.

—Temos que intejogajla. Tem alguma luz potente palha que a ponhamos na cara? —Ivan jogou uma olhada pela cozinha e retirou a pergunta ao ver de reajo o rosto da Elizabeth—. Muito bem, madame.

—A quem assassinaram? —perguntou Elizabeth.

—Ah, justo o que imaginava, monsieur Rotcudart. —Os investigadores percorreram a cozinha em direções opostas com a lupa ainda ante o olho—. Finge não sabê-lo para que não dela suspeitemos. Inteligente.

—Acredita que o fez ela? —perguntou Luke.

—Já o veremos. Madame, esta manhã apareceu um verme morto por aplastamiento no atalho que vai de sua estufa até o tendedor. Sua desconsolada família nos há dito que saiu de casa quando deixou de chover com intenção de cruzar o atalho até o outro lado do jardim. desconhecem-se os motivos que pudesse ter para querer ir ali, mas isso é o que fazem os vermes.

Luke e Elizabeth se olharam e romperam a rir.

—A chuva cessou às seis e meia da tarde, que é quando o verme saiu de casa para cruzar o atalho. Pode me dizer onde se encontrava você, madame?

—Acaso sou suspeita? —disse Elizabeth rendo.

—Nesta fase da investigação, todo mundo é suspeito.

—Bem, retornei de trabalhar às seis e quinze e pus o jantar a esquentar. Então fui ao Office e tirei a roupa úmida da máquina de lavar roupa e a coloquei em uma cesta.

—E o que fez a continuação? —Ivan lhe estabeleceu a lupa na cara e foi movendo em círculos, examinando-a—. Comprovo se houver provas —disse ao Luke.

—A seguir aguardei a que deixasse de chover e logo fui tender a penetrada.

Ivan afogou um grito de maneira teatral.

—Monsieur Rotcudart, ouviu isso?

Luke ria mostrando as gengivas; lhe tinha cansado outro dente.

—Pois então isto significa que você é a jiminal!

—A assassina —traduziu Luke.

Ambos se voltaram para ela com as lupas diante dos olhos.

Ivan disse:

—Por ter tentado me ocultar que a semana que vem é seu aniversário, seu castigo será celebrar uma festa no chardán posterior em memória do recentemente defunto monsieur Sinuoso, o verme.

Elizabeth gemeu.

—Nem pensar.

—Que bem te compreendo, Elizabeth —disse Ivan adotando o acento da classe alta britânica—. Ter que alternar com a gente do povo plano resulta terrivelmente espantoso.

—Que gente? —inquiriu Elizabeth entrecerrando os olhos.

—Ora, umas poucas pessoas que havemos convidado —respondeu Ivan encolhendo-se de ombros—. Luke jogou os convites ao correio esta manhã, não é genial? —Assinalou com o queixo a um orgulhoso e sorridente Luke—. Na próxima semana será a anfitriã de uma festa no jardim. Gente que não conhece muito bem acampará a suas largas por sua casa, certamente sujando-a. Crie que poderá suportá-lo?

Capítulo 34

Elizabeth estava sentada com as pernas cruzadas em cima do lençol branco que cobria o poeirento chão de cimento do edifício em construção; tinha os olhos fechados.

—Assim aqui é onde te coloca cada dia quando desaparece —disse uma voz.

Elizabeth não abriu os olhos.

—Como o faz, Ivan?

—Fazer o que?

—Aparecer de repente justo quando estou pensando em ti.

Ouviu-lhe rir, mas ele não respondeu à pergunta.

—por que esta habitação é quão única não se terminou? Ou começado, a julgar por seu aspecto?

—disse Ivan situando-se detrás dela.

—Porque necessito ajuda. Estou entupida.

—Bem, se uma coisa sabe fazer, Elizabeth Egan, é pedir ajuda.

fez-se o silêncio até que Ivan começou a cantarolar uma melodia conhecida que Elizabeth não tinha conseguido tirar-se da cabeça nos dois últimos meses e que estava deixando-a quase em bancarrota por culpa do cerdito que Poppy e Becca tinham levado ao escritório. Abriu as pálpebras de repente.

—O que está cantarolando?

—A canção do cantarolo.

—Ensinou-lhe isso Luke?

—Não, fui eu quem a ensinou a ele, se não te importar.

—Sério? —resmungou Elizabeth—. Pensava que a tinha inventado seu amigo invisível. —Riu para seus adentros e logo lhe olhou.

Ivan não ria. Ao cabo de um momento, disse:

—por que falas como se tivesse a boca cheia de meias três-quartos? O que leva na cara? Uma focinheira? —Riu a gargalhadas.

Elizabeth ficou vermelha.

—Não é uma focinheira —replicou—. Não te figura que quantidade de pó e bactérias há neste edifício. Por certo, deveria levar casco —assinalou golpeando o seu—. Deus queira que não nos caia em cima.

—Que mais leva? —Ivan fez caso omissso de seu mau humor e a repassou com a vista da cabeça aos pés—. Luvas?

—Para que não me sujem as mãos —disse Elizabeth com uma careta infantil.

—Ai, Elizabeth —Ivan sacudiu a cabeça em um gesto reprobador e caminhou comicamente a seu redor—, com tudo o que te ensinei e segue preocupando-se de ir podada e arrumada.

Agarrou uma broxa que havia ao lado de um bote aberto de pintura e a molhou.

—Ivan —disse Elizabeth, nervosa, sem lhe tirar olho—, o que te propõe fazer?

—Acaba de dizer que necessita ajuda.

Dedicou-lhe um largo sorriso. Elizabeth ficou de pé lentamente.

—Sim, necessito ajuda para pintar a parede —advertiu ela assinalando o muro.

—Vá, por desgraça, não concretizaste que classe de ajuda queria, assim que me temo que isso não conta. —Empapou a broxa de pintura vermelha, apertou os cabelos com a mão e os soltou para a Elizabeth como uma catapulta. A pintura lhe salpicou a cara—. Uy, lástima que não levasse equipe de amparo no resto da cara! —brincou Ivan vendo seus olhos desmesuradamente abertos a causa da irritação e a estupefação—. Embora isto tão somente demonstra que por mais que alguém se envolva em algodões está exposto a fazer-se danífico.

—Ivan —disse ela com autêntico ódio—, me atirar ao lago é uma coisa, mas isto é ridículo —chiou—. Se trata de meu trabalho. Falo a sério, não quero voltar a ter que ver absolutamente nada mais contigo, Ivan, Ivan... Nem sequer sei seu sobrenome —resmungou. —Meu nome é Elbisivni —explicou Ivan com calma.

—O que é, russo? —gritou Elizabeth ao bordo de um ataque de nervos—. E o do Aisatnaf também é russo ou é que nem sequer existe? —perguntou a voz em pescoço e quase sem fôlego.

—Sinto-o muito —disse Ivan seriamente deixando de sorrir—. Me dou conta de que está zangada. Voltarei a deixar isto em seu sítio. —Lentamente colocou a broxa no bote e voltou a deixá-lo no sítio exato em que o tinha encontrado, diante de outros—. Me passei que a raia. Perdão.

A irritação da Elizabeth começou a dissipar-se.

—O vermelho possivelmente seja uma cor muito colérico para ti —prosseguiu Ivan—. Eu deveria ter sido mais sutil. —De repente outra broxa apareceu ante o rosto da Elizabeth, que abriu muito os olhos—. Branco, talvez? —Com uma alegre careta voltou a salpicar a de pintura.

—Ivan! —médio gritou médio riu Elizabeth—. De acordo! —equilibrou-se sobre os botes de pintura—, quer jogar? Eu também. Agora levar cores é seu passatempo favorito, não é isso? —resmungou para si. Molhou uma broxa no bote e perseguiu o Ivan pela habitação—. O azul é sua cor favorita, senhor Elbisivni?

Pintou uma raia azul no cabelo e o rosto do Ivan e lançou uma gargalhada maligna.

—Crie que isso teve graça? —exclamou ele. Elizabeth assentiu com a cabeça desternillándose de risada.

—Bem —aprovou Ivan com regozijo. Agarrando-a pela cintura, tendeu-a no chão e sujeitando-a com destreza lhe pintou a cara enquanto ela chiava e se retorcia tentando escapar—. Se não deixar de gritar, Elizabeth, acabará com a língua verde —advertiu.

Quando ambos estiveram talheres de pintura da cabeça aos pés e Elizabeth ria tanto que não ficavam forças para apresentar batalha, Ivan voltou sua atenção à parede.

—O que esta parede necessita agora é um pouco de pintura.

Elizabeth se tirou a máscara e procurou recuperar o fôlego, deixando à vista a única parte de pele de cor normal que ficava no rosto.

—Bom, ao menos essa focinheira te foi útil —assinalou Ivan antes de voltar-se outra vez de cara à parede—. Um passarinho há dito que teve uma entrevista com o Benjamin West —disse molhando um pincel novo no bote de pintura vermelha.

—Foi um jantar, não uma entrevista. E deveria acrescentar que saí com ele a noite que me deu plantão.

Ivan não fez nenhum comentário, mas sim perguntou:

—Cai-te bem?

—É muito simpático —respondeu Elizabeth sem dá-la volta.

—Quer passar mais tempo com ele?

Elizabeth começou a recolher do chão o lençol salpicado de pintura.

—Quero passar mais tempo contigo —afirmou.

—E se não pudesse?

Elizabeth ficou imóvel.

—Nesse caso te perguntaria por que.

Ivan evitou a pergunta.

—E se eu não existisse e não me conhecesse, queria passar mais tempo com Benjamim então?

Elizabeth tragou saliva, colocou o papel e os lápis na bolsa e o fechou com a cremalheira. Estava cansada de jogar a adivinhações com ele e aquela conversação a punha nervosa. Tinham que falar desse assunto como era devido. levantou-se e se voltou para ele. Na parede Ivan tinha pintado «Elizabeth X Benjamim» com grandes traços vermelhos.

—Ivan! —Elizabeth riu nervoso—. Não seja tão menino. te figure se alguém visse isso! precipitou-se a lhe arrebatá-la broxa. Ivan não a soltou e se olharam aos olhos.

—Não posso te dar o que você quer, Elizabeth —disse ele em voz baixa.

Uma tosse na soleira fez que ambos se sobressaltassem.

—Olá, Elizabeth. —Benjamim a observava entre curioso e divertido. Jogou uma olhada à parede de detrás dela e sorriu—. Um tema muito interessante.

Depois de uma pausa eloqüente, Elizabeth olhou a sua direita.

—foi Ivan —acusou com voz infantil.

Benjamim emitiu uma risita irônica.

—Outra vez ele.

A jovem assentiu e Benjamin se fixou em que da broxa que ela sustentava se desprendiam uma gotas vermelhas que lhe manchavam os jeans. Um rosto salpicado de vermelho, azul, arroxado,

verde e branco ficou avermelhado.

—diria-se que é a ti a quem pilharam borrando imprudentemente —disse Benjamin dispondo-se a entrar na habitação.

—Benjamin!

Ele se deteve com o pé no ar e uma careta de chateio para ouvir a voz imperiosa do Vincent.

—Será melhor que vá —sorriu—. Já falaremos —e saiu em direção aos gritos do Vincent—. Por certo —adicionou levantando a voz—, obrigado por me convidar à festa.

Uma Elizabeth exasperada fez caso omisso das gargalhadas e ofegos do Ivan. Molhou a broxa no bote branco e apagou o que tinha escrito Ivan ao tempo que tentava apagar de sua memória aquele momento tão embaraçoso.

—Boa tarde, senhor Ou'Callaghan; olá, Maureen; olá, Fidelma; olá, Connor; pai Murphy...

Elizabeth ia saudando seus vizinhos enquanto atravessava o povo a pé caminho do escritório. As mangas lhe jorravam pintura vermelha, fios de pintura azul lhe penduravam do cabelo e seu jeans pareciam a paleta do Monet. Atônitos e silenciosos olhares a seguiam enquanto as gotas de pintura que caíam de sua roupa foram deixando um rastro multicolorido a suas costas.

—por que sempre faz isto? —perguntou Ivan apertando o passo para seguir o ritmo de seu avanço implacável através do povo.

—Fazer o que? Boa tarde, Sheila.

—Sempre cruza a rua antes de chegar ao pub Flanagan's, caminha um trecho pela calçada de em frente e volta a cruzar à altura do Joe'S.

—Não é verdade. —Sorriu a outro papamoscas.

—Isso sim que é decorar o povo, Elizabeth! —gritou-lhe Joe, encantado de ver os rastros vermelhos que ia deixando detrás dela ao atravessar o meio-fio.

—Note, acaba de fazê-lo! —assinalou Ivan.

Elizabeth se deteve e voltou a cabeça para observar o rastro que formavam atrás dela as gotas de pintura. Era bem certo que tinha cruzado a rua antes de chegar ao pub Flanagan's, caminhado um trecho pela outra calçada e voltado a cruzar para entrar no escritório. Tinha dado um rodeio em vez de seguir pela mesma calçada. Nunca tinha reparado nisso. Olhou para o pub Flanagan'S. O

senhor Flanagan fumava um cigarro na porta. Coisa estranha, este a saudou inclinando a cabeça e se mostrou surpreso de que lhe sustentara o olhar. Elizabeth franziu o cenho e tragou saliva para desfazer o nó que lhe tinha formado na garganta ao contemplar o edifício do pub.

—Tudo vai bem, Elizabeth? —perguntou Ivan irrompendo em seus pensamentos.

—Sim. —Sua voz logo que foi um sussurro. Pigarreou, olhou confundida ao Ivan e de modo pouco convincente repetiu—: Sim, estou bem.

Capítulo 35

A senhora Bracken estava ante a porta de sua loja com outras duas mulheres de idade que, como ela, sustentavam nas mãos sendos partes de tecido. Ao ver a Elizabeth ficou boquiaberta e adotou uma expressão de repulsa. As três estalaram a língua com desaprovação ao contemplar o passo lento da jovem cujos cabelos, terminados com grumos de pintura, roçavam-lhe as costas criando um bonito efeito multicolorido.

—perdeu a presilha ou o que? —cochichou sem baixar a voz uma das mulheres.

—Não, mas bem ao contrário. —Elizabeth notou por sua voz que a senhora Bracken sorria—. Diria que a esteve procurando quatro patas.

As mulheres produziram com a língua novos estalos de censura e se retiraram murmurando que Elizabeth não era quão única tinha perdido a presilha.

Fazendo caso omissa do olhar fixo da Becca e do grito do Poppy «Assim eu gosto!», Elizabeth entrou decidida em seu escritório e fechou a porta com suavidade a suas costas, deixando todo o resto fora. Apoiou as costas contra a porta e tentou explicar-se por que tremia tanto. Que demônios tinha surto em seu interior? Que monstros tinham despertado de seu sonho para escapar borbulhando através de sua pele? Inalou profundamente pelo nariz e exalou devagar contando uma, duas e três vezes até que seus debilitadas joelhos deixaram de tremer.

Tudo tinha ido bem, por mais que resultasse embaraçoso, enquanto caminhava pelo povo com o aspecto de haver-se metido em um bote de pintura das cores do arco íris. Tudo tinha ido bem até que Ivan havia dito algo. O que havia dito...? Havia dito... E então o recordou e um calafrio lhe sacudiu todo o corpo.

O pub Flanagan's. Sempre evitava o pub Flanagan's, havia-lhe dito. Não se tinha dado conta até que ele o assinalou. por que o fazia? Pelo Saoirse? Não, Saoirse bebia no pub Camel's Hump, na estrada da colina. ficou apoiada contra a porta devanándose os miolos até que começou a enjoar-se. A habitação dava voltas e decidiu que tinha que ir-se a casa. A sua casa, onde controlava o que acontecia, quem podia entrar, quem podia sair, onde cada coisa tinha seu sítio e todas as lembranças estavam claras. Necessitava ordem.

—Onde está seu saco de feijões, Ivan? —perguntou Malmequer me olhando desde sua cadeira de madeira grafite de amarelo.

—Ora, já me cansei que isso —respondi—. Agora meu assento favorito são as cadeiras giratórias.

—Que bem —assentiu Malmequer com aprovação.

—Opal se está atrasando muito —disse Tommy limpando-se com o braço o nariz que não lhe parava de escorrer.

Malmequer apartou a vista com asco, alisou seu lindo vestido amarelo, cruzou os tornozelos e balançou seus sapatos brancos de verniz e os meias três-quartos com volantes cantarolando a canção do cantarolo.

Olivia fazia ponto em sua cadeira de balanço.

—Estará ao cair —disse com aspereza.

Jamie-Lynn se aproximou da mesa de centro e agarrou um pão-doce de chocolate Frise Krispie e um grande copo de leite, mas lhe deu um ataque de tosse e se derramou o copo de leite pelo braço. Nem curta nem preguiçosa, limpou-a a lametones.

—estiveste jogando outra vez na sala de espera do médico, Jamie-Lynn? —perguntou Olivia fulminando-a com o olhar por cima da arceiros de seus óculos.

Jamie-Lynn assentiu com a cabeça, voltou a tossir em cima do pão-doce e lhe deu outra dentada.

Malmequer enrugou o nariz com repugnância e seguiu desenredando o cabelo de seu Barbie com um peinecito.

—Já sabe o que te disse Opal, Jamie-Lynn. Esses sítios estão cheios de bactérias. Esses brinquedos com os que tanto você gosta de jogar são a causa de que esteja doente.

—Já sei —disse Jamie-Lynn com a boca ainda enche—, mas alguém tem que fazer companhia aos meninos enquanto esperam a visita do doutor.

Transcorreram vinte minutos e por fim Opal chegou. Todos cruzaram olhares de preocupação. Parecia como se a sombra do Opal tivesse substituído à autêntica Opal. A diferença de outras vezes, não entrou flutuando na sala como uma baforada de ar fresco; era como se a cada passo que desse levantasse com os pés pesados cubos de cimento. Outros se calaram imediatamente ao ver a nuvem de cor azul escura, quase negro, que entrou com ela.

—Boa tarde, amigos.

A voz do Opal soava diferente, como surda e retida em outra dimensão.

—Olá, Opal —bisbisearam os presente com cautela, como se um pouco mais forte que um

sussurro pudesse derrubá-la ao chão.

Opal lhes dedicou um tenro sorriso agradecendo seu apoio.

—Alguém que foi meu amigo durante muitíssimo tempo está doente. Muito doente. vai se morrer e me dá muita pena perdê-lo —explicou.

ouviram-se murmúrios compassivos. Olivia deixou de balançar-se, Bobby deixou de mover adiante e atrás seu skate, as pernas de Malmequer deixaram de balançar-se, até o Tommy deixou de sorvê-los mucos e eu deixei de dar voltas em minha cadeira. Aquilo era sério e o grupo conversou sobre o que se sente ao perder a um ser querido. Todos o entendíamos, porque isso ocorria de contínuo com os amigos íntimos, e cada vez que ocorria, a tristeza era a mesma.

Não pude participar da conversação. Todas e cada uma das emoções que alguma vez tinha sentido pela Elizabeth se juntaram e formaram um entupo em minha garganta, como um coração palpitante que, ao receber mais e mais amor a cada momento, dilata-se e se torcedor de orgulho. O nó que tinha na garganta me impedia de falar, ao igual a meu coração aceso me impedia de deixar de amar a Elizabeth.

Para o final da reunião Opal fixou a vista em mim.

—Ivan, como vão as coisas com a Elizabeth?

Todos me olhavam. Consegui encontrar em minha garganta um buraco minúsculo pelo que filtrar algum som.

—Dei-lhe tempo até manhã para que entenda uma coisa.

Pensei no semblante da Elizabeth e o coração me pulsou mais depressa e se inchou, e aquele buraco diminuto na obstrução de minha garganta se fechou.

E sem que ninguém estivesse à corrente de minha situação, todos compreenderam que minhas palavras significavam «já fica pouco». Pela urgência do Opal ao recolher suas pastas dando por concluída a reunião, supus que ocorria o mesmo em seu caso.

Elizabeth dava pesados passos sobre a cinta sem fim situada de cara ao jardim traseiro de sua casa. Contemplou as colinas, os lagos e Montes que se estendiam diante dela e ficou a andar mais depressa. Logo arrancou a correr; os cabelos lhe ondeavam à costas, a frente lhe brilhava, os braços se moviam ao compasso das pernas e se imaginava, tal como fazia cada dia, que corria além das colinas, até o outro lado do mar, longe, muito longe. Ao cabo de meia hora de estar correndo sem mover do sítio se deteve, saiu do pequeno ginásio ofegando e ato seguido ficou a limpar,

esfregando furiosamente superfícies que já resplandeciam.

Assim que teve aseado a casa de cima abaixo, tirando todas as telarañas e limpando qualquer rincão escuro e escondido, começou a fazer o mesmo com os rincões lóbregos de sua mente. As telarañas e o pó se assentaram neles e à maturação já estava preparada para liberar os de impurezas. Algo tentava arrastar-se fora daquela escuridão e ela estava em disposição de ajudá-lo a aparecer. Basta de fugir, sentou-se à mesa da cozinha e contemplou a campina estendida ante sua vista, colinas retozonas, cerque e lagos unidos por um fino encaixe de fúcsia e montbretia. O céu se escurecia mais cedo com a chegada de agosto.

Pensou comprido e tendido sobre isto e aquilo, deixando que o que a inquietava tivesse ocasião de sair das sombras e mostrar-se. Era a mesma sensação tão fastidiosa da que fugia quando tombada na cama tentava dormir, a sensação que combatia limpando a casa com frenesi. Mas agora estava sentada à mesa como uma mulher que se rendesse com as mãos em alto frente a sua própria arma, permitindo que seus pensamentos a prendessem. Tinha sido como um criminoso fugitivo que levasse muito tempo fugindo.

—por que está sentada às escuras? —perguntou com doçura uma voz.

Elizabeth esboçou um sorriso.

—Só estou pensando, Luke.

—Posso me sentar contigo? —perguntou Luke, e Elizabeth se odiou por ter vontades de dizer que não—. Não direi nada nem tocarei nada, lhe prometo —acrescentou isso o menino.

Aquilo lhe partiu o coração. Tão malote era realmente? Sim, sabia que sim.

—Vêem te sentar —sorriu retirando a cadeira que tinha ao lado.

Ambos guardaram silêncio na cozinha às escuras até que Elizabeth falou.

—Luke, há certas coisas sobre as que deveria falar contigo. Coisas que deveria te haver contado antes, mas... —retorcia-se os dedos tratando de decidir com supremo cuidado de que modo se expressaria. Quando era menina quão único queria era que a gente lhe explicasse o que tinha ocorrido, aonde tinha ido sua mãe e por que. Uma simples explicação lhe teria economizado anos de atormentadoras dúvidas.

Luke a olhou com seus grandes olhos azuis de largas pestanas; tinha rosadas as bochechas gordinhas e o lábio superior brilhante pela destilação incessante do nariz. Elizabeth se pôs-se a rir e lhe aconteceu a mão pelo cabelo de um loiro quase branco e a posou na cálida nuca do menino.

—O caso —prosseguiu Elizabeth— é que não sabia como lhe dizer isso —A mí sí —exclamó Luke encantado.

—É sobre minha mamãe? —perguntou Luke balançando as pernas sob a mesa de cristal.

—Sim. Faz bastante que não nos visita, embora certamente já te terá dado conta.

—foi-se à aventura —disse Luke alegremente.

—Bom, não sei se pode chamar-se assim, Luke. —Elizabeth suspirou—. Não sei aonde foi, coração. Não disse nada a ninguém antes de partir.

—A mim sim —exclamou Luke encantado.

—O que?

Elizabeth abriu muito os olhos e o pulso lhe acelerou.

—Veio para casa antes de ir-se. Disse-me que partia, mas que não sabia por quanto tempo. E eu lhe disse que isso era uma espécie de aventura e ela riu e disse que sim.

—Disse-te por que? —sussurrou Elizabeth surpreendida de que Saoirse tivesse tido a compaixão de dizer adeus a seu filho.

—Estraga —assentiu Luke chutando o ar mais depressa—. Disse que era o melhor para ela, para ti e para o avô, porque não deixava de fazer as coisas mau e fazia zangar a tudo ao mundo. Disse que ia fazer o que sempre lhe havia dito que fizesse. Disse que ia partir daqui.

Elizabeth conteve o fôlego e recordou que estava acostumado a dizer a sua irmã pequena que partisse quando as coisas ficavam um pouco feias em casa. Recordou que quando empreendeu viagem por volta da universidade contemplou a seu hermanita de seis anos e lhe repetiu uma e outra vez que partisse. Todas aquelas emoções lhe taparam a garganta.

—E você o que disse? —conseguiu articular Elizabeth acariciando o cabelo fino do Luke e sentindo, pela primeira vez em sua vida, umas entristecedoras vontades de protegê-lo a toda costa.

—Disse-lhe que certamente tinha razão —respondeu Luke com total naturalidade—. Me disse que já era um menino maior e que agora me tocava cuidar de ti e do avô.

A Elizabeth lhe saltaram as lágrimas.

—Isso disse? —perguntou afogando o pranto.

Luke levantou a mão e lhe enxugou as lágrimas com delicadeza.

—Bom, não se preocupe —acrescentou ela. Beijou a mão do Luke e o estreitou entre seus braços —, porque serei eu quem cuida de ti, de acordo?

A resposta do menino soou amortecida ao ter a cabeça apertada contra o peito de sua tia. Elizabeth o soltou em seguida para lhe deixar respirar.

—Edith estará a ponto de voltar —disse Luke emocionado depois de fazer uma profunda inspiração—. Morro de vontades de ver o que me trouxe.

Elizabeth sorriu, tentou recuperar a compostura e pigarreou para esclarecê-la voz.

—Podemos apresentar-lhe ao Ivan. Crie que lhe cairá bem?

Luke fez uma careta.

—Parece-me que não será capaz de vê-lo.

—Não podemos guardá-lo só para nós, Luke —disse Elizabeth rendo.

—Bom, pode que Ivan nem sequer siga aqui quando ela volte —comentou Luke.

O coração da Elizabeth pulsou com força.

—O que quer dizer com isso? Há-te dito algo?

Luke negou com a cabeça.

Elizabeth suspirou.

—Vamos, Luke, que esteja muito unido ao Ivan não significa forzosamente que vá abandonar te, sabe? Não quero que tenha medo de que isso ocorra. Eu estava acostumado ao ter. Estava acostumado a pensar que todas as pessoas que amava sempre acabariam partindo.

—Eu não me partirei.

Luke a olhou com afeto.

—E eu te prometo que tampouco irei a nenhuma parte. —Deu-lhe um beijo na cabeça e pigarreou —. Sabe essas coisas que você e Edith fazem juntos, como ir ao zoológico e ao cinema, coisas assim?

Luke assentiu com a cabeça.

—Você gostaria que de vez em quando lhes acompanhasse?

Luke sorriu contente.

—Sim, seria muito guay. —Refletiu um instante—. Agora somos quase iguais, verdade? Que minha mamãe parta é um pouco como quando o fez a tua, não? —perguntou. Empanou com o fôlego a mesa de cristal e escreveu seu nome com o dedo.

Elizabeth ficou geada.

—Não —respondeu secamente—, não tem nada que ver. —levantou-se da mesa, acendeu a luz e ficou a esfregar o mostrador—. São pessoas completamente distintas, não é nem muito menos o mesmo.

A voz lhe tremia enquanto esfregava freneticamente. Ao levantar a vista para ver como reagia Luke percebeu seu próprio reflexo no cristal do estufa e se parou em seco. Adeus à compostura, adeus às emoções, parecia uma mulher poseída escondendo-se da verdade, fugindo do mundo.

E então soube.

E as lembranças que espreitavam nos rincões escuros de sua mente começaram a reptar muito lentamente para a luz.

Capítulo 36

—Opal —avisei sem levantar a voz da soleira de seu escritório. Parecia tão frágil que me dava medo que qualquer ruído a fizesse pedacinhos.

—Ivan.

Opal sorriu cansada e se apartou as tranças de rastafari da cara as prendendo com um passador.

Vi-me em seus olhos brilhantes ao entrar na habitação.

—Estamos muito preocupados com ti. Há algo que possamos fazer para te dar uma mão?

—Obrigado, Ivan, mas além de vigiar que tudo vá bem por aqui, a verdade é que ninguém pode fazer nada. Estou tremendamente cansada. passei as últimas noites no hospital me obrigando a não dormir. Só ficam uns poucos dias, agora; quero estar a seu lado quando... —Apartou a vista do Ivan e a dirigiu à foto emoldurada que tinha no escritório, e quando ao pouco voltou a falar o fez com voz tremente—. Oxalá existisse uma maneira de me despedir dele, de lhe fazer saber que não está sozinho, que estou a seu lado.

Lhe saltaram as lágrimas. Fui junto a ela e a consolei em que pese a me sentir impotente e saber que por uma vez não cabia fazer absolutamente nada para ajudar a aquela amiga. Ou acaso sim?

—Espera um momento, Opal. Possivelmente haja uma maneira de fazê-lo. Tenho uma idéia.

E dito isto saí correndo.

Elizabeth tinha organizado a última hora que Luke ficasse a dormir em casa do Sam. Sabia que precisava estar a sós aquela noite. Percebia que se estava operando uma mudança em seu foro interno; o frio se apropriou de seu corpo e resistia a partir. Estava acurrucada na cama com um pulôver que ia grande e uma manta, tratando desesperadamente de entrar em calor.

A lua ao outro lado da janela reparou em que algo ia mau e a resguardou protegendo a da escuridão. A idéia do que lhe esperava dava a Elizabeth retortijones no estômago. As coisas que Ivan e Luke haviam dito hoje tinham feito girar uma chave em sua mente abrindo um baú de lembranças tão aterradoras que Elizabeth tinha medo de fechar os olhos.

Olhou a lua através das cortinas abertas da janela e ao cabo se deixou levar a deriva...

Tinha doze anos. Fazia duas semanas que sua mãe a tinha levado de picnic ao campo, duas

semanas desde que lhe dissesse que ia partir; e a menina levava duas semanas aguardando sua volta. Fora do dormitório da Elizabeth seu pai embalava em seus braços a uma gritã Saoirse de um mês tratando de consolá-la e acalmá-la.

—Ea, ea, pequena, não chore mais...

Às vezes dizia essas tenras palavras em tom mais alto e logo baixava a voz enquanto caminhava de um lado ao outro da casa na noite avançada. No exterior o vento uivava e penetrava assobiando pelas frestas das janelas e as fechaduras das portas. Uma vez dentro, corria e dançava pelas habitações mofando-se da Elizabeth, chateando-a e lhe fazendo cócegas sem ter em conta que estava tombada na cama com as mãos nos ouvidos e as bochechas cobertas de lágrimas.

Os choros do Saoirse se fizeram mais agudos, as súplicas do Brendan mais apuradas e Elizabeth se tampou a cabeça com o travesseiro.

—Por favor, Saoirse, deixa já de chorar—rogou seu pai, que tratou de entoar a canção de ninar que a mãe da Elizabeth sempre cantava a suas filhas. Elizabeth se apertou mais as orelhas com as mãos, mas mesmo assim seguiu ouvindo os chiados do Saoirse e a desafinada melodia que cantava seu pai.

—Quer uma mamadeira? —perguntou seu pai com ternura ao bebê que não deixava de chiar—. Não? me diga, carinho, o que te passa? —perguntou com voz causar pena—. Eu também a estranho, carinho, eu também a estranho. —E ele também pôs-se a chorar.

Saoirse, Brendan e Elizabeth choraram juntos pelo Gránnie, mas os três se sentiam muito solos na casa açoitada pelo vento.

De repente uns faróis surgiram ao final do caminho. Elizabeth se desentupiu e se sentou no bordo da cama, tremente de emoção. Era sua mãe. Tinha que sê-lo. Quem mais ia até ali às dez da noite? Elizabeth ficou a saltar na cama presa de uma imensa alegria.

O carro se deteve diante da casa, a portinhola se abriu e Elizabeth viu baixar a Kathleen, a irmã do Gránnie. Deixando a portinhola aberta, os faróis acesos e os limpador de pára-brisas em marcha, Kathleen se dirigiu com passo decidido à grade, abriu-a fazendo-a chiar e chamou esmurrando a porta.

Brendan a acolheu na soleira com a chorosa Saoirse em seus braços. Elizabeth correu à porta de sua habitação e pelo olho da fechadura espiou o que ocorria na entrada.

—Está aqui? —inquiriu Kathleen a bocajarro sem saudar.

—Chiss —disse Brendan—, vais despertar a Elizabeth.

—Como se não estivesse acordada com estes berros. O que lhe tem feito a esta pobre criatura? —perguntou com incredulidade.

—A menina sente falta da sua mãe —respondeu Brendan levantando a voz—. Como todos nós —adicionou em um tom mais amável.

—Dêem me ordenou isso Kathleen.

—Está empapada —resmungou Brendan apartando-se e estreitando com mais força a sua filhinha.

—Está aqui? —perguntou de novo Kathleen com voz ainda zangada. Seguia plantada na soleira da porta principal. Não tinha pedida permissão para entrar nem a tinham convidado a fazê-lo.

—Claro que não está aqui. —Brendan embalava ao Saoirse procurando acalmar—. Acreditava que lhe tinha levado isso a esse sítio mágico onde a foram curar para sempre —disse com amargura.

—supunha-se que era um dos melhores sítios, Brendan, melhor que os outros, ao menos. —E acrescentou entre dentes—: O caso é que se foi.

—Ido? O que significa que se foi?

—Esta manhã não estava em sua habitação. Ninguém a viu partir.

—Sua mãe tem o cacoete de desaparecer de noite —disse Brendan zangado arrulhando ao Saoirse—. Bom, se não estar onde a enviou, não terá que procurar muito longe daqui. Seguro que não está no Flanagan's?

Elizabeth abriu muito os olhos e afogou um grito. Sua mãe estava ali, em Dance na gCroíthe; não se tinha partido depois de tudo.

Em meio da breve pausa que seguiu ao amargo diálogo, Saoirse reatou seus choros.

—Por todos os Santos, Brendan, quer fazê-la calar? —queixou-se Kathleen—. Sabe que posso ficar com as meninas. Poderiam viver comigo e com o Alan em...

—São minhas filhas e não me vais tirar isso como fez com o Gránnie —bramou Brendan. Saoirse deixou de chorar.

fez-se um prolongado silêncio.

—te largue daqui—disse Brendan fracamente, como se seu anterior arrebatamento lhe tivesse quebrado a voz.

A porta principal se fechou e Elizabeth olhou pela janela e viu como Kathleen fechava a grade de uma portada e subia ao carro. Este saiu disparado e os faróis se desvaneceram ao longe junto com as esperanças da Elizabeth de ir-se com ela a ver sua mãe.

Embora conservou um raio de esperança. Seu pai tinha mencionado Flanagan'S. Elizabeth sabia onde estava, já que passava por diante cada dia caminho da escola. Faria a mala, encontraria a sua mãe e viveria com ela longe de seu pai e seu hermanita grialhã, e juntas sairiam diariamente em busca de aventuras.

O trinco de sua porta girou e Elizabeth se mergulhou na cama e fingiu estar dormida. Mantendo os olhos bem fechados decidiu que assim que seu pai se fora à cama, ela se iria ao Flanagan'S.

Sairia às escondidas de noite, igual a sua mãe.

—Seguro que isto vai dar resultado?

Apoiada contra a parede da sala do hospital, Opal juntava e separava as trementes mãos com que se oprimia o estômago, cheia de inquietação. Ivan a olhou com incerteza.

—Merece a pena tentá-lo —disse.

Através do cristal do corredor viam o Geoffrey em sua habitação individual. Estava conectado a um respirador artificial, com a boca tampada por uma máscara de oxigênio, rodeado de artefatos que apitavam e de cabos que lhe saíam do corpo e que se uniam a umas máquinas. Em meio de todo aquele agitação seu corpo jazia quieto e em calma enquanto o peito lhe subia e baixava ritmicamente. Opal e Ivan estavam imersos nesse som estranho e inquietante que só se ouvia nos hospitais, o som da espera, de estar entre dois lugares fora do tempo.

Assim que as enfermeiras que atendiam ao Geoffrey abriram a porta para partir, Opal e Ivan entraram na habitação.

—Já a tem aqui —disse Olivia do flanco da cama do Geoffrey ao ver entrar no Opal.

Os olhos do Geoffrey se abriram em seguida e começaram a olhar em redor com frenesi por toda a habitação.

—Está a sua esquerda, querido, sustenta-te a mão —disse Olivia com ternura.

Geoffrey tentou falar, mas a máscara lhe amortecia e deformava a voz. Opal se tampou a boca com

a mão, os olhos lhe arrasaram de lágrimas e a contração de sua garganta se fez visível. Só Olivia podia entender aquela linguagem, as palavras de um homem agonizante.

Olivia assentia com a cabeça enquanto lhe falava. Quando Geoffrey se deteve, lhe saltaram as lágrimas e se dispôs a transladar sua mensagem. Então Ivan se viu incapaz de permanecer na habitação.

—Há-me dito que te dissesse que o coração lhe doeu cada momento que estivestes separados, querida Opal —anunciou Olivia.

Ivan saiu da habitação pela porta aberta e caminhou tão depressa como pôde pelo corredor em direção à rua.

Capítulo 37

Em Fúcsia Lane, um aguaceiro golpeava os cristais do dormitório da Elizabeth como se chovessem calhaus. O vento começou a esquentar suas cordas vocais preparando-se para a noite e Elizabeth, agasalhada na cama, retrocedeu no tempo até a vez em que saiu à larga noite invernal em busca de sua mãe.

Tinha metido umas poucas coisas na mochila da escola; roupa interior, duas saias e dois jerséis, o livro que lhe desse de presente sua mãe e seu osito de peluche. No cofre tinha encontrado 4 libras com 42 peniques e depois de ficar o impermeável em cima de seu vestido floreado predileto e de calçar-se suas botas de água vermelhas saiu de noite fria. Saltou a mureta do jardim para evitar que o ruído da grade alertasse a seu pai, que naquela época dormia com um olho aberto, como o cão da granja. manteve-se aproximada aos sebes para não ser divisada no meio do caminho reto. O vento agitava os ramos que lhe arranhavam o rosto e as pernas, e os beijos molhados das folhas empapadas lhe roçavam a pele. Aquela noite soprava um vendaval terrível que lhe açoitava as pernas e o fazia arder as orelhas e as bochechas. Arremetia contra seu rosto com tanta fúria que lhe cortava a respiração. Em questão de minutos teve os dedos, o nariz e os lábios intumescidos e o corpo gelado até os ossos, mas a perspectiva de ver sua mãe aquela noite a fez seguir adiante. E adiante seguiu.

Vinte minutos depois chegou à ponte de Baile na gCroítthe. Nunca tinha visto o povo às onze da noite; era como um povo fantasma, escuro, vazio e silencioso, como se estivesse a ponto de ser testemunha de algo do que jamais ia dizer uma palavra, dirigiu-se muito nervosa ao Flanagan's sem sentir o ataque do frio, só pura euforia ante a emocionante perspectiva de reunir-se com sua mãe. antes de ver o pub, ouviu os sons que emergiam do local. O Flanagan's e o Camel's Hump eram as únicas casas do povo que tinham as luzes acesas. Por uma janela aberta saíam flutuando as notas do piano, o violino e o badhrán, assim como uma melodia entoada a voz em pescoço entre as gargalhadas do público e ocasionais gritos e ovações. Elizabeth riu para seus adentros; parecia que ali todos o estavam passando em grande.

Diante do pub viu estacionado o carro da tia Kathleen e automaticamente Elizabeth apertou o passo. A porta da rua estava aberta e dava a um pequeno vestíbulo, mas a porta do pub, com cristais chumbados e tudo, estava fechada. Elizabeth se deteve sob a marquise para sacudi-la chuva do impermeável; pendurou-o junto aos guarda-chuva no percher da parede. Tinha o negro cabelo empapado e o nariz avermelhado lhe gotejava. A chuva as tinha engehado para meter-se o nas botas, de modo que as pernas lhe tremiam de frio e os pés, banhados em água, produziam leves lhe chape isso com cada passo que dava.

O piano se calou de repente e o folgado dos paroquianos sobressaltou a pobre Elizabeth.

—Venha, Gránnie, canta outra —gritou um homem com voz pastosa e outros lhe aclamaram.

À menina o coração deu um tombo para ouvir o nome de sua mãe. Estava dentro! Era uma cantor maravilhosa. Sempre andava cantarolando pela casa, improvisando para si mesmo canções de ninar e canções infantis, e pelas manhãs a Elizabeth adorava ficar na cama e escutar a sua mãe cantarolar pelas habitações da casa. Mas a voz que agora rompeu o silêncio seguida pelos grosseiros vícios dos bêbados não era a doce voz de sua mãe que tão bem conhecia.

Em Fúcsia Lane Elizabeth abriu os olhos de repente e se incorporou na cama. Fora o vento uivava como um animal ferido. O coração o martilleaba no peito; tinha a boca seca e o corpo suarento, desentupiu-se de um puxão, agarrou as chaves do carro da mesita de noite, baixou a escada correndo, cobriu-se os ombros com o impermeável e saiu da casa a toda pressa em busca do carro. Ao notar as frite gotas de chuva recordou por que detestava tanto notar que a chuva lhe caísse na cara: recordava-lhe aquela noite desgraçada. Correu até o carro tremendo enquanto o vento lhe lançava o cabelo contra os olhos e as bochechas e ao sentar-se atrás do volante toda ela já estava jorrando.

Os limpador de pára-brisas se agitavam freneticamente enquanto conduzia pelas estradas escuras. Ao cruzar a ponte se encontrou frente ao povo fantasma. Todo mundo se tinha encerrado a resguardo do temporal em suas casas e albergues. Além do Flanagan's e o Camel's Hump não havia vida noturna. Elizabeth estacionou o carro e se apeou na calçada de em frente do Flanagan'S. Alheia à chuva fria ficou olhando o edifício do outro lado da rua, recordando. Recordando aquela noite.

As palavras da toada que cantava a mulher feriam a sensibilidade da Elizabeth. Era uma canção grosseira, com letra de péssimo gosto que as inflexões da cantor faziam ainda mais obscena. Tudo aqueles palavrões que seu pai lhe tinha ensinado a não dizer eram recebidas com aplausos por aquele rebanho de brutos bêbados como cubas, ficou nas pontas dos pés para olhar através do vermelho cristal de uma janela chumbada a fim de descobrir a que espantosa mulher pertencia a voz rouca que interpretava tão asquerosa canção. Estava segura de que sua mãe estaria sentada com a Kathleen, absolutamente indignada.

O coração lhe subiu à garganta e lhe cortou a respiração, pois em cima do piano de madeira estava sentada sua mãe, que abria a boca e soltava todas aquelas palavras repugnantes. Levava uma saia que Elizabeth não lhe conhecia levantada até as coxas e a seu redor um punhado de homens a animavam com lascívia, brincando e rendo enquanto ela rebolava e adotava posturas que Elizabeth nunca tinha visto em nenhuma outra mulher.

—Vamos, vamos, meninos, lhes acalme um pouco —gritou o jovem Flanagan desde detrás da barra.

Sem lhe fazer caso, os homens seguiram lançando olhadas luxuriosas à mãe da Elizabeth.

—Mamãe —choramingou Elizabeth.

Elizabeth cruzou devagar a rua para o pub Flanagan's; o coração lhe pulsava pelo agudo da lembrança. Tendeu o braço e empurrou a porta para abri-la. Atrás do mostrador, o senhor Flanagan levantou a vista e lhe dedicou um sorriso contido, como se esperasse vê-la.

A pequena Elizabeth tendeu o braço e com mão insegura empurrou a porta do bar para abri-la. O cabelo molhado lhe gotejava pela cara. O lábio inferior lhe tremia. Seus grandes olhos castanhos percorreram com pânico o local ao ver que um homem se dispunha a tocar a sua mãe.

—Deixa-a em paz! —gritou Elizabeth em voz tão alta que na sala se fez o silêncio. Sua mãe deixou de cantar e todas as cabeças se voltaram para a menina plantada junto à porta.

No rincão onde estava sua mãe os bêbados estalaram em gargalhadas. As lágrimas apareceram nos aterrados olhos da Elizabeth.

—Búa, buá, buá...! —mofou-se sua mãe fazendo-se ouvir por cima de outros—. Vão todos a salvar a mamãe, não é isso? —disse com voz pastosa. Cravou os olhos na Elizabeth. Tinha-os injetados em sangue e escuros, sem o menor parecido com os olhos que Elizabeth recordava tão bem; pertenciam a outra pessoa.

—Mierda —amaldiçoou Kathleen levantando-se de um salto no outro extremo do bar para correr junto à Elizabeth—. O que está fazendo aqui?

—Eis vê-ve-venido —gaguejou Elizabeth no local agora silencioso olhando esmagada a sua mãe —, vim a procurar mamãe para ir a viver com ela.

—Bom, pois não está aqui—chiou sua mãe—. te Largue! —Assinalou-a com um dedo acusador—. Não se permite a entrada de ratos molhados neste pub —adicionou com uma risada maliciosa, e quis apurar sua taça de um gole, mas não acertou a levar-lhe à boca e quase toda a bebida lhe caiu sobre o peito e o pescoço substituindo o aroma de seu delicado perfume pelo do uísque.

—Mas, mamãe... —choramingou Elizabeth.

—Mas, mamãe —a imitou Gránnie e uns quantos homens riram—. Não sou sua mamãe —prosseguiu com aspereza apoiando-se nas teclas do piano, que emitiram um som desagradável—. As pequenas Elis molhadas não merecem ter mamãe. Deveriam lhes envenenar a todas —espetou.

—Kathleen! —gritou o senhor Flanagan—, a que esperas? Tira a daqui. Não deveria estar vendo isto.

—Não posso —respondeu Kathleen como cravada em seu sítio—. Tenho que vigiar ao Gránnie, tenho que me levar isso comigo.

O senhor Flanagan abriu a boca, escandalizado.

—Não vê como está a menina?

A pele olivácea da Elizabeth tinha empalidecido. Tinha os lábios morados de frio e lhe tocavam castanholas os dentes. A umidade lhe pegava ao corpo o vestido floreado e as pernas lhe tremiam dentro das botas de borracha.

Kathleen olhou alternativamente a Elizabeth e ao Gránnie, apanhada entre ambas.

—Não posso, Tom —disse entre dentes.

Tom a olhou zangado.

—Terei a decência de acompanhá-la a casa eu mesmo.

Agarrou um chaveiro de debaixo da barra e pôs-se a andar para reunir-se com a Elizabeth.

—Não! —gritou Elizabeth. depois de jogar uma olhada a sua mãe que, aborrecida já da cena, entregou-se aos braços de um desconhecido, a menina se voltou para a porta e saiu correndo outra vez de noite fria.

Elizabeth ficou junto à porta do bar; tinha o cabelo jorrando, as gotas de chuva lhe deslizavam pela frente até a ponta do nariz, os dentes lhe tocavam castanholas e sentia os dedos intumescidos. Os ruídos do local não eram os mesmos. Dentro não se ouvia música, nada de vítores nem ovações, nenhuma canção, só o tinido de algum copo e o murmúrio das conversações. Unicamente havia cinco clientes naquela tranqüila noite de terça-feira.

Um avejentado Tom seguia sem lhe tirar os olhos de cima.

—Minha mãe... —disse Elizabeth levantando a voz da porta. A voz infantil que lhe saiu a pilhou despreparada— era uma alcoólica.

Tom assentiu com a cabeça.

—Vinha aqui freqüentemente?

Tom assentiu de novo.

—Mas havia semanas —ela tragou saliva—, semanas seguidas nas que não se movia de casa.

A voz do Tom foi amável.

—Era o que está acostumado a chamar uma bebedora farrista.

—E meu pai... —Elizabeth fez uma pausa pensando em seu pobre pai, que aguardava noite detrás noite em casa—, meu pai sabia.

—A paciência de um santo —disse Tom.

Elizabeth passeou a vista pelo pequeno bar, o mesmo velho piano que seguia em seu rincão. Quão único tinha trocado no estabelecimento era a idade de tudo o que continha.

—Aquela noite... —disse Elizabeth e lhe arrasaram os olhos de lágrimas—, quero lhe dar as obrigado.

Tom se limitou a assentir com pesadumbre.

—tornou a vê-la após? —perguntou ela

Tom negou com a cabeça.

—E crie... acredita que a verá? —perguntou Elizabeth com a voz um pouco rota.

—Não nesta vida, Elizabeth —respondeu Tom lhe confirmando o que sempre tinha sabido no mais fundo de seu ser.

—Papai... —sussurrou Elizabeth para si e se foi do bar para retornar de noite fria.

A pequena Elizabeth se afastou correndo do pub; notava cada gota de chuva que açoitava seu corpo, a dor no peito cada vez que inalava ar frio, e a água que lhe salpicava as pernas ao pisar nos atoleiros. Corria para casa.

Elizabeth subiu ao carro dando um pequeno salto e saiu a toda velocidade do povo para o caminho reto que conduzia à morada de seu pai. Uns faróis que vinham de frente a obrigaram a dar marcha atrás e aguardar a que o carro passasse antes de continuar sua viagem.

Seu pai o tinha sabido todo este tempo e nunca lhe havia dito nada. Não tinha querido destroçar suas ilusões a respeito de sua mãe, a quem ela tinha tido sempre em um pedestal. Tinha-a considerado um espírito livre e a seu pai tinha tido por uma força opressiva, como um caçador de

mariposas. Tinha que lhe ver quanto antes para desculpar-se, para pôr as coisas em seu sítio.

Enfiou de novo o caminho e se topou com um trator que avançava para ela soprando, coisa inaudita a tão altas horas. Retrocedeu uma vez mais até a entrada do caminho. Mas sua crescente impaciência a empurrou a abandonar o carro e a ficar a correr. Correu tanto como pôde pelo caminho que a levava a casa.

—Papai —soluçava a pequena Elizabeth enquanto corria pelo caminho de sua casa. Chamava-o com voz cada vez mais forte e pela primeira vez aquela noite o vento a ajudou transladando suas palavras até a moradia, acendeu-se uma luz, logo outra e viu que se abria a porta principal.

—Papai! —gritou ainda mais forte e correu ainda mais depressa.

Brendan estava sentado ante a janela do dormitório tomando a sorvos uma taça de chá com a vista perdida na noite escura, esperando com toda sua alma que a visão que estava aguardando se dignasse aparecer. Tinha-as afugentado a todas, fazia exatamente o contrário do que desejava e ele era o único culpado. Quão único podia fazer era esperar. Esperar a que uma de suas três mulheres aparecesse. Embora uma delas, o tinha sabor de ciência certa, nunca poderia nem quereria retornar.

Um movimento ao longe atraiu sua atenção e se endireitou no assento como um cão guardião. Uma mulher corria para ele, sua juba negra flutuava atrás dela, sua imagem se apagava por culpa da chuva que arremetia contra a janela e jorrava pelo cristal.

Era ela.

A taça e o pires lhe caíram ao chão e se levantou derrubando a cadeira para trás.

—Gránnie —sussurrou.

Agarrou o fortificação e se dirigiu, tão depressa como lhe permitiram as pernas, à porta principal. Abriu-a e forçou a vista na noite tormentosa para ver sua esposa.

Ouviu os longínquos ofegos da mulher que corria.

—Papai —lhe ouviu dizer.

Não, impossível que estivesse dizendo isso, seu Gránnie não diria isso.

—Papai —ouviu soluçar outra vez.

Esses sons lhe fizeram retroceder mais de vinte anos no tempo. Era sua menina, sua menina que

corria outra vez para casa sob a chuva porque lhe necessitava.

—Papai! —voltou a gritar Elizabeth.

—Estou aqui —respondeu Brendan, em voz baixa ao princípio e logo a voz em pescoço—. Estou aqui!

Ouviu que sua filha chorava, viu-a abrir a grade lhe chiem, imersão até os ossos, e tal como fizesse vinte anos atrás tendeu os braços para recebê-la com um forte abraço.

—Estou aqui, não se preocupe —a tranqüilizou lhe dando tapinhas na cabeça e balançando-a—. Papai está aqui.

Capítulo 38

O dia do aniversário da Elizabeth, seu jardim parecia a cena do lanche do Chapeleiro Louco no País das Maravilhas. Tinha disposto uma mesa larga no meio do jardim decorada com uma toalha vermelha e branca. Cobrindo cada centímetro da mesa havia um fabuloso desdobramento de fontes com salsichas de aperitivo, batatas fritas, ganchitos ao queijo, picos de pão, molhos, emparedados, saladas, frios e doces. O jardim estava podado a consciência, tinham plantado flores novas e o ar cheirava a erva recém atalho mesclado com o aroma procedente do rincão do andaime. O dia era caloroso, o céu de um azul anil sem uma nuvem à vista, as colinas dos arredores de um intenso verde esmeralda, as ovelhas que nelas pastavam pareciam flocos de neve e ao Ivan doía no mais vivo ter que abandonar um lugar tão formoso e às pessoas que havia nele.

Elizabeth saiu apressada da cozinha.

—Ivan, alegre-me muito que tenha vindo.

—Obrigado. —Ivan sorriu e se voltou para saudá-la—. Caramba, está preciosa! —ficou boquiaberto. Elizabeth levava um singelo vestido do verão de linho branco que realçava com soma elegância o tom oliváceo de sua pele; luzia a larga juba ligeiramente frisada e solta por cima dos ombros—. Date uma volta para que te veja bem —disse Ivan, ainda surpreso por seu aspecto. Seus rasgos se suavizaram e tudo nela parecia mais amável.

—Deixei de dar voltas ante os homens aos oito anos. E basta de me olhar embevecido, há muito que fazer —lhe espetou ela.

Bom, possivelmente não tudo nela fosse mais amável.

Elizabeth jogou uma olhada ao jardim com os braços em jarras como se estivesse de patrulha.

—Bem, deixa que te ensine como o organizei.

Agarrou ao Ivan do braço e atirou dele para a mesa.

—Quando os convidados entrem pela grade lateral virão primeiro aqui. Recolherão os guardanapos, pratos e talheres e continuarão por aí. —Avançou sem lhe soltar o braço e falando depressa—. Quando chegarem aqui, você estará detrás deste andaime em que assará o que escolham desta seleção. —Assinalou uma mesa auxiliar com fontes cheias de carne—. a da esquerda é a carne de soja e a da direita a normal. Não as confunda.

Ivan abriu a boca para protestar, mas ela levantou um dedo e prosseguiu.

—Então, depois de agarrar um pãozinho, passarão às saladas. Por favor, note em que os molhos para os hambúrgueres são estas daqui.

Ivan agarrou uma azeitona e Elizabeth, sem deixar de falar, deu-lhe uma palmada na mão fazendo que jogasse de novo à terrina.

—As sobremesas estão aqui, o chá e o café aqui, o leite orgânico na jarra da esquerda, a normal na da direita, o asseio entrando por essa porta à esquerda e ponto. Não quero que vão daqui para lá por toda a casa, entendido?

Ivan assentiu com a cabeça.

—Alguma pergunta?

—Só uma. —Agarrou uma azeitona e a meteu na boca sem lhe dar tempo a arrebatá-la por que me conta todo isto?

Elizabeth pôs os olhos em branco.

—Porque —se secou as mãos suarentas com um guardanapo— nunca dei uma recepção como esta e posto que você é quem me colocou neste berenjenal, terá que me ajudar.

Ivan se pôs-se a rir.

—Elizabeth, fará-o o mar de bem, mas te asseguro que me pôr a cargo do andaime não é uma boa idéia.

—por que? É que não fazem andaimes no Aisatnaf? —perguntou Elizabeth com sarcasmo.

Ivan fez caso omissivo de seu comentário.

—Ouça, hoje não necessita regras nem horários. Deixa que a gente faça o que queira, que perambularem pelo jardim, que alternem com todo mundo e que escolham o que queiram comer por si mesmos. Que mais dá se começarem pelo bolo de maçã?

Elizabeth se mostrou horrorizada.

—Começar pelo bolo de maçã? —respondeu balbuciando—. Mas se estiver na outra ponta da mesa. Não, Ivan, tem que lhes dizer onde começa e acaba a cauda. Não me dará tempo. —dirigiu-se pressurosa para a cozinha—. Papai, espero que não te esteja comendo todas as salsichas de

aperitivo aí dentro —gritou.

—Papai? —Ivan abriu uns olhos como pratos—. veio?

—Sim. —Elevou os olhos como pedindo paciência, mas Ivan teve claro que era pura comédia—. Menos mal que estiveste fora estes últimos dias, pois me encontrei imersa em segredos de família, lágrimas, rupturas e reconciliações. Mas vamos progredindo.

relaxou-se um instante e sorriu ao Ivan. Mas quando soou o timbre, deu um coice e lhe contraiu o rosto de pânico.

—te acalme, Elizabeth! —riu Ivan.

—Pela entrada lateral! —gritou Elizabeth ao visitante.

—antes de que cheguem queria te fazer um presente —disse Ivan alargando o braço que tinha escondido detrás das costas. Entregou-lhe um guarda-chuva vermelho muito grande e Elizabeth enrugou a frente confundida.

—É para te proteger da chuva —explicou Ivan em voz baixa—. Te tivesse vindo bem a outra noite, suponho.

A frente da Elizabeth se limpou ao compreendê-lo.

—É todo um detalhe por sua parte, obrigado. —Abraçou-o. Levantou a cabeça de repente—. Mas como é que sabe o da outra noite?

Benjamin apareceu na grade com um buquê de flores e uma garrafa de vinho.

—feliz aniversário, Elizabeth.

Elizabeth girou em redondo e as bochechas lhe ruborizaram. Não lhe tinha visto desde aquele dia na obra depois de que Ivan pintasse em sua parede persumido amor por ele com grandes letras vermelhas.

—Obrigado —respondeu Elizabeth indo a seu encontro.

Benjamin lhe deu os presentes e Elizabeth as viu e desejou para sustentá-los sem soltar o guarda-chuva. Benjamin reparou no guarda-chuva e riu.

—Acredito que hoje não vais necessitar isso.

—Ah, isto? —Elizabeth ficou ainda mais tinta—. É um presente do Ivan.

Benjamin arqueou as sobrancelhas.

—Sério? As faz acontecer canutas, verdade? Estou começando a pensar que há algo entre vós dois.

Elizabeth não permitiu que seu sorriso titubeasse. Ou ao menos isso desejou.

—O certo é que anda por aqui. Possivelmente finalmente poderei lhes apresentar como é devido.

Procurou o Ivan com o olhar pelo jardim ao tempo que se perguntava por que Benjamin sempre a encontrava tão graciosa.

—Ivan?

Elizabeth me estava chamando.

—Sim —respondi sem deixar de ajudar ao Luke a ficar seu chapéu de festa.

—Ivan? —chamou Elizabeth outra vez.

—Sííí —disse com impaciência me pondo de pé e olhando-a. Seus olhos não se posaram em mim, mas sim seguiram me buscando pelo jardim.

O coração me deixou de pulsar; juro que notei como se detinha. Respirei profundamente e procurei não me deixar levar pelo pânico.

—Elizabeth —disse com voz tão tremente e distante que apenas me reconheci mesmo.

Não se voltou.

—Não entendo onde se colocou —disse—. Estava aqui faz um momento. —Parecia zangada—. Se supõe que tinha que preparar o andaime.

Benjamin voltou a rir.

—Que oportuno. Bom, é uma maneira muito sutil de me pedir que me eu encarregue, mas o farei encantado, não se preocupe.

Elizabeth lhe olhou confundida, sumida em seus pensamentos.

—Bem, obrigado —disse me buscando ainda com o olhar.

Observei como Benjamin ficava o avental e Elizabeth o explicava tudo. Mas o observava tudo desde fora, sem formar já parte da cena. A gente começou a chegar e à medida que o volume subia,

as vozes e risadas foram em aumento e o aroma de comida se fazia mais forte, notei um ligeiro atordoamento. Vi como Elizabeth obrigava ao Joe a provar um pouco de seu café temperado enquanto todos outros olhavam e riam; vi como Elizabeth e Benjamin juntavam as cabeças para dizer um segredo e logo punham-se a rir; observei como o pai da Elizabeth, de pé ao fundo do jardim, contemplava com nostalgia as ondulantes colinas como se aguardasse a volta de sua outra filha; observei como a senhora Bracken e seus amigas se aproximavam da mesa das sobremesas e se serviam outra parte de bolo quando acreditavam que ninguém as estava olhando.

Mas eu as vi. Eu o via tudo.

Era como um visitante em um museu de arte: plantado diante de um quadro matizado tratava de lhe dar sentido, encantado e desejoso de saltar dentro e passar a formar parte dele. Vi-me empurrado pouco a pouco para um rincão do jardim. A cabeça me dava voltas e os joelhos me fraquejavam.

Vi como Luke saía da cozinha com o bolo de aniversário da Elizabeth ajudado pelo Poppy, e animava a todos a cantar Aniversário feliz enquanto Elizabeth se ruborizava surpreendida e envergonhada. Vi-a me buscar uma vez mais com o olhar sem me encontrar, vi-a fechar os olhos, pedir um desejo e soprou as velas como a menina que nunca celebrou a festa de seu decimosegundo aniversário e que o estava vivendo tudo agora. Isso me levou a pensar no que Opal havia dito a propósito de que eu nunca cumpria anos, que não me fazia major enquanto que Elizabeth o fazia dia detrás dia e ano detrás ano. Os convidados sorriram e deram vivas quando soprou as velas, que para mim representavam o passado do tempo, e ao apagar as titilantes llamas ela extinguiu o último espionho de esperança que ficava dentro de mim. Representavam o que nos impedia de estar juntos e me partiu o coração. A alegre concorrência celebrava o aniversário enquanto eu me compadecia e não podia evitar ser mais consciente que nunca de que a cada minuto que transcorria Elizabeth se ia fazendo maior. Eu simplesmente notava o passado do tempo.

—Ivan! —Elizabeth me agarrou por detrás—. Onde te colocaste durante a última hora? Estive-te procurando por toda parte!

O fato de que me visse me deixou tão aturdido que quase não pude falar.

—estive aqui todo o dia —disse fracamente, saboreando a cada segundo que seus olhos castanhos olhavam meus.

—Não é verdade. passei por aqui ao menos cinco vezes e não estava. Encontra-te bem? —perguntou preocupada—. Está muito pálido. —Tocou-me a frente—. comeste algo?

Neguei com a cabeça.

—Acabo de esquentar pizza; deixa que te traga um pouco, vale? Do que a quer?

—Que tenha azeitonas, por favor. as de azeitonas são com muito meus favoritas.

Elizabeth entreabriu os olhos e me estudou com curiosidade, me olhando de cima abaixo. Lentamente disse:

—Bom, vou procurar a, mas não volte a desaparecer. Quero te apresentar a umas pessoas, de acordo?

Assenti com a cabeça.

Momentos depois veio apressada com uma parte maior de pizza. Cheirava tão bem que meu estômago gritou de alegria, e isso que eu acreditava que não estava faminto. Tendi as mãos para agarrar aquele aprimoramento, mas seus olhos castanhos se obscureceram, seu rosto se escureceu e apartou o prato.

—Maldita seja, Ivan, onde te colocaste agora? —resmungou me buscando com o olhar pelo jardim.

Para então meus joelhos estavam tão fracos que já não me vi com ânimo de me sustentar de pé; deixei-me cair sobre a erva com as costas contra a parede da casa e apoiei os cotovelos nos joelhos.

Ouvi um leve sussurrou em meu ouvido, senti o quente fôlego que cheirava a doces do Luke.

—Está ocorrendo, verdade?

Só pude assentir com a cabeça.

Esta é a parte onde termina a diversão. Esta parte não é, nem muito menos, meu favorita.

Capítulo 39

Cada passo que dava me parecia um quilômetro: notava baixo as reveste cada pedra e cada calhau, e sentia como transcorria a cada segundo. Por fim cheguei ao hospital, esgotado e exausto. Ainda havia uma amiga que me necessitava.

Sem dúvida Olivia e Opal leram meu estado de ânimo em meu rosto quando entrei na habitação; perceberam as cores escuras que emanavam de meu corpo, o gesto decaído de meus ombros, que revelava que todo o peso de quanto flutuava no ambiente de súbito tinha decidido instalar-se sobre eles. Soube pelo olhar de seus olhos cansados que ambas sabiam. É obvio que sabiam: isso formava parte de nosso trabalho. Ao menos duas vezes ao ano todos nós entrávamos em relação com pessoas especiais que consumiam nossos dias e nossas noites e todos nossos pensamentos, e cada vez tínhamos que acontecer o processo de perder a cada uma dessas pessoas. Ao Opal gostava de nos dizer que não era que nós as perdêssemos, mas sim elas saíam adiante. Embora nada me convencia de que não estivesse perdendo a Elizabeth. Como eu não exercia nenhum controle, não era capaz de fazer que se aferrasse para mim, que me seguisse vendo, ela me escorria entre os dedos. O que ganhava eu? O que conseguia? Cada vez que me separava de um amigo ficava tão solo como o dia antes de lhe conhecer e, no caso da Elizabeth, mais solo ainda, porque sabia que me estava perdendo a possibilidade de algo muito mais completo. E hei aqui a pergunta dos sessenta e quatro milhões de dólares: o que obtêm nossos amigos com isso?

Um final feliz?

Cabia considerar um final feliz a situação em que se encontrava Elizabeth? Responsável por obrigação de um menino de seis anos, preocupada com sua irmã desaparecida, por uma mãe que a tinha abandonado e um pai complicado? Acaso sua vida não era exatamente igual a quando eu apareci?

Embora me figuro que aquele não era o final da Elizabeth. «Recorda os detalhes», diz-me sempre Opal. Suponho que o que tinha trocado na vida da Elizabeth era sua mente, sua maneira de pensar. Quão único tinha feito eu era plantar a semente da esperança; ela sozinha se bastava para ajudá-la a crescer. E posto que estava começando a me perder de vista, possivelmente a semente estivesse recebendo seus cuidados.

Sentei-me em um rincão da habitação do hospital olhando ao Opal obstinada às mãos do Geoffrey como se estivesse pendurada ao bordo de um precipício. Possivelmente o estivesse. Seu rosto refletia que estava tentando, pela mera força de sua vontade, que tudo fora como tinha sido antigamente; arrumado a que ali mesmo teria vendido sua alma ao diabo com tal de recuperar a seu

amado. Nesse momento teria ido e voltado do inferno só por ele, teria se enfrentado a todos e cada um de seus próprios temores.

As coisas que fazemos para retroceder no tempo.

As coisas que não fazemos quando se apresenta a ocasião das fazer.

Era Olivia a que pronunciava as palavras do Opal. Geoffrey já não podia falar. Ao Opal tremia o lábio inferior e suas lágrimas escorregavam por seu rosto até cair nas mãos do Geoffrey. Não estava disposta a deixar que se fora. Nunca se tinha desprendido dele e agora era muito tarde, estava-se partindo sem lhe brindar uma segunda oportunidade.

Estava-o perdendo.

Nesse momento a vida me pareceu tenebrosa. Tão deprimente como a pintura azul esquartejada nas paredes construídas para sustentar um edifício.

Geoffrey levantou devagar uma mão; saltava à vista que estava fazendo provisão de todas suas forças. Esse movimento surpreendeu a todos, posto que levava dias sem falar nem reagir a nenhum estímulo. Ninguém estava tão assombrado como Opal, quem de repente sentiu o roce de sua mão no rosto enquanto lhe enxugava as lágrimas. Um contato depois de vinte anos. Por fim podia vê-la. Opal beijou aquela mão de grandes dimensõe que abrangeu a carita dela para confortá-la naquele transe feito de comoção, alívio e pesar.

Geoffrey emitiu o suspiro final, seu peito se inchou por última vez e se afundou; a mão caiu sobre o leito.

Opal o tinha perdido e me perguntei se ela ainda se diria a si mesmo que Geoffrey simplesmente tinha saído adiante.

Justo então decidi que devia controlar meu momento final. Tinha que lhe dizer adeus a Elizabeth como era devido, lhe contar a verdade sobre mim para que não pensasse que tinha fugido abandonando-a a sua sorte. Não, isso lhe teria facilitado muito as coisas a Elizabeth; lhe teria proporcionado uma desculpa para não voltar a amar nunca mais. E ela desejava amar outra vez. Eu não queria que ela, igual a Geoffrey, aguardasse para sempre minha volta para terminar morrendo como uma anciã solitária.

Olivia me olhou com um gesto alentador quando me levantei e beijei ao Opal no alto da cabeça. Esta seguia sentada com o rosto fundo na cama; ainda agarrava a mão do Geoffrey e gemia tão alto que soube que era o som de seu coração ao romper-se. Até que saí ao ar frio da rua não me dava conta de que estava chorando a lágrima viva.

Pus-se a correr.

Elizabeth estava sonhando. achava-se em uma habitação branca e vazia pela que dançava enquanto ia orvalhando e salpicando pintura de diferentes cores a seu redor. Cantava a canção que não tinha sido capaz de tirar-se da cabeça durante os dois últimos meses e se sentia ditosa e livre ao saltar pela sala e observar como a pintura espessa e pastosa se estrelava contra as paredes com sonoros plafs.

—Elizabeth —sussurrou uma voz.

Ela seguiu dando voltas pela habitação. Ali não havia ninguém mais.

—Elizabeth —sussurrou a voz e ela começou a balançar-se brandamente ao dançar.

—Mmm? —respondeu do mais contente.

—Acordada, Elizabeth. Tenho que falar contigo —disse a voz com ternura.

Entreabriu os olhos, viu seu lado o atrativo rosto do Ivan, que parecia preocupado, esfregou-se a cara com a mão e por um momento ambos se olharam fixamente aos olhos. Ela se deleitou com seu olhar, tratou de sustentá-la, mas perdeu a batalha contra o sonho e deixou que as trementes pálpebras se fechassem de novo. Estava sonhando, isso sabia, mas não podia manter os olhos abertos.

—Ouve-me?

—Mmm —respondeu Elizabeth girando sem cessar.

—Elizabeth, vim a te dizer que tenho que partir.

—por que? —murmurou um pouco dormitada—. Acaba de chegar. Dorme.

—Não posso. eu adoraria, mas não posso. Devo partir. Recorda que te disse que isto aconteceria?

Sentia o quente fôlego do Ivan no pescoço, cheirava sua pele; fresca e doce como se se banhou em arândanos.

—Mmm —respon-di—. Aisatnaf —afirmou pintando arândanos na parede. Depois molhou a mão na pintura e ao prová-la notou que tinha sabor de suco de bagos recém espremidos.

—Algo pelo estilo. Você já não me necessita, Elizabeth —disse Ivan em voz baixa—. Agora vais deixar de lombriga. Outra pessoa vai necessitar me.

Elizabeth lhe acariciou a pele suave e bem raspada do queixo. Correu até a outra ponta da sala roçando com a mão a pintura vermelha. Tinha sabor a morangos. Baixou a vista ao bote que levava na mão e as viu: um montão de morangos recém recolhidos.

—compreendi uma coisa, Elizabeth. compreendi no que consiste minha vida e não é tão diferente da tua.

—Mmm —respondeu Elizabeth sorrindo.

—A vida é feita de encontros e separações. A gente entra em sua vida diariamente, diz-lhes bom dia, diz-lhes boa noite, alguns ficam uns minutos, outros ficam uns meses, alguns um ano, outros toda uma vida. Mas com todos ocorre o mesmo, encontram-lhes e lhes separam. Estou muito contente de te haver conhecido, Elizabeth Egan; dou as graças a minha boa estrela por isso. Acredito que te desejei toda minha vida —sussurrou—. Mas agora chegou o momento de nos separar.

—Mmm —murmurou com voz sonolenta—. Não vá.

Agora Ivan estava com ela na sala, perseguiam-se, arrojavam-se pintura, tiravam o sarro. Não queria que partisse; estava-o passando em grande.

—Tenho que ir. —Lhe quebrou a voz—. Compreende-o, por favor.

O tom de sua voz fez que Elizabeth deixasse de correr. Deixou cair a broxa, que deixou uma mancha vermelha no tapete branco recém estreado. Levantou a vista para ele e viu seu rosto transido de pena.

—Amei-te assim que te vi e sempre te amarei, Elizabeth.

Deu-lhe um beijo debaixo da orelha esquerda, tão delicado e sensual que ela desejou que não acabasse nunca.

—Eu também te amo —disse meio dormida.

Mas o beijo terminou. Elizabeth olhou a seu redor na sala salpicada de pintura: Ivan se tinha esfumado.

Abriu os olhos de repente para ouvir sua própria voz. Acabava de dizer «te amo»? Se apoiou sobre um cotovelo e inspecionou aturdida o dormitório.

Mas a habitação estava vazia. Elizabeth estava sozinha. O sol aparecia entre os picos das montanhas, a noite tinha concluído e começava um novo dia. Fechou os olhos e seguiu sonhando.

Capítulo 40

Uma semana depois daquela madrugada, Elizabeth se encontrou limpando a casa em pijama, arrastando as pantufas de uma habitação a outra a primeira hora do domingo. detinha-se na soleira de cada peça, olhava dentro e procurava... algo, embora não sabia bem o que. Como nenhuma das habitações lhe dava a solução ao enigma seguiu perambulando. Mais tarde ficou plantada no vestíbulo e enquanto se esquentava as mãos com um tigela de café tratou de decidir o que fazer. Pelo general não se mostrava tão lenta e nunca tinha tido a mente tão ofuscada, mas o certo era que de um tempo a essa parte muitos aspectos de seu caráter já não eram os de antes.

Tampouco se tratava de que não tivesse coisas que fazer; a casa tinha pendente a segunda limpeza geral de cada semana e ainda ficava por resolver o problema da sala infantil do hotel, que continuava inacabada. Embora o caso era que não estava sequer começada. Vincent e Benjamin tinham estado apressando-a toda a semana, e pelas noites ela tinha perdido mais horas de sonho do habitual, porque simples e sinceramente não lhe ocorria nenhum desenho e, sendo tão perfeccionista como era, não podia começá-la até ter muito claro o que ia fazer. Passar o morto ao Poppy constituiria um fracasso por sua parte. Era uma profissional competente, mas esse mês se tornou a sentir como uma colegiala que desprezasse seus lápis e canetas e evitasse o ordenador portátil para não ter que fazer os deveres. Procurava uma distração, uma desculpa aceitável que a liberasse por uma vez do estúpido bloqueio no que se encontrava.

Não tinha visto o Ivan da festa de na semana anterior, não tinha recebido uma só chamada, uma carta, nada. Era como se tivesse desaparecido da face da terra, e além de zangada se sentia sozinha. O sentia falta de.

Eram as sete da manhã e no quarto de jogar soava a gritaria de uns desenhos animados. Elizabeth cruzou o vestíbulo e apareceu a cabeça pela porta.

—Importa-te se me sinto aqui?

Faltou pouco para que adicionasse «te prometo que não direi nada». Embora Luke se mostrou surpreso, assentiu com a cabeça. Estava sentado no estu acostumado a estirando o pescoço para ver o televisor. Parecia uma postura muito incômoda, mas Elizabeth optou por guardar silêncio em vez de criticá-lo. deixou-se cair a seu lado sobre o saco de feijões e recolheu as pernas.

—O que está vendo?

—Bob Esponja.

—Bob o que? —riu Elizabeth.

—Bob Esponja —repetiu Luke sem apartar os olhos do televisor.

—Do que vai?

—De uma esponja que se chama Bob e leva calças a quadros —respondeu Luke divertido.

—É boa?

—Estraga —assentiu Luke—. Embora já a vi duas vezes.

levou-se uma colherada de Frise Krispies à boca esquecendo os bons maneiras e se sujou o queixo de leite.

—por que a está vendo outra vez? por que não sai a jogar com o Sam e respira um pouco de ar fresco? Leva todo o fim de semana encerrado.

Luke deu a calada por resposta.

—Por certo, onde está Sam? partiu-se?

—Já não somos amigos —disse Luke com pesar.

—Mas como? —perguntou surpreendida incorporando-se e deixando a taça de café no chão.

Luke se encolheu de ombros.

—Brigaste-lhes? —perguntou Elizabeth com delicadeza.

Luke negou com a cabeça.

—Há dito algo que te haja posto triste? —aventurou Elizabeth.

Luke voltou a negar.

—Tem-lhe feito zangar?

Uma negação mais.

—Bom, me diga, o que passou?

—Nada —explicou Luke—. Um dia me disse que já não queria ser meu amigo.

—Vá, isso é muito feio —disse Elizabeth com doçura—. Quer que fale com ele para ver o que lhe passa?

Luke se encolheu de ombros. Reinou o silêncio entre eles enquanto ele seguia olhando fixamente a tela, absorto em seus pensamentos.

—Sabe uma coisa, Luke? Sei o que se sente quando sente falta de um amigo. Recorda o meu amigo Ivan?

—Também era meu amigo.

—Sim. —Elizabeth sorriu—. Bom, pois o estranho. Tampouco lhe vi em toda a semana.

—Claro. partiu-se. Já me disse isso; agora lhe toca ajudar a outra pessoa.

Elizabeth abriu os olhos e a irritação se apoderou dela. Ivan nem sequer tinha tido a decência de despedir-se dela.

—Quando se despediu de ti? O que te disse?

Ante o olhar assustado do Luke optou por deixar imediatamente de acribillarlo a perguntas com tanta agressividade. Devia seguir recordando-se a si mesmo que seu sobrinho só tinha seis anos.

—Disse-me adeus o mesmo dia que te disse adeus a ti —protestou Luke subindo a voz uma oitava como se Elizabeth estivesse louca. Enrugou o semblante e a olhou como se fosse um inseto estranho, e de não ter estado tão confundida ela se teria posto-se a rir ao ver sua expressão.

Mas por dentro não ria absolutamente. Fez uma pausa para refletir um momento e de repente explorou.

—Como! Do que está falando?

—depois da festa no jardim veio a casa e me disse que dava por terminado seu trabalho conosco, que ia ser invisível outra vez, como antes, mas que seguiria estando por aqui e que isso significava que estávamos bem —explicou alegremente antes de voltar a emprestar atenção ao televisor.

—Invisível. —Elizabeth pronunciou a palavra como se tivesse mau sabor.

—Pois sim —confirmou Luke—. Bom, a gente não lhe chama imaginário porque sim. Bang! —golpeou-se a cabeça e se atirou ao chão.

—O que te colocou na cabeça? —resmungou Elizabeth zangada perguntando-se se se tinha

equivocado ao introduzir a uma pessoa como Ivan na vida do Luke—. Quando vai voltar?

Luke baixou o volume do televisor e se voltou para ela olhando-a de novo como se estivesse louca.

—Não voltará. Disse-lhe isso ele mesmo.

—Não me... —lhe quebrou a voz.

—claro que sim, em sua habitação. Vi-lhe entrar; ouvi-lhe falar.

Elizabeth rememorou aquela noite e o sonho que tinha tido, o sonho no que tinha pensado durante toda a semana, o sonho que a tinha estado chateando, e de repente lhe caiu a alma aos pés ao compreender que não tinha sido um sonho absolutamente.

Tinha-lhe perdido. Em seus sonhos e na vida real, tinha perdido ao Ivan.

Capítulo 41

—Olá, Elizabeth.

A mãe do Sam abriu mais a porta de sua casa convidando-a a passar.

—Olá, Fiona—disse Elizabeth entrando. Fiona se tinha tomado muito bem a relação da Elizabeth com o Ivan durante as últimas semanas. Não o tinham comentado abertamente, mas Fiona seguia mostrando-se tão cortês como sempre. Elizabeth agradecia que não tivesse surto nenhuma dificuldade entre elas. Por desgraça, tudo indicava que Sam não o tinha encaixado tão bem e isso a preocupava.

—vim a conversar um momento com o Sam, se não haver inconveniente. Luke está muito abatido sem ele.

Fiona a olhou com tristeza.

—Já sei, levo toda a semana tentando falar com ele. Ao melhor você tem mais manha que eu.

—Contou-te por que se brigaram?

Fiona tentou dissimular um sorriso e assentiu.

—foi pelo Ivan? —perguntou Elizabeth, preocupada. Sempre lhe tinha inquietado que Sam tivesse ciúmes da quantidade de tempo que Ivan passava com ela e com o Luke, e por isso o havia convidado freqüentemente a sua casa assim como a participar, na medida do possível, nas atividades propostas pelo Ivan.

—Sim—confirmou Fiona sorrindo de orelha a orelha—. Os meninos podem ser muito sua a essa idade, não é certo?

Elizabeth por fim se relaxou ao constatar que Fiona não tinha nada que objetar a propósito do tempo que ela e Luke passavam com o Ivan e que o atribuía tudo ao comportamento do Sam.

—Deixemos que lhe o ele conte mesmo —prosseguiu Fiona conduzindo a Elizabeth através de sua casa.

Elizabeth teve que refrear o impulso de olhar a sua redor em busca do Ivan. Embora ela tinha ido ali para dar uma mão ao Luke também estava tentando ajudar-se a si mesmo. Sempre era melhor

recuperar a dois amigos íntimos que a um só e morria de vontades de estar com o Ivan.

Fiona abriu a porta do quarto de jogar e Elizabeth entrou.

—Sam, meu carinho, a mamãe do Luke veio a falar contigo —disse Fiona com doçura e, pela primeira vez, Elizabeth experimentou uma agradável sensação de bem-estar para ouvir aquelas palavras.

Sam parou a PlayStation e levantou seus olhos castanhos para ela com expressão causar pena. Elizabeth se mordeu o lábio e reprimiu o impulso de sorrir. Fiona os deixou a sós para que falassem.

—Olá, Sam—disse Elizabeth com amabilidade—. Te importa se me sinto?

Sam negou com a cabeça e ela se sentou no bordo do sofá.

—Luke me há dito que já não quer ser seu amigo. É isso verdade?

Sam assentiu sem o menor reparo.

—Quer me dizer por que?

O menino se tomou um momento para refletir e logo assentiu.

—Eu não gosto de jogar aos mesmos jogos que ele.

—O há dito a ele?

Sam assentiu.

—E o que te respondeu?

Sam se mostrou confundido e se encolheu de ombros.

—É um inseto estranho.

A Elizabeth lhe fez um nó na garganta e imediatamente ficou à defensiva.

—O que quer dizer com que é um inseto estranho?

—Ao princípio foi divertido, mas logo era aborrecido e eu não queria jogar mais, mas Luke não parava.

—Que jogo era esse?

—Os jogos com seu amigo invisível —replicou em tom aborrecido fazendo uma careta.

As mãos da Elizabeth começaram a ficar suarentas.

—Mas seu amigo invisível só durou uns quantos dias e isso passou faz meses, Sam.

Sam a olhou assombrado.

—Mas se você também jogava com ele.

Elizabeth abriu os olhos.

—Como diz?

—Ivan o misterioso —resmungou Sam—, o chato do Ivan que só quer dar voltas nas cadeiras todo o dia, ou organizar guerras de barro ou jogar a tocar e parar. Cada dia a mesma monserga com o Ivan, Ivan, Ivan e —sua voz já de por si gritã subiu uma oitava— Y... eu nem sequer lhe via!

—O que? —Elizabeth estava confundida—. Não podia lhe ver? O que quer dizer?

Sam meditou como explicar-lhe —No sé a qué viene eso, Sam. Ivan es amigo de tu mamá, ¿no?

—Quero dizer que não podia lhe ver —disse simplesmente encolhendo-se de ombros.

—Mas se jogava com ele todo o tempo.

Elizabeth se passou os dedos pegajosos pelo cabelo.

—Sim, claro, porque Luke o fazia, mas me fartei de fingir e Luke seguia lhe dê que te pego. Não parava de dizer que era real —adicionou pondo os olhos em branco.

Elizabeth se apoiou os dedos na ponte do nariz.

—Não sei a que vem isso, Sam. Ivan é amigo de sua mamãe, não?

Sam abriu mais os olhos com cara de desconcerto.

—Né... Pois não.

—Não?

—Não —corroborou Sam.

—Mas Ivan cuidava de ti e do Luke. ia recolher te e acompanhava a casa —balbuciou Elizabeth.

Sam se mostrou preocupado.

—Tenho permissão para voltar para casa sozinho, senhora Egan.

—Mas ele, né, a, em... —Elizabeth se quadrou de repente ao recordar algo. Estalou os dedos sobressaltando ao Sam—. A batalha de água. O que me diz da guerra de água no jardim de atrás? Estávamos você, eu, Luke e Ivan, lembra-te? —perguntou tratando de lhe surrupiar—. Te lembra, Sam?

Sam empalideceu.

—Fomos só três.

—O que? —gritou Elizabeth mais alto do que queria.

Sam enrugou o semblante e começou a chorar em silêncio.

—OH, não —disse Elizabeth presa do pânico—, por favor não chore, Sam, não tinha intenção de te assustar. —Tendeu as mãos para ele, mas o menino correu para a porta chamando a sua mãe—. me Perdoe, Sam. Por favor, para. Chiss —disse em voz baixa—. OH, Deus —resmungou para ouvir os passos da Fiona.

Esta entrou na habitação.

—Sinto-o muito, Fiona —se desculpou Elizabeth.

—Não passa nada. —Fiona parecia um tanto preocupada—. Está um pouco suscetível a respeito.

—Compreendo-o. —Elizabeth tragou saliva—. Quanto ao Ivan —voltou a tragar saliva e ficou de pé—, você lhe conhece, não?

Fiona franziu o cenho.

—A que te refere com o de lhe conhecer?

O coração da Elizabeth se disparou.

—Refiro a se tiver estado aqui alguma vez.

—Ah, claro —Fiona sorriu—, veio várias vezes com o Luke. Inclusive ficou uma vez para jantar —acrescentou lhe piscando os olhos o olho.

Elizabeth se acalmou, embora não esteve segura de como interpretar a piscada. ficou uma mão em cima do coração, que começava a pulsar mais devagar.

—Uf, Fiona, menos mal —riu aliviada—. Por um momento acreditei que estava perdendo o julgamento.

—Não diga bobagens. —Fiona apoiou uma mão em seu braço—. Todas o fazemos, sabe? Quando Sam tinha dois anos lhe aconteceu o mesmo. Rooster, chamava ele a seu amiguito —sorriu abertamente—. Assim pode me acreditar se te disser que sei exatamente pelo que está passando, sei o que é abrir portas de carro, preparar jantares de mais e pôr um talher adicional na mesa. Não se preocupe, entendo-o. Fez bem ao lhe seguir a corrente.

A cabeça da Elizabeth estava começando a lhe dar voltas, mas Fiona continuava falando.

—Se te parar a pensá-lo é um desperdício de comida espantoso, verdade? fica no prato durante tudo o jantar perfeitamente intacta e, me acredite, isso me consta, pois não lhe tirava o olho de cima. Muito obrigado, mas só me faltaria ter horripilantes homens invisíveis nesta casa!

Elizabeth estava a ponto de sentir náuseas. agarrou-se ao respaldo de uma cadeira para não perder o equilíbrio.

—Mas como te dizia antes, assim são os meninos de seis anos —prosseguiu Fiona—. Estou convencida de que este tal Ivan desaparecerá com o tempo; dizem que em realidade não duram mais de dois meses. Logo se terá partido, não te apure. —Por fim deixou de falar e voltou a cara com gesto interrogante para a Elizabeth—. Te encontra bem?

—Ar —ofegou Elizabeth—. Só necessito um pouco de ar.

—É obvio —disse Fiona conduzindo-a apressadamente para a porta principal.

Elizabeth saiu correndo ao jardim inalando grandes baforadas de ar.

—Trago-te um copo de água? —perguntou Fiona preocupada esfregando as costas da Elizabeth enquanto esta permanecia inclinada de cara ao chão e com as mãos apoiadas nos joelhos.

—Não, obrigado —respondeu Elizabeth em voz baixa ao tempo que se incorporava—. Em seguida me porei bem.

partiu com passo inseguro sem despedir-se, deixando a Fiona olhando-a com nervosismo.

Uma vez em sua própria casa Elizabeth fechou com uma portada e apoiando as costas contra a porta se escondeu até o chão com a cabeça entre as mãos.

—O que te passa, Elizabeth? —perguntou Luke, preocupado, plantando-se diante dela ainda em pijama e descalço.

Elizabeth não podia responder. Não podia fazer mais que repassar mentalmente os últimos meses uma e outra vez; todas as lembranças de seus momentos estelares com o Ivan, todas suas conversações com ele. Tinham estado em lugares concorridos, a gente os havia visto juntos, Benjamin os tinha visto, e também Joe. Seguiu rememorando-o tudo tratando de recordar ocasiões nas que Ivan tivesse conversado com alguma pessoa. Não podia ser que se estivesse imaginando todo aquilo. Era uma mulher corda e responsável.

Estava muito pálida quando por fim levantou a vista para o Luke.

—Aisatnaf —foi quão único pôde dizer.

—Sim. —Luke soltou uma risita—. É fantasia ao reverso. Verdade que é guay?

Elizabeth demorou segundos em compreendê-lo. «Fantasia.»

Capítulo 42

—Venha já —gritou Elizabeth esmurcando a buzina para apressar aos dois ônibus que se cruzavam lentamente na rua maior de Dance na gCroítthe. Era setembro e os últimos turistas atravessavam o povo. depois deles se acabaria o agitação e o lugar recuperaria seu silêncio habitual, como um salão de banquetes a manhã depois de uma festa, deixando que os vizinhos pusessem um pouco de ordem e recordassem os acontecimentos e as pessoas que tinham acontecido por ali. Os estudantes retornariam a suas universidades nas cidades e condados dos arredores e os aldeãos voltariam a ficar solos para tirar seus assuntos adiante.

Elizabeth apertou a mão contra a buzina como se fazendo-o soar com insistência fosse volatilizar o ônibus que tinha diante. Muito rostos estrangeiros se voltou na parte traseira do ônibus para fulminá-la com o olhar. Ao lado do carro da Elizabeth os paroquianos saíam à rua detrás assistir à missa matutina. Aproveitando o glorioso dia ensolarado formavam grupos na calçada e conversavam ficando à corrente do acontecido durante a semana. Eles também se voltaram a olhar a origem do zangado assobio, mas a Elizabeth deu igual. Hoje se estava saltando todas as regras; estava ansiosa por chegar ao Joe's, já que lhe constava que Joe não poderia por menos de admitir havê-la visto em companhia do Ivan, o qual poria fim a aquela brincadeira tão estranha e cruel.

Muito impaciente para aguardar a que os ônibus terminassem de cruzar-se, apeou-se deixando o carro em metade do tráfico e correu à cafeteria do outro lado da rua.

—Joe! —chamou irrompendo no estabelecimento. Foi incapaz de evitar que sua voz soasse assustada.

—Ah, mas olhe quem está aqui, justo a mulher que estava esperando. —Joe saiu da cozinha—. Queria te ensinar minha nova máquina. É de primeira...

—Agora não —lhe interrompeu Elizabeth sem fôlego—. Não tenho tempo. Só quero que responda a uma pergunta, por favor. Seguro que recorda me haver visto aqui umas quantas vezes com um homem, verdade?

Joe olhou ao teto com ar pensativo, sentindo-se importante.

Elizabeth conteve o fôlego.

—Sim, lembro-me.

Elizabeth suspirou aliviada.

—Graças a Deus, riu com certo histerismo.

—Agora poderá emprestar atenção a meu novo artefato —disse Joe, muito orgulhoso—. É minha flamejante cafeteira nova. Faz espressos e capuchinos de esses e tudo. —Agarrou uma taça de rápido—. Aqui só caberá um chorrito. Isto sim que verdadeiramente pode chamar um «café curto».

Elizabeth se pôs-se a rir. Estava tão contente ante as notícias sobre o Ivan e o café que teria saltado por cima do mostrador para lhe dar um beijo.

—E onde está esse homem? —perguntou Joe tratando de elucidar como preparar um expresso para a Elizabeth.

O sorriso da Elizabeth se desvaneceu.

—Pois não sei.

—Terá voltado para a América? Seguro, não vive em Nova Iorque? A Grande Maçã. Não é assim como a chamam? Vi-a na televisão e o que quer que te diga, não me parece uma maçã nem por indício.

O coração da Elizabeth começou a palpitar mais depressa.

—Não, Joe, Benjamin, não. Você refere ao Benjamin.

—O tipo com quem devesse tomou taças aqui várias vezes —confirmou Joe.

—Não! —A irritação da Elizabeth ia em aumento—. Bom, sim que o fiz. Mas te falo do outro homem que esteve comigo aqui. chama-se Ivan. I-v-a-n —repetiu lentamente.

Joe fez uma careta e negou com a cabeça.

—Não conheço nenhum Ivan.

—claro que sim —disse Elizabeth com convicção.

—vamos ver —Joe se tirou os óculos de ler e deixou o manual de instruções—, conheço quase todo mundo neste povo e não conheço nenhum Ivan nem ouvi falar dele.

—Mas, Joe —suplicou Elizabeth—, por favor, faz memória. —Então se lembrou—. O dia que nos pusemos a derramar café por toda a rua, esse era Ivan.

—Ah. —Agora Joe o entendeu—. Ia com o grupo de alemães, não?

—Não! —gritou Elizabeth contrariada.

—Bom, pois de onde é? —perguntou Joe procurando acalmá-la.

—Não sei —respondeu ela zangada.

—Bom, e qual é seu sobrenome?

Elizabeth tragou saliva.

—Isso... tampouco sei.

—Pois já me dirá como quer que te ajude se não saber seu sobrenome nem de onde é. Algo me diz que você tampouco lhe conhece muito bem, que digamos. Que eu recorde te pôs a dançar dando voltas aí fora como se estivesse louca. Não sei o que lhe mosca te picou aquele dia. Estava desconhecida.

Elizabeth de repente teve uma idéia, agarrou as chaves do carro, que estavam em cima da barra, e saiu disparada para a rua.

—Ouça, não quer seu cafelito? —gritou Joe quando Elizabeth desapareceu dando uma portada.

—Benjamin! —chamou Elizabeth fechando de repente a portinhola do carro e correndo pelo cascalho para ele. Benjamin, junto com um grupo de pedreiros, estava curvado sobre uns documentos estendidos sobre uma mesa. Todos se voltaram a olhá-la.

—Posso falar um momento contigo? —pediu com voz entrecortada enquanto o vento que varria o topo da colina lhe alvoroçava o cabelo ao redor do rosto.

—Claro —disse Benjamin separando do grupo de homens silenciosos e conduzindo-a a uma zona ainda mais tranqüila—. Vai tudo bem?

—Sim —assentiu com escasso aprumo—, só queria te fazer uma pergunta, importa-te?

Benjamin se preparou para escutar o que Elizabeth tinha que lhe dizer.

—Você conheceu a meu amigo Ivan, verdade? —disse Elizabeth fazendo ranger seus nódulos e apoiando-se ora sobre um pé, ora sobre o outro à espera de sua resposta.

Benjamin se ajustou o casco, estudou o semblante da Elizabeth e aguardou a que ela pusesse-se a rir ou lhe dissesse que era brincadeira, mas não viu nenhuma faísca maliciosa em seus escuros olhos cheios de preocupação.

—É uma brincadeira?

Elizabeth negou com a cabeça e se mordeu nervosamente o interior da bochecha com o cenho franzido.

Benjamin pigarreou.

—Elizabeth, em realidade não sei o que quer que diga.

—A verdade —disse ela em seguida—, quero que me diga a verdade. Bom, quero que me diga que lhe viu, mas quero que seja certo, entende? —Tragou saliva.

Benjamin esquadrinhou seu rosto um momento mais e finalmente negou devagar com a cabeça.

—Não? —perguntou Elizabeth em voz baixa.

Benjamin voltou a fazer um gesto negativo.

Os olhos da Elizabeth se encheram de lágrimas e olharam para outra parte.

—Está bem? —Benjamin quis lhe tocar o braço, mas ela se apartou—. Dava por sentado que se tratava de uma brincadeira —disse Benjamin com ternura, um tanto confundido.

—Não lhe viu na reunião com o Vincent?

Ele negou com a cabeça.

—No andaime da semana passada?

Outra negativa.

—Passeando pelo povo comigo? No quarto de jogar o dia em que essa... essa... coisa estava escrita na parede? —perguntou esperançada com a voz carregada de emoção.

—Não, sinto-o —respondo Benjamin com amabilidade procurando dissimular sua confusão tão bem como podia.

Elizabeth voltou a apartar a vista, deu-lhe as costas para ficar de cara à paisagem. De ali acima se alcançava a ver o mar, as montanhas e o cuidado pueblecito encravado no seio das colinas.

Finalmente falou.

—Era tão real, Benjamin.

Benjamin não soube o que dizer e optou por permanecer calado.

—Ocorreu-te sentir uma presença junto a ti? E embora não todo mundo cria nessa pessoa você sabe que está aí?

Benjamin refletiu um instante e assentiu, pormenorizado.

—Meu avô faleceu e estávamos muito unidos. —Chutou o cascalho, um pouco coibido—. Minha família nunca terminou de acreditá-lo, são bastante céticos, mas às vezes eu sabia que ele estava comigo. Conhecia bem ao Ivan?

—Não tão bem como ele a mim.

Elizabeth riu lhe tirando importância. Sorveu pelo nariz e se enxugou as lágrimas.

—Então era uma pessoa real? Há falecido faz muito? —perguntou Benjamin cada vez mais desconcertado.

—Eu acreditava tanto nele... Não sabe quanto me ajudou estes últimos meses. —calou-se de novo e contemplou o panorama—. Eu odiava este povo, Benjamin. —Uma lágrima lhe escorregou pela bochecha—. Odiava cada fibra de erva de cada colina, mas ele me ensinou muitas coisas. Ensinou-me que não era o povo o que tinha a responsabilidade de fazer que eu fora feliz. Não é culpa de Baile na gCroítche que eu não encaixe aqui. Não importa o lugar onde esteja porque o que conta é onde está sua mente —se deu uns golpecitos na têmpora—. O que conta é o outro mundo que habitamos: o mundo dos sonhos, a esperança, a imaginação e as lembranças. E agora sou feliz aqui acima —voltou a tocá-la têmpora—, por isso também sou feliz aqui. —Estendeu os braços abrangendo a paisagem que os rodeava. Fechou os olhos e deixou que o vento lhe secasse as lágrimas. Seu rosto se adoçou quando se voltou para o Benjamin—. Simplesmente pensei que era importante que precisamente você soubesse.

Sem acrescentar nada mais se encaminhou devagar para o carro.

Apoiado contra a velha torre, Benjamin a seguiu com a vista. Não tinha chegado a conhecer a Elizabeth tão bem como lhe tivesse gostado, mas tinha a impressão de que lhe tinha deixado entrar em sua vida mais que ao resto da gente. E ele tinha feito outro tanto. Tinham conversado o suficiente como para que ele constatasse quão semelhantes eram. Tinha-a visto maturar e trocar e agora seu instável amiga se estabilizou. Fixou o olhar na paisagem que Elizabeth tinha estado vendo durante tanto tempo e pela primeira vez em todo o ano que levava ali abriu os olhos e o viu.

De madrugada, Elizabeth se incorporou na cama, completamente acordada. Jogou uma olhada à habitação, viu a hora, as quatro menos quarto, e quando falou em voz alta para si sua voz soou

firme e confiada.

—Podem ir todos ao corno. Eu sim acredito.

desentupiu-se de um puxão e saltou da cama imaginando que Ivan o celebrava rendo a gargalhadas.

Capítulo 43

—Onde está Elizabeth? —vaiou zangado Vincent ao Benjamin tratando de que não lhe ouvisse a multidão reunida para a inauguração do hotel.

—Ainda está no quarto dos meninos.

Benjamin suspirou com a sensação de que o muro de apreensão que tinha ido crescendo durante a última semana por fim se solidificou e se assentava pesadamente sobre seus doloridos ombros.

—Ainda? —gritou Vincent, e umas quantas pessoas se voltaram deixando de escutar o discurso que alguém estava pronunciando nos jardins do hotel. Um político do município de Baile na gCroíthe tinha ido para a abertura oficial do estabelecimento e os oradores se aconteciam junto à torre que desde fazia mais de mil anos se erguia no alto da montanha. A multidão não demoraria para perambular pelo hotel inspecionando uma habitação atrás de outra para admirar o trabalho realizado, e os dois homens ainda não sabiam o que estava fazendo Elizabeth no quarto de jogar. A última vez que tanto um como outro tinham entrado nele era quatro dias atrás e então seguia sendo um tecido em branco.

Elizabeth virtualmente não tinha saído dessa habitação nos últimos dias. Benjamin lhe tinha tido bebidas e sanduíches de uma máquina vendedora. Ela os recolhia precipitadamente na porta para ato seguido fechá-la outra vez. Benjamin não tinha nem idéia de como estava ficando o interior e tinha passado uma semana infernal tratando de acalmar o nervosismo do Vincent. Fazia já tempo que a este não seduzia a extravagância da Elizabeth consistente em falar com uma pessoa invisível.

Jamais se tinha encontrado na situação de inaugurar um edifício enquanto ainda se estava trabalhando em alguma habitação, coisa que resultava ridícula e extremamente pouco profissional.

Os discursos por fim concluíram, os assistentes aplaudiram com cortesia e passaram ao interior, onde inspecionaram o novo mobiliário inalando o aroma de pintura fresca enquanto escutavam as explicações da aeromoça que guiava a visita.

Vincent não cessava de soltar palavrões em voz alta, para desgosto dos pais, que lhe lançavam olhares de irritação. Habitação detrás habitação se foram aproximando do quarto de jogar. Benjamin quase não podia suportar a incerteza e andava de lá para aqui atrás da multidão. Entre a multidão reconheceu ao pai da Elizabeth, apoiado em sua fortificação com ar aborrecido, e a seu sobrinho acompanhado da babá. Rogou a Deus que Elizabeth não os defraudasse. A julgar pela última conversação que manteve com ela no alto da colina acreditava que na hora da verdade não lhes falharia. Ao menos isso esperava. Tinha previsto tomar o avião para retornar a seu povo natal

em Avermelhado a semana seguinte e não estava disposto a solucionar nenhum problema que atrasasse a obra. Por uma vez poria sua vida pessoal por diante de seu trabalho.

—Atenção, meninos e meninas —disse a aeromoça como se estivesse em um episódio do Barney o Dinossauro—, a habitação que vamos ver agora está dedicada a vós, de modo que, papais e mães, por favor abram passo a seus filhos porque esta é uma habitação muito especial, ouviram-se exclamações extasiadas, risadas e sussurros de emoção enquanto os meninos soltavam as mãos de seus pais; uns se adiantaram com acanhamento, outros correndo com jogo em ficar em primeira fila. A aeromoça fez girar o trinco, mas a porta não se abriu.

—Deus santo —balbuciou Vincent tampando-os olhos com a mão—, estamos arruinados.

—Isto..., aguardem um instante, meninos —disse a aeromoça olhando de maneira inquisitiva ao Benjamin.

Este se encolheu de ombros e negou com a cabeça.

A aeromoça provou a porta outra vez, mas foi em vão.

—Talvez terá que chamar —gritou um menino e alguns pais riram.

—Sabem o que? É uma idéia muito boa.

A aeromoça lhes seguia o jogo, já que não sabia o que fazer.

Chamou uma vez à porta e de repente esta se abriu de dentro. Os meninos começaram a entrar arrastando os pés.

O silêncio era absoluto e Benjamin se tampou a cara com as mãos. Estavam metidos em uma boa confusão, de repente um menino soltou um «Uau!» e um por um os calados e atônitos meninos começaram a gritar-se uns aos outros com excitação: «Olhe isso!, Olhe aquilo dali!»

Os meninos não saíam de seu assombro. Seus pais os seguiram e Vincent e Benjamin se olharam surpreendidos para ouvir similares sussurros de aprovação. Poppy ficou na soleira percorrendo a habitação com o olhar, boquiaberta e absolutamente pasmada.

—me deixem ver isto —disse Vincent com grosseria abrindo-se passo entre a gente. Benjamin foi atrás dele e o que viu uma vez dentro lhe deixou sem fala.

As paredes da grande habitação estavam cobertas por enormes murais pintados com esplêndidos estalos de cor. Cada um representava uma cena distinta. Ao Benjamin uma delas em concreto lhe resultou familiar: três pessoas saltando alegremente em um prado de erva alta, com os braços

estendidos, radiantes sorrisos em seus rostos e o cabelo ondeando ao vento enquanto tratavam de apanhar...

—Jinny Joes! —exclamou Luke arrebatado, comendo-as pinturas com os olhos, ao igual ao resto dos meninos. A maioria deles guardavam silêncio enquanto contemplavam os detalhes de cada mural.

—Olhe, aqui sai Ivan! —gritou Luke a Elizabeth.

Perplexo, Benjamin olhou à desalinhada Elizabeth, que estava de pé em um rincão com uma calça de peitilho manchado de pintura e marcadas olheiras. Mas apesar de seus evidentes signos de cansaço, seu rosto estava iluminado por um sorriso radiante causado pela reação dos visitantes ante a decoração da sala. Os olhos lhe brilhavam com não dissimulado orgulho enquanto todo mundo assinalava as pinturas murais.

—Elizabeth! —sussurrou Edith tampando-a boca com as mãos—. Tem feito tudo isto você sozinha?

Olhou a sua patrã com uma mescla de orgulho e confusão.

Outra cena mostrava um campo onde uma menina contemplava como um globo rosa subia flutuando para o céu; na seguinte um montão de meninos liberavam uma batalha de água, foram salpicando-se de pintura enquanto dançavam sobre a areia de uma praia; mais à frente um menina pequena sentada em um prado verde tomava um picnic com uma vaca que levava um chapéu de palha, um grupo de meninos e meninas subiam às árvores e se penduravam dos ramos. No teto Elizabeth tinha pintado um firmamento azul escuro salpicado de estrelas fugazes, cometas e planetas longínquos. Na parede do fundo tinha representado a um homem e a um menino que, com sendos bigodes negros e armados de umas lupas, inclinavam-se para estudar o rastro de umas pegadas negras que baixavam até o chão, cruzavam-no e subiam pela parede de em frente. Tinha criado um mundo novo, um país das maravilhas que era puro escapismo, diversão e aventura. Mas o que deslumbrou ao Benjamin foram a minuciosidad dos detalhes, a expressão de regozijo nas caras dos personagens e os alegres sorrisos de puro prazer infantil. Era a mesma expressão que tinha Elizabeth quando ele a surpreendeu dançando no campo e atravessando o povo com algas no cabelo. Era o rosto de alguém que se liberou de suas inibições e era verdadeiramente feliz.

Elizabeth baixou a vista por volta de uma menina de um par de anos que jogava no chão com um dos muitos brinquedos pulverizados por toda a habitação. Quando se dispunha a agachar-se para falar com a pequena, fixou-se em que esta estava falando sozinha. Mantinha uma conversação muito séria, de fato se estava apresentando a alguém invisível.

Elizabeth passeou o olhar a seu redor, inspirou profundamente e tentou captar o inconfundível

aroma do Ivan.

—Obrigado —sussurrou fechando os olhos e imaginando que ele estava a seu lado.

A garotinha seguia balbuciando para si mesmo, embora se interrompia para voltar a cabeça para a direita e escutar antes de falar. E então ficou a cantarolar aquela canção que Elizabeth conhecia tão bem e tinha sido incapaz de se separar de sua mente.

Elizabeth jogou a cabeça para trás e ficou a rir.

No novo hotel, eu me mantinha de pé junto à parede do fundo do quarto de jogar com os olhos cheios de lágrimas e um nó tão grande na garganta que acreditava que nunca seria capaz de pronunciar outra palavra. Não podia deixar de olhar aqueles murais, que eram como o álbum de fotos de tudo o que tinha feito com a Elizabeth e Luke durante os últimos meses. Parecia como se alguém sentado ao longe se dedicou a nos representar à perfeição.

Olhando as paredes, as cores e os olhos dos personagens soube que Elizabeth o tinha compreendido tudo e que me recordaria sempre. A meu lado, formando uma fila no fundo da sala, meus amigos me brindavam seu apoio moral em um dia tão famoso.

Opal me pôs uma mão no braço e me apertou isso para me dar fôlego.

—Estou muito orgulhosa de ti, Ivan —sussurrou, e me plantou na bochecha um beijo que sem dúvida me deixou uma mancha de carmim na pele—. Como vê viemos todos. Sempre poderemos contar os uns com os outros.

—Obrigado, Opal. Já sei —pinjente muito emocionado vendo malmequer, que estava a minha direita, ao Tommy, que olhava fascinado as paredes, ao Jamie-Lynn, que se tinha agachado para jogar com um menino muito pequeno sentado no chão, e ao Bobby, que assinalava as cenas que tinha ante si e ria bobamente. Todos levantaram os polegares em sinal de aprovação e compreendi que nunca me sentiria sozinho, já que estava em companhia de autênticos amigos.

Amigo imaginário, amigo invisível..., nos chamem como querem. Possivelmente criam em nós, possivelmente não. O caso é que isso não importa. Como a maioria de pessoas que realizam tarefas realmente fantásticas, não existimos para que se fale de nós e nos dediquem louvores; existimos só para satisfazer as necessidades de quem nos precisa. Talvez não existamos absolutamente; talvez só sejamos produto da imaginação da gente; possivelmente seja pura coincidência que meninos de dois anos que logo que sabem falar decidam cercar amizade com pessoas que só os adultos não vêem. Acaso todos esses médicos e psicoterapeutas tenham razão ao sugerir que simplesmente essas criaturas estão desenvolvendo a imaginação.

Mas me sigam a corrente um instante. É possível que haja outra explicação que não lhes tenha ocorrido para minha história?

A possibilidade de que em efeito existamos. De que estejamos aqui para ajudar a quem necessita, a quem acredita em acreditar e por conseguinte nos vêem.

Sempre Miro o lado positivo das coisas. Sempre digo que não há mal que por bem não venha, mas, a verdade seja sorte —e acredito firmemente na verdade—, durante um tempo me custou muito encaixar minha experiência com a Elizabeth. Não conseguia entender o que tinha ganho eu, só via que sua perda era uma grande nuvem negra de tormenta. Mas logo, como no transcurso dos dias pensava nela a cada segundo e cada vez sorria, dava-me conta de que conhecê-la e, por cima de tudo, o fato de amá-la tinham sido o melhor que me tinha passado na vida.

Era melhor que a pizza, melhor que as azeitonas, melhor que as sextas-feiras e melhor que dar voltas em uma cadeira giratória, e inclusive agora que já não está entre nós, e se supõe que não deveria dizer isto, de todos meus amigos, Elizabeth Egan foi com muito meu favorita.

Indice

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

